

CLAUDIA MADRUGA CUNHA

*Filosofia-rizoma:
metamorfozes do pensar*

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa Filosofia da Diferença e Educação, Área Temática Metainfanciofísica, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, para a qualificação do título de Doutora em Educação.

Orientadora:

Prof^a Dr^a Sandra Mara Corazza

Porto Alegre

2006

*A luminosidade visível do sonho:
Isabella e Bárbara*

Agradecimentos

*Ao carinho e incentivo das minhas mães
 Rejane Pons Madruga e Mabel Cunha,
 ao amparo constante do pai Sérgio Queiróz,
 ao apoio do que também tem sido pai, Ênio Mancini;
 a Jussara (que cuida um pouco de nós todos), a Cleoni Fernandes (mãe espiritual),
 a Cláudia Inácio (amigona de longa data), a Claudinha e Jerry (pelos bons encontros);
 a Fernanda Madruga e ao Douglas (manos incentivadores);
 as manas Márcia, Raquel e Paula;
 ao mano Mário,
 ao meu grupo de orientação formado pela Ester
 (contribuições filosóficas), Luciano (pelo apoio amigão), Karen (pelas boas indicações),
 seu Chico (silencioso e luminoso), Rosiara (contribuição sempre zen),
 a Rosi (que está voltando),
 ao Denis (que indo em frente com Nietzsche),
 aos que vieram, aos que se foram (mas que deixaram contribuição); a Paola Zordan (por aquela
 estimulante conversa de bar e outras); ao Hugo (pelo carinho sempre recebido em momentos difíceis);
 a Maíra (pela arte da capa);
 a Carmem (pela diagramação),
 ao Alexandre Henz (pelas anotações no projeto) ao Tomás Tadeu (incentivo indireto mas eficiente) e
 especialmente a Sandra,
 por ter acolhido, incentivado, exprimido, empurrado, excitado uma professora de filosofia e,
 nesse ponto forçoso, doloroso, ter compelido a esta, criar.*

Resumo

O rizoma representa o encontro da professora de filosofia com a filosofia da diferença. Simula a transformação múltipla que sofre uma professora e a filosofia que ela trama em aulas, estudos e leituras. De posse de uma nova perspectiva, passa a observar que nem todas as conexões que se dizem filosóficas funcionam à sua volta, entre o mundo do vivido e as teorias propostas pelos filósofos. Coisas que talvez impliquem em se determinar o território de ação da filosofia. As teorias que, vindo da tradição determinam o campo do filosófico, algumas vezes fazem uma boa tradução do que acontece, na experiência de vida da professora de seus alunos e alunas; outras vezes, parece que algo se desloca, se perde, se desencontra e, sobrepondo-se ao vivido, impede sua expressão além de contornos prévios. Uma filosofia quer criar, almeja fazer do acontecimento o sentido, excitando o desejo de alguém de envolver-se com ela. Esse desejo incontido era de permitir-se tudo renovar, sobrevoando o que estava em andamento, sem apresentar nada de pronto, nada de prévio, renovar por experimentação, pondo o devir para funcionar num acaso espontâneo. Abrindo-se ao desconhecido essa filosofia não despreza a lógica porque quer o sentido, senão porque aquilo que lhe dá sentido não pode mais se apresentar preso ao logos. Alguém atingida, uma "metamorfose", quer afectar, criar o gosto, assinar o efeito do efeito. Essa professora-rizoma, alguém que deseja colocar os conceitos de Deleuze em atividade, sofre o que eles representam, fluxo e transformação, devir. O que remete sua prática a um fundo que sobe à superfície do estudo. Sem prescindir ou abandonar esse fundo, vê-se intercedida e intercessora num plano de imanência ilimitado que, saindo dos conceitos deleuzianos, emanam dele como um contorno disforme, rizoma. Numa interpretação e em um estudo vai traçando pelo gosto seu objeto, tentando, na captura do traço, remeter ao problema, mas este possuindo uma variação constante escapa-lhe, o tempo todo. Mesmo assim, ela se afirma como uma unidade múltipla, em um solo que não é somente um folhado, mas um mil folhas esburacado que deixa passar as névoas que o envolvem, aproximando quem estuda do risco de perder-se naquilo que produz; metamorfose e excertos da criativos.

PALAVRAS-CHAVE: rizoma – affecto – gosto – criação – professora de filosofia – singularidade múltipla.

Abstract

The rhizome represents the encounter of the Philosophy professor with the Philosophy of difference. It simulates the multiple transformations she goes through and the philosophy she weaves in classes, and in study and reading sessions. As the owner of a new perspective, she starts to notice that not all the connections considered philosophical around her really work between the world of the lived things and the theories proposed by the philosophers. The theories that are originated on tradition and define the philosophical field sometimes are able to translate what happens on this professor's life experience, as well as in her students' life experience; on occasion, it seems as if there is something displaced, lost, or following diverse ways, which superposes lived experiences and prevents it from being expressed beyond previous outlines. A philosophy wants to create; it wishes to turn the event into sense, exciting someone's desire of getting involved with it. Such unrestrained desire was about allowing things to renovate, flying over what was going on without presenting anything in advance, renovation through experimentation, having come to be to work on spontaneous fortuity. Opening itself to the unknown, such philosophy does not despise the logic because it wishes the sense, otherwise what gives it meaning can no longer be connected to the logos. A philosophy professor, who is touched in a metamorphosis state, wants to affect, to create the taste, to sign the effect of the effect. Bringing Deleuze's concept to the table, she suffers what they represent flow, transformation, come to be, which sends her practice to such a foundation that emerges to the study surface. Without prescinding or abandoning this foundation, she sees herself as both asking for and receiving the plea in a level of unlimited immanence, which coming of Deleuzian concepts, arise from it as a shapeless outline, rhizome. In a interpretation and in a study, she drafts her object by taste, trying in the capture of the trace to address the problem; but the problem, showing constant variation, slips away all the time. Even so, she reaffirms herself as a multiple unity, a professor-rhizome, over a soil that is not only a French pastry, but a napoleon full of holes that allows the mist that surrounds it to cross through, drawing the one who studies near to the risk of losing himself in what it produces: metamorphosis and creative excerpts.

KEY-WORDS: philosophy professor -- professor-rhizome – affection – taste – creation – multiple singularity – metamorphosis.

Sumário

Sem Propósito, 10

Metamorfose 1: percepto e gosto, 22

- Território diluído no afecto 23
- Malabarismo e tragédia: o ser é o que se diz sobre o ser 25
 - Corpo extenso, corpo intenso! 27
 - Retratos da filosofia 28
 - Afectos do conceito 30
 - O que a filosofia deseja? 32
- Planos de imanência e personagens. Como o conceito não morre? 33
 - Amiga ou amante e rival? 35
 - Viver a diferença do ser vivo à obra de arte! 36
 - Os passeios da borboleta 38
 - Articulações do conceito na superfície 41
 - A intercessora da professora de filosofia 42
 - Professora-rizoma 44
 - Borboleta em fuga 45
 - Movimentos do gosto na singularidade 47
 - Plano de imanência ilimitado 48
 - O devir-rizoma do personagem meio do meio 50
 - Os traçados do gosto, sapere per sapere! 51
 - Construtivismo e êxtase na Filosofia-rizoma 52

Metamorfose 2: afecto e estudo 55

- O coração do processo 56
- As cavernas da interpretação 58
 - Escrita experimentalção 59
- Anti-modelo da reconhecimento 61
- O estudante e o estudioso 62
- Filosofia-rizoma na superfície 63
- Dados do acaso na regularidade 65
- Da determinação do indeterminado 65
- Perspectivismo e perigo no estudo 66
 - Revelando o obscuro 67
- O mundo destituído de fundamento 68
 - Estudo sem imagem 71
- O pensamento mutila a vida 73
 - Despindo máscaras 74
- Desejo incondicionado no pensamento 76
- Descompondo a reconhecimento 78
 - Da doxa ao caos 79
- As redes da transcendência 81
 - Estudo e crítica 83
- O eu e o conceito 84
- O signo e memória 86
- A contingência do encontro 90

Metamorfose 3: escrever e criar 93

- Aventura e interpretação 94

Da desfaçatez do inatural	95
Leitor pastoreando lobos	95
Transmutação e camuflagem	97
Loucura e erro	99
O irrestrito no ato de escrever	101
Revolvendo o fundo	103
Uma lógica do sentido?	105
O possível na lógica do não-senso	106
A dúvida é atemporal	109
Paradoxos do sentido	110
A caverna do intérprete	115
Providenciando uma transcendência	117
O problema da escrita	119
O problema do problema em Deleuze	
Problema e soluções	122
Como abordar os signos?	123
Um filósofo em meio aos signos	124
Aprender e interpretar	126
A cultura do reconhecido	127

Como a professora-rizoma se torna o que ela é? 129

Eterna variação virtual diferente de si	130
Dobras, drapejados e martelo	131
Do fio tênue ao extra-temporal	133
Estranho-caos-caso do "eu" finito	134
Metamorfozes das manhãs	135
Os perigos do múltiplo	136

Clausura e saturação dos compostíveis 138

Delirante individualizar-se 141

Silêncio dos luminosos 143

Transbordamento intensivo 145

Passeios do indivisível 147

Geo-sacadas e noturnos 147

Tumba de reciclagem 150

Secreta e imperceptível linha de ruptura 151

Fumaça perfumada no infinito 152

Encontro-anão 153

Multiplicidade diluída 156

Paradoxos do pensar 157

Nada é seu oposto 159

Estranhamento 162

Coxeando palavras 164

Decomposição do absoluto 165

Excertos da criação 169

Riscos de uma intérprete 170

Exercícios nômades 172

Louco à solta 173

Escapando dos clichês 174

O gozo do pensar 177

Zaratustra desce o morro 179

Cadê Tereza? 180

Criaturas e monstros 181

Toca das vertigens 183

Forças nem tanto implícitas	185
Novas maquinagens	188
Reféns do processo	191
Conluio de um êxtase místico	192
Dissoluções singulares	194
As metamorfoses	195
Inumano nas bordas: um caso de n-1	197
Instantes de um por vir	200
Ficções e personagens	201
Cabeça na baixela	204
Sem fim sem começo	205

Inacabado por vir 207

Referências Bibliográficas 223

Sem Propósito

O que procurar, uma vez que as respostas tornaram-se desencontros? Quer-se uma força, um encontro novo, uma potência ainda não imaginada que permita falar por palavras outras, por conceitos ainda não criados e outros adaptados, que mudados possam ser assinados pelo louco e pelo artista? Alguém quer se transformar na filosofia e pela filosofia, entendendo-se nômade e arriscando na obscuridade do inaudito uma rima entre amor e loucura. Uma filosofia que não exclua o sentido e, ao mesmo tempo, identifique o ser e o pensar no acontecimento ou na potência de um movimento que se dirige ao novo como efeito e corte.

Uma filosofia aberta ao pensamento do que ainda não veio e desejada através dos caminhos da diferença que, fluindo em várias direções, possa se dirigir ao encontro com a vida. Nos fluxos da superfície, nas trilhas do vivido, nas dobras da alma, no não imaginado, no que foi esquecido, no non sense, tudo procura o encontro na experiência de uma professora de filosofia, nos desejos de uma professora-rizoma, na singular multiplicidade de uma Filosofia-rizoma copulando com a vida.

Narrar o encontro com uma filosofia não começa numa tentativa de resgatar o elo perdido entre criação e prática! Algo e alguém são transformados no resultado de ações e paixões das quais não foram nem agentes nem pacientes, apenas decorrência impassível do que acontece. Pode-se testemunhar o que amanhece e não é outro dia no calendário onde um tempo Aion ilimitado, eterno presente é, "devir que se divide ao infinito em passado e futuro, sempre se esquivando do presente" (DELEUZE, 1974, p. 6), o que mostra que o tempo deve ser apreendido duas vezes, em duas leituras diferentes que remetem ao mesmo acontecimento.

Numa vez não se está em um outro lugar, embora exista a estranha sensação de que tudo é mudança por inteiro; perseguindo as coisas comuns nos corpos que agem e padecem, uma professora de filosofia se torna uma professora-rizoma. Noutra vez algo difere e se transforma na instância de um presente que não se sabe de antemão o que ou a quem ele pode representar interferindo nessa extensão, esse fluxo, sendo inteiro e infinitamente divisível em passado-futuro, constantemente dividido naquilo que reúne, permite que seja chamado de Filosofia-rizoma. Essa reflexão, movida pelo desejo de criar esse ensaio, é invariavelmente um estranhamento daquilo que é parte e força no encontro e é, também, uma narrativa que experimenta na superfície a multiplicidade que implica esse acontecimento. Quando descreve o que acontece em três metamorfoses, presencia três dimensões sucessivas do tempo; quando fala da filosofia da tradição e da Filosofia-rizoma ou da professora de filosofia e da professora-rizoma, remete a duas leituras simultâneas, de um mesmo tempo.

A lagarta é a força que move uma deformação para um vir-à-ser borboleta. Alguém precisa querer fender seus contornos, se perceber de Fora para dentro, no fundo sem fundo, ser afectado como um acontecimento incorporal. Um fundo que se mostra raso, um efeito convertido em asas. As asas da borboleta existem porque o vôo é desejado. A possibilidade de voar é a própria vida da borboleta. O vôo é o risco que ela assume e nem se sabe se o assume; e, uma vez que não pode deixar de desejar voar, bota tudo a perder por isso. Para viver a intensidade dessa sua paixão sai em fuga sem saber aonde as forças do infinito podem conduzir seu vôo. Um certo dia uma professora resolve dar de mão no seu destino, furta-lhe algo que sem significação não pode ser nem verdadeiro nem falso nas linhas traçadas de um acontecimento. Rouba-lhe o incorporal aquilo que a afeta desde a sua superfície e o chama Rizoma.

O rizoma expressa o encontro da professora de filosofia com a filosofia da diferença. Simula a transformação múltipla que sofre uma professora e a filosofia que ela trama em aulas, estudos e leituras. Como se sobrevoasse o próprio caos, vê uma filosofia outra vindo de fora, afetando, remexendo suas entranhas e ativando um processo deformante que nada mantinha

de pé. O contorno onde tudo era reconhecido no dia-a-dia da mestra passa a se dissolver, a variar de tamanho, forma, conteúdo, lugar, valor. Um Fora se abria pelas frestas e mudava toda uma superfície, alteração que precisa ser nomeada. Na rotina de uma professora, nas situações pelas quais ela passa tendo tal função, algo revelava uma espera. O que a reúne em ser e fazer na direção de encontros e desencontros implicava o conceito de filosofia. As professoras falam e escrevem, falam mais do que escrevem, fazendo de um arranjo de idéias um seminário. Usam a filosofia a seu favor. Qual filosofia? Uma filosofia historicamente construída pela tradição. Por muito tempo, nada leva uma professora a se perguntar pela especificidade da filosofia que leciona. Até que algumas leituras povoaram seu momento de um movimento forasteiro, de uma coisa estranha que incidia direto naquilo que fazia. O bizarro desse encontro é que ele passa a provocar desencontros de toda sorte na vida da professora.

De posse de uma nova perspectiva, passa a observar que nem todas as conexões que se dizem filosóficas funcionam à sua volta, entre o mundo do vivido e as teorias propostas pelos filósofos. Coisas que talvez impliquem em se determinar o território de ação da filosofia. Essa mudança geral de foco separa uma Filosofia Geral, comum da tradição, e uma Filosofia-rizoma que deseja operar por deslocamento nas teorias. As teorias que, vindo da tradição determinam o campo do filosófico, algumas vezes fazem uma boa tradução do que acontece, na experiência de vida da professora de seus alunos e alunas; outras vezes, parece que algo se desloca, se perde, se desencontra e, sobrepondo-se ao vivido, impede sua expressão além de contornos prévios. Alguma coisa que não volta, não retorna, desencontra o anel entre a experiência que passa e o estímulo produzido pela máquina teórica. Isso intriga uma professora, retroagindo no seu desejo de querer modificar as circunstâncias sobre as quais se exercita uma filosofia que, no costume de perpetrar uma compreensão demasiado realista e verdadeira do que passa, acaba restrita ao campo da lógica e da teoria dos sistemas.

Dar aulas inclui um tempo organizado, inclui um espaço que programa um lugar para um conhecimento que não é único. O semestre não multiplica os lugares do conhecimento porque tem um tempo organizado pelo Deus Cronos e um espaço dividido de modo euclidiano, numa sala de aula

quadrada com cadeiras em fila, onde se pensa facilitar ou dirigir e controlar o encontro dos alunos e alunas com os conceitos filosóficos. Pouco se pode intervir nesse quadro com algo que não venha da repetição de velhos hábitos avaliados por teorias que, previamente, qualificam a realidade. A filosofia é um entre-lugar do conhecimento e pode multiplicar o onde e o quando seus conceitos virarão um afeto ou um percepto. Não havendo um lugar específico para a sua atuação, mas potência e gosto de querer de fazer da multiplicidade, um campo de atuação, no qual a duração de um efeito é fluxo que a representa.

Um semestre apresenta uma rotina, na qual o oferecimento da filosofia, dos conceitos que vêm dela, nunca deixa de permitir na repetição a singularidade e, com essa, novas possibilidades de encontro. Preparar aulas no pressuposto de que algo se imobiliza na repetição demanda, nos professores e professoras, uma resistência ao invento. Contudo, quando brincam com a filosofia tentando torná-la atraente, criam armadilhas, nas quais os filósofos e suas teorias são expostos. Fazem deformação sem remover da filosofia aquilo que a fundamenta, de modo plástico, numa imagem dogmática. De algum modo, chegam ao escárnio de apresentar conceitos e teorias criados em outra ocasião, como se uma descontinuidade entre conteúdo e adequação já fosse crítica e inovação.

Dizem do dito de alguém e de seu pensamento como uma solução que ficou velha ou foi renovada por um outro filósofo que o sucedeu. Preparam aulas sobre o que veio antes e o que veio depois, como se o tempo por si só se encarregasse de apresentar na teoria a atualização do problema. Coisa muito restrita é apresentar uma teoria e depois sua oposição, onde problema e solução formam um conjunto que só será desarmado quando alguém fizer uma re-arrumação dele, num novo problema. Baseada nesse círculo vicioso se revela uma história da filosofia e, junto com ela, um circuito fechado de problema-solução que não permite uma mínima intervenção, não recolhe o mínimo interesse aos que estão de fora dela.

Não se faz filosofia para se discutir o que disse uma escola e outra que a sucedeu; não se cria um bando para debater uns com os outros, para julgar o que outros disseram, por que isso não convence! Faz-se filosofia

que funciona buscando no conceito seu sentido, explorando o que eles, os conceitos, têm a dizer facilitando conexões entre a filosofia e outros campos do conhecimento. Quando se usa a teoria buscando o motivo pelo qual cada autor coloca seu problema, o que o fez escrever sobre aquilo, como e por que ele propõe o que propõe, se problematiza o conceito.

Trabalhar os conceitos que vêm da filosofia e problematizá-los não encontra como um fio estendido, um encaixe, um enlace direto; nunca encontra, no retorno, aquilo que retorna como o mesmo. Uma filosofia que se quer transformada e transformadora faz de uma turma seu bando, criando pontos de conexão como “uma câmara de ecos, um anel, onde uma idéia voltava como se tivesse passado por vários filtros”. Ponto em que a filosofia mostra uma necessidade, “não só de uma compreensão filosófica, por conceitos, mas de uma compreensão não filosófica, a que opera por afectos e perceptos” (DELEUZE, 1992, p. 174).

Uma filosofia quer criar, almeja fazer do acontecimento o sentido, excitando o desejo de alguém de envolver-se com ela. Esse desejo incontido era de permitir-se tudo renovar, sobrevoando o que estava em andamento, sem apresentar nada de pronto, nada de prévio, renovar por experimentação, pondo o devir para funcionar num acaso espontâneo. Abrindo-se ao desconhecido essa filosofia não despreza a lógica porque quer o sentido, senão porque aquilo que lhe dá sentido não pode mais se apresentar preso ao logos. O sentido, permitindo o múltiplo, potencializa os paradoxos.

Uma professora e uma filosofia se vêem deslocadas e recortadas nesses vários fluxos, nessa espécie de desencontro constante enquanto produtos e forças de novas trilhas. O território garantido virado em chão de giz, fendido, abalado, desatinado, sem destino, desterritorializado.

Nas escolas e faculdades uns ensinam e outros aprendem a filosofia, embora pareça que a todos intriga o que faz em nome do aprender que vem dessa disciplina. Esse estranhamento é produto das lacunas e

desencontros de uma educação que permanece reunida por uma lógica que torna implícitas relações de poder, quando devia explicitá-las. Esse enredo perpassa uma professora de filosofia e se apresenta no rosto daqueles que esperam da disciplina um comportamento usual de crítica, onde o criticado sustenta-se numa espécie de confirmação da gênese da crítica, caso em que dispõe dos conceitos mostrando deles o oposto e seu outro. Nesse jogo de vai e volta, nada avança e o que é pior, retrocede porque colabora, para manter a estrutura vigente. Embora a crítica pareça avançar, tudo mostra espera em uma filosofia que se faz um exercício de pontes fixas, onde nada varia. Tudo nela conduz à reformulação do bem e da verdade, coisa que impede a compreensão da mobilidade de um trabalho que quer, deseja o pensamento como criação. Como se impregnar da possibilidade de não trabalhar a filosofia como a arte do retrato?

Já não se trata de fazer algo apenas parecido ao que foi produzido na História da Filosofia, de repetir o que um filósofo disse e, também, cuidar de reproduzir, na semelhança conceitual, uma prática acabrunhada que reflete e impõe, aos conceitos, valores que não vêm da experiência de quem os usa, mas sim da mesma lógica de quem os criou. Tipo de ação que faz com que a filosofia figure como algo que não é de agora, não é para esse tempo, para a emergência do momento e do que ele clama em manifestar.

A filosofia tradicional tem-se mantido apartada de interpretar uma realidade que se mostra cada vez mais indiscernível a olho nu, refugiada na lógica, na teoria sobre sistemas, nas teorias epistemológicas, etc. Nesses últimos anos que fazem parte da sua história, alguns pensadores, tomados de uma certa rebeldia contra todos os sistemas, fizeram uma filosofia que opera na reformulação dos conceitos humanistas e num discurso sobre o outro, articulada na sobreposição de sistemas do estruturalismo. Coisa que não deve ser confundida com a filosofia da diferença, pois essa reflexão sobre o outro se articula numa compreensão que extravasa o sistema sem se desfazer da demanda de uma relação dualista entre o sujeito e o objeto.

Nessa desarticulação de seu mundo à mão, algo acontece a uma professora e se implica naquilo que ela faz. Quando maquina a filosofia em aula e movimenta conceitos que vêm dela, os percebe selecionados ou agrupados por uma afecção. Uma professora não busca uma filosofia que a interprete, mas que interprete seu afeto e a percepção das coisas que a atravessam, multiplicando-a na experiência dessa ação. Ela é uma intercessora, um estado de abertura e dispersão, entre a teoria e as coisas que passam por ela ou nela. O afã da sua busca anda sempre em território móvel. Essa sensação de areia movediça participa do modo como passa a tratar essa sua inquietação. Busca filósofos que traduzam o movimento que se dá entre ela e uma prática desencantada, nas molduras e retratos de uma filosofia da representação.

Deseja o encontro com Deleuze e não só com Deleuze; Nietzsche, Bergson, Spinoza também fazem parte dessa aspiração. Quer encontrar uma filosofia que vaze ou extravase o sentido de sua busca. Novos livros passam a povoar a estante. Outros saem do pó e do esquecimento. Ler Platão passa a ser charmoso, Aristóteles - certezas a serem derrubadas, Leibniz - orquestração, Hume - inquietação, Kant - limpeza, Bergson - sensibilidade, Nietzsche - ousadia e humor, Deleuze - fluxo e desejo. Uma intensidade atravessa e traduz Deleuze no mesmo sentido que transforma. Uma máquina desejante se coloca entre essa teoria, sendo o vivido dos conceitos. Lida, interpretada, estudada, a filosofia de Deleuze passa a dar outros contornos para coisas antes aprendidas. Passa a se transformar por esses movimentos e seu querer a se multiplicar por eles.

Essa multiplicidade parte de um processo que devora o que é comum a uma antiga imagem no espelho, deformação que projetava, partindo da professora de filosofia, uma dissolução. O espelho engolido percorre labirintos de um desconhecimento que projetam a professora como co-autora de um processo de metamorfose. Que processo? Algo que não se sabe onde começa nem onde termina, só que se está nele, sob seu efeito, acontecimento e devir. O certo é que alguém se percebe atingida, uma "metamorfose ambulante", como diria Raul Seixas.

Efeito do efeito, a professora-rizoma é alguém que deseja colocar os conceitos de Deleuze em atividade. A princípio numa interpretação, mas acaba sofrendo o que eles representam, fluxo e transformação, devir. Estudar Deleuze multiplica as possibilidades de remeter sua prática a um fundo que sobe à superfície do estudo. Sem prescindir ou abandonar esse fundo, vê-se intercedida e intercessora num plano de imanência ilimitado que, saindo dos conceitos deleuzianos, emanam dele como um contorno disforme, rizoma.

Trabalhar a diferença é uma máquina de desafios. As ilusões e erros de uma professora- rizoma não são contra-sensos abstratos, nem apenas pressões de fora, mas miragens de pensamentos e de outros atravessamentos que perambulam em noites de estudo, alegam e apavoram. Uma professora de filosofia pode ser uma simples funcionária da filosofia que não renove a imagem do pensamento, nem sequer entenda que o pensamento tenha algum problema com sua imagem.

Uma professora-rizoma deseja fazer da filosofia uma outra coisa, percepção, entendimento, captura e, então, estuda. Percebe que o pensamento dos filósofos é algo que ora se junta ora se separa, pois todo filósofo está condenado a traçar seu próprio plano, sem saber que o plano uma vez traçado é capaz de sobrepor. Se a interpretação e o estudo vão traçando pelo gosto seu objeto, tentando, na captura do traço, remeter ao problema, mas este possuindo uma variação constante, escapa o tempo todo. O estudo, tal como o plano, não é somente um folhado, mas um folhado esburacado que deixa passar as névoas que o envolvem, aproximando quem estuda do risco de perder-se naquilo que produz.

Fazendo uma analogia entre uma tese e um plano de imanência, a professora-rizoma constrói um tear mantendo traços herdados do seu autor e dos autores que ela dispõe como plano de consistência, ao preço de que, na sobreposição ou no encontro dos conceitos com o vivido, não se façam deleuzismos, mas um acontecimento novo onde os conceitos desse e de outros autores possam sobrevoar.

São cinco ensaios que refletem um movimento intrínseco à filosofia de Deleuze. A inquietação e a multiplicidade que dela impinge e produz, naqueles que a interpretam, o anseio de nomeá-la de diversos modos: filosofia da diferença, filosofia nômade, filosofia do conceito, filosofia da criação, Filosofia-rizoma. Isso mostra como esse autor fez variações com a filosofia, permitindo que ela se tornasse, enquanto conhecimento, algo que diz do múltiplo, sem perder-se do seu objetivo único de criar conceitos.

O que deseja esse ensaio/tese? Numa primeira aspiração, quer traçar um escrito rizoma que potencialize os fluxos desse desejo em algo afirmativo que conjugue pensamento e criação. No segundo anseio, quer mostrar através das metamorfoses 1, 2 e 3, o acontecimento que reúne uma professora de filosofia a uma filosofia da diferença que nesse processo ou efeito, passam a serem chamadas de um só nome, Filosofia-rizoma, operada por uma professora-rizoma. Diferenciam-se três metamorfoses embora se entenda que cada uma se faça simultaneamente às outras duas. A metamorfose 1, que se chama "Percepto e Gosto", agencia a virtualidade de duas séries divergentes através da professora de filosofia que se percebe, distanciando-se de uma filosofia tradicional e, nessa distância, aproximando-se de uma outra filosofia que dispõe dela, como professora-rizoma ou como alguém que interpreta uma Filosofia-rizoma.

A metamorfose 2 denominada "Afecto e Estudo", representa o segundo momento da metamorfose que Deleuze chama de "o coração do processo". Esse segundo ensaio vai tratar de diferenciar o estudo de um estudioso e o estudo de um estudante, potencializando, este último, como uma zona quase indiscernível com a interpretação. O estudante, imerso em uma Filosofia-rizoma não se faz mais um estudioso, um cara que repete tudo o que lê, que aceita das teorias filosóficas verdades incontestáveis. A própria teoria que ele estuda vai fazendo com que almeje outra coisa. Estudar vai perdendo a finalidade de saber para quê, algo que se propõe generalista e autômato, adquirindo a velocidade de saber para quem ou para que bando, singular e afectante. O estudo vai se dirigindo para a especificidade da experiência, para o múltiplo sentido advindo do que se experimenta, uma vez que se quebram os postulados do bom e do senso comum.

O estudante, embora habite uma zona de vizinhança, não é ainda o intérprete que deseja da interpretação o ilimitado. Ambos estão no processo da metamorfose, derrubando alguns postulados da tradição que os mantém ligados a uma forma de reflexão que não deixa liberdade para criar. Essa arte de derrubada vai tornando tudo indiscernível. Embora seja a intenção deixar claro que estudar e interpretar não são a mesma coisa, essas ações, sendo momentos da professora do seu devir rizoma, mudam de gênero, para destacar uma diferença intervalar que os determina como o estudante, o intérprete. Uma zona de vizinhança se faz entre eles, redistribuindo suas singularidades e percebendo certos pontos divergentes mostram um fundo que sobe á superfície como um raso-fundo ou sem fundo, lugar onde os demônios do salto buscam o clarão luzente e abrem o caminho para sustentar a criação.

A metamorfose 3, por seu turno, vai tratar da interpretação como escrita e se denominar "Criar e assinar". Esse momento representa o traço que retorna naquilo que o conjunto do processo metamorfoseante produz ou cria. A escrita mesma desse ensaio mostra-se como um certo tipo de virtual. O leitor tornado intérprete quer escrever e, na busca do sentido da leitura, tecer conceitos e idéias, envolvendo-se com os paradoxos do sentido e com a derrubada de alguns postulados que fixam ao sentido um problema que não é dele. O sentido é encontro, algo que, não sendo um existente, exala um estado de coisas infinitas, onde cada corpo e qualidade, sujeito e predicado, ação e paixão se reúnem e dispersam. Nessa terceira parte, a metamorfose, no seu destino mutante, consiste em retirar um aliquid, alguma coisa das coisas, que é um efeito eterno e ao mesmo tempo variável, fluxo do sentido que sobrevoa o plano dos corpos e trama o texto.

No mundo sensível das metamorfoses, os três momentos que ela representa se comunicam buscando a liberdade para o pensar, sendo as figuras da professora de filosofia e da professora-rizoma, do estudioso e do estudante, do leitor e do intérprete, intensidades comunicantes, diferenças diferentes, que se implicam ao modo de simulacros. No pensamento que quer nascer dos fluxos do não-pensado, que não remete ao inatismo nem à reminiscência, potencializa-se uma Filosofia-rizoma, seus movimentos metamorfóticos, diferentes, fluxos dos fluxos do pensar no pensamento.

Ativada por essa potência, uma professora-rizoma retorna e manifesta um terceiro desejo sob o título “Como a professora-rizoma se torna o que ele é?”. Esse ensaio, que possui uma inspiração nietzschiana, quer afirmar para a personagem uma especial singularidade, tecida nos intentos que aportam um mundo possível. Convoca, para esse juramento de fidelidade à multiplicidade do singular, conceitos que potencializem uma Filosofia-rizoma, sua experiência como experimento de fluxos. Atravessando as dobras, os drapejados, o martelo, o descontínuo, o inatual, o múltiplo, o limiar invisível, o extra-temporal, um empirismo transcendental manobra os perigos do múltiplo, encarnando o vivido numa espécie de folhado esburacado. Nesse terreno de transbordamento cambiante, onde o interior e o exterior são relativos e interventíveis, algo singular coexiste com o múltiplo, expressando, no mínimo do vivo incriado, uma heterogeneidade anônima, virtual, uma imperceptível linha da ruptura; ou seria de fissura? Algo ou alguém passa, vaza, extravasa, coxeando palavras, decompondo o absoluto, num rugido de leão capaz de apartar tudo o que é murcho para se fazer afirmar uma professora-rizoma.

Nas dobras desse último anseio, vêm os “Excertos da Criação”, tessitura de riscos no qual uma filosofia impura espregueia as possibilidades da criação em exercícios nômades. Uma Filosofia-rizoma compõe um plano de múltiplas vias que envolvem a literatura, a música, a sala de aula, a loucura, a vida; atravessando as barreiras do mau humor, quer falar aos homens. Nessa tarefa difícil re-avalia a meta, re-avaliando aonde o processo quer chegar. Mas esse desejo é trágico, todo desejo é trágico e trabalha com afectos e perceptos onde o conceito é um enigma que a vida teima em aclarar.

Fugindo ao mundo dos clichês, uma Filosofia-rizoma quer se dirigir ao prazer que é próprio ao pensamento e fazer dele pura criação sem função. Metáfora, metonímia, simulacro, entretenimento, ficção, imagens e signos, que na musicalidade das dobras, façam dançar o passo a passo das idéias sobrevoando os corpos, numa sinfonia infinita. O pensamento é um existente que vive e goza nos corpos o encontro com a terra. Inventor de afectos no avesso do mundo, o pensar é cão solto no deserto por onde passa o nômade, fazendo do que percebe ao acaso um caso inumano nas bordas de -1. Numa Filosofia-rizoma, o uno e o todo são sempre caso de -1, a criação é metamorfose que não distingue criador e criatura; uma

professora-rizoma bem como os filósofos que elege e suas filosofias, são artistas, inventos que se possuem como parceiros e se abrem a novas parcerias, traçando singulares excludências – casos de – 1 ou excertos da criação.

*Metamorfose 1:
percepto e gosto*

Território diluído no afecto

Tudo se passa entre uma sucessão de tempos velhos usados e os ainda novos ou por vir. Algo sucedia a alguém não só porque este estava vivo, mas porque desejava a vida à sua maneira. Todo dia é mais um dia acordado, desvelado, revelado! Aquele filme esquecido na máquina, quando ativado, traz em si a expressão de mais um dia. Mostra o vivido noutras horas, noutros tempos, algo que se estancou em um sentido. Um sorriso, uma orelha, uma árvore, o sol. Registros da vida naquela máquina sobre a mesa. As fotos pela parede, tudo em preto e branco, recortes de uma intuição contida num todo mínimo de captura. O real no talhe do fotógrafo delineando algo próximo às coisas comuns, ficção que se parece com a vida.

Depressa as horas passavam. Era preciso abandonar aquele estúdio para fazer outra coisa daquele dia. O tique e taque do relógio, na sua seqüência, inventa um tempo contado, registrado. Nada disso é lugar seguro para falar do que qualifica um lugar para se estar, tendo em vista a possibilidade latente e invisível da deformação. O olho circulando pelas costas, por onde não enxergava, mas intuía distâncias e aproximações. O que era, afinal, estar viva entre as coisas não podendo mais entendê-las como antes?

Não era apenas estranhar que o cachorro quietasse o rabo, quando se esperava um latido dele. Era mais que observar o instinto animal estudando a presa; era perceber-se a presa que convinha a um instinto animal. O mundo se animava à sua volta, mas seu corpo parecia pinçado dele. Como se, por astúcia da resistência, uma força necessária transgredisse a ordem, enamorada que estava pelo caos ou indecifrável por vir. Algo fazia da distância um movimento onde tudo se dispersava e se reunia numa percepção. O corpo sobre a grama, no balanço da relva, pressionando o pasto, sentido seu pastorear, o pulsar da terra, semi-immobilizado numa paisagem, diluído nela. Tudo o que existe, por um momento pára quieta, pausa, dilui e toma outra perspectiva. Reentrância na distância ou caso do acaso em que alguém se mostra envolvido. Algo chega na parada do

ônibus, do trem, do metrô, do rosto no espelho, e tão logo se vai à duração de um instante ou no fluxo eterno do tempo. Cenas!

Os livros de filosofia na biblioteca, textos e mais textos para ler, incomodam. Mostram a impossibilidade de que a realidade esteja na palavra escrita, sem que o vivido possa ali ser uma equidistância solúvel que dure em uma interpretação. Uns vivem com pressa e fotografam em imagens sobrepostas, retratam o que o vivido lhes causa. Outros escrevem, pousam entre idéias e o registro fica, fixo de uma outra forma. O que querem as pessoas escrever quando andam entre as palavras e registros, métodos, regras, técnicas, teorias? O que desejam as idéias em desvio?

O que se coloca como problema mesmo antes que o problema venha a ser problema? Não se deve pensar o problema como simples anomalia do que já está posto. Há coisas demais ditas, faladas, registradas e esse excesso parece impossibilitar um novo dito. Nisso o problema passa camuflado como problema, como se estivesse proposto, numa antecipação que não opera, nele, estremecimento, temor, loucura. Feita coisa desde pronto existente, retomado por perguntas, questões e renomeado, o problema passa ao largo da alegria e da dor. Talvez seja costume dos filósofos quererem discutir problemas desse modo? Importa-lhes estabelecer o problemático ou aquilo que convém ao filosófico? Quem sabe se é apenas isso! Mas nem toda coisa existente deve ser discutida pela filosofia. Importa que se faça seu espaço de atuação. Vale que se deseje o começo e que se demarque o território da filosofia? O que começa desde aí ou quem começa a criar conceitos e problemas que até hoje se insiste em retomar? Isso pouco interessa! É preciso discutir para fazer filosofia? Deleuze também pensa que não!

É no deserto que tudo começa, no desterro de alguém que larga seu mundinho para arriscar muito mais no ardor de uma paixão. A paixão cantada em prosa e em verso é um problema, um incômodo que não diz respeito à filosofia. Alguém afectado, apaixonado, não sai em busca de sua paixão vendo o mundo com outros olhos. Uma apaixonada por uma teoria esquece-se de que é professora e já não tem olhos nem mundo, apenas persegue o desejo no interior daquilo que a afecta. Tragédia expor-se a uma paixão e, sem perceber, lançar-se à sedução de seu

labirinto, perseguindo-a no encontro ou no desencontro de suas possibilidades.

Malabarismo e tragédia: o ser é o que se diz sobre o ser

Muitas pessoas jamais se detiveram a ler um livro de filosofia. Mas isso não quer dizer como exclusão que as pessoas não lêem. Essas não irão se apaixonar pela filosofia, nem nunca vão desejar viver sob o malabarismo de seus efeitos trágicos. O que costumam ler talvez não faça parte de uma boa literatura, mas da literatura da moda. Leituras amiúdem que vivem fora de qualquer discernibilidade sistêmica, na qual se faz possível a reflexão filosófica sobre a origem do ser, do bom, do bem e do belo. Os ditos campos de atuação da filosofia, a política, a ética e a estética, desde a tradição. Campos que traçaram espaços para uma teoria do conhecimento e uma teoria da linguagem.

Parmênides disse já há muito tempo que “o ser é o que se diz sobre o ser”. Dito que se encontra em todos os manuais de filosofia, nas coleções que listam os clássicos; leituras onde poucos se demoram. Um leitor comum não entende Parmênides e os motivos que o levaram a declarar algo tão decisivo, tão intenso quanto extenso em sua compreensão. No entanto, o mesmo cara fica horas em frente à televisão assistindo um programa, lendo um mundo, interpretando nessas imagens um raso-fundo, numa visão que ilude saber do que está se tratando. Foi-se o tempo em que a linguagem detinha um poder excessivo e as palavras, um reino ilimitado. Imagens fccionam um mundo, falam de uma realidade numa montagem tão plausível que ninguém procura distinguir, no virtual, o possível e o real. Ninguém se ocupa em desfazer as imagens do mundo que, via satélite, já vem pronto.

Os artistas, os poetas, os escritores quantas vezes tiveram de sujeitarem-se às palavras para dizer do real e do possível e, mesmo, do impossível ou daquilo que os afecta. Quantas vezes tiveram de dizer do querer de seu desejo, desse impossível, na possibilidade da palavra? Os filósofos clássicos, quando criaram seus conceitos, certamente o fizeram sofrendo desses

limites. Nada de metáforas, metonímias, nada de poesia incluindo o desejo a tragédia na descrição dos conceitos. Compreendendo o conceito como um dado pronto, embora pudesse ser retomado, o afastaram do seu próprio devir.

Esse limite fez com que alguns conceitos, quando criados, estabelecessem uma linguagem própria ao mundo filosófico, sublimando o limite que condiz ao terreno da linguagem. Um circuito fechado de filósofo para filósofo se estabelece nos livros e na História da Filosofia. Fora desse círculo, de certa rede de telefone sem fio entre as idéias, ninguém está incluído, nenhuma filosofia se dirigindo aos não-filósofos, nenhuma filosofia “pop” nas vistas do possível.

As pessoas no mundo atual privilegiam informações rápidas e curtas. Uma literatura, uma escola, uma arte e um programa que falem do cotidiano. O comum sobre o comum se adequando rápido e certificando, de modo veloz e imperceptível, posturas pares, pré-delimitadas, em novas etiquetas que, sempre hierárquicas, marcam o rebanho, generalizando uma cultura do consumo. Tudo deve ser rápido, quase pronto: comida, bebida, vestuário, diversão, recreação, pensamento. Tudo funciona seguindo regras, filas, manuais.

A cultura do manual invadiu a filosofia na tentativa de popularizá-la. As pessoas, ao lê-los, pegam coisas resumidas daqui e dali, reunidas na tendência do autor ou autora que os escreve. Não lêem filosofia, mas reduções, abreviaturas do que os filósofos disseram. No embalo da mesma tendência ou na velocidade em que andam as coisas, alguns fazem suas discussões e as reflexões de outros. Colagens! Teorias são tomadas por revelações, quando argumentos velhos se encaixam no agora, indicando algo sobre a atualidade.

Mas os tempos andam rápidos, e o que se delimita por atual logo fica velho. Nisto uma grande maioria pergunta: para que saber se logo esse conhecimento já não vai interessar a ninguém? Não será mais verdadeiro, real; se desatualizará tão logo passe o tempo? Para quê saber algo, estudar, escrever sobre coisas ou sobre as coisas que não se deseja que

retornem na memória ou no vivido? Para quê encher a memória, povoá-la de futuros esquecimentos? Onde separar as informações boas, afirmativas, das falsas imagens, telas, textos, teses, artes?

Vive-se uma cultura que permite esquecer, tempos de excesso! Há coisas demais por aí para se saber e que se desatualizam rápido. Um corpo cansado de tanta agitação, informado demais de tantos assuntos que não lhe dizem respeito, tem mais horas a fazer do que horas a viver. Será que estar vivo se reduz a isso? Como alimentar pelo afecto o desejo, e que esse último selecione o retorno da experiência, que faz do corpo algo vivo?

Corpo extenso, corpo intenso!

Precisa-se do corpo para pensar, um corpo livre, leve, mutante, rizoma. Como aliviar o corpo das pressões que o perseguem por toda parte condicionando seus movimentos? Como desacomodar o que está aquietado nas vistas de um mundo que passa, sem a intercessão singular de um recado? Como permitir que a vida se disponha na vibração original de um traço e na coisa qualquer de um retraço, mínima fagulha, registrar o acaso fazendo dele arte? É preciso libertar os artistas. Mas todos trabalham demais e um obreiro em ação não consegue guardar, tal qual uma máquina de fotografia, pequenos fragmentos do vivido, que recortem seu tempo.

Muitos não conseguem fazer deste, que se está passando, seu tempo. Uma espécie de rejeição niilista faz com que a ação e a atividade prática não pertençam à criação. Nada provoca, no tempo cronometrado, suspenso, amorfo, um tempo diferente, interiorizado, um sentido de viver o tempo. A professora que trabalha com a filosofia abre livros, cava buracos, escuta e faz coisas com a palavra escrita. Tal como uma minhoca, faz trilha sobre o solo, onde passa distraído o fotógrafo em busca das fotos para registrar a realidade. Platão, caso tivesse a possibilidade de ter acionado uma máquina fotográfica, certamente teria outras idéias sobre o ser e suas fotos a fazer. Sairia pelo mundo registrando simulacros, pois entendia ser impossível explicar o sensível pelo próprio sensível. O fotógrafo, quando

destaca algo ou alguém numa foto, escolhe um foco que lhe choca ou lhe encanta. Algo afecta o fotógrafo, como se o vivido lhe atravessasse feito flechas. Uma imagem estancada do afecto produzido registra, sobre um plano de composição, algo que inventa um universo.

O que a forma, assim como a arte, captura do real seria, no sentido de Platão, uma falsa imagem do mundo? Isso torna possível afirmar que a arte seria um simulacro para Platão e a fotografia, uma falsa realidade? Foram outros tempos nos quais Platão impossibilitou que a realidade pudesse ser conhecida, ainda que o conhecimento das idéias puras fosse algo que fosse permitido ao filósofo. Esse filósofo passou seu registro deixando observado que apenas as idéias puras podiam representar o real, coisa que relembra Parmênides.

A foto produzida pelo fotógrafo é uma imagem que pode encantar, quando mostra sensibilidade e beleza capturadas, raptos do invisível, do metafenomênico ou daquilo que só a mente pode captar, porque é puramente inteligível. Platão despreza o conhecimento que vem dos sentidos, desfazendo, portanto, do foco do fotógrafo, quando diz que “enquanto podes ver, tocar e perceber com outros sentidos corpóreos essas coisas mutáveis, elas permanecem sempre idênticas; ao contrário, por nenhum outro meio podem ser captadas senão através do raciocínio puro e da mente, porquanto são coisas sensíveis que não podem ser colhidas pela vista” (apud; REALE; ANTISERI, 1990, p. 132-139). Separando o inteligível do sensível, esse filósofo deixou o legado da distância entre os campos da filosofia e da arte. Isso traduzido no vivido mostra uma sobreposição do corpo extenso ao corpo intenso. Ser belo enclausura uma forma para além de material que remete a uma boa ação ou a uma ação do Bem.

Retratos da filosofia

A História da Filosofia trabalha com perfis imóveis e acabados, retratos num todo extenso delimitado! Um desses perfis sai de Platão quando distingue o ser em dois planos: o sensível e o inteligível. Esse dualismo mostra que o

filósofo pretendia superar a contradição estabelecida entre Heráclito e Parmênides, entre um que diz que tudo muda e o outro que fixa no imutável a representação. Mas nem tudo o que representa o real se encontra estando nele. Nenhum encontro de modo direto seria permitido entre o fotógrafo que queria mostrar o mundo através da sua lente sensível e a professora de filosofia que desejava, através da sua interpretação, expressar um conhecimento daquilo que formulava a partir da leitura dos filósofos, através das idéias que vinham destes. Ambos estão dissolvidos ou envolvidos na sua realidade buscando o sentido daquilo que fazem, e tanto um como o outro, querem afectar, criar o gosto.

Alguém faz filosofia se envolvendo com teorias e conteúdos. Como qualquer um percebe que pode afectar e ser afectado não só por esse conhecimento, mas por outros, usando fotos, imagens, literatura, cinema. Tendo-se esses vários instrumentos à disposição, se pode fazer filosofia, sem uso restrito daquilo que é do campo filosófico? Pode-se envolver a filosofia com outras coisas sem que ela deixe de ser o que é? Para a tradição isso não é possível, pois Aristóteles já definiu que uma coisa é o que é num determinado tempo e lugar, e isso exclui o resto. As mudanças e sobreposições, nem pensar!

Lá na Biblioteca Pública, outro retrato! Outra imagem onde os livros da filosofia, enfileirados, são os abandonos do tempo na palavra escrita; encontram-se estanques, imóveis, parados. Poucas pessoas se aproximam deles com o intuito de lê-los. Nesse caso, podem representar o imutável de Platão. Idéias invisíveis e eternas que não tramam com a vida. Mas será que as idéias ficam mesmo paradas sem ninguém as desejar apenas porque não são lidas? Uma idéia não lida pode não reluzir de um outro modo? Um tipo de idéia não inteligível, disposta num foco reductor mínimo e disforme, pode ser materializada nas coisas que se fazem diferentes ou trocam de perfis?

Queria, certamente, uma professora, que livros fossem abertos e idéias e conceitos, desejados. Criar implica que se vá aos livros não só da filosofia, mas a todos aqueles que, vindos da arte, da ciência, da literatura, da geografia, da história, possam afectar a alguém compondo, descompondo um mundo possível. Ler convoca as janelas da alma, abre

as asas do invisível e os canais da imaginação. Transforma e modifica filósofos e não-filósofos, os que se aproximam e os que nunca chegaram perto de livros e tratados filosóficos.

O mundo, de diversos modos, evidencia conceitos do afecto, coisas que ficam, muitas vezes, estanques nas aulas em que se perfaz um re-dizer já dito. Traços representando menos o que acontece e mais aquilo que constantemente muda e produz afectos. O fotógrafo, registrando cópias e imagens das coisas e das pessoas faz do falso e do ilusório uma certeza de que tudo muda. Por sua capacidade em trabalhar nas pessoas, com o sentido do vivido, a imagem revela na cópia aquilo que, nela mesma, não é o mesmo. O menino, montado no cavaleiro de pau da praça, hoje tem quarenta anos, mas ainda é, na foto, um menino, representado na sua meninice, no seu acontecimento menino. O álbum de fotografias, assim como os livros de filosofia, descansam na prateleira, sujeitos ao pó e ao esquecimento. Quando não freqüentados, não são manuseados ou não se relacionam com as pessoas, não criam possibilidades nos planos de alguém.

Afectos do conceito

Várias professoras de filosofia andam por aí compondo aulas, entrincheiradas pela idéias dos filósofos ou embandeiradas pelo que eles disseram. Uma delas põe um tom tão dinâmico nessa adesão espontânea, que pode provocar certa surdez. O que foi dito por alguém, num outro tempo, está ali para ser pego, usado, apropriado e, principalmente, para construir pontes sobre o que ainda não foi dito ou feito. Alguém fala em uma conversa, em um papo, e tudo se evapora fácil. Nem tudo que vibra é fruto do querer. Um discurso exalando uma insistência pelos poros, se engasga no traçado torpe das palavras lidas. Disfarça-se, o alegre, no quadro da sua intenção, no efeito das formas múltiplas da camuflagem do discurso. O professor, um bicho cósmico, está exposto na sala de aula. Quem já assistiu a uma aula de filosofia sabe da importância da pausa para o mistério. O que aguarda o professor? Qual o seu segredo? O que

ele deseja da filosofia? A luz que aclare o mistério, o claro que dê fim à escuridão, recurso que estabelece o oposto e seu outro!

Uma professora de filosofia apresenta teorias e, mesmo sem querer ser uma luz sobre a verdade, insiste em seu atrevimento discursivo, na aquisição de novos modos, formas e imagens para tornar inteligível sua filosofia. Fala do novo através da resistência ao velho, fugindo ao encontro com o inatural, diz do plausível em discursos alheios. A filosofia tem sido, assim, contrabando, desterro, cópia, plágio. Idéias postas, propostas, sobrepostas, interpretação e imagem que fazem parte do comum exercício de filosofia. E, mesmo feita de um perfil reformado, permanece não atrativa, como algo que não é bem digerido e sai pela boca, exala um suor de esforço inútil, algo sem sentido.

Ladra de idéias e de conceitos, uma professora é alguém que quer afectar e ser afectada por aquilo que faz. Pouco sabe a criatura sobre o que fica no registro final de uma aula? O possível sentido, traduzido pelos alunos e alunas. Percebe que há uma distância e uma incompletude entre o que quer ofertar e o que pode produzir como afecto, numa aula de filosofia. Trabalhar com a filosofia se traduz em transportar conceitos, impondo, através deles e na emergência de seus fluidos, uma sensação de criar formas e deformações. Alguém que trabalha com a filosofia trabalha com planos de imanência e conceitos. E, quando cria espaços de intercessão abre à filosofia, outras formas de povoamento, outras formas de intensidade.

Não é papel da filosofia comunicar sobre idéias e conceitos, dizer disso ou daquilo. Ainda que por esses dias em curso, várias pessoas tentem fazer dela um retrato falado, coisa que pode provocar uma imagem equivocada sobre sua relação com a realidade. Tempos copistas onde tudo se valida no eco conjunto do senso comum. Cultura imediatista que diz dar cobertura aos acontecimentos, e aí estão os meios de comunicação de massa, escondendo, no todo que mostram, qualquer elemento díspar que não o complemento. O incomum repellido das imagens de um mundo que se quer globalizado, mundialmente representável, passa à condição de não-existente.

Essa indiferença a tudo e a todos diferentes não se faz de modo direto e sim pelo atravessamento de uma imagem clássica do pensamento que doa ao senso comum o direito de definir o verdadeiro e o falso, o certo e o errado de modo prévio. Essa condição não deixa de adquirir, para o conceito do real, uma estética, cuja imagem não pode almejar o que é diferente dela. Nas transformações dos contornos de um visível se obscurece o Fora, se ignora o que não é da representação. Mas o que a filosofia tem com isso? É função dela criar conceitos ou destruir imagens onde o pensar se mostra afastado da vida, impedido de ser afectado por ela?

O que a filosofia deseja?

Ora, o afecto da filosofia é criar conceitos, esse é seu desejo. É sempre disso que a filosofia tratou da criação de conceitos, dizem os autores da diferença. Noutros tempos, os gregos e, também, os romanos estudavam por simples prazer, para adornar o espírito e se instruir nas belas letras. Hoje é comum o entendimento de que o estudo e a escola têm por função a adaptação à sociedade e à cultura. Na Roma antiga, não se ensinavam matérias formadoras ou utilitárias, e sim prestigiosas. Era por prestígio que se aprendia a retórica. Contudo, extrair, na atualidade da função social da educação, o motivo que explica a inclusão da filosofia no currículo escolar, não demanda nenhum benefício. Conjectura-se sobre a filosofia em tempos pragmáticos e utilitários, onde tudo e todos buscam sua função.

Buscar uma imagem nova para o pensar pede a destruição dos alicerces que suspendem uma velha e idealizada imagem. O pensamento precisa ser aliviado do pesado cargo da verdade, tornar leves seus impulsos, permitindo seu sobrevôo, sua metamorfose. Nessa compulsão, tal professora de filosofia não deixa de se perguntar pelo sentido do que faz, quando em aulas de filosofia quer dispensar-se da imposição utilitária construída sobre antigas bases e, ainda assim, construir outros movimentos. Deleuze e Guattari (1992) propõem que a filosofia invente conceitos. Definida essa função, fazem da filosofia um instrumento de composição que se abre a outros campos possíveis sem perderem-se dela, porque não

importa definir se o filósofo é o criador ou a criatura de seu intento. O que importa é haver desejo intenso por criar, em todas as áreas e na filosofia.

Quando alguém cria sem estar extremamente afectado pela criação, copia, arremeda, faz invencionice. Mas a criação do conceito não se fixa à posse de um intérprete, de um inventor, ainda que dependa dele para o seu aparecimento. O conceito ficciona algo da realidade que diz do vivido. Tal ficção por vezes é tão bem disposta que promove certa atemporalidade na encarnação do conceito. O trágico do conceito é pertencer à filosofia, implicado nas manobras da criação, essa sua potencia de sofrer outras encarnações, e algo que pode emanar desde um criador, sem pertencer ao estrito meio filosófico. Sendo o verbo criar tão próximo às artes e ao sensível, mostra que os conceitos filosóficos são também sensibilia!

Quem se sensibiliza pelo conceito? O filósofo, que é também um artista, um criador? Ou pode o conceito manter-se vivo perceptível e afectável, independente de quem o inventou? Uma que se quer artista da filosofia trabalha nesse meio, deseja na sua dedicação uma intercessão e se faz personagem conceitual. Essa sua latência (ou será emergência?) pode ser subentendida num plano de imanência que torna possível aos conceitos da diferença extravasarem-se, dentro de uma constelação povoada de seus afectos e perceptos. Uma personagem recolhe os fluxos dos afectos nas vagas abertas de sua ação e os trama com os perceptos, com as visibilidades do invisível, coisas que vazam num plano de arte. Esses últimos fluxos não são somente aqueles que se originam das artes plásticas, mas, também, podem vir do extra-vazar-se próprio da arte através da literatura, do cinema, do teatro, da dança, do canto, de outras possibilidades de freqüência entre duas ou mais entidades próximas, que podem, de algum modo, ativar a diferença na construção de novas formas de fazer filosofia. Mas nem tudo o que é do outro cai adequado, o outro é sempre o de sentido diferente. Como permanecer indiferente a diferença que existe entre as coisas?

Planos de imanência e personagens. Como o conceito não morre?

Planos, assim como panos de roupas emprestadas, sempre denunciam certo desconforto quando não são adaptadas na constelação de um corpo novo. Coisas que não são da filosofia, envolvidas com ela, não lhe impõem certa deformação? A arte, tal como a paixão e o desejo, se impõem. Esse aperto ou sufoco não vem de uma única direção, surge de uma vontade que denuncia o ilimitado possível naquilo que se move entre teorias e a afecta, faz traço nos movimentos da vida, nas tramas do sentido. Um personagem conceitual é atividade do gosto, no recorte de uma pressão que se mantém inquieta em algo ou alguém. No delineamento demarcado pelo abandono dos pontos estrangulados, atua como novo contorno ou espaçamento de uma ação incontida do seu desejo sobre algo ou alguém. Vindo das emanações pré-conceituais, o personagem é vítima daquilo que deseja buscar numa teoria!

Queria a personagem recortar uma filosofia para dar uma aula diferente? Toda aula tem data, registro, cópia, idéias de idéias, lacunas e retalhos. Toda teoria envolve um dito, já dito ou mal-dito, não mal usado, que se move em busca de uma nova forma, nova composição. Idéias acumuladas pelos escritos, de autores, na maioria das vezes, já mortos. A materialidade dos corpos se foi, mas a intencionalidade dos conceitos busca novas apropriações. Os autores usados tornam-se personagens em outros escritos, em outras interpretações. É um poder de a idéia explodir em outro olho, outra boca, outro corpo, outra imagem, outro quadro, outra cena, numa inegável neutralidade, perante o despropósito da defesa de seu criador. Idéias fogem, tomam outro rumo ou um rumo que lhes é próprio, devido àquilo que representam.

A maldição de uma professora ou o trágico nela se mostra na atração de querer trabalhar com o sentido. Quando quer incitar o gosto, fazendo a partilha daquilo que lhe é filosoficamente próximo, pretende encurtar a distância com quem não está envolvido por esse afecto. Os conceitos são batizados pelo gosto de quem os criou. São datados, assinados, mas possuem sua maneira de não morrer. Como não morrem? Não morrem porque são como os livros ou planos de alguém: ficam abandonados, esquecidos ou desativados. Uma exigência de renovação, de substituição, de mutação permite à filosofia uma história e uma geografia mutantes que, em cada momento, em cada lugar, passa, conservando-se no tempo

e fora dele. Os conceitos mudam, estão sempre mudando. Isso parece impossibilitar que uma unidade pertença à filosofia e não só a ela, mas às ciências e às artes.

Sendo a filosofia uma disciplina entre outras, não basta discutir sua função! A exclusividade da criação dos conceitos já está assegurada a ela. Mas isso não lhe dá nenhum privilégio perante os outros campos do conhecimento. Ao contrário, traz o problema de como deve exercer sua função e sua singularidade perante a ciência e a arte, que também pensam e criam, usando outros modos de ideação, sem necessariamente criar conceitos. Como envolvê-la com a ciência e arte, com outras idéias que não são da sua área, outros modos de criação que não vêm do filosófico e, ainda assim, dizer que aquilo que se faz de outro modo é filosofia?

Tornou-se a filosofia dependente de outros planos para existir? Isso não implica dizer que a criação de conceitos é uma tarefa que, sozinha, ela não dá conta? Virou a filosofia uma andorinha que não sabe onde foi parar seu verão? Doces intentos atravessam uma filosofia e desejam o encontro! A intenção de uma professora era buscar ou problematizar o que se pode fazer em nome de uma filosofia quando essa envolve outra forma ou outras formas de criação, que não lhe pertencem na origem, na sua gênese. A criação, desejando sair de si mesma, torna trágico o destino da professora.

Amiga ou amante e rival?

O tempo e o lugar da filosofia a relacionam com a criação de conceitos. Entrementes uma professora de filosofia seria simplesmente a amiga, a amante do conceito, aquela que convida seus alunos a compartilharem essa paixão? Deleuze dirá que toda amiga e toda amante têm rivais. Então, uma filosofia que se pretende aglutinadora de outras formas e remexida por elas, encontrará, certamente, rivais entre os que dizem que, não produzindo conceitos no sentido estrito, não se estará fazendo filosofia.

Nietzsche foi um filólogo que sobrepôs o plano da filologia sobre o plano da filosofia e da arte. Fez filosofia com isso e, também, escreveu Zaratustra, que é uma obra de literatura que é filosofia.

Como pode uma professora de filosofia reagir aos seus adversários? Criar uma necessidade reordenada numa instância que ela mesma julga como bem fundada? Fazer uma trama da filosofia, articular um teatro onde alguém se faz simulador de intenções e onde proliferam e se produzem amigos e adversários, sem que se saiba exatamente o que se está fazendo? Dotar-se das potências do cômico e do trágico e, em construções teóricas simuladas, potencializar a distinção do falso e do verdadeiro refugiada nos Universais, utilizando o simulacro para obter o resultado ou o produto esperado? As alucinações metafísicas não costumam retornar no mesmo fluxo ou na mesma intenção com que foram produzidas. Nem tudo o que flui é caminho.

O desejo que a movia era uma outra coisa, que não simplesmente a retomada de uma filosofia. Há de se ponderar que ninguém se seduz em usar conceitos como representações coletivas, em concepções de mundo criadas pelos povos, forças vitais, históricas, espirituais e outras. Também em nada atrai fazer na filosofia distinções que datam no tempo, atribuindo certa função para seu exercício, que inclui a epistemologia, a lingüística, a psicanálise ou a análise lógica. Não se quer uma filosofia generalista nem histórica, nem colocá-la a serviço de uma forma mercantil de se entender o que é um conceito. Conceitos, diz Deleuze, “são antes meteoritos que mercadorias” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 20). Essa perspectiva envolve e seduz um outro sentido para o filosofar.

Viver a diferença do ser vivo à obra de arte!

Uma professora quer fazer filosofia entre conceitos, afectos, perceptos. Precisa, para tanto, trabalhar a natureza dos conceitos como realidade filosófica ao invés de, simplesmente, aportá-los como um conhecimento ou uma representação de dados explicados por faculdades, capazes de

formá-los e de utilizá-los. Ninguém impõe a quem interpreta um sentido único; o mesmo, com que descreveu uma idéia ou conceito; o mesmo, que o afectou. Os conceitos não estão simplesmente dados, são criados e estão por criar; não são coisas prontas, formadas, que se põem a si mesmos como uma autoposição.

O que intriga de modo trágico a professora é como envolver a filosofia da diferença em outro plano, sem que ela deixe de ser filosofia. O próprio conceito de diferença tira essa filosofia do lugar comum, do cotidiano. Então, de onde parte essa diferença que permite o envolvimento de elementos e de instâncias díspares à filosofia, de modo a fazerem com ela uma sobreposição? Essa diferença, para Deleuze (1988, p. 63), é um estado de indeterminação, um entre as coisas, que está naquilo que elas distinguem não se distinguindo delas; e, também, um estado de determinação que, na sua distinção unilateral, se estabelece como o fundo que sobe à superfície e já não é mais fundo, mas linha abstrata que adquire existência autônoma.

Tal diferença tanto se efetiva como um informe, como um disforme, como um monstro, como uma linha “abstrata que se alimenta do claro-escuro” (DELEUZE, 1988, p. 65), ou como um que está determinado e outro que está ainda em vias de se determinar. Será que ela habita a natureza do conceito e se ocupa deles como realidade filosófica? Ora, o monstro ou o disforme, sendo uma figura no conceito, na autoposição que é parte dele, diz da forma como o conceito coloca a si mesmo, como esse se abre a um estado de criação. Diz, portanto, de duas coisas que se implicam, pois tudo que é criado do ser vivo à obra de arte, traduz-se, para Deleuze, em autoposição de si ou autopoiese, tal como são reconhecidos. Desse modo, a criação do conceito está ligada à sua capacidade de seduzir e de envolver um que o percebe. Mas o conceito é, ele mesmo, percepção e tanto mais se põe quanto mais depende da atividade de criação; ou seja, ele é tanto mais subjetivo quanto mais objetivo. Daí a diferença ser, no processo da metamorfose, o antes, o durante e o depois de um estado de devir que participa do conceito.

Os pós-kantianos pautaram suas filosofias no plano de consistência dos conceitos. Influenciado pelo Iluminismo e no gosto de ultrapassá-lo, Hegel, especialmente, se deteve em sustentar que os conceitos são criados por uma consciência. Uma das suas figuras que explicam a criação, por uma sucessão de espíritos, momentos da autoposição, diz que se sucedem no tempo, destacando o outro lado, pelo qual o conceito se põe a si mesmo e reúne os espíritos no absoluto de Si.

Teve Hegel seu mérito ao mostrar que os conceitos não são idéias abstratas, nem são fruto de uma sabedoria incriada. Por outro lado, possibilitou que os universais fossem reconstruídos como momentos da criação, onde os personagens aparecem como figuras fantasmas, que não permitem conexões objetivas das ciências e das artes com a filosofia, mas, apenas, formas subjetivas. Deleuze, junto com Guattari (1992), aponta que os pós-kantianos são pensadores que se preocuparam com os conceitos, fazendo deles figuras da subjetividade que podiam interagir como partícipes de uma enciclopédia universal. No plano desses autores, a partir do momento em que se passa a discutir o conceito do conceito, pode-se dizer que há um atravessamento de três idades: a enciclopédia, a pedagogia e a formação profissional comercial. A primeira idade citada é sucedida pela segunda que, não querendo cair no universalismo da primeira, só fez aumentar as distâncias entre a filosofia e o mundo do vivido. Apontá-las adverte sobre a possibilidade de se cair numa espécie de desastre absoluto para o pensamento, coisa da qual se encarregou o utilitarismo da terceira.

Os passeios da borboleta

O pensamento não é um morto fugido do livro, passeando na praça, na calçada, abandonado, embaixo da ponte, procurando alguém que o adote ou reinvente. O pensamento anda, circula entre coisas e pessoas. Não é uma imagem vazia ou espaços não pontilhados que pertencem a um que espera. Não se refere a uma professora entre cadeiras, mesas, frente a uma janela que a tudo assiste num lugar que resiste podendo haver adaptações. Rabiscos nos cadernos, os escritos são desenhados em

forma de velocidade. Tudo anda rápido demais e a escrita copia, um tanto copista, no branco do giz, a redução de um conceito. Mas o verde do quadro verdeja, onde a cor não furtada de sua condição de cor é morada de todas as possibilidades.

A imagem que antecede o pensamento não é uma tela branca, neutra, nem uma idéia verde que rememora outra coisa; não é uma idéia fluida dela mesma, nem apenas a releitura do que os filósofos disseram. Também não é algo que está no dizer de uma professora. O pensamento é antes de seu acontecimento sem imagem, e isso incomoda uma professora. Essa potência de possibilidades bate de frente com a restrição da fórmula que diz que toda idéia e todo conceito podem ser representados. Como mexer com isso, instituindo uma filosofia do conceito? Como trabalhar com o conhecimento filosófico, instituindo a pedagogia do conceito?

Uma pequena borboleta adentra a sala, visita inesperada, ali a compartilhar, tanto o que é parte de um revivido, como o que é parte de um vivido novo. Passeios do que está entre as coisas e aquilo que uma filosofia pode se permitir. Mas numa sala de aula, como?

Naquele dia havia muito sol no lado de fora do prédio. Um pequeno intervalo alimentava o corredor de gentes. Minutos depois, o esvaziava. Era o mesmo caminho para a sala de aula, de adesão ou de fuga. Mesma repetição dando a sensação de que o tempo faltava na acumulação da rotina. Jamais o tempo excede para quem, com paixão, estuda, lê e escreve. Ao contrário, mostra-se esgotado, um não existente para a multiplicidade do pensamento, posto que não existe, no ato que deseja o pensar, uma reserva que dimensione o afecto no tempo. Não se pode acumular o tempo para dispor dele apenas para trocar o lugar das coisas que o percorrem, na sua infinitude. São estranhas essas situações que, de certo modo, o multiplicam quando o percebem como falta. Um valor do tempo que não fica contado nas horas, nos aparelhos que comumente o pontuam.

Numa exposição semanal a professora de filosofia disponibiliza um saber por três horas aulas. Instantes se sucedem num só, entre o começo e o fim. Momento em que muitas vezes não condiz com o desejo de estar ali, com o que a vontade pode realizar. Uma aula-show, um recital, um espetáculo pode virar um “Show do Milhão”. Para quê tais filosofices? Que filosofia se faz possível numa disciplina geral? Nenhuma! O que pode haver em nome da filosofia é uma disposição para ela, ligada a quem a trama. Talvez se devesse nomear de “entretenimento razoável” àquela disciplina que toma emprestado instrumentos de uma pedagogia do conceito. A professora que se quer artista não precisa ser bode de expiação, mas tem que afectar. O excesso de exposição de uma aula não fica controlado pelo domínio daquilo que se sabe.

A professora ou o professor não deseja mais ser os artistas da retórica, fazer das entoações de voz um modo de aproximação dos conceitos. Imagine fazer do Discurso do Método um poema lírico! Impossível! Nada estimula a listar autores fazendo das escolas filosóficas uma roupagem alegórica, onde idéias e teorias perfiladas podem ainda fazer vistas desde um horizonte hierárquico. Direções pré-formuladas do pensar já não interessam. Rejeitar o que é comumente feito de modo a arriscar novos conjuntos possíveis de uma ação guarda um fundo salvacionista? Quem se salva? Uma que sofre de ranços pedagógicos! É bom reavaliar até onde alguém pode ir quando não se sabe onde é a chegada! O que inspira mesmo uma borboleta a voar?

Os instantes deslocam-se naquilo que se faz, ou seria o contrário? Algo ronda o vivido na execução do fugaz. Intermitência ou um entre-tempo? Parar tudo e correr para dentro do livro, como se o livro do filósofo preferido fosse uma caverna e esta a descoberta de que tudo pode ser acobertado na leitura, no transporte da interpretação, onde o acontecimento é a vertigem necessária desse mundo. O acontecimento se faz encontro, quando, na criação, nada se esconde, tudo fica exposto ao sentido.

Instante móvel, desdobrável, onde alguém precisa respirar entre as escritas, os conceitos lidos, os termos reditos. Sorver o ar que não está nas palavras,

que não ativa uma força, apenas, no uso adequado das palavras. Por si só a palavra se mostra uma malabarista coxa, incapaz de fazer, sozinha, o espetáculo da vida. Viver excita algo como se equilibrar no fio atroz do abismo, busca que promete tanto o aplauso quanto a morte no vôo da borboleta!

Articulações do conceito na superfície

Busca do conceito e no conceito! Um sentido artístico e trágico em que as palavras conjugadas vibrem de uma emergência em que aquele que as interpreta não se abstenha de revelar. Alguma coisa que não pode calar, mas não é na vibração pura da palavra que esse algo vai soar. Tudo é vida, é cena, é palco do conceito onde a palavra pede encarnação viva quando seus movimentos se expõem em sentido tal, que “o plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a ponto de que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades de outro” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89). Tudo se conforma ou deforma no desafio de novas experimentações que vão tecendo a proporção do inaudito. Instante desconfortável onde o inacabado não pode ser repartido, retalhado, porque ainda não é uma superfície, mas um estado de devir.

Uma aula de filosofia quer afectar. Mas deve-se deixar claro que esse afecto pode ser um tremendo incômodo para o afectado. Contra-efetuação necessária à filosofia, os afectos e os desafetos fazem dela um motor. Onde conceitos apontados como flechas de fogo sobre o vivido, queimam a retina dos despreparados. O alvo da filosofia é a vida, pois “o conceito não se refere ao vivido, por compensação, mas consiste, por sua própria criação, em erigir um acontecimento que sobrevoe todo o vivido, bem como qualquer estado de coisas. Cada conceito talha o acontecimento, o retalha à sua maneira” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 47).

São os efeitos e não a causa dos afetos que provocam outros filósofos a construírem, para os conceitos, possibilidades novas de captura. Os conceitos se embrenham num outro dia, numa outra hora, num outro lugar,

num outro território percebido; instalam-se na condição que não é a daquele que os assinou. Alguém abre o livro e o coloca deitado na mão, subjugado nas idéias do visível na leitura. Mas tão logo o conceito sai desse pano de fundo e sobe à superfície, retorna a ela livre como um virtual possível. O movimento do conceito provoca e distrai aquele que, com a mão aberta, o deixa escapar e já não há mais nada. Fuga do conceito! Um conceito não é algo simples, mas uma inquietude movente que pede articulação. Em Platão, já estava a idéia da qual, depois, participará Bergson, de que conceito é articulação, corte e superposição.

Fazer uma pedagogia do conceito pede a definição do que sejam conceitos. Todo começo criativo enfrenta energias que desequilibram a ponte entre o dentro e o fora. O dentro do conceito remete à totalidade de componentes, que representa seu todo fragmentário. O fora dele mostra um contorno irregular definido pela cifra de seus componentes. Dualidade que nada dispensa na pré-disposição de se operar com conceitos ou de articulá-los de um outro modo. Exercício de pensamento que começa pelo desencontro entre o caminho tantas vezes trilhado e o que ainda se está por trilhar. Uma pedagogia do conceito se coloca num aprender a pensar como algo que ronda como o ruído do besouro invisível, desconforto que um simples mata-moscas não consegue parar.

A intercessora da professora de filosofia

Chateação, um zunido que não vem daqui ou dali. Sonsice no barulho entre coisas aparentemente imóveis. Reentrância entre distâncias, exercícios do contexto que se dobram numa possibilidade de que o conceito se faça corte. Algo gesta entre instâncias deslocadas, reagrupadas, redefinidas, indefinidas, uma espécie de monstro, fruto do que foi sendo descartado, revisado, rejeitado, renovado e renomado. O intangível se esgota numa professora de filosofia que movimentava conceitos deleuzianos e permite a abertura do que não se faz de modo exclusivo, produto dessa experiência. Algo torto, algo que do outro se faz desejo, um querer, uma Filosofia-rizoma, outrem que passa por professora de filosofia

multiplicando seus fluxos. Uma personagem na vaga aberta de uma outra da qual se desprende pertencendo a ela, sobrepõe-se como intercessora.

A permissão dos atravessamentos entre as ciências e as artes faz da professora de filosofia alguém que não agiliza coisas num tom exclusivamente filosófico, mas, também, não a condena à perda desse tom. Essa abertura pressuposta numa filosofia que, sem fugir ao conceitual, oferta-se de um outro modo. Percepção de um espaço compartilhado que se abre a uma professora-rizoma, não à outra da professora de filosofia, senão outrem, um mundo possível no contexto em que qualquer uma delas existe e persiste. Território multiplicado que deriva em abertura e atravessamentos gerativos de formas e de deformações.

Uma professora de filosofia não deixa de ir e vir em estradas, de correr contra o tempo, de encontrar pessoas e percorrer corredores, de enfrentar filas, coisas que restam do indivíduo moderno, de se movimentar entre os livros de filosofia, velhos, novos, usados, de tentar dar suas aulas com as idéias neles propostas, fazer ventos novos com velhos sopros.

Embora mesmo atingida, explodida, uma professora não sai em busca de fragmentos, como se estilhaçada estivesse perdida. O estilhaço é uma melhora, como se uma reminiscência no sentido platônico a abandonasse, desfizesse velhas crenças e, ao mesmo tempo, sem necessariamente colocar uma imagem nova num antigo lugar. Giro da lua que a mostra sempre nova! Uma passa a outra sobrevoando de modo novo sua memória, seus fragmentos vividos. O desejo de ter o pensar como criação, sem imagem prévia, sem o logos, traz uma espécie de des-aprendizagem da filosofia, necessária à mutação que se faz total. Mudando a compreensão da professora de filosofia daquilo que ela faz, muda o agenciamento daquilo que ela é, do que ela deseja, do que percebe, do que a afecta. Transborda tudo o que se sustentava numa concepção em que o conceito de filosofia era outra coisa ligada a essa disciplina.

Foi Nietzsche quem disse que ensinar é adestrar para uma cultura. Isso desloca de tal modo seu perfil de professora que, como uma foto que saiu errada, uma imagem que devia ser esquecida; via nessa coisa que remetia à paralisia de uma triste figura da filosofia, uma miragem para ser

derrubada. Imagem plástica, invertida, de um contexto humanista e utilitarista. Modos pedagógicos que formam uma maquinaria que, sem perceber, todos contribuem para conservar.

Uma professora de filosofia pode pretender ser diferente, ser um exercício da diferença, sem entender que apenas alimenta o bom senso e o senso comum. Educa para uma cultura que descreve o que é ser humano, sem inscrever-lhe nessa tarefa. Tal professora quer esquecer aquele bricoleur sem início, sem meio, sem fim, que caracteriza em geral uma aula de filosofia que não seja assinada pelo sentido. Qualquer aula de filosofia que não pretenda atingir, chocar, produzir o produto no produto, incapaz de inserir o produzir no produto, naquilo que faz. Sendo uma professora-rizoma, alude-se a agenciar o bricoleur, fazendo com ele aconteça numa aula, no traçado emaranhado de linhas diferentes. Em tal ficção ativa-o, quando o envolve com a arte, o cinema, a literatura, a poesia, a fotografia, abrindo espaços entre espaços e construindo intersecções, na sobreposição de planos, onde os conceitos que vêm da filosofia se bifurcam indefinidamente.

Tal personagem, nem santa, nem insana, nem filósofa, possuindo uma linguagem literária, uma prática que se atrai pelo disforme, transita no incomum de sua formação. Sua estratégia não a faz disposta em uma direção, mas no entrefluxo de várias; não segue uma rota prévia, apenas escoas possibilidades. Numa filosofia que se propõe sem modelo para operar, permite pontos de extensão a partir de coisas aparentemente heterogêneas. Traços soltos aliando idéias em que “um pensador pode, portanto, modificar de maneira decisiva o que significa pensar, traçar uma nova imagem do pensamento, instaurar um novo plano de imanência, mas em lugar de que criar novos conceitos que o ocupam, ele o povoa com outras instâncias, outras entidades poéticas e romanescas ou mesmas pictóricas e musicais” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89).

Professora-rizoma

Uma professora-rizoma escorre desde o plano de imanência de uma professora de filosofia, mas não permanece ligada a ele. Aparece figurada nos conceitos da filosofia numa figurologia que põe afecto no pensamento, quando esse reúne no conceito aquilo que a afecta. Exercitando uma Filosofia-rizoma, o que propõe não constrói sínteses entre a filosofia, a arte e as ciências. Não junta partes ou diferenças em um todo compossível. Deseja a diferença diferente na singularidade dos campos e no uso de seus instrumentos e saberes peculiares, estados afectados num convívio comum. Sem exercer hierarquia de partes, quer permitir desfazer-se das fronteiras traindo suas origens, criando o incriado. Tal um não-todo onde cada parte não se soma, apenas arrisca-se a se perder nessa condição limítrofe. Risco puro na atração de tudo isso! Impulso mortal, absurdo, de um que arrisca até o que não sabe ainda, porque não pode proceder de outro modo, no extremo de estar vivo.

Um existente que, em vários sentidos, tanto mais se afirma quanto mais se deforma, escorre, bifurca, percorre em várias direções e, nesse atletismo constante se instala instalando uma arte e, nessa ação, faz-se encarnação de uma filosofia! Qual filosofia? Uma filosofia intercessora, intercedida, aberta, rizoma e, nesse intermezzo com a arte, agencia, no interior da ciência uma outra, dela mesma, arteira, artista, bandida. Envolvida na constância de um processo mutante, essa filosofia, assim como a arte e a ciência, não permanecem desde sua origem como tal, criando múltiplas possibilidades de coexistência. O filosófico percorrendo um campo extra, esse Fora da filosofia, não faz dela um genérico, nem uma solução temporária, no serviço de remediar diferenças, com as quais ela possa se envolver. Fluxo de fluxos, o filosófico é um rizoma!

Borboleta em fuga

Como a fuga da borboleta, uma presença passa entre o conceito e aquilo que o ativa. Simples coisa que pertence despertencendo ao encontro e mostra que os atravessamentos que habitam uma aula podem povoá-la, quando percebidos, de um modo diferente. Uma aula de filosofia se confunde com a boa aula de filosofia, que tem, por fim último, uma

repetição eterna de tudo o que já foi dito de certo e errado sobre o ser, o conhecer, a ética, a estética, a política. Confunde o que tem a dizer com o que quer provocar. Uma aula de filosofia tem que ter, no seu exercício do múltiplo, a inserção do gosto pela criação.

Pode-se fazer uma aula da História da Filosofia ou com ela, usando-a numa representação que vem dessa história que exclui e é excludente, quando imobiliza o sentido e o coloca numa estrutura. Grades impostas para a interpretação! Tudo o que foi produto de épocas diferentes e que, de modos diversos, procurou entender daquilo que existe dando significado ao real poderá ainda, de um novo modo, ser experimentado. Quando se propõe idéias que não se costumam com a vida, abandona-se o cheiro, a cor, as asas da borboleta; ignoram-se as formas nas quais as latências da vida e seus pulsares se fazem!

Abandono e distância do passado, de um lado; de outro, há sempre uma teimosia que recapitula, que resiste e diz do pensamento, da sua origem, quando mostra conceitos criados pelos filósofos. Diz das controvérsias, das reavaliações do discurso das escolas, das colocações tautológicas, dos paradoxos, das lógicas que versam sobre um ser que não afirma a vida, embora afirme muitas coisas. Lembrando Nietzsche, as coisas afirmadas nem sempre conseguem ser afirmativas. Extremo estranho onde o infinito lamenta de tudo na repetição. Deslocamentos óticos desfocam uma professora das grossas vistas da normalidade. O que há à volta que revele o vivido no vôo de uma borboleta? Tudo não passa de desejo e o desejo nunca passa! Então, como não exercitar de um outro modo àquilo que distingue a filosofia distinguindo-se dela? Como não dizer da borboleta, das suas asas abertas, do seu voar feito plenitude em fuga.

Mas por que a borboleta fugiria do seu próprio vôo estando nele? A leitura de Deleuze mexe com uma professora de filosofia, movimenta sua prática, abre suas asas de borboleta. Antes um devir lagarta que se percebe em um limite excomungado através de fatores que se exercitam como obstáculo, quando definem de antemão o que é ou não é parte da filosofia. Longo esforço de aprendizado e a descoberta da vara, do atletismo, do poder de transformá-la em um instrumento de asas, em bicho ou uma coisa que voa e essa filosofia possa ser uma outra filosofia.

Adesão do conceito rizoma, que conjuga uma professora ao desejo de exercer a filosofia da diferença, propondo-a no exercício mutante dos fluxos. É necessário tirar a diferença do seu estado de maldição, tarefa da qual Deleuze se incumba, antes de estabelecer a filosofia da diferença (1988, p. 65). Fazer da diferença não o modelo, mas o espaço de abertura para o novo. “O novo, tanto em Nietzsche como em Deleuze, é aquilo que ativa o pensamento, que o força a pensar, que o impele a agir” (SCHÖPKE, 2004, p. 32).

Movimentos do gosto na singularidade

Por onde anda esse pensar fluxo, rizoma? Pobres professoras envolvidas com a filosofia, com sua permanente crise, tentando equilibrar o vôo dos conceitos nos planos que traçam! Avizinham conceitos e eles logo criam uma espécie de ponte onde um novo conceito se insinua como problema. Espreados na imanência, “o plano opera por abalos, e os conceitos prodecem por saraivadas, o personagens por solavancos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 107). E vá voar uma professora, alguém que se quer rizoma, conectar o que está sempre escapando, o que nem se preenche, já escapa de novo, trama que não é excesso nem falta numa aula de filosofia; atravessamento de encontros, capturas sem rede, recolhidos por um instrumento sem previsão, sem métodos e pressupostos, apenas abalos de uma Filosofia-rizoma...

Algo aponta para o que estava aparentemente ausente na força dos saltos investigativos, que deixaram de produzir, na sua incompletude, o espaço do múltiplo para fazer filosofia. Não se deve desprezar, conter, aquietar a força que vem do movimento do pensar, sua latência é elemento problematizador que apela na emergência mesma do problema. O que apela entre os conceitos ou o que apela o conceito? Apela por um que os atrepele, o atravesse para possibilitar uma relação com o novo, fazendo o crivo para uma nova imagem do pensamento. Melville disse que “um grande personagem romanesco deve ser um Original, um Único”, conforme citam Deleuze e Guattari (1992, p. 108). De igual modo um personagem conceitual deve se apresentar, exercitando os

conceitos, tramando com eles, com seus contornos irregulares, moldados sobre sua matéria viva.

Como despertar conceitos adormecidos não se contentando em limpar, em raspar ossos, como o faz o crítico e o historiador? Como relançá-los numa nova cena mesmo ao preço de voltá-los contra a si mesmos (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 109)? Tal professora não quer misturar coisas criando monstruosidades e deformações filosóficas, quando sobrepõe planos na busca de legitimar uma prática.

Uma personagem-rizoma criva esse conceito, corta o iluminado por várias fontes; recorta-o na horizontalidade de várias frentes; faz dele um renascido em meio à verticalidade de rio que não cessa nas correntes intermináveis de fazê-lo germinar. Faz do conceito-rizoma um estado de abertura voraz, um bruto com fome devorando a carniça, direito que o desejante se dá na busca de seu desejo, no furioso incompletamento que o conduz a isso. Alguém, sendo uma personagem, tem por tarefa aproximar um ou mais personagens conceituais que possuam o papel de manifestar os territórios, desterritorializações e reterritorializações absolutas do pensamento. Os personagens movimentam o gosto, o distribuem, nas delícias de um pensamento cuja imagem é devir. O plano em processo apresenta dobras que se articulam no gozo de uma latência entre estado de estudo e condição de leitura. Pulsamentos que envolvem quem se aproxima da filosofia e faz da diferença movimento do infinito em um processo, onde o conceito, como obra, diagnostica o inacabamento dele mesmo.

Fumaça mística nublando tudo o que, no efeito de desaprender velhas reflexões, torna possível um aprender novo, nas ruínas de uma antiga imagem do pensar. O pensar não tem forma ou modelo. Os que já produzem percorrendo trilhas na composição de seus desvios vão dizer que a pesquisa-filosofia não é uma teoria, mas algo que comunga com a arte uma zona peculiar do impensado. Trama que desestabiliza idéias feitas onde, tanto a arte como o pensamento, no estudo que está pressuposto na pesquisa, adquirem vida e descobrem ressonâncias mútuas (TADEU; CORAZZA; ZORDAN; 2004).

Plano de imanência ilimitado

Na permissão de se transformar pelo que faz ou pelo que se dispõe a fazer, um destino recorta a professora-rizoma como um produto do produto. “A filosofia inventa modos de existência ou possibilidades de vida” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 96). Tais possibilidades implicam um plano de imanência que desenvolva a potência da personagem de trabalhar com conceitos. Um rosto, um corpo, que procuram dar vida aos conceitos e já abrigam um outro, que vê através de seus olhos.

Quando um filósofo coloca nas palavras dele um problema e parece devolver algo dado, cheira a um conhecido desconforto esquecido que não tinha sido nomeado daquele modo. Numa falta completa de encarnação, ninguém se apropria de uma espécie de sentido que encontra vazios não preenchidos como os buracos no telhado; as pegadas no deserto; as trilhas sem pés; o perfume escondido do nariz; o desenho que não saiu da mão; o tato que se fez sem pele; os rotos rabiscos desdenhando paisagens; tudo ali, no exercício das zonas indiscerníveis; tudo dissonâncias, numa escrita de lacunas óbvias!

Uma escrita trágica que deixa buracos e fendas no que descreve. Uma composição escoamento se envolve com o estudo de um conceito, com a ação pedagógica de uma personagem, podendo ser percebida como uma “estética da pesquisa-filosofia [...], envolvida numa luta intrapesquisa e adota o procedimento singular de recorrer, especialmente à filosofia para mostrar à educação o modo de fugir da imagem dogmática do pensamento, sob o qual ela própria vinha operando” (TADEU; CORAZZA; ZORDAN; 2004, p. 26).

O território e a terra são dois componentes, com duas zonas de indiscernibilidade onde acontece tanto a desterritorialização do território a terra, como a reterritorialização da terra ao território. Uma personagem, no traço que a precede e a persegue, renova e, num outro sentido, retoma os traços intensivos que desterritorializam a professora de filosofia na professora-rizoma, reterritorializando o ser professora da professora; assim,

sua função pedagógica, num novo conceito, retoma o terreno filosófico numa outra perspectiva.

O devir-rizoma do personagem meio do meio

O rizoma, retirado da biologia, designa planta rasteira, que não possui raízes fundas presas ao solo. Deleuze e Guattari o tomam no sentido do que vive na superfície, em constante movimento e mudança. É fluxo! Devir da professora, das asas da borboleta, de um estado de metamorfose, de uma guerreira da filosofia, colocados num estado de poder trair tudo, inclusive uma função pedagógica, um sentido humano, uma previsão do processo. Tudo o que de antemão não quer revelar verdades, não sai de uma arborescência, não espelha um Eu-professora, embora seja desejo, nesse devir- fluxo, nessa multiplicidade do múltiplo, que percorre um retorno extremo que a faz vital.

Uma filosofia que brote do desejo, trágica! Nada que se compreenda por uma pedagogia tradicional que envolve a filosofia numa exterioridade que, estando fora desse aparelho, o revela por toda parte. Meio da dúvida, da dívida, do desejo, da rua, da casa, do centro; meio do meio e não centro naquilo que brota do conceito. Emanações trágicas, meias-metades em meio trágico, meio diluído da tragédia, estado de incompletude, de insatisfação, de inacabamento, onde a criatura criadora convoca, numa ação, três componentes inseparáveis: um mundo possível, um rosto existente e uma linguagem real ou uma fala (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 29).

Sendo a filosofia da diferença um estado de abertura, um estudo, uma interpretação, estes capturam, através de uma professora-rizoma, coisas que não vêm de um sujeito. A filosofia age sobre conceitos que, por sua vez, remetem a problemas. Aprender a pensar envolve-se com algo vivo com o problema. Tudo indica que esse personagem conceitual e o plano de imanência pressupõem um ao outro. É visto que, por vezes, o plano pressupõe o personagem, outras, o segue. O que pode elucidar que a

personagem, além de necessária, intervém, no mínimo, duas vezes na criação do conceito: na primeira, quando possuindo os dados, joga-os na mesa e mergulha no caos tirando determinações das quais vai fazer os traços diagramáticos do plano de imanência, tudo em meio ao acaso-caos. Na segunda, quando para cada dado que caído, faz corresponder os traços intensivos do conceito que vem ocupar tal ou qual posição na mesa, como se essa se fendesse de acordo com os resultados.

No entanto, o conceito é um todo fragmentário que não totaliza nada em si, mas sim nos seus componentes. Cabe então a uma professora-rizoma buscar, na crítica da imagem dogmática do pensamento, uma postura nova para pensar. Quer fazer outras coisas com a filosofia, coisas que sejam dos filósofos e coisas que não sejam. Um estudo lança os dados e, nesses movimentos do infinito, reversíveis e dobrados uns sobre os outros, faz-se, na mesma velocidade infinita, a criação de formas finitas. Da infinitude da interpretação corre o rasgo diferencial que corresponde às ordenadas intensivas que redistribuem esse movimento. Algo acontece não vindo da filosofia, numa mudança que se dirige a ela. Nessa direção, se faz devir de alguém ou em alguém sem que haja uma cifra pré-existente.

Os traçados do gosto, sapere per sapere!

Traços diagramáticos, personalísticos e intensivos, entre planos componíveis e não componíveis, entre personagens, agilizam conceitos e ora possibilitam o encontro ora não. Uma professora-rizoma dispõe, reunidos, três elementos, quando representa o gosto como a faculdade filosófica, que co-adapta e regra a criação de conceitos. O gosto é a tripla faculdade que reúne a Razão ao traçado do plano, a Imaginação à invenção dos personagens e o Entendimento à criação dos conceitos. Reúne o conceito, ainda indeterminado, ao personagem, nos limbos de um plano por fazer-se. O gosto não é uma faculdade de medida, mas sem ele nada se cria, se traça ou se inventa, nada corresponde ou sai destas três diferentes instâncias sem remeter a ele (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 101).

É devir da professora-rizoma trazer os perceptos imperceptíveis para o encontro, buscando, na oferta do gosto, algo que se encaminha ao incriado. O gosto enrosca, faz manha com o saber filosófico, dilui nele a procura que vem do conhecimento. “A livre criação de conceitos determinados precisa de um gosto do conceito indeterminado”, dizem Deleuze e Guattari (1992, p. 101). Alguém, trabalhando a filosofia, busca a situação de afectar por aquilo que é afectado. É de seu querer ofertar afecto envolvendo o conhecimento da filosofia com a criação de conceitos. Nesse desejo quer passar o amor por um conceito bem feito, entendendo esse “bem feito”, não como a moderação do conceito, mas como uma espécie de novo lance, de modulação, onde a atividade conceitual não possui limite em si mesma. “O filósofo só se aproxima do conceito indeterminado com temor e respeito, hesita muito em se lançar” (p. 103).

Fuga pelo deserto, nada se sabe do conceito antes que esse seja criado! Ninguém o determina ou sabe de antemão sua medida. E, se o plano de imanência vem a ser uma regra, o faz no compasso onde quem dança é o personagem. Nesse som e movimento, a Filosofia-rizoma age como uma teoria diferente, que é vara para saltar ou seta que estabelece algo especial aos problemas que, vindo dela, são irreduzíveis ao campo da ciência. A Filosofia-rizoma extrai um saber que problematiza as condições de sua consistência intencional e não as condições de referência das proposições extensionais, produtos da ciência.

Construcionismo e êxtase na Filosofia-rizoma

Qual conhecimento implica uma Filosofia-rizoma? Ciência e filosofia co-habitam o lugar do conhecimento, sem afirmar dele a mesma coisa, pois o “conceito de conhecimento na filosofia só tem sentido com relação a uma imagem do pensamento a que ele remete, e a um personagem conceitual de que precisa” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 107). O problema do conhecimento na filosofia não tem sentido se independe de uma solução que se coloca na própria determinação do seu conceito. O conceito, o problema e a solução são três instâncias que estão umas nas outras e,

mesmo não sendo de mesma natureza, coexistem e subsistem sem desaparecer uma na outra (p. 106).

A Filosofia-rizoma é construcionista e perspectivista perante o conhecimento. Desde Nietzsche, o conceito e a função da filosofia são alterados. Com isso deixou de haver um não-lugar para opor o conhecimento por conceitos e por construção de conceitos na experiência possível ou na intuição. Ninguém conhece nada por conceitos sem antes estabelecer uma intuição, um "sapere" instintivo quase animal, um gosto, um desejo. O conhecimento filosófico busca sua consistência sem nada querer perder do infinito; ao contrário da ciência, que procura dar referências ao caos. O plano de imanência corta o caos, o envolve com o personagem e com o conceito. Esse corte, vindo de um filósofo, é um seqüestro da sabedoria que ele põe a serviço da imanência pura, substituindo a genealogia por uma geologia (DELEUZE; GUATTARI, 1992).

Nietzsche altera o que é filosofia pelos conceitos de perspectivismo e genealogia. Outra mudança neste conceito faz Deleuze e Guattari, quando envolvem o perspectivismo no plano de imanência, relacionando o personagem genealógico ao que passa a ser geológico na operação de conceitos. Essa mudança se radicaliza numa professora de filosofia quando opera uma compreensão que revoluciona o que é pensar. O pensar que não pode mais ser visto como um fio estendido entre o sujeito e o objeto, nem uma como a revolução de um dentro do outro, mas como a relação que se faz antes e entre o território e a terra. Logo, o conhecimento filosófico que uma professora-rizoma trabalha é um salto que "é cedo demais para nele 'a tempo' se entrar e tarde demais para dele 'a tempo' se sair" (FOGEL, 2003, p. 27). Sobrevoando esse abismo e tornando afectos perceptos e os conjugando no conceito junto com outras ofertas de risco, uma professora-rizoma não escapa de andar seguindo "a linha de fuga do vôo da bruxa" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 59).

Quando se move em busca do novo, uma filosofia não cria conceitos, a não ser em função de problemas mal vistos ou mal colocados. Uma pedagogia do conceito problematiza-o, sem propor-lhe pré-valorações. Algo passa misturando experiência e alucinação numa espécie de

reencantamento do mesmo, permitindo o abraço dado no pássaro verde da parede, onde tudo é verde, no verde que interpreta, o olho pausa onde o corpo flutua e não pausa. Perceptos da literatura passeiam por uma aula de filosofia, demorando-se numa tarde onde as palavras antecipam um encontro. Alguém espia entre as frestas das cenas repetidas, e se vê com um que “disseminou sua personalidade aos quatro cantos do céu e, agora, que dificuldade encontra para reuni-la e concentrá-la!” (BAUDELAIRE, 2001, p. 19).

A lagarta tem de morrer para que nasça a borboleta. A borboleta, sendo um ser de asas, não encontra nelas senão o desejo de voar. Jogo perigoso do destino no qual o vôo pode ser sempre o último e o principal motivo pelo qual se arrisca tudo! Alguém precisa desejar desaprender os meios seguros, para assegurar-se do êxtase de um caminho de risco.

*Metamorfose 2:
afecto e estudo*

O coração do processo

Alguns discursos prendem, diz Schüler (2001), interpretando Heráclito, e fecham a passagem a outros discursos. Os conceitos, quando criados pelos filósofos, ficam vinculados à solicitude e à força de quem os criou, caracterizando aspectos perseguidos pela interpretação. A criação de um conceito é algo que acontece na vida do filósofo. Nietzsche afirma que a intuição o leva ao conceito. Mas como determinar o que é uma intuição? Talvez um atrevimento artístico mova um ensaio antes de ser ensaiado; quem sabe uma curiosidade sobre o que não se sabe mova o estudante na trilha dos conceitos, buscando o inatual de um autor, de uma teoria; quiçá, uma vaga da diferença entre as coisas postas por alguém excite o intérprete.

Alguma coisa que devora o que está proposto, o antes posto que, na interpretação, demora num sem-tempo. Delicioso prazer de ir deflorando livros, dialogando com os autores, discursando nos seus discursos. Como um intérprete, o estudante vai arrancando pedaços, algo daqui, algo dali, desse e daquele trecho, vai compondo uma linha. A linha lambida pela palavra, vibrando, gemendo, é intuição, emergência que vem da vida. Pede à palavra envolvimento, conjugação, deleite. Um determinado tom na escrita que inclua o poder de transbordar um sufocamento, de suportar o arrombo e a irrupção dele advindos. Maldição da palavra, pertencer à criação do conceito.

O afecto “remete à passagem de um estado a outro” (DELEUZE, [s.d.], p. 50). No encontro do estudante com seu estudo, como definir alguma coisa do que ainda não se sabe? Definir fugindo da indefinição que carrega o conceito mesmo da diferença. A diferença decifra, muda a ponte entre o dentro e o fora, folga a margem que conduz a idas e vindas de dentro e fora, nas trilhas ainda não trilhadas num sem-sair do lugar onde tudo é permitido. O afecto se diz do corpo como afecção (affectio) e, também, se diz do espírito como afecto (affectus). Mas, o afecto implica, antes de qualquer coisa, que algo atue tanto para o corpo como para o espírito, numa espécie de aumento ou diminuição de uma potência ativa. “Entre a afecção do corpo e a natureza do corpo”, uma interpretação é fissura do

novo do que ainda está por vir, um estado do corpo afectado que implica a presença do corpo afectante.

O Affectio e o affectus remetem “à passagem de um estado a outro, tendo em conta a variação correlativa dos corpos afetantes” (DELEUZE, [s.d.], p. 50). Seria a interpretação a diluição de um corpo num outro corpo? Seria todo corpo uma procura de affectus que o torne affectio? O estudante vaga como um fantasma na deliciosa procura de sobrevoar a forma como um autor cria seus conceitos, como ele os re- engendra colocando-os em disposição com outros autores, idéias, teorias. Forçar o pensamento buscando criações implica exorcizar delas o misterioso sentido. O que está dito, mas num sentido outro, ainda não foi apreendido. Outrem se apropria do dito. O estrangeiro que caminha o percurso marcado por outros pés faz trilha, em um andar e direção que não descobre, apenas inventa, no movimento para sua jornada. Atração de idéias, umas com as outras, formando, fazendo textos, tramas do vivido.

Às vezes já está tudo ali, mesmo se percebido ou ignorado pela criação. Poucos se abrem ou se permitem interferir pelos dotes que vêm dela. Uma impregnação de força se opera como desdenho ao incontrolável. Há uma lógica que se mostra fundadora, mãe de todas as ciências. Um limite impõe-se imperceptível no fio cortante da cultura, adaptação dos movimentos, controle do querer, esquecimento do criar. Imagens para todo lado, personagens inventados, adaptados e acostumados.

Faz-se pouca coisa infantil, como ir para um canto da casa e fazer daquilo um mundo. Fazer dos bonecos, brinquedos seus, personagens. Pouco espaço para o extremamente novo, para experimentação do agora como nada do que foi será. Existem terras estranhas, ocas, dentro do sujeito. Um sujeito habita terra oca, como caixa de sapatos, revista, papelão, armário. Tudo que perde vida pede imaginação, geme por criação. Um eu esquartejado, perdido no tempo da memória, quer um significado novo, partindo da sua intuição enclausurada, quer do despedaçamento a melhor parte. Um estudo pede sentido à sua ação, pede um encontro sem hora, um beijo sem rosto, um cheiro sem lugar, uma procura sem achado final ou chegada.

Uma teoria que construa pontes e que leve a infinitos caminhos traduzindo, como a antiga cantiga, “um ladrilhado de pedrinhas de brilhante para o meu amor passar”. Pede que o infinito seja o caminho, a morada do acaso, onde reside o anjo torto, fruto do bestial da criação. Na multiplicidade desses caminhos, atravessados, trilhados, ladrilhados e, em muitos casos, abandonados, descasos do autor com aquilo que ele fez, possa trazer à diferença algo diferente. Como uma música ressoa melhor noutro estilo, a teoria na voz do intérprete é uma outra criação. Derivação da arte naquilo que se faz matéria do artista, perseguindo sua ação criadora.

As cavernas da interpretação

A escrita quer de si o inesperado, algo como se o pensamento que interpreta a teoria seja, na sua autonomia, deformação. Sempre se aprendeu que interpretar era não deformar e sim seguir, copiar, falar conforme o autor. Mas, em Deleuze, a diferença se faz como atuação mesma de si. Uma diferença que explica a repetição como algo novo, devir, por vir; uma lógica que exige o sentido e não as regras, implicação de valores e não verdades, pontes sem as quais não há o enroscado que permite e constrói não a repetição pela repetição, mas linhas de fuga. É poder de fazer sempre algo novo do que se faz.

Uma teoria, um instrumento, ressoando em outras cabeças, dando sentido a outras formas de uso, que impliquem indefinição enquanto movimentos, que aluda em vida no modo de superfície. Que possa percorrer um lugar sem sair do tom, numa dança do pé que faz o vento, porque o vento não tem pé. O que Deleuze diz em seus textos é que os teóricos são educados por uma cultura, já os artistas das palavras, aqueles que não caem presos as malhas do que passa por aí, são os que escapam ao comumente apropriado, os que saem da redondeza de um entorno socialmente proposto para fazer sua própria trilha. Essas pessoas criativas se movem indomados numa coragem que passa pela besteira que invade o ainda novo; não perseguindo o novo, procuram o sentido.

O mundo é feito de cavernas. Todo humano habita e é habitado por cavernas, mundo estranho e estrangeiro, mundo que se coloca no vivido. Numa abertura de frestas permitidas, o humano namora escondido com o acaso. Uma morada do sentido, onde o vento assovia esperas. A vida brinca acanhada com uma infância de seus esconderijos, algo que o pensamento já não comporta, mas suporta no próprio engenho. Uma teoria mostra o atletismo das palavras como um jogo: “toda escritura comporta um atletismo” (DELEUZE, 1996, p. 12). O esforço de uma construção da escrita, morta de si tantas vezes no seu fôlego, do que não consegue alcançar, são os desejos do imaginário que viraram outra coisa. Cataclismos do inconstante, sofrimento do qual faz parte o pensar. Há sempre uma espera que, no oposto da distância, procura no exercício do problema sua melhor face. Dar um tempo no tempo que perdura para além dele, outro daquele que se esvai, marcado no relógio pendurado na parede. Dualismos que apreciava Bergson, conforme Deleuze.

O problema impõe, como um vôo suicida, o abandono da reconhecimento, da certeza das coisas feitas como terminadas ou determinadas para a ocasião. Uma seta enviada pelo inesperado invade e corta, criando uma espécie de caminho onde as marcas saem da superfície para pousar na maestria de uma frase. O infinito dança um silêncio no seu avesso como se um pedido seu permitisse ao texto alinhar palavras nas linhas que vão se montando, soltas de quem as escreve, linhas de experimentação. O real é um invento de quem o sofre e toda criação é bandida e traiçoeira: trai o sujeito, o Estado, a Igreja, a teoria, o teórico. Trai porque inventa onde devia re-inventar.

Escrita-experimentação

A fome do pescador que coloca o peixe na feira. Feito recorrente que, quando captura uma parte, perde a outra para o mercado. Logo, não se escreve por necessidade, se escreve por que algo do que se sofre e não foi dito, do tal modo que foi sofrido. Entre a contingência e a necessidade, a escrita se define pelo experimento, força de um sentido advindo da experiência. Não como algo que a antecede, mas que é parte dela,

enquanto ela é, nesse estado de ação, fome que não sacia. Sendo sempre algo que está do lado de fora, exposição da teoria, busca no autor, tudo o que aprendido, renova e renoma a carne. Tudo se traduz no corpo-texto rizoma, criando rizomas, fazendo rizomas.

A palavra que figura no texto lido é gemido do conceito, solicitando a captura doada por aquele que a engendrou. Aquilo que o autor escreve, quando angariado num novo texto, delimita um enlace que não foi dado, teor que frutifica na desenvoltura de um agora, o que perde em ares de um eterno sempre, abandonado ao jogo do acaso. Permissão da criação que foge à antecipação, sendo interpretação e filha do acaso, um afeto afetado, que implica uma teoria trabalhar um pensamento sem imagem.

Nunca se sabe o que vem depois do agora. Até a uma folha seca soprada pelo vento é permitido riscar o chão. O estudante estuda não para ser profundo no sentido de ir fundo, soterrar. Um estudo é um pedido do corpo-texto rizoma, máquina que quer crescer; sua incompletude é gerada pelo solo que geme na ebulição de idéias. Gerado por vários elementos, o rizoma é corpo-texto, corpo-affectio, corpo-affectus, corpo-água, “as criaturas vivas dos lagos azuis e das colinas castanhas, dos espíritos das plantas e dos fantasmas dos pássaros, experimentam intensidade nos mínimos gestos” (CORAZZA; TADEU; 2003, p. 114).

Refletir causa erosão, esgotamento de um preenchimento que vem de fora. Refletir tem um tempo que o estudo não tem. Quando alguém simplesmente repassa teorias, encontra o que o estudo perde: certeza e reconhecimento. O estudo surge de algo que força a pensar. Quando a apreciação de alguém estuda, descolada da repetição, faz de si a diferença gerada pela indefinição. O pesquisado de quem estuda não é um para si que permanece desde si. Essa matéria colhida no estudo é sempre uma indeterminação, uma diferença que não é indiferente a quem estuda; o estudo modifica a própria análise e quem estuda. É diluição de algo dado; o Fora sendo Fora não tem nada previsto, é efeito de uma força que não é dele, nem derivação de quem estuda e, sim, movimento da superfície, onde nada permanece o mesmo no encontro do sentido.

A inconstância, a incerteza e a indeterminação forçam o estudo; forçam o pensar. É costume dizer: “vou estudar tal coisa”! O estudo é uma seta que voa em direção ao inesperado, sem ser possível que a apreensão da teoria se esgote nela mesma, por recapitulação. O estudo organizado tem tempo, tem demora. Na recapitulação, o problema está proposto e a resposta tem que ser a descoberta que espera acontecer. No estudo o problema é inventado, é criado e não se sabe o tempo que levará para ser resolvido.

Esse esboço conceitual, enquanto metamorfose, que metamorfoseia quem estuda, adquire um tempo e uma velocidade que lhe são próprias, sendo indiferente ao estudo e a quem estuda o recorte da finalidade. A deformação do estudo é impossível de ser doada, senão como linhas, que lhe pertencem despertando, pois elas não compõem, de antemão, possibilidades de contágio e contato com o ainda não criado. A especulação se modifica pelo Fora, ainda que não caiba a algo de fora defini-la como o estudo. Numa Filosofia-rizoma onde o pensar é criar o inesperado, o devir, o por vir, o pensamento está relacionado à arte e não ao conhecimento.

Anti-modelo da recongnição

O pensamento, base das teorias racionalistas e idealistas, entendido como indefinição, sem disposição para a verdade, sem acordo com o bom senso ou senso comum, muda ou acaba com aquela história de que o sujeito existe porque pensa. Produz, na possibilidade de uma teoria sobre o pensar, uma total síntese do desconhecimento. Não há imagem nenhuma anterior, onde o pensamento possa se refletir. Nada existe antes do pensamento, senão o sentido que força isso. Essa teoria, sendo um anti-modelo da recongnição, possibilita ao pensamento operar com o acaso, onde se costumava apenas operar com a ordem. O pensamento mergulha no caos, trabalha com o inesperado, com a desordem e com caos; criar é um caso de cosmos/caos.

Pontes, teorias, estudos, varas que saltam. A produção de um estudo se dá no esforço de uma construção teórica, ponte entre o dentro e o Fora, perseguindo o melhor acesso. Embora a delícia more na demora que o estudo provoca, é na intuição que se faz dobra, e esta cria linhas em outras dobras, que, em outras linhas, se multiplicam. O estudo manobra quem estuda; essa imprevisível captura é mais que o aprender da teoria, é o aprender da vida, sobrevôo da vara riscando o infinito.

O estudante e o estudioso

Traçando coisas e idéias daqui e dali, um estudo constrói uma linha escrita, virando texto, texto tecendo, trama composta, acontecendo rastro, rondando algo que ainda não se sabe o quê. Acontecimento acontecendo. As melhores traduções estão sempre por vir, os melhores dizeres de um dito são sempre as esperas do novo, por vir- texto. É o estudo do estudante que adquire uma outra velocidade, sem sujeito. Até porque ser estudioso e estar estudando são duas coisas diferentes. O ser estudioso é uma qualidade adquirida por um processo formal, experiência comprometida com valores, consciência, cultura.

O estar estudante, como diluição do affectio no affectus, é caverna desterritorializada, alerta de um que estranha e, no vazar da incerteza que quer pontes para transbordar, transformar, abrir fendas, criar linhas, ser de si uma outra coisa. A diferença entre ser estudioso e estar estudante é que um é perda onde o outro é fixação. O estudioso é aquele que repete para ter certeza de que aprendeu; o estudante é aquele que procura o sentido do que aprendeu.

Deleuze mostra respeito por todos os autores que interpreta, mesmo quando se opõe a eles. Já tendo sustentado que o estudo é metamorfose e o estudante um mutante, este texto acaba mostrando a transformação da teoria de Nietzsche por Deleuze, a deformação deste último da teoria da diferença do primeiro.

Quando Nietzsche coloca a diferença como uma crítica da representação numa perspectiva moral, destrói a transcendência para afirmar uma moral positiva da imanência. Mas, em Deleuze, essa crítica não se esgota e, mais que isso, frutifica sem permanecer uma diferença indiferente aos apelos de seu fundador. A metafísica cai por terra através de uma crítica transformada, por uma intuição que advém da leitura que Deleuze faz de Bergson. A diferença é buscada numa abordagem ontológica, ampliando sua proposição primeira, numa perspectiva moral. O pensamento é possível porque, antes de pensar, não se sabe o que o pensamento é.

Essa indeterminação força a intuição a criar, a dar sentido ao encontro entre o indefinido e a criação. Os conceitos de intuição, duração e memória permitem uma peculiar construção da diferença que debulha a imagem dogmática do pensamento num plano mais amplo. Outros autores são buscados, transformados e vividos, são vassouras de bruxa, filho pelas costas, criaturas e monstros, são possibilidades da interpretação, são metamorfoses do autor. Forças dentro de uma teoria que não pretende a destruição da imagem do pensamento dogmático, de modo a ser uma crítica pela crítica. Quer uma outra possibilidade de afirmar, de criar, de fazer filosofia, ou outro modo de, na filosofia, buscar o sentido da vida. Morar na filosofia rimando amor e dor.

Filosofia-rizoma na superfície

A janela estava aberta, as persianas puxadas, uma lua enorme refletida no quadro da parede iluminava os livros. Composição que formava com a estante um único tom que não era amarelo e sim lunar. Uma disposição para o completo abandono na clausura do estudo, fundo sem-fim da caverna. O segredo está na superfície. Um paradoxo se reflete em algo que está do lado de fora e pode, ao mesmo tempo, segredar, esconder alguma coisa. Quem faz filosofia, trabalha a filosofia, estuda filosofia, precisa dizer da filosofia o que ela é? Tanto se escreve e escreveu para dizer o que é filosofia, num utilitarismo que se serve e, como tal, é servido nas bandejas que buscam a melhor definição.

Perceber as coisas por fora mostra que tudo é diferente visto de perto. Deleuze se preocupou em explicar o começo da filosofia. Da onde ela vem? O que ela é? Porque um pressuposto é uma espécie de assentamento, não de sem-terra ou sem-teto, mas assentamento de idéias. Desde Platão, a filosofia assentou-se na convicção da doutrina das idéias desse filósofo, num mundo lunar. De lá para cá surgiram muitos filósofos-problemas, aqueles que discutem e não conseguem descolar da discussão, criar algo de novo; de cá para lá, surgiram muitos problemas dos filósofos, temas que ainda hoje conduzem debates, buscam soluções.

Os mesmos ainda, mas deslocados da origem, da tradição, tal como os assentamentos sociais, descolam da sua base institucional, são nômades, não estão na ordem do velho, porque o que não está resolvido é sempre atual. Não são, também, da ordem do novo, uma vez que já estavam lá. Ainda que partam de um novo topos, colocando sob novas perspectivas o que havia sido proposto, os problemas são sempre a percepção de alguém ou de algo incômodo que não necessariamente quer se acomodar.

A filosofia não é um problema que não assentou, como algo que não sentou bem. Os filósofos sempre se preocuparam com o pensamento, criaram conceitos para definir o que ela é, e esses conceitos recaíram sobre a própria filosofia, sobre a sua definição. O pensar a filosofia transborda determinadas fixações onde se pretende de antemão defini-la. Sempre algo empírico ronda o conceito de filosofia, antes que ela venha a ser problematizada, antes que o livro seja aberto, que a história seja contada, que o conceito mesmo seja re-visitado. Mostra que o aparentemente regular é palco de infinitas variações e, como a vida é o solo do devir, a filosofia, para se exercer como filosofia, difere, com todo o seu direito, como o vir-a-ser da diferença.

Dados do acaso na regularidade

Os dados, quando lançados, diz Nietzsche, nunca caem do mesmo modo. Deleuze consegue fazer da singularidade e da repetição partes, momentos da diferença. Quando se tenta entender como o pensamento age ou como ele constrói a modo de regularidade a reflexão lógica, se encaminha uma teoria do conhecimento. Mas uma Filosofia-rizoma da diferença não seria a construção de uma teoria do desconhecimento? Seria uma teoria que concede ao pensamento a abertura do incognoscível, do que não pode ser conhecido?

O dia-a-dia de cada um, de estranha maneira, predispõe regularidades, constrói a crença, cria a teia, a tela, o palco onde se pretende, como num filme, ver por imagens a vida passar. A cultura nos adapta; essa adequação constrói certezas, inexploradas senão pelo acaso. Regularidades, o horóscopo no jornal, o sapato que perde o salto, a sensação de estômago vazio depois do café, descompasso no compasso, marcando um dia. As coisas sempre iguais permitem reconhecer que o tempo passa, porque elas se repetem. Um desprezo pelo inesperado mostra que não se sabe lidar com os dados do acaso. Inquieta que repetir, re-fazer, re-fletir seja uma liberdade que a todos prende.

Da determinação do indeterminado

A criação pede uma ausência entre os pressupostos, deseja algo indefinido entre seus traços. Deuses sem pedestal aguardam, na infinitude, o destino de tornarem-se humanos; um abismo indiferenciado, o nada negro, animal indeterminado e, também, o nada branco, superfície onde flutuam determinações não-ligadas, membros esparsos, cabeças sem tronco, braços sem ombros, olhos sem fonte. O indeterminado é totalmente indiferente, diz Deleuze, embora as determinações por onde ele flutua não sejam indiferentes umas às outras. "Seria a diferença um intermediário entre

esses dois extremos ou não? Ela seria um único extremo, o único momento da presença ou da precisão?" (1988, p. 63).

Possuindo, a diferença, esse estado onde se pode falar "d'A determinação", por um lado, quando está entre duas coisas, é empírica e as determinações que lhe correspondem são extrínsecas; por outro lado, quando se distingue de uma outra coisa e essa coisa que se distingue é aquilo que a distingue, sem que a distinção saia daí de onde a diferença se mostra, como o fundo que sobe à tona, sem deixar de ser fundo. Lado de fora da casa que se faz em função de haver uma fechadura.

O problema, na determinação da diferença, é como estabelecê-la sem torná-la, na dissolução do diferente, uma forma pura, vazia. Como dar ao fundo uma existência autônoma, sem que esse seja somente a distinção daquilo que reflete? Há uma antecipação em querer capturar o mundo pela forma, herança platônica, querer descrever a viagem pelo roteiro, resquícios que vêm também de Aristóteles e resultam num procedimento lógico que despreza o efeito em nome da causa.

Algo persuade no apelo do racional e não permite perceber que a forma que se reflete no fundo não é mais forma, mas uma linha abstrata, das perfumarias do que atinge a alma. O fundo exposto à superfície, o rosto humano decomposto na imagem do espelho, o indeterminado e as determinações coincidindo numa só determinação pretendem estabelecer a diferença. Essa diferença, forçada a estabelecer uma relação unilateral e precisa com o indeterminado, cria monstros. Seu pecado é fazer com que o fundo dissolva as formas.

Perspectivismo e perigo no estudo

Não existe nada fora do solo em que se pisa. Ao abandonar-se ao estudo, "o estudante renunciou a tudo o que poderia torná-lo seguro, enfrentando o perigo" (LARROSA, 2003, p. 43). Nenhuma verdade antecede o estudo

do estudante. O estudo não é um suplício do que vem de Fora, do que constitui a realidade do estudante. O estudo é a busca do sentido para o que se coloca como realidade. Algo que não se realiza a partir um dado ponto, nem mesmo remete à reformulação. O estudo não é a realidade do estudante, o estudo é no vivido a busca do sentido que passa no por vir. Participando da imanência, algo ronda o estudo, espaço movediço que força o estudar numa direção que extrapola o traço prévio. Não há regra nem método, quando se busca uma percepção que colorindo a teoria faça algo novo, onde já não há modelos. Contudo, existem impossibilidades práticas e “o estudante, para estudar, precisa encontrar um lugar para se perder” (LARROSA, 2003, p. 49).

A impossibilidade, colocada por Nietzsche, de uma teoria do conhecimento mostra de que lugar se fala da diferença para, depois, dizer o que ela é. O conhecimento surge da relação de alguém com alguma coisa, o que sugere um relativismo temido, desde Platão. A noção de perspectiva sugere uma transformação ou deformação do objeto em função da posição do sujeito. Essa dimensão implica que haja um recorte ou uma delimitação de um campo de saber, opondo-se a um conhecimento global ou ilimitado, uma vez que fixa o observador a uma determinada posição, excluindo, por definição, todas as demais. A perspectiva conota uma analogia entre conhecimento e visão, algo já proposto em Platão na alegoria da caverna e em Aristóteles na *Metafísica*. Entretanto, se a tradição sublimava o caráter intelectual da visão, Nietzsche, ao contrário, privilegia o seu caráter espacial e determinado (ROCHA, 2003).

Revelando o obscuro

Tanto Platão como Aristóteles pedem, através do ponto de vista de uma proposição, uma base para o conhecimento. Ambas as teorias supõem que esse ponto de vista é, na sua proposição, um campo de visão e, quando excluem o próprio ponto que o torna possível, subjagam o órgão ou o instrumento responsável dessa ação, em um lugar no espaço e no

tempo. Em outras palavras, tanto um quanto o outro ocultam, na mesma medida em que revelam, o dado provisório da proposição (ROCHA, 2003).

Como observador, o estudante pode ocupar diferentes posições, possuir diversas apreensões do mesmo objeto, sendo que uma operação dada no lugar e no tempo exclui qualquer pretensão de síntese ou totalidade. O que acaba por excluir, na abrangência da definição, um ponto exclusivo, ou seja, o lugar do sujeito. A relação dada por um campo de visão torna-se algo que foge a esse campo. Quando algo é percebido por uma visão efetiva, um campo escapa como permanência, como algo que fosse próprio ao olhar.

Logo, a noção de perspectiva conduz à transformação ou deformação do objeto, em função da posição do sujeito. Nietzsche se apropria desse termo “perspectiva” para destacar a conformação do objeto à visão do sujeito, em função de como se caracteriza, nesse último, o aparelho cognitivo. Por fim, a noção de perspectiva leva à idéia de pluralidade ou de multiplicidade de pontos de vista. Essa pluralidade e multiplicidade não se conjugam e não constituem um único conjunto, porque envolvem perspectivas contraditórias. É impossível uma proceder à outra como uma soma. O caráter determinado de toda perspectiva leva à exclusão da possibilidade de um conhecimento ilimitado e à exclusão por sua multiplicidade da própria síntese.

Essa relatividade do conhecimento se mostra tanto na sua coexistência com outras formas possíveis de apreensão do mundo, como na total ausência de um ponto de vista absoluto. A apreensão do mundo se estabelece como resultante de uma relação com aquele que conhece. Quando se suprime essa relação, se suprime, no conjunto, uma ordenação que a institui.

O mundo destituído de fundamento

As coisas tornam-se conhecidas porque a reflexão atribui a elas propriedades, medidas que não são as coisas. Pertence às coisas uma exterioridade que a razão não pode reivindicar. Quando se estuda tendo o conhecimento das coisas atrelado a uma analogia com a visão, mostra-se um equívoco que não sustenta essa relação, pois se, por um lado, o sujeito e o objeto preexistem a ela, por outro, lhe subsistem. O olho será sempre exterior ao objeto, ainda que o homem não seja exterior ao mundo. Não há um único ângulo, uma totalidade e, sim, diversos ângulos, sob os quais podem assistir reunidas, diferentes imagens que representam o objeto. Não há um ponto de vista que não esteja condicionado pelo espaço e pelo tempo, assim como não existe uma razão incondicionada ou um eu metafísico.

Essa ausência de um ponto de vista único mostra que a existência mesma é perspectivista. O estudo é do estudante; corpo afetado, genitália, criação, sentido do seu conhecimento, a "única distração do estudante" (LARROSA, 2003, p. 41). Não existe nada Fora dali que se possa almejar, como um outro a algo de si ou algo que possa ser adquirido. A pele é a superfície do estudo. De onde se conclui que não existe coisa em si, uma vez que nenhum conhecimento é absoluto. Não só o conhecimento, mas, também, a existência e o mundo são perspectivistas. Daí Marques dizer que a filosofia do conhecimento de Nietzsche "assenta na transmutação do uso dos conceitos, alargando o elemento regulador a toda esfera do conceitual. O valor desse uso representa uma perspectiva superior em relação a um uso somente objetivante que relativiza a ficção como tal" (2003, p. 91).

O mundo é destituído de fundamento. Quando anuncia o caráter desprovido de sentido e de fundamento do mundo e da existência e instaura uma doutrina da imanência que nega a possibilidade da existência da coisa em si, Nietzsche afirma a possibilidade de que o conhecimento se dê pela diversidade, pela diferença, e não pela identidade. Isso não aproxima o perspectivismo como uma doutrina da imanência da representação. A negação da coisa em si impossibilita a distinção entre sujeito e objeto e, por conseqüência, impossibilita a representação. O fato de esta filosofia considerar que a existência não depende do conhecimento não a torna um realismo ontológico e nem

mesmo um idealismo epistemológico, uma vez que nada existe para o homem que não seja dado à sua consciência. Deve-se considerar que, tanto o realismo como o empirismo, separam conhecimento e mundo, sujeito e objeto. "Nietzsche mostra que, tiradas as perspectivas, não sobra nada de permanente, nada pode ser denominado enquanto coisa" (ROCHA, 2003, p. 34).

A realidade não existe para além do ato de interpretar, ela se situa enquanto realidade na interpretação, o que acaba não permitindo a interpretação fundamentar a si mesma. Pode até existir alguma coisa para além das interpretações, mas esse além será sempre algo que o estudo do estudante não pode conhecer. Nietzsche contribui dizendo que é na vida humana que surgem todas as formas de conhecimento de que alguém pode dispor. O erro da filosofia, para esse filósofo, "foi ter colocado na lógica o critério de verdade e de realidade" (MARTON, 2000, p. 201).

Deleuze, leitor de Nietzsche, não pode permitir que a verdade venha a ser adequação à lógica, simplesmente. Com isso conclui, com Nietzsche, que não pode haver uma teoria do conhecimento, porque não se pode dispor de um ponto de vista exterior à razão para empreender a investigação, embora não recuse uma ontologia. Será na sua leitura de Bergson que Deleuze fará da diferença uma marca na dinâmica real do ser (HARDT, 1996, p. 27). O mundo, assim como o pensamento, é uma imagem em movimento. Mas ocorre que, se nada precede a possibilidade do pensamento, uma investigação sobre o real, rejeita uma instância extra-perspectivista que possa fundamentar o mundo. O exercício da diferença não permite finalidade prévia ao ato do conhecimento, não há nada pré-condicionado. Quando Nietzsche exclui a ontologia e diz que o mundo é algo sem sentido, diz da finalidade ou do fundamento do que existe. Uma ontologia inteiramente imanente só é possível se sustentada negativamente.

O mundo não tem ser e não dispõe de um outro mundo para fundamentá-lo ou dotá-lo de sentido, pois não existe nada no ser que possibilite subtraí-lo ao movimento do devir. Mas, não tendo o mundo finalidade, também não falta nele um ponto de vista que possa dar-lhe um fim ou fundamento.

Mais que isso, nessa concepção não há uma unidade no mundo porque não há uma consciência que, na sua totalidade, possa pensá-lo.

A concepção nietzschiana alinha-se a uma Filosofia-rizoma sob uma forma de conjugação ou exploração de conceitos comuns entre autores. A leitura deleuziana de Nietzsche é perspectivista e, como qualquer outra interpretação, é também um transformismo. O ponto de vista do qual Deleuze parte é impuro, mistura outros autores e não pretende dizer de Nietzsche, mas sim dizer com Nietzsche. Nessa permissão reformula pontos dessa teoria, informa, deforma, descreve, reescreve, na legitimidade de quem se faz um afecto-afectado pelo que se apropria. Dirá Hardt que "Nietzsche dá a Deleuze os meios de explorar o verdadeiro ser do devir e a organização positiva da multiplicidade atual" (1996, p. 55).

A mudança operada por Nietzsche, num movimento que vai do mundo da lógica para o mundo dos valores, permite a tradução de uma ontologia negativa em positiva, o que Deleuze realiza apoiado na leitura da metafísica materialista de Bergson. Sob essa influência, fará da intuição um método rigoroso e, ao mesmo tempo, permitirá ao estudo da filosofia a possibilidade de ser uma interpretação individual e múltipla. A intuição violenta o pensamento, força-o a pensar. É um elemento genético no estudo do estudante e na teoria do autor que persegue, pois a forma como Bergson problematiza a intuição atravessa toda a obra de Deleuze.

Revela-se numa Filosofia-rizoma que "a intuição não se realizará antes de percorrer uma multiplicidade qualitativa e virtual. Toda uma pluralidade de acepções, de pontos de vista irreduzíveis deverá preparar o espírito para o ato de simples apreensão direta de uma essência. Não são pontos de vista que recompõem um objeto, mas pontos de vista múltiplos que nos fazem transcender e ultrapassar o próprio dado" (SCHÖPKE, 2004, p. 106).

Estudo sem imagem

O estudo da filosofia move o estudante, força-o em direção ao inatural. Quer que o estudo seja encontro do sentido, sem querelas de um já dito que antecipe como interpretação. Deleuze (1988), quando explora um capítulo de sua tese intitulado "A imagem do pensamento", diz que é desafiador falar em filosofia quando se relaciona o pensamento a uma ação formalmente constituída. A filosofia, diferindo da ciência, que trabalha com pressupostos sempre objetivos, integra na sua atividade pressupostos tanto objetivos como subjetivos. Os pressupostos objetivos são aqueles que se explicitam no conceito, já os subjetivos são de outra espécie e envolvem um sentimento que não é capturado pelo conceito.

Quando se fala no "eu", no pensar e no ser, fica suposto que, para todo mundo, o que eles significam é a mesma coisa. Então, como se falar do sentido das coisas, se, desde Descartes, fica subentendida a possibilidade de que exista um "eu" puro vinculado a um "eu penso" como "aparência de começo, apenas porque remete todos os seus pressupostos ao eu empírico" (DELEUZE, 1988, p. 214)? Alguém estuda um conceito, mas não encontra nele, necessariamente, a emergência affectante de seu criador. Não existe um disfarce no conceito daquilo que ele é, daquele que o inventou. O personagem criva o conceito e não um "eu". Hegel preocupou-se em dar uma espécie de sobrevida ao conceito, mas acabou fazendo uma crítica a Descartes, que procede do mesmo modo, forçando um começo à custa de um eu empírico sensível e concreto. Quando dá o caráter de absoluto ao conceito, troca os pressupostos objetivos pelos subjetivos, invocando uma compreensão pré-ontológica do ser.

O problema desses pressupostos subjetivos é que eles tornam implícito um significado para o pensar que salva, no próprio discurso, sua verdade essencial. Deleuze, assim como fez Nietzsche, critica o discurso que afirma: "toda a gente sabe, ninguém pode negar, é a forma da representação e o discurso do representante" (1988, p. 216), mostrando que é inválido assegurar um começo com pressupostos implícitos e subjetivos, nos quais a filosofia se inocenta no discurso que a gera, sem discutir o que fundamenta essa verdade. Se entendida desse modo, a filosofia pode se acompanhar de qualquer um, de um idiota, de um homem sem pressupostos; afinal,

sendo ela uma forma de pensar natural pode, portanto, permitir que seu começo se dê sob qualquer conjuntura.

Mas o estudante queria sustentar o motivo de seu estudo por outras vias. Uma impotência para o pensar se afirma derivada de uma forma de compreensão, onde o pensamento é colocado numa dupla dimensão, dando à subjetividade e à objetividade um caráter insustentável. Essa forma fundamenta ambas as dimensões e as estabelece no preconceito de que, através do senso comum, todo mundo saiba o que significa pensar. Mas o que quer um que estuda?

Não basta uma boa vontade para sustentar a representação. Um estudo de filosofia que se inicie pensando a natureza e o conceito do verdadeiro como começo a impossibilita. Acaba em redundâncias sobre uma verdade sem buscar seu sentido. Um que pesquisa, vê passar um barquinho no vidro do quadro da parede, refletindo, no conjunto, o colorido dos livros na estante. O movimento se mostra nas coisas imóveis; na superfície aparentemente inerte, tudo se agita e alguém que não quer se deixar representar entra em desespero! Esse já não pode mais se reconhecer nem nos pressupostos objetivos dados pela cultura de seu tempo, nem nos pressupostos subjetivos que sustentam certa natureza dada, espontaneamente, no pensamento.

O pensamento mutila a vida

O Nietzsche e a filosofia (1986) sobre a mesa. O vento fazia barulho desfolhando a capa de um livro, enquanto o estudante lia que o pensamento e a vida são uma unidade complexa, em que os modos de vida inspiram maneiras de pensar e os modos de pensar criam maneiras de viver. A leitura rachava sua pele, o estremecia, como se as idéias o atordoassem como o vento. Uma concepção competente salientando que a vida força o pensamento, lhe ativa e, por conseqüência, o pensamento força à vida, formando uma unidade na qual reside uma interpretação pré-socrática que ficou esquecida.

Uns antigos professores, alguns simpáticos outros perversos, passam pela memória do estudante formando uma cena onde a filosofia recorre a modelos, na entoação de um pensamento que mutila a vida, uma teorização que se prende ao ideal da sensatez. O estudante deseja algo que, na sua intuição, contemple a vida, não o lado bom, mas o que acontece advindo do estar vivo, possibilidade de a vida desferrar o pensamento e promover, nesse encontro, o que ainda não veio, seja possibilidade de escolha entre a mediocridade e a loucura. Educado em meio a tantas más vontades, provenientes de uma impotência para pensar atribuída ao pensamento, o que se instrui começa a entender que o pensar sobre o pensar não revela um começo. Nessa sua atividade, entende que o pensar, nem como ação se repete. Ele é um indefectível intuído na colheita do inatingível. É obra do acaso, devir do pensamento, força e indefinição.

Despindo máscaras

A captura do acaso vem desde os primórdios da filosofia. Mas o que o estudante aprendeu sobre o acaso sempre fez dele algo desprezível. Entre as forças do caos e as forças do cosmos, exercia-se uma batalha onde as forças da ordem cósmica sempre eram as vencedoras. Ah, os velhos professores de filosofia! De repente, aparecem nessas linhas compondo imagens. Falavam pouco dos pré-socráticos, mas diziam que esses já entendiam a filosofia como força. Ocultavam que essa força encobria uma lei ou se cobria de forças pré-existentes. Ignoravam Nietzsche, podendo esconder que essa força, nascida na Grécia, se disfarçou para sobreviver.

Com certeza aqueles professores acreditavam no seu discurso. Punham fé nele e numa filosofia na qual o filósofo, no porte das forças que o precederam, vestiu a máscara de sacerdote. Isso tornou a interpretação do início da filosofia algo meio confuso para todos os que se aproximaram dela. O sábio, virtuoso, acético, escondido de trás dessa máscara, nada revelava sobre a solidão e a sensualidade que cabe ao humano. A filosofia como atividade se desenvolveu presa a essa máscara. O pensamento, em

vez de se valer de uma unidade, onde a vida ativa e o pensamento afirmativo cooperam, passou à tarefa de julgar a vida, de lhe opor valores superiores, de medir esses valores, limitando-os (DELEUZE, 1996).

Parecia-lhe meio constrangedor, mesmo sendo na memória, tirar a máscara dos seus professores para entender de um outro modo o que eles faziam em nome da filosofia. Sem censuras a quaisquer compreensões! Mas Deleuze (1988), na sua leitura de Nietzsche, vai dizer que, de modo quase imperceptível, atenuado pela cultura, foi triunfando na filosofia a idéia de que todo mundo sabe o que significa pensar. Não apenas o pensar, mas também o ser e o eu são conceitos que se tornaram reconhecidos na forma da representação ou da reconhecimento. Isso fez do filósofo não apenas um estudioso de filosofia, mas o amigo da sabedoria, o amigo da verdade.

Daí aquele ar de quem esconde um trunfo, na postura dos professores. No seu conluio com a verdade a propunham como uma forma que possuía uma matéria pura, um elemento, que consistia em pura crença e apontava, no entender deles, para uma faculdade do pensamento, como um exercício natural que os levava ao encontro dessa verdade. Salvaguardados nessa crença da verdade, faziam do verdadeiro uma vicissitude de um duplo aspecto em que a sabedoria filosófica vinha tanto de uma boa vontade para pensar a verdade, quanto de uma retidão do pensamento que lhe é própria.

O estudante via necessário desfazer-se dessas imagens, que também eram suas, pois foi educado através delas. Estudar Deleuze o acometia de uma indigência, desfazer-se da reconhecimento. Demolir anos de aprendizado sobre o pensamento da tradição para permitir vazar os fluxos de uma Filosofia-rizoma no seu processo de metamorfose. Não era desfazer-se de uma História da Filosofia e de todos os filósofos que passeiam por ela, não era rescindir com os filósofos que estudou. A coisa era compreender de um outro modo o pensar, desfazendo-se de determinados postulados que o condicionaram.

Pedaço a pedaço pesquisar um novo pensar ou para permitir o novo no pensamento fazendo estilhaçar uma compreensão repleta de efeitos da representação. Tirar a máscara daqueles que o educaram era tirar a própria máscara; quebrar com os princípios deles consistia em auto-flagelo. Abrir os seixos apertados era deformar uma verdade figurada sobre um pensar que, pautado pelo princípio da cogitatio universalis ou na concepção de que tudo o que existe, compõem, vinculada ao senso comum uma natureza reta e a uma boa vontade, uma imagem formadora da representação.

Nietzsche já presenteara a humanidade com sua crítica radical à representação. Deleuze, degustando seu bocado, aponta que não diz respeito à filosofia que o bom senso a anteceda; muito pelo contrário, é um preconceito limitado do pensamento entender que “o bom senso é a coisa do mundo melhor repartida” (1988, p. 18).

Envolto em suas reminiscências, o estudante passa a esclarecer, nesse processo incômodo de derrubada, que um postulado não é uma proposição concedida por um filósofo, mas, antes, um conjunto de proposições, temas, que tornam implícitos os aspectos pré-filosóficos. Importa saber quando se estuda sobre uma imagem do pensamento fundada conceitualmente, como pressuposto implícito no pré-filosófico e natural, advinda exclusivamente do senso comum; aceita-se dela que o verdadeiro seja uma afinidade do pensamento. Essa disposição do senso comum, formal e materialmente, fixa o verdadeiro. Acomoda uma interpretação que nada diz do indeterminado ou da indeterminação. Essa imagem antecipa, no que interpreta, uma realidade mascarada, da qual a verdade é a expressão de uma vontade.

Desejo incondicionado no pensamento

Apavora o estudante que tal imagem falsa, fundada sob essa condição, determine que todo mundo saiba o que é pensar, colocando à disposição de qualquer um o direito de prejulgar tudo. Como ir à busca do inaudito

num pensamento que não deixa nada de Fora dele, numa imagem que inclui tanto o sujeito como o objeto? Que tal imagem dogmática distribui o que cabe a um e outro, ao ser e ao ente, recorrendo à ortodoxia e à moral. Fazendo um reenvio da crítica nietzschiana, Deleuze mostra que tanto os racionalistas como os empiristas aceitam o pressuposto subjetivo implicado numa moral que sustenta tal imagem no conjunto de suas filosofias. Ambas, embora sendo divergentes linhas de pensamento, a mantêm, no cardado de vários traços ligados a uma reflexão que explicita conceitos que reagem a ela, sem revertê-la.

Pobre estudante, não quer ficar limitado pela moral enquanto pressuposto subjetivo, mas é persuadido sobre o Bem por essa adversária quase inatingível. Pobre moço, tendo sua ação circunscrita, ainda tenta adequar o pensamento à boa natureza, faz-se bom moço, portador de uma boa vontade, de uma disposição invejável para o verdadeiro, mas nada cria. Como ficar livre de tudo isso? Revendo a crítica radical de Nietzsche, que alivia a filosofia de pressupostos de qualquer espécie? Penetrando as anotações de Deleuze, onde este mostra que a filosofia uma vez que está apoiada numa imagem moral do pensamento, encontra sua diferença ou verdadeiro começo, não numa imagem pré-filosófica, mas na luta contra essa imagem? Tonto o estudante se vê em busca do não pensado no pensamento, de uma não-filosofia possível, na autenticidade de uma repetição que se faça como o pensamento do irreal.

Liberdade para o pensar! Pedido de quem estuda, de quem deseja um estado de fluxo constante, vigorando a força do estudar. Mas uma outra barreira se impõe, se referindo ao “ideal do senso comum”. Deve-se a Descartes uma imagem que se erige sobre o pensamento, reunindo-o à boa natureza e à afinidade com o verdadeiro, como fato ou forma natural.

De onde procederia a natureza do verdadeiro, essa disposição não mostra. Nem sequer revela como o que é de fato reencontra o que é de direito no pensamento, sem recorrer a uma outra ordem. Pondera o estudante sobre como foi se instalando através do pensamento cartesiano a determinação do pensamento puro, que possibilita o bom senso e o

senso comum. Essa imagem combina, na sua armação, um direito adquirido na pressuposição de uma repartição entre o empírico e o transcendental, ou por uma verdade que fundamenta o empírico, pelo modelo transcendental.

Do modelo transcendental, projeta-se o modelo da reconhecimento, em que todas as faculdades que envolvem um objeto suposto doam a ele uma prévia condição. Coisas que supõem a apetência de um estudioso em repetir, decorar, sublinhar o que já foi dito por um outro, redizer o dito, fazer citação. Total tédio do estudante!

Descompondo a reconhecimento

Um que meio aos livros faz do desconhecimento, estudo, e nesse ato, quer fazer coisas novas com os conceitos filosóficos, sem recolher deles uma sabedoria banal. Como interpretar e propor, no estudo do conceito, uma diluição total que o renove não em algo dado, mas o ative na inconstância do por vir? Estudar não é debruçar-se sobre o que alguém já sabe ou o que simplesmente todos irão, mais dia menos dia, saber? Os conceitos estão nos livros e os livros à disposição de qualquer um. Todos podem repetir o que disseram Platão e Aristóteles, mas o mesmo não se dá com Deleuze e Nietzsche! Falar através deles implica irrupções profundas que não se sabe por onde começam, sabe-se apenas que o dentro e o Fora se tornam imperceptíveis e o “eu penso” um desconhecido. Tudo está na superfície e é nela que o pensar funciona. Se há um começo para o pensar ou para fazer filosofia, esse, certamente, não tem início na reconhecimento!

A reconhecimento pode sustentar que cada faculdade tenha seus dados particulares, estilo e particularidades; pode, ainda, reconhecer no objeto o idêntico, entendendo, esse último, como aquele que refere diretamente a ela, sob a forma de identidade. Mas ela mesma, nada mais é que a exigência do princípio subjetivo que colabora com tais faculdades. Sob a forma de para “todo mundo”, ela sugere uma confirmação diretamente dada pelo senso comum ou por uma concórdia facultatum.

Pensar o novo através do estudo não tem nada a ver com o Cogito. Esse tem começo deduzido da forma da identidade do objeto, em conjunto com a unidade do sujeito. Tal unidade se fundamenta remetendo a todas as outras faculdades como modos ou formas, refletidas numa identidade subjetiva, a do sujeito. O conceito filosófico fica banido da possibilidade de ser encarnado por uma emoção trágica, caótica, artística, pressupondo-se que o senso comum lhe garante a clareza e vice-versa. O estudar fica reduzido a descobrir, desvendar o que estava lá esperando por um eu.

Ora, tanto em Descartes como em Kant foi se indicando que “é a identidade do Eu no Eu penso, que funda a concordância de todas as faculdades e, seu acordo, na forma de um objeto suposto como sendo o Mesmo” (DELEUZE, 1988, p. 222). O que incomoda o autor da diferença é que se permitiu fazer da repetição um abstrato demasiado imóvel. A repetição dispõe da diferença, não a ignora, o que confere ao estudo do novo algo que não se reduz à melhora do já dito. O que pode fazer então o estudante, com sua insônia? Com aquilo que o perturba, que o dilacera? Se aquilo que se objetiva como realidade dada, nem sempre é o sentido do real, como então separar o objeto formal deste ou daquele objeto particular, especificado, e dar a ele um traço inaudito? Cala o que pesquisa, numa noite que está quase por se terminar, quando reflete que o mundo à sua volta, opera redes senso comunicáveis. Não vê saída para seu afecto, para a singularidade das coisas, se é o bom senso que atribui a elas, de modo prévio, a norma da identidade. Jogado como uma sombra entre seus livros, suspira para que a lua não o abandone.

Da doxa ao caos

Quem especula querendo escapar da reconhecimento percebe, nessa compreensão do pensamento, que o bom senso faz partilha como uma instância complementar do senso comum. E onde o senso comum dá a norma da identidade, o bom senso dá a forma do objeto. Mas o estudante não se sente um eu empírico que, baseado no bom senso, pode qualificar os objetos e até mesmo determinar o que é o objeto, a partir da contribuição das faculdades e, em cada caso, acessar a forma do Mesmo

que deriva do senso comum. Seu estudo não quer nada definido de antemão tal como duas metades da doxa.

A doxa é uma imagem que se orienta pelo equilíbrio de duas outras que lhe compõem. Imagem que, precipitadamente, demanda a figura do pensamento natural e reto, que sabe o que significa pensar, pois o elemento do senso comum deixa-lhe assegurado esse direito; a outra assegura, nessa efígie, uma forma da representação ou modelo da reconhecimento. Juntas, e se referindo a um sujeito, fazem do pensamento algo reto que, saindo de uma faculdade como todas as outras, forma uma unidade que as usa, como modos para se orientar. O acesso desse pensamento traduz, apenas, uma reflexão sob a forma do Mesmo.

Esse tipo de orientação, tão antigo na filosofia, vem sendo ainda recapitulado. Desde Platão, passando por Descartes, mantido por Kant, forma um ideal de ortodoxia, uma figura que universaliza a doxa, tornando-a racional. Supõe que o pensamento seja naturalmente reto, derivado de um senso comum natural e de direito, implicado na reconhecimento como modelo transcendental. O estudante que queria que seu estudo fosse outra coisa, que a filosofia o libertasse dos grilhões de um pensamento abstrato ligado à força de um sujeito cognoscente, adocece da procura estando sob efeito de um fluxo de pensar que o devora!

Algo dói no pensamento e essa dor é vibração das forças empregadas no estudo, algo que lacera o estudante. As idéias invadindo a carne, rachando as crostas de uma superfície desfigurada pela procura do não-sabido. Pensar num total estado de indefinição do pensamento, de imprecisão no entendimento das coisas. Entre brumas, pensar se perdendo no pensamento, escoando um estado através dele, sem o poder de dominar essa intensidade. E, no ardor dessa força, diluir todo elemento variante, que não aspire ao caos num desfazer-se nele.

A clareza do pensamento o que pode, limitada pela doxa? Pode ser uma redução numa imagem que diz romper com ela, mas dela conserva o essencial, isto é, a forma; do senso comum, conserva o essencial, isto é, o elemento; e, da reconhecimento, conserva também o essencial, isto é, o

modelo ou “concordância das faculdades, fundada no sujeito pensante tido como universal e se exercendo sobre o objeto qualquer” (DELEUZE, 1988, p. 223).

O estudante reage com Deleuze e, entendendo que tudo isso deve ser mudado, transformado, é preciso desfazer-se da doxa que subentende uma forma supratemporal e uma matéria-prima subtemporal, libertando a filosofia de, simplesmente, acessar a forma da reconhecimento. Ora, nada pior para a filosofia do que inspirar santidade e conformidade; imaginar ter no senso comum, seu pressuposto implícito é aprisionar-se a ele. Entender-se dependendo do senso comum é doer de algo que não se compromete com um pensar que não quer ser ativado por uma imagem prévia. Existem as banalidades do dia-a-dia, mas estas são outras coisas que não pensar. Pensar é força, irrupção, crispação do pêlo, indigestão, permissão do indefinido no sentido da vida; é expor-se ao caos do pensamento e não se exibir à doxa e ao senso comum.

As redes da transcendência

Um calor invadindo tudo, um ar morno que antecede à chuva. Já não se definiam as nuvens no céu, nem mesmo os contornos da mesa, onde os livros se esparramavam por toda parte. A leitura de Deleuze movendo a compreensão das coisas fazia de um dia normal uma toca entre textos. Circunstancialmente, o estudante, camuflado no estudo e sugado pela força dos escritos, intrigava-se. O sentido da vida, como sobre- elevação da experiência, levou os filósofos gregos a não separarem o conhecimento da moral. Talvez isso os levasse a determinar a realidade como aquilo que se pode definir, de antemão, numa teoria, confundindo uma coisa com a outra. Deleuze percebe que Kant tentou romper com isso, sem sucesso, já que na sua crítica a metafísica mostrou-se mais metafísico do que crítico.

O kantismo acabou sustentando um mundo extra, não um outro mundo, na sua descoberta do reino do transcendental, mas como um mundo que pode ser sustentado pelo eu penso, pela reconhecimento. Em outras palavras,

permitiu que a transcendência existisse porque, ligada como uma rede no eu penso, podia se sustentar através dele.

Instalada essa rede de uma metafísica, o pensar apenas dirá da forma de um objeto qualquer, correlacionada à faculdade pensante, como algo que se dá por três sínteses, onde a última, da reconhecimento, permite a relação sujeito e objeto porque é decalcada de estruturas ditas transcendentais. Essa imagem compreende que os atos empíricos, no contato com uma consciência psicológica, acionam tal estrutura, tornando possível deduzir, numa síntese transcendental, uma apreensão empírica. Fica oculto e, de certo modo, incompreendido, como a reconhecimento, sendo um método de decalque, pode ser o modelo do especulativo, se ela não distingue para que fim isso serve ou leva.

Subtraindo velhas crenças, o que pesquisa anda mais leve por entre-textos. Passou a perceber que a finalidade prática e os valores implícitos na reconhecimento não são avaliados como algo de fora dela e, produzindo uma verdade caricaturada como uma criatura bondosa, representante de uma ciência igualmente pura. Percebia-se educado nessa verdade sem, ainda, definir sua finalidade. De onde essa verdade deriva e o que ela quer? Retomando os livros lê o que Nietzsche disse, anotado por Deleuze, “o signo da reconhecimento celebra esponsais monstruosos em que o pensamento reencontra o estado, reencontra a Igreja, reencontra todos os valores do tempo que ela, sutilmente, fez com que passassem sob a forma de um eterno objeto qualquer, eternamente abençoado” (1988, p. 225).

Preocupado, aquele que explora textos quer salvaguardar sua capacidade de ser intérprete, sem criar novas verdades. Mas a interpretação mesma implica distinguir entre a criação de valores novos e a reconhecimento de valores estabelecidos. Embora não faça parte do interpretar uma distinção histórica, como se os valores tivessem sido novos em seu tempo e, como se novos valores precisassem apenas de tempo para se estabelecer (DELEUZE, 1988). Tornar o novo original não é algo que se faça de assalto. O novo mostra uma diferença de forma e de natureza que o distingue em algo que permanece novo e em algo em potência de começo e de recomeço. Nesse último caso, o que já estava estabelecido,

desde o início, basta, para que em um tempo empírico seja reconhecido. Então o novo que se estabelece aí é necessariamente novo, uma vez que é próprio ao pensamento do novo provocar algo diferente.

O inaudito não podendo vir das forças da reconhecimento, não é um modelo distinto, mas uma terra incógnita, nunca reconhecida ou reconhecível. O inaudito foge a metafísica e Kant pressentiu isso, a leitura que Deleuze faz disso provoca essa compreensão. No entanto, a descoberta do transcendental não se fez uma força suficiente entre suas Crítica para desfazer-se de Descartes e de toda a tradição idealista (DELEUZE, 2000).

Estudo e crítica

Tem muita coisa a ser removida da tradição filosófica antes de se tornar possível uma Filosofia-rizoma. O pensamento pede sopro desbandeirado; cheiro simples de uma brisa; uma loucura amiga desperdiçando as horas; saudade de uma espera do que ainda não veio. Mas Kant muito seguro de sua moral afirma, que não há uma má vontade, uma má natureza, um desmoronamento do concreto que despoje o pensamento do inatismo, que o constranja, que o force. Sua filosofia distinguiu ao senso comum uma luta em torno dos valores estabelecidos, entendendo que é através dessa peleja que se obtêm e atribuem-se os valores em curso, tais como honra, riqueza e poder. Ergue-se com isso o troféu da reconhecimento e da representação asseguradas pela pureza de uma Cogitatio natura universalis, onde a ação do pensamento é uma luta da consciência.

De que modo separar o pensamento da moral se, tanto à filosofia como ao pensar, fica assegurado que o conhecimento não deve se dirigir ao pseudo-conhecimento, ao incognoscível, mesmo podendo, em primeiro lugar, ser tomado como o verdadeiro conhecimento? A ironia de Nietzsche, adotada por Deleuze, chama Hegel e Kant de obreiros da filosofia, por se esforçarem em validar uma teoria em nome das demandas de uma ética. Ambos não distinguiram o fato do fenômeno moral e fizeram, ainda, uma interpretação moral do fenômeno, realizaram o inventário dos valores em curso.

Essa indistinção torna a teoria de Kant ambígua, quando pretende reverter a imagem do pensamento. Para o estudante, pode-se se sustentar que o conhecimento seja uma ilusão, mas não ao modo de Kant (CAYGILL, 2000), para quem o conhecimento é ilusão que sustenta uma outra ilusão, a moral. Essa moral se faz verdade, substituindo, numa ilusão interna, interior à razão, pelos erros que, vindos de fora, tornam-se efeitos de uma causalidade do corpo. O perigo de se sucumbir a essa crítica é que, se pretendendo imanente, ela não sustente o criticado como algo exterior à razão, não sustente o que critica como algo exterior àquele que faz a crítica. Nada se articula no suporte dessa razão, sobre erros provenientes de uma outra parte, tais como corpos, sentidos e paixões.

O que qualifica uma exploração não pode ser uma razão que é razão de si mesma. Algo que o encerre num tribunal onde acusação e acusado, juiz e parte, parte julgadora e parte julgada, são tudo usos do mesmo critério. Uma crítica imanente não pode sair de um projeto que se faz sobre uma filosofia transcendental, impondo condições que permanecem de fora do condicionado. Os princípios transcendentais, feitos princípios de condicionamento, não podem formar uma gênese interna. Se há algo interior no pensamento, esse não pode vir da razão, do entendimento e de suas categorias como elemento ou princípio genético.

Entendendo que o pensamento precisava gozar de uma natureza reta, Kant sacrificou o eu substancial à linha do tempo. Essa rachadura envolve não só o eu, mas Deus, que também é morto, numa morte especulativa. Nada existe ou, pelo menos, nada se diz ou se expressa sobre como algo que está atrás ou por detrás da razão e do entendimento; embora seja apenas esta última a faculdade legisladora, que pode fornecer o modelo especulativo sobre o qual as outras duas são chamadas a colaborar. O que essa imagem do pensar postula junta a outras, advindas da tradição, deve ser removido, para permitir ao pensamento um movimento que congregue várias direções.

O eu e o conceito

Imagens rondam o estudante. Cenas se enchem e se esvaziam numa espécie de contemplação da rotina. Um barulho inquietante do trânsito se impondo ao silencioso virar de página. Estudar não excluiu a vida. Formigas quase invisíveis andando pelo corpo como fantasmas, descobrindo, numa civilização, trânsitos que o humano desconhece. Aparecem vindo de buracos, fendas, espaços dissimulados nos aposentos. De tanto em tanto, aparecem essas escondidas. Não são como uma imagem do espelho, algo momentaneamente visível, que não vive por si só. Embora se consiga ver o mundo por imagens e não pelas formigas, imagens também produzem caminhos imperceptíveis. Uma felicidade sorrindo na política de um out-door habilita as crenças que a disfarçam.

De que forma alguém se deixa educar por imagens e, sem perceber, toma a cópia pelo real? São muitas imagens e figuras da representação que precisam ser tombadas! Um rosto desfigurado em mais outro rosto, na poesia chorada do acaso, num “eu penso” entre outros pensantes, sem a presença de seus elementos dispares, é um caso de abandono na representação. Por isso, o pensar que reside na unidade do “eu penso” se constitui numa caricatura para Deleuze. E o estudante quer fugir dessa unidade onde a identidade prende o pensamento, antes de seu acontecimento a um “eu” que, supostamente, o experimenta de antemão. Qual seria o papel do “eu penso” senão o de assegurar, na forma de identidade, outras unidades que a ele se vinculam? E que unidades seriam essas? A identidade no conceito, a oposição na determinação do conceito, a analogia no juízo, a semelhança no objeto.

Ora, o que o “eu” tem a ver com o conceito dentro da tradição? Tudo! Intrigado no seu decurso da fuga da representação, o estudante descreve com Deleuze as várias faces de Eu. Por um lado, o “eu” pode se mostrar na forma da identidade de qualquer conceito que se constitua como o mesmo na reconhecimento; por outro, é ele que, na determinação do conceito e na comparação dos predicados, localiza os opostos que se apresentem, numa dupla série regressiva e progressiva. Essa série percorrida, ora pela rememoração, ora pela imaginação, tem o objetivo de reencontrar, recriar, a reprodução memorial-imaginativa.

Quanto à analogia, o “eu” diz respeito à relação entre os conceitos determináveis, ou conceitos determinados com seu objeto, o que apela para a potência de repartição do juízo. E, quanto à semelhança, remete à observação de que há uma continuidade na percepção do objeto, do conceito em si mesmo e na relação com outros objetos. Essas funções ou elementos do “eu” que são o idêntico, o semelhante, o análogo e o oposto, rejeitam e crucificam a diferença.

Tudo à volta são imagens e o mundo se representa nelas. Mas ninguém pode dizer que o mundo, sendo uma imagem, exista sob uma outra, que a anteceda. Esse parece ser um bom motivo para se fugir da representação que concebe, numa imagem, tanto o pensamento que pensa em si mesmo e, preenchido por ela, não, apenas, se reconhece, como reconhece as coisas. Esse pensar antecede a percepção e até mesmo a confunde, criando dificuldades para o pensamento pensar.

O problema da representação não é somente pressupor, na boa vontade do pensador e na boa natureza do pensamento, uma verdade prévia a ser buscada; o pior desse pensamento é enclausurar, nas grades do verdadeiro, um pensar que cria cópias e decalques do real. Importa que isso deixe de atravessar os movimentos do estudante. Tal coisa, que ao dizer respeito a uma imagem da filosofia ligada à representação, pressupõe para ela um conceito delimitado por uma verdade prévia, desvinculada da arte, da criação, da invenção, do bizarro. E, porque entende a filosofia como amiga da moral, convoca para ela o bom, o bem, e o belo, tanto nos casos como nas coisas, proferindo-a através de uma reflexão que não força nela o pensar, senão o reconhecer. Que filosofia é essa que se postula numa imagem fugaz e vazia? Uma imagem onde tantos foram educados e que não faz crítica, “não arromba, não a transforma, por isso precisa ser destruída” (DELEUZE, 1988, p. 230).

O signo e memória

Alguém anda à procura por vários caminhos, trilhas de encontros e desencontros, pedaços desfeitos, arrancados. Fundo difundido, confundido, revolvido, dissolvido, que se reporta a um sem-fundo onde tudo é parte da criação e lugar de um que estuda quando se torna uma aproximação possível, perceptível de um sem-lugar. Uma coisa qualquer acontece. O papel que cai no chão e obriga à pausa dos movimentos ou reformulação da animação de uma cena. O pensamento sai de seu esforço de estudo para dar atenção ao que ocorre.

O objeto perdido é repostado e o estudo encontra aquilo que estuda e o estudante seu papel, como se o inesperado entre as coisas pudesse fazer delas diferentes perspectivas na mesma cena. Falar de imagens pode ser tão fugidivo se remetido a cenas. Cenas se fazem de situações comuns onde qualquer um pode descrever o que acontece. A todos é permitido ficcionar o real, seja numa narrativa, seja num estudo de filosofia que quer abandonar o elo perdido com a tradição.

O que uma análise retém, na filosofia, leva ao conceito e o conceito, ao signo. O signo é aquilo que pode dizer do objeto por que ele é do objeto um signo; "não é ser sensível, mas o ser do sensível. Não é um dado, mas aquilo pelo qual o dado é dado. Ele é também, de certo modo, o insensível" (DELEUZE, 1988, p. 231). Situação obscura para o estudante, pois, se sua sensibilidade diz do que é percebido e do que é insensível ao mesmo tempo, algo não se limita no signo?

Deleuze não deixa de destacar que o signo, como exercício transcendente, pode ser levado à enésima potência, sem que haja uma intervenção do senso comum dirigindo a especificidade da sensibilidade. Pode o signo dizer daquilo que é sentido, sensibilizado e forçado como problema do objeto, no encontro com ele? Pode o signo dizer do encontro e não de algo exclusivo do objeto? Permite o signo dizer do encontro, do que nele, no encontro, porta o problema.

Conforme a filosofia clássica que vem desde Platão as coisas são apreendidas pela lei de um exercício transcendente, cujo ser do passado memorial ou memorando pode ser lembrado e, ao mesmo tempo, não

pode. Essa concepção entende que a memória empírica se dirige sempre ao passado. A memória é um depósito que não só apreende como esquece, diferindo, nesse esquecimento, aquilo que lhe é essencial daquilo que lhe é empírico. O essencial na memória pode ser apreendido no objeto porque nela, tanto a sensibilidade como o insensível contingente, podem ser sentidos no exercício transcendente.

Outro exercício do transcendente na memória é o que força o pensamento, exclusivamente, para a essência. Mas, quando se entende o inteligível para além da essência, ele mostra "apenas o modo sob o qual se pensa aquilo que pode ser outra coisa além de pensada" (1988, p. 233), como aquilo que busca, no entendimento, a última potência do pensamento. Dotando a memória do impensável, parecia resolvido o problema do sensível no signo.

Um criador usa os signos. Compõe textos que são telas, dispõe de palavras que atravessam seus movimentos constantes do pensar. Mas o pensamento, sendo um exercício sobre o impossível, gerado na violência de um pensar que se desenvolve naquilo que o força, rompe com os elos da memória. O estudante, no exercício de seu pensamento, além de querer se libertar de suas reminiscências filosóficas, almeja criar, precisa para tanto de um pensar solto dos grilhões da memória. Quando, na memória, se mantém um elemento empírico, pode-se recair na doxa, onde o signo, revertido numa enésima potência, garante, pelo paradoxo, o exercício transcendente. O paradoxal desse exercício seria o remeter às faculdades que contribuem para colocar o reconhecimento do objeto, na coisa que cabe a cada uma delas aclarar, podendo, ainda, divergirem sobre a essência dele. O signo não é isto ou aquilo retomado da memória e pressuposto na definição do objeto.

O platonismo disfarça essa simples ambigüidade, quando aporta o uno e o múltiplo na coexistência dos contrários, pressupondo um mais e um menos, como devir ilimitado na composição do signo. Esse signo platônico se prende a uma imagem que não suspende uma forma de oposição ou de contrariedade qualitativa, em que o ser do sensível não é um simples ser sensível. Colado à reconhecimento, esse signo não trata apenas do objeto

percebido ou perceptível, mas trata, também, da reminiscência e do que incide sobre um outro objeto que já não é ele mesmo. De onde se impõe a questão se pode a reminiscência operar como uma coisa envolvida no signo? Já que é ela que revela uma associação ao primeiro ou ao que vem antes, ao prontamente reconhecido ou ao nunca visto, pode operar apenas como a semelhança, fazendo parte da natureza da memória transcendental, na forma da similitude na reminiscência (DELEUZE, 1988)?

A reminiscência é algo tão incutido na cultura ocidental, que nem se percebe que Platão não só introduziu no pensamento a questão do tempo, como estabeleceu para ele certa opacidade que liga sua má natureza ao que vem de fora, pelos signos. Interpretada como um ciclo físico e não como uma pura forma ou essência, a reminiscência supõe que a boa natureza do pensamento, dirigindo-se à verdade, pode obscurecer-se num ciclo natural do tempo. Sendo um pilar da metafísica e da reconição desde o platonismo, será mantida por Kant, quando esse autor decalca do exercício empírico uma memória transcendental e faz dela figura da representação.

Não é fácil desfazer-se dessa figura na compreensão do que seja um signo. Um que estuda anota que uma boa disposição do pensamento é algo que se promove tanto no idealismo platônico como no kantismo. Tal disposição diz de uma identidade real fundada na reminiscência, onde o verdadeiro se dá por afinidade e filiação, e no qual a forma de analogia no bem prepara a imagem dogmática e moralizante. Essas imagens não apenas ainda circulam como constantemente se disfarçam, se camuflam nas cenas de uma moral aglutinadora de identidades e não de diferenças.

No entanto, as coisas parecem andar em círculo, retomando-se tantas vezes Platão e Kant. Mas esses são os filósofos que não apenas desvendaram, no pensamento, um exercício superior ou transcendente das suas faculdades, como o último subordinou a elas as formas de oposição no sensível, de similitude na reminiscência, da identidade na essência, da analogia no Bem. É nesse quadro que Kant designa a representação, onde o exercício do pensamento opera na distribuição desses elementos, promovendo uma imagem dogmática.

Em meio aos destroços impingidos por Deleuze (1988), cabe ainda retomar Kant por alguns pontos. Primeiro, porque ele mediatizou as figuras platônicas na representação que, antes, eram figuras selvagens da diferença em si mesma, não sustentadas por faculdades limitantes no exercício transcendente; segundo, porque fez da sensibilidade uma intensidade e não uma oposição qualitativa do sensível, uma pura diferença que se cria em si e, no conjunto, o insensível para a sensibilidade empírica. Por fim, porque fez dessa intensidade uma mediação que resulta de um encontro, uma qualidade criada pela sensibilidade, que só pode ter sentido no exercício transcendente.

Interessa aqui que se entenda a oposição, não como uma qualidade no sensível; pois, se ela possui a diferença como algo que se faz em si mesmo, como elemento ou qualidade do exercício transcendente que, na sensibilidade, produz a intensidade - essa diferença pura em si mesma - ou o insensível do sensível, e a reduz a mediação. A intensidade, se dotada do poder de criar, qualidade que só tem sentido na sensibilidade transcendente, apreende algo, imediatamente, no encontro. Contudo, isso não explica como a sensibilidade transmite uma coerção à imaginação, como ela forma o fantasma no exercício transcendente. Esse fantasma, só pode se constituir de modo díspar, entre aquilo que pode ser imaginado naquele exercício e o inimaginável, ou outro modo que provenha do empírico; quando, não diz como a memória, não pode ser uma similitude na reminiscência, nem como o dessemelhante, na forma pura do tempo, constitui o imemorial de uma memória transcendente. Impossibilitando a memória de dar conta do sentido do signo, Deleuze destrói mais essa imagem (1988, p. 234).

A contingência do encontro

Minorado em sua toca, aquele que pesquisa no perfil de uma vaga aberta, vê-se um eu estilhaçado. Ora, o “eu”, se reduzido a um ponto aleatório do transcendente, ponto em que não é o Mesmo que é pensado, mas o Outro, aquele que envolve essências diferenciais no pensamento, ao mesmo tempo permanece limitado à forma do tempo.

Dentro desse limite, o “eu” força tanto a mais alta potência do pensar como, simultaneamente, a impotência ou o impensável no seu uso empírico, onde o pensamento, mesmo se prisioneiro de uma força gerada na sua exclusividade pela sensibilidade, pode colocar tanto o que pode ser pensado como o impensável.

O inatingível, o impensado, o monstro e a intensidade surgem da sensibilidade. Ocorre que o intensivo precisa ser analisado como objeto de encontro, no qual o encontro mesmo é a elevação da sensibilidade. O que força o sentir e o sentido são a mesma coisa no encontro, não sendo uma mesma instância em outros casos. Na sensibilidade não se encontram os deuses, mas sim os demônios, “potências do salto, do intervalo, do intensivo e do instante, que só preenchem a diferença com o diferente; são os porta-signos” (DELEUZE, 1988, p. 239).

A diferença na intensidade equivale à disparidade no fantasma, à dessemelhança na forma do tempo e ao diferencial no pensamento. Por isso, Deleuze pode dispor da oposição, da semelhança, da identidade e da analogia, como apresentações ou efeitos da diferença. E já não fica tudo bem; se esses efeitos a subordinam, fazem dela algo representado, quando se busca dela o fortuito ou involuntário.

Tudo o que é voluntário sucumbe às regras do empírico, se subordina, por antecipação, a um querer como poder proposto. Para Deleuze, o pensamento, mesmo sendo interpretado como faculdade, é uma aventura dirigida ao involuntário. O encontro parte da sensibilidade, força do sentir que não supõe nenhuma finidade prévia ou predestinação. A necessidade que força a pensar é contingência do próprio encontro. O “eu penso”, sendo uma unidade subjetiva, é um acordo discordante, entre as faculdades do transcendente e as regras do senso comum, ambas vinculadas às faculdades que o exercitam. Há sempre “alguma coisa que se comunica de uma faculdade à outra, mas que se metamorfoseia e não forma um senso comum” (DELEUZE, 1988, p. 241).

Mesmo existindo um encadeamento das faculdades, o pensamento não se mostra como um problema, que identifica numa idéia mal formulada, sua solução. As idéias são os problemas do pensamento, um para-senso que ele não aclara, tendo como meio para isso as faculdades que advêm do uso do bom senso ou do senso comum. As idéias são luzentes, são clarões diferencias que saltam e se metamorfoseiam. O pensamento é mutante e não diferencia entre o claro e o escuro, mas lhes assoma vizinhanças. Como o claro e o distinto não se separam de um modelo de reconhecimento, de uma certa origem inatista que remete à reminiscência, restituir a idéia numa doutrina das faculdades pede a explosão desses dois conceitos, ou a condição de descobrir neles um valor dionisíaco cuja "idéia é necessariamente obscura na medida em que é distinta" (DELEUZE, 1988, p. 241).

O distinto e o obscuro são tonalidades da filosofia da diferença, uma vez que o pensamento, forçado a pensar, promove sua derrocada central, sua rachadura, seu impoder natural, o que a tradição confundiu como a sua maior potência. Daí Deleuze dizer, com Artaud, que o pensamento é um não-representado em seu estado de fato e em sua estrutura de direito. Assim que, estudo de quem estuda em busca do sentido encontra, na sua pesquisa, um acéfalo no pensamento, um afásico na linguagem, um agnóstico na sensibilidade; pois o pensamento é criação, genitalidade e não-inatismo.

*Metamorfose 3:
escrever e criar*

Aventura e interpretação

A aventura, na palavra, adentrar a floresta escura, virar a folha, virar uma fada, verberar o pão, pois a palavra é tudo o que se pode dizer dela, o lugar onde tudo encontra e perde sentido. É preciso desfolhar o folhado antes da escrita, garimpar, empurrão e machadada na leitura. Interpretação, facão que corta o mato, quer passar o aventureiro em terras novas. Vento entre as folhas, ventania no rosto do estudante, ele está entre as folhas. Muitas folhas, mil folhas na infinitude da obra, no interminável do texto.

Arranhado de sua perseguição, segue em frente onde há pontas difíceis demais para aparar; uma perda se esvai entre a estante e a mesa. Uma profusão de folhas à sua volta, cristação do pêlo. Mais fôlego pede a leitura, falta ar entre as letras. Algo é engolido sem passar pela língua; todo o corpo se faz língua, fora a fora o lambido vem da superfície. Tudo é digerido, não no estômago, mas na centrifugação dos órgãos, misturados, devorados, multiplicados na absorção do texto. Como se fossem selvagens as idéias e, às vezes cruas, cheirando à gordura quente, ranço de um animal recentemente abatido.

O texto lido e o texto lendo, dentada na própria língua. Dor na boca de onde sai a palavra que não volta, posto que nunca são iguais o pensar e o escrever. O texto escrito se apropria de um pensar que lhe é próprio. A palavra só diz o mesmo, estando extremamente sozinha na repetição. Há solidão na palavra, há palavras estranhamente abandonadas. Essa solidão das palavras mostra desencontro num emaranhado de conceitos, em que o disfarce das idéias, das idéias santas, das idéias loucas, das idéias peregrinas, das idéias guerreiras, das idéias mortíferas, das idéias- tensão! Quais palavras que nunca dizem delas o que elas são?

Pensar como o bum na batida do tambor, não o som, aquilo que, antes de ser harmonia, é vibração e, sim, força, aquilo que não é agredido, mas é violado. Força que retroage, pede explosão, pede grito, pede tinta jogada no papel. Não tem eco na sala do leitor, mas ele vaga solto, entre telas e

letras, cores que pintam as coisas no branco da tela do computador. A tinta da impressora na alvura do papel cria imagem onde a realidade não é branca como o branco do papel.

Da desfaçatez do inatural

O devir da folha pede preenchimento. Uma página vai acontecendo onde a escrita se realiza construindo o texto. Rosna a máquina, um gemido que sai de um incontido, como se um vazio fosse rememorado, excesso de quem já se envolveu com idéias, de quem já sofreu com elas, nelas. Livro para todo lado, livro posto no chão, esquecimento, livro atrás da estante, derrubamento.

Os livros não tombam no incontido do tempo. O leitor vasculha, remexe teorias, escolhe algumas e ignora outras. Esconde livros, levanta livros, apanha idéias, pausa entre conceitos, lapsos vão deixando para trás importantes derivas. Muitas voltas uma vez retomadas ao que já fora lido. Um olhar de novo justifica a diferença. Sua memória é um labirinto onde, em muitos momentos, ele aguarda suspenso nas horas o sinal de uma passagem. A leitura não está a seus olhos que percorrem atordoados as páginas, que, viradas de uma perseguição, pedem, ao modo de transbordamento, um suplemento extra para criar. Desvarios de foco alimentados pela besteira.

Leitor pastoreando lobos

Sitiado na própria busca, o intérprete pastoreia lobos. Ao mínimo descuido, ele pode ser devorado por aquilo que o ronda e o que ele, aparentemente, controla pode aportar como um extremo desconhecido, e engoli-lo. A leitura diluída no intérprete o persegue por todo lugar, algumas vezes, como uma aventura, o sobrecarrega de hilariantes sentimentos; outras vezes, como uma desventura, o carrega para o

labirinto, para o escuro da mata, galhos trançados assoviando rancores. Nada flui nas folhas, não há debate de ventos, apenas imposições de pedaços de um pouco de tudo que não se encaixam, partes de uma espera que enche e esvazia. Espera! Algo que fica sem ser deixado, a noiva ainda virgem abandonada no cais do porto.

Retorno pretendido e amaldiçoado, a leitura volta, mas nunca encontra o mesmo no que havia. Do estudo do estudante brota o intérprete, filho bastardo, degenerado de uma fenda aberta pela leitura, ele é sempre inquieto, incômodo, o que deforma teorias, cria conceitos; ele enfrenta a norma, enfrenta a forma, pede descaminho onde havia direção.

O leitor sentiu-se vitimado, rendeu à leitura o esposamento de suas melhores horas, gozou nelas momentos bons e ruins, leu mais que estudou e, ao mesmo tempo, se viu atraído, transformado em outra coisa; coisa que, como um arrepiado inesperado, o projetou como um fora dele mesmo, vindo da leitura dele. Quando o estudo vira leitura, adquire a plenitude de não ser uma resposta, mas um novo encontro do problema que o alterna numa outra dimensão, onde nasce o intérprete. O intérprete é o filho do estudante com sua busca, algo que nasce de um estado de eterno retorno sem nunca retornar ao estado anterior. Batizado pelo infinito e afilhado do acaso, o intérprete é de si a busca que se faz diferente, sendo sua interpretação aquilo que nunca é o mesmo na repetição.

A interpretação, em algumas horas, exala a povo, apertado e oprimido na sua opressão; como uma massa, passa e perpassa apressada por múltiplas vias e não transcende. Gruda no registro do múltiplo sem perceber que é ela que se esvai naquilo que assina. Dirigida por uma ação que vem de fora, do compasso da leitura, ela se desacompanha quando vira escrita. A escrita vem de um fundo estimulado por um fora, a leitura, sem que nunca, na interpretação, descreva exatamente o que leu. Algo que de tão humano desumaniza, escorrega pelas bordas, deforma o leitor no escritor e o escritor no intérprete.

A leitura sente no sentido do leitor, suga sua energia, gasta o tempo inerte do corpo, o deprime com uma carga de ditos, falados, pensados, escritos

que, refletidos, o fazem sofrer. Sobre essa pressão e latência, ele escreve, mas, quando escreve, a escrita é além de sua leitura, uma outra coisa que possui um outro sentido, um em torno que nunca se torna igual àquilo que foi. Excesso do que já não se pertence, o dispensa na palavra escrita, o abandona no apelo da criação.

Da palavra absorvida, da teoria sentida, do ressentimento esquecido, do cheiro de tinta no papel, brota o território novo, assoviado pelo canto da sereia; a interpretação excita o desejo, ela é bandeira na conquista de terras inexploradas. Lá por onde ninguém andou, praça vazia, terra sem povo, banda sem música, ressoa algo como um lugar que, parecendo não sair de si, vagueia, é desocupação sem dono. Abandono do nada que pertence a quem nega vácuo do desaparecido que nunca foi mostrado, o que não é de si nem sai de si, apenas acontece. A escrita torna o leitor invisível.

Transmutação e camuflagem

A interpretação é metamorfose, camuflagem do desejo que, na leitura, possui o leitor, aquilo que nunca se mostra o mesmo, quando, na escrita, a descrição do intérprete mostra-se inquietação, mudança de algo que vem desde um fundo revolvido, que só se aquieta na plenitude da superfície de um outro, num novo sentido. O que foi lido e o que foi interpretado nunca encontram o mesmo sentido, pois é próprio do sentido nunca se deixar capturar como o mesmo. A escrita do intérprete sendo a captura do seu desejo não mantém suas leituras como seqüestros, como roubo do leitor. A inquietação de um é a perda do movimento do outro, a transmutação de um como um apelo que não sabe onde começa, a perambular escondida onde o outro age como um elemento deformador.

O intérprete e o leitor buscam alguma coisa e são captura do que pretendem capturar; ambos não encontram nunca o mesmo, como o amante que faz do seu amor algo melhor do que aquilo que ama. Ambos estão implicados na criação onde, ao mesmo tempo, sua diferença os

devora e os revitaliza no almejado do seu vivido. O sentido é a ponte do castelo onde dois habitam, fissura de um lugar por onde passa tudo o que alimenta e tudo o que dele se alimenta. Dissolvidos na leitura de Deleuze, ambos são “fissura silenciosa, imperceptível, na superfície, único acontecimento de superfície, como suspenso sobre si mesmo, planando sobre si, sobrevoando seu próprio campo” (1974, p. 158). Sendo uma diferença que não se dá entre o exterior e o interior, a leitura do leitor e a escrita do intérprete, sua interpretação é fissura que “não é exterior nem interior, ela se acha na fronteira, insensível, incorporal, ideal” (p. 158).

Loucura e bestialidade, o intérprete busca o estado de moribundo para criar. “Escrever indubitavelmente não é impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida”, diz o filósofo (DELEUZE, 1996, p. 11). Cansaço e vertigem levam-no a pretender que o erro naquilo que ele escreve seja uma outra forma de interpretação, não a negação daquilo que ele lê, pois seus enganos, quando existem, são movimentos de seu envolvimento com o ato de criar. Mas o que é errar quando se pretende o abandono da certeza? A escrita não se separa do devir de quem escreve, embora esse não funcione como um outro sentido.

O devir de quem escreve não pretende alcançar uma forma de identificação, de imitação ou de mimesis, não sai do eu, do outro, de alguém ou da sua memória. Proposto o devir na escrita é o encontro com a “zona de vencidade, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, não é o que se distingue desse ou daquele, ele não é algo impreciso nem geral, nem preexistente, nem mesmo a determinação de uma forma que age singularizando uma população, ele é o imprevisto” (DELEUZE, 1996a, p. 12).

Quando se coloca na escrita algo que não foi previsto na leitura do leitor, e isso atravessa o texto como devir do intérprete, abre-se o espaço do indefinível, da incerteza, algo que um pensamento dogmático pode entender como erro, invisibilidade da criação. A imagem dogmática do pensamento só reconhece o erro como uma desventura do pensamento, mas o intérprete o entende de outro modo e busca descrever com Deleuze outro postulado que precisa ser derrubado.

Um postulado, sendo uma espécie de âncora para o pensamento, demanda que o erro é algo que acontece, quando se pressupõe que existe uma *cogitatio natura universalis* e uma boa vontade do pensador. O intérprete não deve se enganar, nem almejar o erro, ainda que, possa errar por possuir uma boa natureza do pensamento, pode tomar o falso pelo verdadeiro. Essa concepção propõe que o erro é algo que não pode vir do senso comum, pois não ocorre a uma única faculdade sozinha, mas pelo menos a duas faculdades e, quando essas se confundem, o objeto de uma é considerado como sendo da outra.

Na concepção da tradição, o erro é produto de uma falsa reconhecimento, da má avaliação dos elementos que compõem a reconhecimento: a oposição, a analogia, a semelhança e a identidade. Sendo esses elementos cúmplices de uma ortodoxia racional, o erro, de modo indireto rende uma homenagem à “verdade”, quando coloca, como modelo negativo, aquilo que a reconhecimento e o senso comum apresentam como positivo.

Loucura e erro

Caracteriza o erro que ele não tenha forma, seja uma deformidade ou má captura do Mesmo no efeito de uma transcendência, advinda do senso comum e do bom senso. Portanto, o erro confirma a transcendência mesmo quando confunde suas faculdades, afirmando, delas, uma derivação por absurdo. Mas o leitor é um esquizofrênico em meio ao mundo que a leitura inventa como seu. Assim como o artista, ele é alguém que estranha uma realidade mais do que a suporta. O leitor torna-se intérprete, assim como o artista torna-se esquizofrênico e, no que diz respeito ao sentido de suas ações, todos são figuras do por vir, que não aceitam o que está feito como pronto, acabado; não há um fim no qual a realidade possa repousar impassível.

Não há um canto no mundo ou refúgio onde cesse o sentido no qual se percebe a vida. A esquizofrenia é uma possibilidade do pensamento que não se opõe à imagem dogmática. Ela é uma outra coisa, algo que fica de fora, quando, na representação, se propõe a compreensão de um

pensamento no qual todo erro é visto como uma negação; como algo que toma por falso o verdadeiro. Portanto, ela é parte do que ronda a leitura e do que acontece na interpretação, onde o intérprete briga com a verdade em busca do sentido.

Kafka dizia que o sentido que o levava a representar "os devaneios da sua vida interior repeliu tudo mais para a esfera do acessório, e tudo isso definhou terrivelmente e não pára de definhar" (apud BLANCHOT, 1987, p. 60). Escrever é um ato de incerteza; não se escreve sobre o negativo, mas se escreve apesar do desamparo, do despropósito, da fraqueza, do que preenche a experiência e sobre aquilo que a esteriliza (BLANCHOT, 1987).

O que não é resolvido, muitas vezes se disfarça no que fica aceito. Faz parte do senso comum dizer que "errar é humano", mas não se aceita que o pensamento erra e que errar possa ser uma virtude, lugar onde a diferença se mostra. A concepção do erro que impera nessa postura é antiga, vem desde Platão (1991), cujo Teeteto representa uma grande teoria do senso comum, da reconhecimento, da representação, do erro e de seu correlato. Avalia Deleuze que, "desde a origem, a aporia da diferença mostra o fracasso dessa teoria e a necessidade de se procurar uma doutrina do pensamento numa direção totalmente distinta" (1988, p. 245).

Na imagem dogmática do pensamento, o erro ignora que o pensamento tenha outras desventuras e que essas não podem, simplesmente, ser remetidas ao negativo. Sendo o erro valorado como negativo, considera a loucura, a besteira e a maldade como fatos de uma causalidade externa, como uma trindade que não se reduz ao Mesmo. Tal imagem entende que a loucura, a maldade e a besteira são forças que vêm de fora do pensamento, causalidades de fato externas.

O leitor e o intérprete recapitulam, nessa imagem, devendo entendê-la como algo estranho e de direito reduzidas a uma única figura, explicitada no erro. Se todas as causas vêm de fora, não fazem parte do pensamento puro. Esse ponto de vista pede que as elas sejam excluídas e as torna, enquanto fato, algo de fora da imagem do pensamento dogmático, o que, na reconhecimento do mesmo, de direito, coloca a relação entre o

empírico e o transcendental. Mas pode o pensamento vir da experiência e, ao mesmo tempo, excluir o erro, a maldade e a besteira?

O irrestrito no ato de escrever

Tomado no preconceito de uma lógica restritiva que deriva dessa imagem dogmática, o erro ou é visto de modo superficial, em situações que doam ao pensamento uma imagem grosseira, quando o expressam no sentido de uma astúcia que, externa ao especulativo, o torna “uma espécie de jogo radiofônico” (DELEUZE, 1988, p. 246). Fazendo revisão dessa atitude, essa interpretação que busca o irrestrito não faz do erro uma redução que falsamente o explora e, de modo arbitrário, o arranja projetado no transcendental ou nas estruturas do transcendental, no negativo que as envolve? Na teoria da diferença, o conceito do erro vem de determinações de outra natureza que não são exploradas quando se conserva uma imagem dogmática que se submete aos postulados do senso comum, da reconhecimento e da representação.

O intérprete dispõe-se a derrubar dados prévios que criam preconceitos onde não se amplia o território da interpretação. Defende com Deleuze que a besteira é parte do humano e não o reduz à animalidade quando se estabelece a relação homem e animal, nem quando se propõe que o homem tenha um rosto e o animal, uma cara. Uma perspectiva como esta pode considerar que um deles possui características individuais e, um outro, específicas, sem deixar de fora a besteira, como algo do humano.

A besta habita o intérprete como o trabalho do interior e do exterior que se dissolve nas bordas. Como declara Deleuze na *Lógica do Sentido* (1974, p. 158), tudo está na superfície, inclusive “alguém nunca é superior ou exterior àquilo que dele se aproveita: o tirano institucionaliza a besteira, mas é o primeiro a servir ao seu sistema, e o primeiro instituído é um escravo que comanda escravos”, o disse em um outro momento (1988, p. 248). A tirania fica, nesse viés, institucionalizada como um duplo discurso, embutida no conceito de erro sem dizer como o transcendental é decalcado das figuras do empírico, ou como “a covardia, a crueldade, a baixeza e a

besteira não são simplesmente potências do corpo ou fatos de caráter e de sociedade” (p. 248). Não se explica como, nessa imagem, o transcendental introduz o tirano, o escravo e o imbecil na sua paisagem, quando exclui a bestialidade. E já disse Blanchot (1987), invadido por Kafka, que a escrita exige do sentido aquilo que ela pode atingir e daquilo que vale a pena, por ela ou nela, alcançar.

O mesmo autor fala, ainda, que não há um centro de repouso, de amparo, que percorra a escrita. Nela só podem desprender-se, numa espécie de violência em desarmonia, aqueles que deixam em sua esteira cicatrizes de feridas mal fechadas, traços de suas sucessivas fugas, de seus regressos inconsolados e de seus vaivéns. “Os mais sinceros deixam ao abandono aquilo que eles mesmos abandonaram. Outros escondem as ruínas e essa dissimulação torna-se a única verdade de seus escritos” (BLANCHOT, 1987, p. 48/49).

Quando se escreve buscando êxito, acaba-se escrevendo sobre o inalcançável. Escrever é arrombamento, agressão que passa pelo autor sem maculá-lo. O autor se mancha na tinta que escreve, e sem perder nada do que acumula, tinja de sangue novo o papel. A escrita escorre, água, saliva, fluxo, esperma e, sem pretender sublimar as fendas, atravessadas na direção do incontido. Não sai à procura de algo que não lhe pertença na evasão, ao que é parte do mesmo movimento, “quem escreve com a preocupação exclusiva da verdade já ingressou na zona de atração e desse ponto donde o verdadeiro é excluído” (BLANCHOT, 1987, p. 49).

A escrita quer ser algo de quem escreve, sem ser a descrição da experiência como algo autobiográfico, embora sendo uma tradução do vivido, que é sempre algo intrabiográfico. Ela é a soltura das paisagens que revolvem um fundo; leveza da mão no avesso das regras e certezas; besteira sendo uma determinação empírica que não pertence ao transcendental, nem mesmo acaba objeto dele. O bestial como alguma coisa que carece de humanidade é possível em virtude da relação do pensamento com a individuação.

A essa relação Deleuze chama de liame. Tanto mais acessível do que aquela que aparece no “eu”, campo de intensidade que institui o sujeito pensante e no qual esse “eu” colabora mais como o indício de uma espécie, quando representa sua parte. De que espécie Deleuze está falando? Daquela imagem antiga que se aprende na escola e diz que o homem é um animal racional! Modo óbvio no qual essa espécie fica implícita no homem sob a forma do “eu penso”, princípio universal ligado à reconhecimento e à representação. O “eu” especifica explicitando aquilo que mantém implícito, no gênero e na espécie, como devires representados da forma.

O que mais incomoda em tudo isso é que essa imagem faz da individuação uma especificação prolongada que opera sob todas as formas sem se separar de um fundo puro; fundo esse que ela não apenas contribui em formular, como o arrasta consigo mesma. Mas o intérprete está em seu texto. E seu texto e sua leitura são o fundo que acessa direto à superfície da qual não se separam, não sem deixar de ser nessa retaguarda, um sem forma ou figura.

Revolvendo o fundo

O escritor como indivíduo é fundo que fixa olhos, cinge com os pés a terra da sua leitura, faz da interpretação uma determinação ou sua marca, faz da escrita seu texto. O fundo do indivíduo que habita tanto o leitor como o intérprete, é uma outra coisa que não existe separado dele, embora a leitura e a interpretação o movimentem. Daí dizer Deleuze que “revolver o fundo é a mais perigosa ocupação, mas é também a mais tentadora, nos momentos de estupor de uma vontade obtusa” (1988, p. 249). A leitura, a interpretação e a escrita se fazem do que é revolvido, remexido, retomado, sem fixar naquilo que o antecede o já volvido, mexido, experimentado. Ela é o indeterminado que marca a determinação. Não o mesmo que o “eu”, relativo à espécie a que se pertence enquanto ser pensante, nem o “eu” que enquanto parte é forma de um todo comum que pertence à humanidade.

Quando o fundo sobe à superfície e estende um espelho disforme e deformante, esses campos de individuação se dissolvem. Esta dissolução passa por aquilo que, na elevação do fundo à superfície, aquele que escreve, como indivíduo, não consegue dar forma, ou por aquilo que um "eu" penetrado mais profundamente pela possibilidade do pensamento constitui o não-reconhecido de toda reconhecimento. Escapando às restrições da reconhecimento, a escrita que busca interpretar envolve a besteira como algo que não é forma, não é fundo, nem indivíduo. De certo modo, ela é uma violência que ataca sua passividade e a digestão do fundo.

Deformada no covil dos seus resumos, fragmentada naquilo que atrai para tornar texto, inventada numa realidade e naquilo que descreve, a escrita se faz tanto do que é real como do que é irrealizável. Ela é uma enunciação que se faz também da besteira. Nela um intérprete, por vezes atrapalhado, amaldiçoado, tenta colocar algo de alegre, brilhante, entre a névoa, o ocultamento, a melancolia e a dor que o carregam. Algo pesa retomado nas belas figuras do homem. Há um pressentimento de uma hediondez própria do rosto humano, que eleva a besteira à deformação do mal, numa reflexão que a processa como loucura.

Preconceitos! Coisas de um pensamento que entende a betise como uma espécie de embriaguez e tontura, que se perde entre uma filosofia da natureza que pontua a loucura como algo que surge de um fundo livre, estupidez na estupidez, crueldade na crueldade, o insuportável; e, uma filosofia do espírito, que a compreende como uma faculdade régia que, piedosamente, induz outras faculdades a um exercício transcendente, possibilitando a reconciliação que, na verdade, o indivíduo não encontra, senão em uma violenta sobreposição do fundo e do pensamento.

Essa filosofia última não percebe que os fatores de individuação intensiva tomam a si mesmo como objeto, constituindo um elemento mais elevado, enquanto sensibilidade transcendente ou sentiendum. Nela se destaca que a sensibilidade transcendente, de faculdade em faculdade, traz o fundo ao pensamento, o não-pensado ou o não-pensante e, na forma empírica, coloca o "eu" rachado, aquele que pensa o cogitandum, elemento transcendente que pensa só naquilo que pode ser pensado. Essa

é mais uma imagem que não consegue pensar o ainda não pensado, que não consegue pensar, portanto, “a besteira” (DELEUZE, 1988, p. 250). Na leitura do filósofo da diferença, o intérprete vai assegurando-se e, não sem tremor, os caminhos que se abrem à multiplicidade do indeterminado.

Uma lógica do sentido?

O intérprete é ator que se instala no sentido, quer construir seu texto, operar as designações possíveis e pensar suas condições. O sentido daquilo que ele escreve vem proposto por aquilo que discursa. Algo é dito e começa aí a pressuposição. Embora não se consiga dizer o sentido do que é dito, pode-se tomar o sentido do que se diz como objeto de uma outra proposição, da qual, por sua vez, não se diz sentido. Funciona como uma regressão infinita do pressuposto.

Tal regressão, para Deleuze, “dá testemunho, ao mesmo tempo, da maior impotência daquele que fala e da mais alta potência da linguagem: minha impotência em dizer o sentido do que digo, em dizer alguma coisa e seu sentido, mas também o poder infinito da linguagem de falar sobre as palavras” (1974, p. 31). Na escrita, sendo uma forma de linguagem, se diz de alguma coisa, se designa numa proposição um estado de coisas, podendo sempre tomar seu sentido como o designado de uma outra proposição. Nela, tanto se pode considerar a proposição como um nome, evidenciando que todo nome designa um objeto, como é permitido tomar o objeto em um novo nome, que designa seu sentido. Assim, n1 remete a n2 que, por sua vez, remete ao sentido de n1, n2, n3, n4. O sentido forma uma série onde um “nome que designa uma coisa remete a outro nome que designa seu sentido, ao infinito” (DELEUZE, 1974, p. 33).

A interpretação percorre de si uma superfície e não a aceitação do verdadeiro e do falso, como intuição que se realiza desde o fundo de um que a encarna. Ela busca a aceitação no qual flutua sua designação. A filosofia sempre se envolveu com o sentido, mas, na intenção de dar a ele a condição do verdadeiro, acabou fundamentando o erro. O problema

do sentido é o que ele condiciona, comumente, ao verdadeiro, o é, sempre numa extensão maior, que envolve o erro e o torna possível; ou ainda, o sentido não é indiferente àquilo que funda. Quando, numa proposição, algo se apresenta como falso, não deixa de ter sentido. O não-sentido expresso numa proposição possui um caráter tal que não aponta para o verdadeiro ou para o falso.

O intérprete entoa um discurso seu e nisso distingue a proposição em duas dimensões: uma como expressão do que diz algo de ideal e, a outra, como designação, onde indica ou designa os objetos, aos quais aplica seu enunciado ou exprimido. A dimensão ideal é a que remete ao sentido mesmo e a dimensão da designação é a que qualifica aquilo que se sente como parte do verdadeiro e do falso. Mas que tipo de lógica do sentido seria essa que, vinda de alguém que encarna o sentido, pode reduzi-lo a um faro psicológico ou a um formalismo lógico? Uma lógica que só justifica maneiras tradicionais de pensar, quando mantém o fundamento, como algo maior que o fundado. E isso, o faz, refletindo no verdadeiro e no falso o condicionado como um inabitado, por uma prévia condição; pior, aponta que quem se condiciona nesse algo, nesse fundamento, é aquele que o leva à possibilidade do seu oposto. Logo, tanto a proposição quanto a designação, praticam as formas lógicas da reconhecimento. Risco da encarnação do intérprete virar falação!

O possível na lógica do não-senso

Numa escrita, se usam proposições. Através delas, se condiciona uma experiência real, e não uma experiência do possível. Na Lógica do Sentido, o que é proposto como paradoxo “Meinong” se coloca frente à lógica formal aristotélica e descreve que, quando se distinguem duas espécies de ser como possíveis, se permite a existência de outras formas de ser, ou seja, os impossíveis. O impossível ou extra-ser surge quando, na distinção de duas espécies de ser do real como matéria das designações e do possível como forma das significações, se pode acrescentar qualquer coisa “que define um mínimo comum ao real, ao possível e ao impossível. Pois o princípio de contradição se aplica ao real e ao possível, mas não ao impossível: os

impossíveis são extra-existent, reduzidos a esse mínimo e, enquanto tais, insistem na proposição” (DELEUZE, 1974, p. 38).

Incluindo-se o impossível, pressupõe-se que a experiência forma, com o sentido, uma gênese intrínseca e não um condicionamento extrínseco, onde a verdade é caso de produção e não de adequação. A interpretação quer na escrita o sentido da sua genitalidade. Nela, uma leitura que reduz o texto não fica condicionada pelo inatismo, pela reminiscência de um ou de outros textos, por uma outra lógica implícita a esses. Como está explicitado na *Intuição Filosófica*, um intérprete não pega em idéias pré-existentes algo que derive delas, para fundi-las numa síntese superior ou para combina-las numa nova idéia. Daria no mesmo acreditar ser necessário, para falar, “procurar palavras que cosemos umas às outras, por meio do pensamento a verdade e que acima da palavra e acima da frase há algo de muito mais simples do que uma frase e mesmo do que uma palavra: o sentido, que é menos uma coisa pensada do que um movimento do pensamento, menos um movimento do que uma direção” (BERGSON, 1970, p. 51/52).

A interpretação, entendida como algo que vem do fundo, remexido por algo externo, tem, no que fica expresso no texto, o fundado, mas nunca revela dele o mesmo que era antes, perante uma prévia prova de fundamento. O texto expressa o sentido do que funda como um verdadeiro sem fundo, enquanto a razão suficiente expressa como fundamento algo que é dobrado. A tradução do intérprete, proposta no texto, fala, remete a algo desconhecido. O sentido que a funda já é uma outra coisa, diferente do que está escrito no texto, é sua metamorfose. O sentido não é do dizer aquilo que ele é. Expresso na proposição, ele não se reduz ao objeto ou ao estado do vivido daquele que o exprime. Distinto da significação que o remete ao conceito e o representa como objeto condicionado por um campo, o sentido, como a Idéia, se desenvolve em determinações sub-representativas.

Portanto, dele pode-se dizer que nunca é formulado no mesmo tempo da proposição, nunca permanece grudado no dito, como o sentido daquilo que se quer dizer. Deleuze chama esta qualidade do sentido de *loquendum*, “aquilo que não pode ser dito no uso empírico e só pode ser

dito no uso transcendente" (1988, p. 254). O que o texto, empiricamente, descreve desencontra, no dito, o sentido subjacente a que se refere.

O que o texto propõe e o que a interpretação dispõe numa Idéia, não conduz o escrito a uma espécie de sentido prévio, que se eleva percorrendo as faculdades do intérprete. A Idéia é também um não-sentido, também é constituída de elementos estruturais que não têm sentido por si mesmos. Apenas como estrutura e gênero ela pode constituir o sentido. A palavra "não-senso" é a única que diz de si mesma e, nesse sentido, para as faculdades empíricas, é um não-senso. O uso empírico do sentido, segreda para o observador, faculdades que tendem a se limitar ao transcendente.

Procurando entender o que é o sentido, na interpretação e no discurso de alguém que escolhe e, ao mesmo tempo, é escolhido por um autor, o intérprete procura a forma como Deleuze explora outros autores, como Flaubert e Lewis Carol, fazendo possível a definição do não-senso como o mecanismo para o pensar. Do não senso ele diz que "é a mais elevada finalidade do sentido, assim como o mecanismo da besteira é a mais elevada finalidade do pensamento" (1988, p. 254).

Para Bergson (1970), quem interpreta não obedece nem comanda, procura simpatizar. Quer o intérprete compreender que o sentido não é uma procura, mas um encontro com o infinito das possibilidades, de uma tomada entre e exprimido de uma proposição e o designado por uma outra proposição numa série contínua. De modo que o "nome" que se diz das coisas, aquilo que é expresso numa proposição da consciência também se encontra arrastado numa regressão nominal indefinida, onde cada nome remete a outro nome, que designa o sentido do precedente.

Logo, a consciência empírica mostra sua impotência como enésima potência e sua repetição transcendente como o poder infinito das próprias palavras, de falar delas ou sobre elas. A imagem dogmática trai o pensamento quando, no postulado das proposições, entende que a Filosofia encontra um começo na primeira proposição da consciência, isto é, no Cogito. O Cogito não tem sentido. Deixa dito Deleuze que, assim

como um qualquer outro nome, qualquer outro objeto, ele pode ser levado a uma regressão indefinida como potência de reiteração. Esse pensamento puro remete ao inconsciente, quando na representação, se liga à proposição da consciência que busca constituir a esfera do sentido e acaba implicando uma regressão ao infinito.

A dúvida é atemporal

Quando escreveu as *Meditações*, Descartes acreditou dar ao pensamento um poder irrevogável. Dizia ele que “o pensamento é um atributo que me pertence; só ele não pode ser separado de mim. Eu sou, eu existo” (1983, p. 93). Queria o filósofo do Método justificar a pureza do pensamento pelo uso do bom senso. Nada sou, dizia, senão uma coisa que pensa, um espírito, um entendimento, uma razão. Muitas coisas que disse sobre o sentimento da dúvida, mas a colocando de fora do pensamento do senso comum e do bom senso: “sou o mesmo que sente, isto é, conhece e recebe as coisas como que pelos órgãos dos sentidos” (DESCARTES, 1983, p. 93).

Para esse filósofo, não se pode sentir sem o corpo. Mas o corpo mesmo é sentido como uma coisa que se traduz pela razão, quando diz: “É muito certo que me parece que vejo, que ouço e que me aqueço; e é propriamente aquilo que em mim se chama sentir e isto, tomado assim precisamente, nada é senão pensar” (DESCARTES, 1983, p. 93). A dúvida decalcada do pensamento projeta no sentido uma redução às faculdades que pertencem a esse; portanto, ele é algo que pode ser afirmado ou negado na unidade de um “eu” que pensa.

Isso sugere que nada sofre nesse pensamento, nada repugna, nada azeda, nada foge ao bem e ao mal, ao positivo e ao negativo, o corpo é deixado de fora da dúvida. Logo, a ambigüidade é algo que se coloca entre o leitor e o intérprete, e os desloca de seu lugar; quando um descreve, o faz por algo que não é dele, mas, quando o atravessa não sendo ele, remete-o àquilo que de algum modo por outro vai se deixar apropriar, e terá um significado novo no leitor, no escritor, na obra.

A dúvida mora na inconstância, só ela possui lugar desapropriando, tarefa que faz ao infinito. A dúvida também não tem tempo, “o mundo dá o tempo, mas faz dele o que quer, [...] quando se tem o tempo todo, não se tem mais tempo, e as circunstâncias exteriores `amistosas' convertaram-se em inamistosas, na inexistência das circunstâncias” (BLANCHOT, 1987, p. 54). A dúvida não é histórica nem faz a história, não tem um tempo em que possa aquietar-se, sendo o Fora dela a incerteza de tudo, o que menos importa é o próprio tempo. Portanto, o bom senso e o senso comum não podem acordar sobre a dúvida sem, ao mesmo tempo, dissolver-se nela.

Paradoxos do sentido

Nem tudo alinha na palavra, no gesto de escrever carece de dizer do próprio gesto. A dor do escritor não é composta na palavra, ainda que fique disposta nela. A palavra geme do que não é dele, mas o é por ele. Para a lógica dogmática, é como se, na palavra mesma, morasse uma ordem da continuidade, que um uso próprio e uma língua própria pudesse alcançar. Mas, quando escreve, o intérprete perde a fala, não acha a palavra e, quando a encontra, colocada no conjunto com as outras, parece que seu discurso diz de outra coisa. A palavra mostra, para o intérprete, sua invisibilidade no processo incontido de uma metamorfose.

Nunca se escreve no mesmo sentido que se lê, no mesmo sentido que a palavra fala, como a boca diz, como o corpo projeta aquilo que dela sente ou como pode traduzi-la numa nova fala antes descrita. Como escrever algo que se guia pelo sentido, se o sentido prolifera no texto, até chegar a uma espécie de indefinição? Essa proliferação do sentido acaba se constituindo num paradoxo, no qual o que é exprimido em um nome, é o designado de um outro nome, que vem reduplicar o primeiro.

Tal paradoxo da regressão ou da proliferação indefinida aponta que o sentido está sempre pressuposto, desde quando se começa falar, mas como nunca se diz o sentido daquilo que se diz, coloca-se, naturalmente, uma regressão infinita no dito pressuposto. Como o sentido é sempre tomado como o designado de uma outra proposição, todo nome designa

um objeto que designa um novo nome de um outro objeto para dizer do sentido, proliferando-se assim numa série (DELEUZE, 1974, p. 31 e ss.). O intérprete cuida de não perder o sentido, mimando-o para que num inchaço o transborde.

Inquieta-se no sentido como uma genitália devorante que absorve e deságua. Balbuciante, o sentido se prolifera e multiplica o texto. Do mesmo modo como propunha Deleuze, as proposições proliferam e os sons tomam conta de si mesmos, o que confirma “a possibilidade de um laço mais profundo entre a lógica do sentido e a ética, a moral ou a moralidade” (1974, p. 34).

O nefasto jogo desse paradoxo é que, quando se escapa dele, acaba-se caindo em outro, o paradoxo do desdobramento estéril ou da reiteração seca (DELEUZE, 1974, p. 34). Esse se refere àquilo que a proposição suspende, quando imobiliza o tempo, para extrair dele um duplo, na coisa que ela retém, apenas, como conteúdo ideal e dado imanente. Isso mostra que o paradoxo da repetição, comum na linguagem, não constitui uma reduplicação, mas sim um desdobramento; não uma precipitação, mas sim uma suspensão. É o desdobramento mesmo que forma um duplo na proposição, distinto dela, daquele que a formula e do objeto a que ela se dirige. Nessa distinção, ele é algo que se encobre, mostra Deleuze, inclusive, do sujeito e do objeto, uma vez que não existe fora da proposição que o formula, e só difere dela, da proposição, porque se reporta a ela enquanto objeto, como lógica do “enunciável” ou do “expressível” (1988, p. 255).

Encruzilhada do intérprete; sendo o sentido, por um lado, o tema complexo da proposição e o termo primeiro do conhecimento e, por outro, como já se disse, sendo distinto do objeto e da proposição, quando o enunciado de uma forma infinitiva ou participial é deduzido do que produz, como acontecimento ideal, torna-se uma entidade objetiva que já não pode dizer que existe. Contudo, o sentido é algo que insiste e subsiste como um quase ser ou um extra-ser mínimo de ser comum, que se apresenta nos objetos possíveis e impossíveis.

Busca-se o sentido para criar, estudar, interpretar, clama-se por algo que não é ser, “mas um aliquid que convém ao não-ser”. Essa expressão Deleuze toma da sutileza pré- socrática, sobre a qual aponta que nessa “esterilidade do sentido-acontecimento: somente os corpos agem e padecem, mas não os incorporais, que resultam das ações e das paixões”, paradoxo que ele destaca dos estóicos (1974, p. 34).

Diluído, pressentindo-se um corpo sem órgãos, um rizoma, um fluxo, aquele que escreve opera a qualidade do sentido, enquanto se expressa como um não-ser que se conduz a outros sentidos. O sentido extraído da proposição não depende dela quando suspende a afirmação e a negação. Também, não é dela senão um duplo evanescente. Esses dois paradoxos, da regressão infinita e o do desdobramento estéril, formam os termos de uma alternativa do tipo ou um ou outro. O primeiro conjuga o mais alto poder com a maior impotência; o segundo, impõe uma tarefa análoga que conjuga a esterilidade do sentido com sua potência genética nas dimensões da proposição. O último mostra, na sua impenetrabilidade e segura, uma esterilidade que coloca um objeto impossível, como o contraditório em si mesmo. Algo que só tem sentido sob a afirmação e a negação que, também, se apresentam como modos proposicionais.

Pode-se concluir que um objeto, impossível, contraditório em si mesmo, possui sentido, embora não possua significação. A fugacidade do objeto e a eternidade de seu sentido ficam comprometidas numa espécie de jogo do espelho, onde “uma proposição deve ser verdadeira porque seu exprimível é verdadeiro”, o que implica que o exprimível só é verdadeiro quando a proposição é, ela mesma, verdadeira (DELEUZE, 1988, p. 255). Tudo isso define o sentido como um vapor, movendo-se no limite das coisas e das palavras. Deleuze descreve que a contribuição de Carroll foi mostrar como a lógica se apresenta ineficaz e estéril perante esses paradoxos, e que as aventuras de Alice remetem a outros paradoxos secundários.

O segundo paradoxo leva ao terceiro, da neutralidade ou do terceiro estado da essência. Ficou antes definido que o sentido, como duplo da proposição, é indiferente à afirmação e à negação, não sendo ativo nem passivo; portanto, nenhum modo da proposição pode afetá-lo. Sendo

sempre o mesmo na proposição, ele aparece sob diversos pontos de vista da quantidade, da qualidade, da relação e da modalidade. Os pontos de vista dizem respeito à designação, aos diversos aspectos nos quais ela se efetua, conduzidos por preenchimentos de estado de coisas, não ao sentido mesmo ou à expressão. Tudo que como sentido coloca a qualidade, no sentido inverso, pode ser negado e o mesmo ocorre com a quantidade. No que se refere à relação o sentido é sempre o mesmo, porque nela dois sentidos se colocam ao mesmo tempo. O que uma relação encontra é um duplo sentido e nisso exclui a possibilidade de que haja o tal bom sentido da relação.

Na perspectiva da relação, pode-se iluminar que os acontecimentos nunca são causa uns dos outros. Embora possa entrar numa relação de quase-causalidade que os remete à causalidade real e fantasmagórica, isso pode assumir dois sentidos. Ao se apontar a modalidade, pode-se expressar o sentido de uma forma interrogativa. Mas tal modo não implicaria no como a possibilidade, a realidade e a necessidade do objeto o designam ou o afetam? O que aí é interrogado tanto pode decalcar respostas passíveis de serem dadas sobre respostas prováveis ou possíveis, sem fugir à lógica modal ou ao princípio de contradição, como pode dividir o acontecimento no infinito da sua presença, que são o futuro e o passado, permanecendo nele por conta própria.

Como tudo passa pela linguagem e na linguagem, o acontecimento se apresenta duas vezes: “primeiro na proposição em que subsiste e, em seguida, no estado de coisas ao qual, na superfície, ele advém” (DELEUZE, 1974, p. 36). O ao mesmo tempo diz de duas faces da mesma superfície, faces simultâneas, da qual o interior e o exterior, a “insistência” e o “extra-ser” se acham numa continuidade reversível e onde o sentido permanece não afetado pelos modos da proposição, paradoxo da neutralidade.

Por fim, o último paradoxo do sentido é aquele que impossibilita uma compreensão mais ampla dele porque a ele se refere quanto ao absurdo ou dos objetos possíveis. Paradoxo que leva a um outro, o das proposições que designam objetos contraditórios, que buscam também sentido. Tais proposições são sem significação, são absurdas, não podem ser definidas por possibilidade de uma efetuação, são extra-seres, puros

acontecimentos ideais, irrefutáveis em um estado de coisas. Quando se distingue o ser do real, como matéria das designações e o ser do possível como matéria das significações, pode-se ainda acrescentar o extra-ser. Esse define um mínimo comum ao real, ao possível e ao impossível. Resumindo, ele é aquilo que, no princípio de contradição, se aplica ao real e ao possível, sem implicar o impossível, os extra- existentes, reduzidos a mínimos insistentes na proposição.

Esse último paradoxo leva a confundir sentido e problema. Quando o sentido proposto de uma forma interrogativa pergunta pela verdade no duplo neutralizado de uma proposição, a interrogação pressupõe respostas prováveis ou possíveis. Essa interrogação deriva do senso comum e do bom senso e se dá no quadro de uma comunidade. Essa distribui um saber dado nas relações subjacentes às consciências empíricas e, de acordo com situação, pontos de vista, função e competência, uma consciência que sabe o que a outra ignora. O que se pode perguntar à imagem dogmática é como a experiência trai ou traiu a consciência se o que ela problematiza vem da última em soluções diversas.

O sentido pressionado sucumbe no problema. Fica apresentado como um tema ou questão nos quais as proposições que o interrogam possuem os elementos de resposta e os casos de solução. Nessa interpretação que o aborda como um tema, ele se apresenta como um duplo ineficaz, imposto pelas proposições que o subsumem, pois, tanto o problema como a questão que o coloca, ao mesmo tempo, o neutralizam numa proposição correspondente. Daí Deleuze esclarecer que "é preciso parar de decalcar os problemas e as questões sobre proposições correspondentes, que servem ou podem servir de resposta" (1988, p. 257). O agente da ilusão é a interrogação que reconstitui uma consciência empírica que primeiro desdobra o tema-problema e, depois, o soluciona ou o reconcilia na doxa. O sentido, assim como o problema, difere, por natureza, das proposições. A dialética que se coloca como a arte dos problemas e das soluções apenas combina o cálculo com aquilo que problematiza. Quando decalca o problema da proposição mesma que o instaura, sucumbe ao reino do negativo onde tudo que pode ser afirmado também pode ser negado, e nada se diz sobre o sentido do que se afirma ou nega.

A caverna do intérprete

O intérprete anda nu nas lacunas da sua superfície. Seu desejo é um labirinto que precisa ser percorrido nos espaços trilhados por sua escrita. Nada do que ele propõe como agora se confunde como um já dito, ouvido, falado; nada ele descobre. A escrita não encobre nem descreve algo do vivido, ela é vivida de uma interpretação na qual o intérprete “sabe agora que pode escrever. Mas esse saber não é simples, esse poder não é dele. Com raras exceções nunca encontra no que escreve a prova do que verdadeiramente escreve” (BLANCHOT, 1987, p. 53). Aquele escreve a par das circunstâncias exteriores, escreve desde um fundo que não fundamenta a escrita. A escrita no texto fala daquilo que absorve dela mesma; ela é gênese de um fundo que toma para si como se a harmonia do encontro das palavras declinasse de um propósito que está para além dela, na superfície daquilo que ela explora.

O fundo da escrita é a abertura que faz em vista do salto que prepara o intérprete que o preconiza, ou possibilita seu vôo no abismo do texto. A imagem que um intérprete coloca de si no texto não é uma imagem enganosa, porque não tem que responder a uma realidade pré-existente. A escrita não é uma intenção que se dirige a querer fabricar o real nem a querer responder a ele.

Deleuze, aproveitando Genet, diz que “de trás da imagem não há nada, `uma falta de ser`, um vazio que dá fé de um Eu disuelto. De trás da imagem não há nada, salvo o espírito que as contempla com uma estranha frialdade, ainda que sejam sangrentas e desgarradas” (1996, p. 165). Os problemas que a escrita enfrenta não podem ser decalcados da realidade como algo objetivo, já que a realidade subjaz na escrita como um outro que a ela se fundamenta. Quando o dito não diz mais do que descreve, os problemas dados já estão feitos e, seu desaparecimento, pressuposto nesse duplo aspecto.

Pensar a realidade não se reduz ao verdadeiro e ao falso naquilo que ela se descreve. Como se nela a procura fosse pelo encontro das soluções e

desencontro dos sentidos. A escrita de um encontro dá o que perde nele, no mesmo sentido. Algo que se postula de modo insano deve ser anulado, porque fundamenta o preconceito infantil, segundo o qual o que o mestre apresenta como problema deve ser resolvido, sendo o resultado ou a solução dessa tarefa “qualificado de verdadeiro ou de falso por uma autoridade poderosa” (1988, p. 259).

Articula Deleuze que é destino da imagem dogmática do pensamento apoiar-se sempre em exemplos psicologicamente pueris e socialmente reacionários quando prejudicar o que deveria ser o mais elevado no pensamento; isto é, a gênese do ato de pensar e o sentido do verdadeiro e do falso (1988, p. 259). O intérprete, envolvido com o sentido de criar, não propõe na escrita uma resposta ou solução como se o propósito do texto fosse algo de verdadeiro ou de falso, que começa com uma solução e que o qualifica como resposta.

É próprio da escrita inventar, criar e, por uma imposição restrita da língua, descrever. O estranho, o estrangeiro, escreve na terra em que vive, sem que sua escrita seja, no campo em que quase inscreve, uma estranheza, uma sublocação da língua; pois uma escrita-estranha, também, é língua. Para quem escreve e quer instituir, na escrita, um campo simbólico, o problema passa a ser constituído como algo que lhe é próprio. Todo mundo reconhece que os problemas são importantes.

O problema do intérprete é um elemento autônomo no texto, é ele que sendo o autor se coloca no texto, mas fica dispensado dele depois da escrita. Ele transcende na escrita e o problema que permanece nela, faz sentido, não como algo provisório e contingente que está fadado a desaparecer na formação do saber. Nem sua importância está, simplesmente, vinculada às condições empíricas negativas, que se encontram submetidas no intérprete, como sujeito cognoscente.

As condições empíricas descobrem no problema o nível transcendental e mostram, nesse vínculo, não os “dados” como data, mas as objetividades ideais que esses possuem que os implica em atos constituintes e investigativos, como campo simbólico. Quando uma escrita se dirige pelo

verdadeiro e pelo falso acaba com o problema pretendido já que antecede sua solução. Isso insistiria num círculo vicioso que castraria a possibilidade de uma outra abordagem, fora dessa ordem.

A escrita problematiza o que, inspirado em Bergson, Deleuze afirma: “uma solução tem sempre a verdade que merece de acordo com o problema que ela corresponde; e o problema tem sempre a solução que merece de acordo com sua verdade ou falsidade, isto é, de acordo com seu sentido”. Pode-se lembrar de fórmulas célebres e dizer que “os verdadeiros grandes problemas só são colocados quando são resolvidos” ou “a humanidade só se põe problemas que é capaz de resolver” (DELEUZE, 1988, p. 260). Mas, o problema assim colocado, acaba com a possibilidade de uma escrita-rizoma que quer arriscar, no encontro do sentido, sua total dissolução.

Toda a escrita começa quando nasce algo no interior de uma terceira pessoa. Brota em alguém que se impossibilita de poder dizer “eu” (DELEUZE, p. 1996a, p. 13). Nela o elemento problematizante deriva do que está posto no sentido intuído do proposto; algo que depõe nela não um lugar de uma verdade originária. A escrita diz do acontecimento. O acontecimento deriva de singularidades ideais que comunicam em um só e mesmo acontecimento. Como uma bandeira hasteada, a escrita é símbolo de uma intenção, na qual a verdade eterna pode habitá-la como um tempo que não vem de um presente, embora nela se efetue e nela subsista. Alguma coisa nela pertence à infinitude enquanto intenção que remete ao que existe e subsiste em um tempo múltiplo ou Aion.

Providenciando uma transcendência

Deleuze não nega a transcendência; porém, o modo como ele a assume, reverte o platonismo, o transgride. A suposta idealidade da transcendência ele substitui pelo acontecimento através do qual descreve como um jato de singularidades. O que a imagem da tradição entende como essência e o empirismo entende como acidente, ele coloca como o problema do acontecimento, já que “não se pode dizer que há acontecimentos

problemáticos, mas que os acontecimentos concernem exclusivamente aos problemas e definem suas condições" (1974, p. 57).

Resumindo, a transcendência ou o acontecimento problemático e o problematizante, na escrita, é o problema do acontecimento. Fato que o mostra como algo não determinado senão pelos pontos singulares que exprimem sua condição. Na escrita o problema pode se apresentar como aquilo que tem sempre a solução merecida, segundo as condições que o determinam enquanto tal ou como o efeito das singularidades que o presidem e como gênese das soluções que se fazem numa equação. Contudo, a escrita como uma instância-problema não mostra o acontecimento ideal como instância-solução que o efetuará num espaço-temporal de sua natureza. O problemático da escrita como uma categoria subjetiva do pensamento ou como um momento empírico que marca a imperfeição da conduta humana, leva à difícil situação de não se poder antecipar o que desaparece com o saber adquirido.

O efeito de uma indagação pode levantar um problema e este ser recoberto pelo engendramento de suas soluções, fazendo do problemático aquilo que subsiste na Idéia, quando ela refere a ele tanto como condição ou como ordem mesma da gênese das soluções. É na Idéia que as soluções adquirem sentido.

A intérprete aposta na escrita que pode trabalhar com as idéias, fugindo às soluções prévias que elas possam vir a representar quando expandem um problema num conjunto de proposições. Mas acaba caindo numa forma natural de uma ilusão que advém de uma filosofia que possibilita decalcar os problemas sobre as proposições. Tal ilusão se esforça em modelar a forma dos problemas sobre as formas das possibilidades das proposições. Uma tarefa que a dialética se permitiu quando se tornou a arte dos problemas e das questões, assinala Aristóteles. Mas ocorre que a Analítica também vai se constituir num meio de resolver o problema dado fazendo resposta à questão, legitimamente colocada pela dialética platônica. Através do silogismo, não fará mais que processar os temas que aquela dialética inventou e os levará a soluções.

Depois de Aristóteles, a forma da possibilidade de solução dos problemas vai variar na História da Filosofia, ainda que na mesma perspectiva. O método de Descartes resolve problemas sempre já dados, em que as questões têm apenas papel secundário e subordinados. Sua tentativa de combater a lógica dialética acaba por comungar um ponto em comum: “o cálculo dos problemas e das questões continua a ser inferido de um cálculo das proposições simples tidas como prévias”, retoma a imagem dogmática (DELEUZE, 1988, p. 263). Depois virá Kant (CAYGILL, 2000) exigindo que a prova do verdadeiro e do falso seja deduzida dos problemas e das questões. E esse último realizará com sua profunda teoria da Idéia problematizante e problemática, uma retomada da dialética, que introduz os problemas na geometria da razão.

O problema perde sua característica quando, na escrita, a interpretação permite que permaneça uma imagem onde seu elemento imperativo interior é definido, antes de tudo, pela verdade e a falsidade. Essas não apenas que o medem no poder de uma gênese intrínseca como o subentendem no próprio objeto da dialética ou na combinatória do diferencial. O problema, nesse quadro, é entendido como prova e seleção ou como algo que pode gerar, na sua essência, uma verdade enquanto produção. Isso implica uma compreensão de que o pensamento é algo que possui o verdadeiro, condicionado por um ponto de vista.

Mas o perspectivismo de Nietzsche já disse que tanto o elemento diferencial, como o genético pode ser substituído um pelo outro. Logo, o verdadeiro e o falso não podem permanecer na indiferença do condicionado em relação à sua condição ou à condição mesma, não podem permanecer na indiferença ou em relação ao que ela torna possível. O verdadeiro e o falso se envolvem com o problema e se condicionam a ele, na medida em que buscam para ele um sentido próprio. Essa é a única maneira de levar a sério as expressões “verdadeiro e falso problema” (DELEUZE, 1988, p. 264).

O problema da escrita

É preciso, então, renunciar à idéia de copiar os problemas sobre proposições possíveis e definir a verdade dos problemas pela possibilidade de esses receberem solução. Se uma escrita se pautar em busca do verdadeiro e do falso, vai tecer uma “resolubilidade” que não é do problema uma característica interna. Mas algo engendrado nele e por ele, do qual ela derivaria das condições que o propõem, ao contrário de soluções reais.

A escrita não pode ser reduzida ao problema. Ela é encontro e abandono daquele que a escreve, daquele que interpreta o acontecimento. Portanto, criar traços, Linhas de escrita (TADEU; CORAZZA; ZORDAN, 2004), não pode ser reduzido ao senso comum como algo que só pode existir se encontra nele um sentido que coroa, essa ação, como verdadeira. O problema da escrita, se existe, independe da verdade de quem escreve e de quem interpreta. Seria um problema do problema ou o encontro do sentido no desencontro do que acontece na escrita. O problema remexe desde um fundo que a superfície da escrita só comporta quando a palavra a entorta sobre o que ela quer dizer; quando há uma idéia nela que a esconde daquilo que se faz mais importante revelar.

O problema na escrita não deriva das condições de quem escreve nem das condições de quem interpreta, o problema não decalca de um e outro a verdade, mas o sentido que produz entre eles singularidades. A escrita, quando problematiza, diz do problema não o que quer dizer a quem ela não quer falar; fala do impronunciável, do que cala vazio quando tudo fica cheio de expressão. Algo próximo ao que Blanchot, quer dizer quando escreve que “a palavra inacabada apóia-se no inacabamento” (2001, p.?).

O pensamento quer criar e não apenas problematizar na palavra algo que o retenha. O pensamento sendo o invisível do texto é algo que questiona na palavra aquilo que não a faz “incompleta enquanto questão; mas é, ao contrário, a palavra que o fato de declarar-se incompleta realiza. A questão substitui no vazio a afirmação plena, ela a enriquece com esse vazio anterior. Por intermédio da questão, oferecemo-nos a coisa, oferecemo-nos o vazio que nos permite não tê-la como desejo. A questão

é o desejo do pensamento” (BLANCHOT, 2001, p?). Não há solução antes do problema, pois o sentido se move pelo desejo e esse não pode ficar encapsulado. A solução soa na questão como insolúvel. Na escrita o sentido não é só ideal, mas é, também, o problema que nela impinge, derivado das próprias idéias.

O problema do problema em Deleuze

Quando se interpreta não se coloca algo na escrita que baste para resolver um problema seriando casos simples, desempenhados como o papel dos elementos analíticos. É preciso determinar as condições em que se escreve e sob as quais se adquire o máximo de compreensão e de extensão, com o intuito de estimular, naquilo que ela propõe, uma capacidade de comunicar casos de solução como uma continuidade ideal que lhe é própria. O que a escrita quer descrever não pode ser visto como uma única solução que concerne ao problema, já que resolvê-lo seria “engendrar descontinuidades sobre o fundo de uma continuidade funcionando como Idéia” (1988, p. 266). Contudo, o problema que não é problematizado fica esquecido!

A escrita não é apenas o acontecimento da interpretação, mas também é o devir do que acontece nela e por ela, na interpretação que também devir dela com um outro acontecimento ou por vir. Quando se fala em acontecimentos, se fala de problemas determinados sob condições. Os acontecimentos são singularidades que se desenrolam em um campo problemático, vizinhança na qual organizam as soluções. As repartições das singularidades formam em cada série o campo do problema como elemento paradoxal e, percorrendo essas séries, faz com que elas ressoem e se comuniquem ou ramifiquem em todas as retomadas ou transformações, em todas suas as redistribuições.

Nesse ponto onde o paradoxo se mostra, pode-se perguntar se o problema é determinado pelos seus pontos singulares que correspondem às séries, ou se ele é “um ponto aleatório que corresponde à casa vazia ou ao elemento móvel” (DELEUZE, 1974, p. 59)? Isso faz com que a redistribuição

de singularidades promova as metamorfoses e forme uma história onde cada combinação ou cada repartição é um acontecimento e, cada acontecimento, uma instância paradoxal, onde todos os acontecimentos se comunicam e se distribuem como o único acontecimento. Essa é tal que todos os outros não passam de fragmentos e farrapos. Mas o que é um problema num texto- rizoma? É a pergunta que se desenvolve e aquilo que ela envolve, como problema de uma pergunta fundamental.

Como disse Blanchot (2001, p. 41), questionar é se colocar na impossibilidade de questionar com perguntas parciais. É experimentar a impossibilidade de questionar com questões particulares, embora toda questão seja particular sendo tanto melhor colocada se firmemente responde à particularidade da sua posição. Sendo toda questão determinada, é nesse movimento dela que o indeterminado mantém-se na determinação da questão.

Problema e soluções

Numa escrita, as soluções não suprimem os problemas, assim como o problema não existe fora de suas soluções. Algo subsiste nessa condição que dá sentido ao problema e, como resposta, não suprime, de nenhuma forma, a pergunta, nem a satisfaz, já que ela persiste através de todas as respostas. Nesse aspecto, pode-se dizer que os problemas permanecem sem solução e a pergunta sem resposta ou que pergunta e problema designam por si mesmos objetividades ideais e têm um ser próprio, um minimum de ser (DELEUZE, 1974, p. 59).

Então, no ato de escrever um problema se determina, ao mesmo tempo, em que é resolvido, mas essa sua determinação não se confunde com sua solução. Esses são dois elementos que diferem por natureza, sendo a determinação a gênese da solução concomitante. O problema sendo parte do que a escrita registra, possui, enquanto solução, um duplo aspecto imanente e transcendente, ao mesmo tempo. É transcendente quando consiste num sistema de ligações ideais ou de relações diferenciais

entre elementos genéticos. É imanente quando essas ligações ou relações se encaram nas correlações atuais e sem se assemelhar a elas, as definem por sua solução.

Os problemas serão dialéticos para Deleuze, quando esboçam uma relação íntima com o senso comum de onde eles são decalcados e compreendidos como Idéia. A dialética se contenta em decalcar os problemas sobre proposições, perdendo, assim, sua verdadeira potência, quando cai sobre o poder do negativo, substituindo a objetividade ideal do problemático por um simples confronto de idéias opostas ou proposições contrárias e contraditórias. O fato de o problema ser entendido como dialético e suas soluções como científicas não impede que se proponha nele uma distinção mais completa. Sendo o problema uma instância transcendente quanto ao seu campo simbólico, exprime soluções em condições ou movimento de imanência. Concomitantemente a isso, possui a instância imanente que o remete ao campo de resolubilidade científica que o encarna e o define em função do simbolismo precedente. De onde é preciso concluir que uma teoria geral do problema corresponde a uma síntese ideal na relação entre esses elementos.

Ampliando a dimensão do problema, pode se dizer, com Blanchot, que uma questão é um convite a um salto que não se reduz a um resultado único. Esse autor interpreta que é necessário um espaço livre para saltar, é preciso um solo firme junto a um poder que, a partir da imobilidade segura, transforme o movimento em salto. Esse salto, algo que se dá a partir de qualquer firmeza, é a liberdade de questionar.

Como abordar os signos?

Queria o intérprete saber se, quando lia, capturava um sentido seu, no sentido do texto. Mas já entendia que ler e estudar não eram a mesma coisa e havia uma lógica que advertia sobre isso. Ele estranhava, havia um tempo, que algo no estudo não pertencia à interpretação, coisa que talvez se remetesse à forma de abordar signos. A leitura como estudo e o

esboço como interpretação remetem ao mesmo espaço no texto e, embora percorram as mesmas linhas, transitando as mesmas lacunas, não preenchem do mesmo modo as expectativas que recolhem da leitura. Nem problematizavam do mesmo jeito o lido e o escrito. “O mundo lhe parecia misterioso antes de freqüentá-lo: ele acredita que os que emitem signos são também os que compreendem e deles detêm o código” (DELEUZE, 2003, p. 27).

O intérprete sentia-se impotente para observar, escutar e ver o sentido do signo. O problema do intérprete é o do objetivismo, que não poupa nenhuma espécie de signo nem resulta de uma tendência única, mas da reunião de um complexo de tendências. Era preciso entender o estudo como uma outra forma de leitura, era preciso diluir o tempo e o espaço numa escrita sem imagem que resultasse da interpretação.

Escreve-se sobre aquilo que ainda não se sabe. No devir da uma captura é algo que tem a ver com o corpo, superfície deteriorada, dissolvida, absorvida, devorada e demorada. Aprender a interpretar é uma outra coisa para além da captura do estudo. Deleuze diz que aprender é penetrar no universal das relações que constituem a idéia e nas singularidades que lhes correspondem. Tirando algo que tem ares leibnizianos, Deleuze aponta que o mar é um sistema de ligações ou relações diferenciais entre partículas e singularidades que correspondem aos graus de variação destas relações, onde o conjunto do sistema se encarna no movimento real das ondas. Ora, se alguém quer aprender a nadar, precisa conjugar pontos relevantes de seu corpo com os pontos singulares da idéia objetiva, formando um campo problemático. A interpretação é o sobrevôo do intérprete no sobrevôo do pensador. A escrita advinda da interpretação plana feito vôo novo, corroborado por dois sobrevôos compossíveis.

Um filósofo em meio aos signos

Mas como fazer para que nasça na escrita uma sensibilidade como segunda potência que apreenda em um só sentido aquilo que vem de

dois ou mais sentidos? A educação dos sentidos se dá de uma faculdade à outra, como uma violência que se comunica, compreendendo sempre o Outro no incomparável de cada uma. É algo que parte dos signos da sensibilidade. Em Proust e os signos, Deleuze (2003) diz que ser sensível aos signos é considerar o mundo como coisa a ser decifrada, um dom.

Esse dom que o intérprete pretende alcançar pode correr o risco de permanecer oculto, quando não se proporcionam os encontros necessários, os que ficam sem efeito, quando não se consegue ver para além de certas crenças. A primeira crença apontada é aquela que atribui ao objeto os signos de que é portador. Por uma tendência natural e habitual, dada pela percepção, pela paixão, pela inteligência e pelo amor-próprio, se entende que o objeto traz o segredo do signo e o emite, fixa sobre ele seu deciframento, seu objetivismo (DELEUZE, 2003b, p. 26/27).

Interpretar não é sugar, nos signos do autor, uma sensibilidade extra. Nunca se sabe como alguém apreende o signo. Tanto os signos podem vir da sensibilidade por meio do que se guarda na memória, ou sob torções determinadas, pelas singularidades das Idéias, ou, ainda, por meio de encontros, que não só forçam o pensar como predispõe o filosófico. Embora, as faculdades limitam-se a encaixar umas nas outras, o que emitem dos signos, eles podem-se fugir dessa forma quadrangular e desencontrar nelas o que transmite deles a diferença. Isso ocorre, quando as impressões que possuem dois lados, envolvem o objeto em um outro signo, no qual ele é um prolongamento daquele que conhece.

Dirigindo-se ao signo, o intérprete encontra duas metades, uma que designa o objeto e outra que significa alguma coisa diferente. O dado objetivo, nesse caso, vem do prazer, do gozo que se faz imediato em uma ação, em uma prática, em algo que se dirige para o sacrifício, do lado da verdade. Mas é possível reconhecer sem jamais ter conhecido a coisa?

Caos do intérprete, há muita confusão em se querer revelar o significado do signo, pelo seu ser ou pelo objeto que ele designa. Esse modo de entendimento recusa que no encontro haja um desvio dos imperativos que dele emanam. Quando se pretende aprofundar o encontro através de

algo imperativo, acaba-se caindo na facilidade das recognições e se experimentando o prazer de uma impressão como o esplendor de um signo. É sempre o objetivismo domando a captura, esse não só não poupa nenhuma espécie de signo como resulta da reunião de um complexo de tendências. A percepção e a representação podem relacionar um signo a um objeto, mas sempre atribuirão ao último o benefício do primeiro. Por outro lado, a memória voluntária da qual o objetivismo depende lembra das coisas e não dos signos.

Aprender e interpretar

Toda escrita possui uma tendência, o que quer dizer que uma espécie de encarnação pode ser seu lado objetivo. A inteligência humana, também, ao estilo de desejar a objetividade como percepção do objeto pode, é de seu feitio, tornar-se objetivista. Nisso a percepção pode acabar ansiando por conteúdos objetivos, significações objetivas explícitas, capazes de descobrir, receber e comunicar a ela algo. Mas, enquanto a percepção acredita que a realidade deve ser vista e observada, a inteligência acredita que a verdade deve ser dita e formulada intrínsecamente aos valores que retém no seu objetivismo.

Estudar e interpretar são formas de conhecer. Fogel disse, em *Conhecer é criar*, que no Ocidente se identifica saber e conhecer. Os dois perfazem um conceitual- representativo que instaura objetivações e teorias do tipo: "sabe-se porque se sabe. Conhece-se porque se conhece" (FOGEL, 2003, p. 55). Para esse leitor de Nietzsche, o conhecimento possui dois aspectos: esquematismo conceitual (razão técnica, cibernética, ciência e saber como informação) e interpretação ou apropriação (criação e liberdade), que não precisa ser desdobrada, explicitada e detalhada. Portanto, conhecer não se reduz a objetivar; pois o objetivismo, retira da interpretação, algo que não está imaculado nela. Esta extrema redução também é apontada por Proust, citado por Deleuze, quando diz que "a verdade não tem necessidade de ser dita para ser manifestada, e que podemos colhê-la mais seguramente sem esperar pelas palavras e até mesmo sem levá-las em conta, em mil signos exteriores" (2003b, p. 28).

Ademais não só os signos são múltiplos que o pensamento desses autores mostram; são as coisas que também são diversas, assim como os empreendimentos e os valores aos quais tende a inteligência. Esse objetivismo resulta de um violento adestramento dado por uma cultura ou por um conjunto de saberes elementares para fazer conviver um povo. Uma “paidéia” percorre todo o indivíduo, como se num albino se fizesse sentir a sensibilidade, num afásico se fizesse nascer a fala, num acéfalo se fizesse nascer o pensar do pensamento (DELEUZE, 1988, p. 270).

Interpretar diz respeito aos signos e ao saber. Mas, se o que regula o saber como método são as faculdades, logo deriva do senso comum ou de uma Cogitatio natura, o elemento que premedita e possibilita a interpretação a predispõe na boa vontade do intérprete? Em Shopenhauer educador, Nietzsche dizia da cultura como “dos muitos anéis que, imbricados um no outro, constituem a comunidade humana, alguns são de ouro, outros são de zinco” (NIETZSCHE, 2003, p. 165). É nela que se constroem as regularidades chamadas a se repetirem no mesmo desde de onde estão para onde estão. Mas também é na cultura que se dá o movimento do aprender, a aventura do involuntário que encadeia a sensibilidade e a memória e, depois, o pensamento, com todas as violências e crueldades necessárias.

A cultura do reconhecido

Envolvido com a cultura, o aprender é reconhecido e dignificado como uma homenagem às condições empíricas do saber, onde a nobreza desaparece nos resultados. No simples fato de se entender que o aprender, na sua especificidade, tem um tempo, se apaziguam escrúpulos de uma consciência psicológica que não se permite disputar como saber o direito inato de representar todo o transcendental. Ora, quando se compreende o aprender como um estado intermediário entre saber e não-saber, como algo do vivido que se produz numa tarefa infinita, não se deixa escamotear para o lado das circunstâncias, como fonte de aquisição, uma essência supostamente simples do saber inatista, elemento que pertence a priori a uma idéia reguladora.

Algo se aprende na interpretação. Uma idéia de tempo se introduz nessa compreensão de que, na interpretação, o aprender não diz respeito ao tempo empírico do intérprete, nem se avalia que quem pensa gasta tempo, sendo um tempo que deriva do pensamento puro e do qual, como condição de direito, se apodera no pensamento. A reminiscência passa a ser o objeto próprio, o memorando da matéria específica da aprendizagem, onde a Idéia é tida como algo que independe dos problemas e das soluções. O tempo platônico, além de manter comprometidos os princípios fundamentais do pensar, só introduz sua diferença na interpretação e na aprendizagem que advêm dela, quando introduz uma heterogeneidade que submete a forma mítica da semelhança e da identidade à imagem do próprio saber.

A imagem dogmática suscita um sem-fundo que ela mesma é incapaz de explorar. Nela o saber nada mais é do que uma figura empírica, como simples resultado do que cai e torna a cair na experiência, o aprender é a verdadeira estrutura transcendental que une sem mediatizar a diferença à diferença, a dessemelhança à dessemelhança. Tudo isso o faz, introduzindo o tempo no pensamento, como forma pura vazia e não como um passado mítico, como um antigo presente mítico. Enfim, essa é uma imagem que encontra sempre a necessidade de converter as correlações ou as supostas repartições do empírico e do transcendental, formando ainda um postulado que recapitula e recolhe nos outros um resultado aparentemente simples. Como tal figura feita imagem do fim ou do resultado que quer diluir a subordinação do aprender ao saber, da cultura ao método.

Mais um retrato onde o dogma proposto deve ser derrubado. Coisa necessária para libertar o pensamento e a interpretação de se reduzirem ao Mesmo e ao Semelhante na representação. Esse perfil trai o pensar, alienando as potências da diferença e da repetição, do começo e do recomeço filosófico. O pensamento nascido do pensamento é um ato de genitalidade que não advém do inatismo ou da reminiscência, pois o pensamento que se quer livre não quer imagem o pressupondo.

*Como a Professora-Rizoma se
torna o que ela é?*

Eterna variação virtual diferente de si

O fio do tempo está cortado, e desliza como um fio de alta tensão sobre o chão. Instante novo que se faz, algo arrebenta e dança feito cobra no chão, soltando faíscas para todo lado. Tornou-se uma multiplicidade de fagulhas conectáveis e desconectáveis. A linha do tempo rompida e, onde tudo se movimenta, escuta-se uma sirene, registra-se uma presença, em algum relógio-ponto; um caminhão, um ônibus que passam, alguma coisa que range, uma outra grita, sempre insistências da repetição que medem o tempo e o atualizam, em elementos infinitamente pequenos. Movimentos que procuram o dia e a noite, suas partes, para significar ações de uma existência. Alguém deduz um mundo que só existe em seus representantes; da superfície invisível do conhecido brotam as pequenas percepções sem objeto e micro- percepções alucinatórias, como se houvesse um fundo que se constitui por infinitas dobras, uma experiência é sempre uma composição de passagem, onde micropercepções, ao modo de representantes do mundo, revelam pequenas dobras em todos os sentidos.

Uma espontaneidade adormecida rola de um lado para o outro na cama. Ficar mais um pouco sobre o aconchego do cobertor, pensando sobre coisas pendentes, sob efeito de pequenas percepções obscuras e confusas, que vão compondo macropercepções, aquelas que dizem, do quando, realmente, é a hora de acordar de um modo consciente e claro; patética conveniência! O que torna o mundo dedutível por uma consciência? Para Leibniz (2000), "as pequenas percepções são não apenas a passagem de uma percepção, como são também os componentes de cada percepção" (DELEUZE, 1991, p. 148).

Mundo lacunar, pela atmosfera que se cria em torno do acontecimento. "Sirvo-me da pessoa como uma forte lente de aumento com que se pode tornar visível um estado de miséria geral, porém dissimulado, pouco palpável" (NIETZSCHE, 1995, p. 32). Como se percebe uma pessoa? Como alguém se faz o que é, um lugar que ocupa em um tempo que sente passar? Pressentimento operante espiando de baixo da cama. Afeto presente nas bordas de uma deriva viva! Decerto que alguém repousa em

seu próprio estado, ultrapassando sua própria superfície. Linhas de pele que sopram conexões que se exalam pelos poros. Dissimulação estirada no berço que apanha uma cultura em flagrante, no cheiro no travesseiro, só dele e nos filmes passam nesse cenário, como uma cúpula purgante, coisas que não dão conta de toda uma inquietude. Mas estão lá no tecido que forma as tessituras de um estado vivente.

Dobras, drapejados e martelo

Um estado animal e animado percebem, em pequenas dobraduras, o que se apresenta sob os efeitos presos de prazer e de dor dessa câmara noturna. Coisas soltas na cama que não são dela aparecem, por vezes, conectadas, por outras, não. Uma percepção precedente nutre aquela de onde advém. Sendo a condição das dobras e dos drapejados a distinção das percepções e dos apetites que passam de uma a outra, tanto no nível macroscópico como no microscópico, advém de uma percepção que se dá de pequenas inclinações tornando instável toda percepção.

Entre os lençóis e, de súbito, já fora deles, arrasta-se cambaleante como recheio do pastel excedido, na mordida esfomeada, à captura da própria boca. Cambaleante no corredor, andando de um lado para o outro, no espaço reto. Quem tonteia, um corpo ou uma consciência? Ficar ereto, reto, tentando manter uma direção. Acertos de passo com uma semiconsciência, dança de alguém que encontra um mesmo reflexo vestindo uma aparência distinguida no espelho do banheiro. De já vu a imagem não lhe sorri.

Água no olho, água na pele e água na boca. O mamão muda de gosto pelo cheiro do café, na falta de pão se recorre à bolacha esquecida no armário, uma vida, um indivíduo, ora se substituem por um vivido impessoal, singular, ora por um puro acontecimento. O líquido quente vai-se diluindo no corpo como se este já o esperasse, soubesse como agir sob a sua intervenção, sem os acidentes de uma existência interior ou exterior, sem subjetividade ou objetividade. Fugas fugazes onde se percebeu as coisas

no mundo, porque alguém se percebe entre as coisas que estão no mundo. Algo se passa a alguém, uma vida é sempre singular e uma hecceidade, tremor de um campo perceptivo, uma territorialidade que desterritorializa corpo e mundo, quando os interpreta e valora.

Aberta a porta, uma espera. Os andares percorridos pelo elevador descem ao solo. O solo é sempre uma saída. Porta evadida, porta fechada, atravessa portão; uma repetição se tece no deslocamento que a dissimula; nada retorna ao que era antes, ainda que ninguém perceba que não existe o inanimado. Causas e coisas vitoriosas e sem mártir.

Tudo são teorias. Dissimulações de um campo perceptivo evadido que leva a pergunta: “como alguém se torna o que é? ”, insinuação temerosa, assombro, alhures vivente que “pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é” (NIETZSCHE, 1995, p. 48). Leibniz, afetado por Hume, dizia, antes de Nietzsche, da possibilidade de tornar o invisível algo material, numa teoria das pequenas percepções que se apóia numa razão metafísica e psicológica; onde a primeira, diz como a percepção expressa um mundo infinito que ela inclui e a segunda, como cada percepção consciente, implicada na infinidade de pequenas percepções, prepara e compõe a que segue. A percepção nos contornos do infinito capta o abismo das presenças lacunares. O invisível percebido opera o real e o possível que o atravessam.

E nesse envio o café desperta o corpo e outras coisas semi-acordadas. Ou a rotina se acorda nas coisas que se repetem ou as coisas se repetem e acordam as rotinas numa espécie de acordo prévio. Sendo a consciência superfície, dispõe-se do perigo de que uma filosofia do martelo venha ferir uma face, criando deformações nos contornos daquilo que se esfumaça, quando a exploração do instinto se dá cedo demais. Sentido e consciência não são atos pares.

Do fio ténue ao extra-temporal

Mas se retomada a questão de como o mundo é percebido por uma consciência; ou, como se pode passar de pequenas percepções moleculares a percepções molares, aponta-se para o que, na percepção consciente, não se dá da parte ao todo, mas do ordinário, ao relevante, ou notável (DELEUZE, 1991, p. 150). E mais, fica implicado nisso, que restando a consciência ser um limiar, um fio ténue, pode tomar outros limiares como mínima de consciência. Resta que se faz sínteses, desde Kant, com um sentido extra-temporal dos espaços vivos, onde tudo é fruição e movimento.

Chave na ignição e barulho do motor, o carro põe-se em deslocamento. Limpador de vidro, a água esclarecendo a visão, como algo que permite um espaço consciente e livre de reflexão, “de qualquer dos grandes imperativos” (NIETZSCHE, 1995, p. 48). No retrovisor a fumaça do cano de descarga sobe lenta, como se brigasse por um espaço na atmosfera úmida das manhãs de inverno. Fez pouco frio nessa estação. O casaco no banco de trás junto aos livros e papéis, segue um caminho dirigido por uma pequena vontade liminar. Tudo à volta se mostra como sendo as pequenas percepções cada vez menores que o mínimo possível. Os mínimos se mostram entrando em relações diferenciais no que refere à quantidade no interior da consciência; mínimos visíveis, indivisíveis, que, não sendo mais do que uma parte da percepção consciente, apresentam-se nela, como requisito ou elemento genético.

Uma nuvem densa forma-se à frente. Atravessamentos do clima que, deslocado do hábito, deixa coisas esquecidas por partes, internas ou externas, coisas e casos de um dia-a-dia inevitável. Como falar de uma consciência sem remeter a Kant? Numenos e fenômenos, uns de cá outros de lá, não dançam, não fluem entre conceitos, afectos e perceptos. Ah! se Leibniz estivesse aqui para esclarecer algumas coisas sobre o Barroco! Ele e outros autores barrocos que dissessem que a determinação recíproca das diferenciais não remete a um entendimento divino. Dissessem, noutras palavras, que os perceptos não criam o divino, ainda que brinquem com

ele. Que as determinações diferenciais implicadas com uma teoria das idéias não levam a lugar algum. Mas que divino é esse de que estavam falando, quando se referiam às percepções de uma composição estética? Platônico? Reza e arte! Seria pecado o que Michelangelo queria expiar quando pintou os profetas?

Estranho-caos-caso do “eu” finito

Estranho é alguém se notar diferente, porque nota nas coisas um desacordo, numa espécie de contrato que tinha com elas; dissonância, notar um incomum numa nota. A mesma tecla apertada, a mesma quantidade de força sofrida e ela não soa bem. Teclado de palavras, o que já foi dito antes sai mal e pior, quando sai da boca como despejos de uma extremada comunhão do senso comum, onde nada se faz de Fora. Não se quer nenhuma aderência, nada de cotidianos. Excessos mínimos se representam como pequenas percepções que passam o filme do mundo no eu finito nas relações com o entendimento infinito, como sendo algo que decorre daí, não o inverso; tudo o que permite considerar que todo dia lá fora se inventa uma realidade e que uma consciência, por mais alerta que esteja, não percebe a si mesma como simulação. Estranho-caos-caso do “eu” finito; pois nada antecede à presença de um corpo no mundo; nada se representa, antes que um corpo no mundo se perceba. O que representam as pequenas percepções para uma consciência? Um limiar mínimo que antecede o vivido de alguém que a possui, como se as mônadas, sempre em atividade prévia, permitissem o acontecimento, antes que ele ocorresse?

É preciso desfazer-se do “eu” finito, o jogo que ele propõe ao tempo é outro, remonta a uma imagem descartada. Nesse exato ponto, onde o infinito atual fica em conjunto com o “eu” finito, as mônadas de Leibniz padecem por oferecer mais que podem, mostram-se frágeis. De pronto, mônadas retomam outras coisas que já não interessavam. Deleuze percebe nisso uma analogia dispensável, uma espécie de claro sai do obscuro, povoando de critérios cartesianos uma distinção onde tudo fica reduzido a obscuro-claro-confuso-distinto. Mas, Leibniz desde sempre é tão

sutil! Não dá para se desfazer de tudo dele, ainda que se triture o “eu” finito em pedacinhos infinitos. Seria essa uma troca da consciência impura, para um plano de consistência transcendental empírica?

Metamorfoses das manhãs

Manhãs, muitas! Mais e mais manhãs, do que se pode dizer por perceptos. Quantas horas tem uma manhã, ou quantas manhãs são, agora, no mundo, enquanto no relógio de pulso são 10h45min? Mônadas estão por toda parte não sendo nunca, cada uma delas, parte de um todo; as pequenas percepções constituem a poeira do mundo incluído em cada uma delas, formando o fundo sombrio. Por um lado, tudo é percebido como o mesmo e, por outro, é atualizado diferente; privilégio das relações diferenciais que permitem percepções exclusivas, onde uma infinidade de pequenas percepções subsiste nela sem entrar em relação. Uma pele, uma superfície onde se nasce e se morre nela. Murchará e inchará muitas vezes, em maiores ou menores mudanças, perfeitas imperfeições. Pele suada, molhada, ressecada, tatuada, superfície! Alguém pode disfarçar-se, cabelo cortado, pintado, recortado, lambido, alisado, enroscado; que posto fora, que cresce de novo, que não volta mais; carecas e perucas! Unhas crescidas, roídas, cortadas, quebradas, falam de alguém? Salto alto, baixo, pé no chão; todo movimento do corpo e no corpo implica um fora que quer individuar-se em esquinas.

Esquinas se multiplicam, maquinadas pela cegueira dualista que coloca, como enfileirados em um pomar de asfalto, os frutos da diferença. Nos parques, praças, calçadas, alguém anda em estado de conexão e heterogeneidade quando percebe que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 15).

Alguém-rizoma, em estado de fluxo, conecta diferenças, dispondo-se a não aderir a causas, nem a encontrar aliados. Quando se está só, a ausência se mostra como um compromisso antigo sem começo. E,

Nietzsche dizia, “me comprometo sozinho... nunca dei um passo em público que não me compromettesse” (1995, p. 32). Há demora e descaso em se atacar coisas, nas quais se excluem diferenças pessoais, como pano de fundo de experiências ruins. O que quer configurar esse princípio do rizoma? Um pouco de Bergson, para quem os dualismos podiam ser usados, porque nunca conectavam coisas paralelas, de um modo natural; o suficiente do acaso nietzschiano que promove saltos entre as pontes do claro e do escuro num jogo de correntes sem elo; propor idéias como blocos de sensações, revisão kantiana, onde se mostra existir uma relação diferencial entre elas e as coisas que, na experiência perceptiva, permite relacionar o mesmo com o retorno do acontecimento; por último, envolve uma capacidade de se representar algo como nunca sendo o mesmo; metamorfoses de pensar!

Não se pensa sob a exclusividade das idéias. Idéias têm qualidade, quantidade, potencialidade; têm processos de determinabilidade, de determinação recíproca e de determinação completa; têm distribuição de pontos relevantes e ordinários; têm corpos de adjunção que formam a progressão simétrica de razão suficiente. Os pós- kantianos esforçaram-se em dar um novo significado ao diferencial dentro da idéia e Deleuze, sabendo disso, aponta que “se a Idéia é a diferencial do pensamento, há um cálculo diferencial correspondente a cada Idéia, alfabeto do que significa pensar” (1988, p. 295). Tentativas que fazem uma álgebra do pensamento puro e produz, nessa arquitetura, uma ironia superior, onde os problemas, nesse único cálculo, estão para além do bem e do mal.

Os perigos do múltiplo

As calçadas em fila disfarçam, na sua ordem longitudinal, a presença dos buracos, marcas do uso acumulado de um mesmo chão. Fundo negro ou fundo branco ou fundo sem fim, tudo o que cabe na extensão de um vazio pode ser tomado de assalto. Embora sempre uma cegueira se disfarce camuflada na bengala do mendigo, na lente falsa do rayban azulado, no foco em que nada se move; quando a polícia se aproxima, tudo parece maresia. Filtros! Os filtros mudam de natureza a cada nível e o claro é

relativamente escuro; o distinto, confuso e inadequado. Um primeiro filtro percebe o ordinário, um segundo relevante, um terceiro o regular, disso resulta, obtida, uma singularidade.

Uma professora-rizoma, como o que ela é? Como funciona? Como pode exercer “a arte de separar sem incompatibilizar; nada misturar, nada conciliar; uma imensa multiplicidade, que, no entanto, é o contrário do caos” (NIETZSCHE, 1995, p. 49)? Como aprender a libertar fluxos com as possíveis construções e conexões de um conceito que, elevado à condição de heterogeneidade, pode se deixar multiplicar? O conceito encarnando no vivido, numa espécie de folhado esburacado onde “a multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e uno, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo como tal” (DELEUZE, 1988, p. 296).

O modo próprio como uma singularidade passa por uma consciência é um problema para a professora-rizoma, quando não quer fazer da individuação uma singeleza única e transcendental. Tudo o que aponta um grão de soberba e secreto desprezo pela vida deve ser eliminado. Nada senão um projeto, um plano, onde um empirismo transcendental sustente uma experiência possível. De modo que o possível seja nele proposto por pura experimentação e não por experimento. Cuidar do intérprete é uma condição da escrita. A escrita tece a vida. A palavra trama com o vivido, transa com ele. Sendo uma excitação, obsequia, como beijos no pé, um caminho que quer seguir sem pressa, desfazendo-se de alguns conceitos do entendimento, que formam malhas frouxas demais, onde quer pressão.

Uma escrita-rizoma! Deleuze dizia que Kafka escrevia rizomas! Uma escrita que vem de uma professora-rizoma, vindo de alguém que se pretende múltipla em sua singularidade, mas, desde sempre, trágica por meio de efeitos e afetos. Todo personagem é efeito ou afeto no conceito, do conceito. Engolida na escrita, devorada, deformada, exortada, expiando a possibilidade de uma ação ativa. Propõe-se, numa leitura deleuziana que fareja na criação do conceito a decomposição da unidade no múltiplo, onde esse último é o exorcismo das partes e não uma composição pacífica, singela, velada, na trama de um plano de

imanência que o prepara. Tragédia! O plano precisa do caos para desfazer no infinito toda consistência! Beberagem de um personagem e crivo perigoso. Capturas de uma caçadora que vaza nos buracos da mata obscura, estudo! Distinções de tons, cheiros, ventos, de um folhado que se faz entre linhas e pontes que ora se alcançam, ora se perdem. Um passo no folhado, não sobre ele, mas entre ele, dissolução. Alguém que caça deve se comportar como a presa, sentir como ela, antecipar seus movimentos para propiciar a captura! Sofrer do abate daquilo que se pega, roubando-lhe o dom, ao modo de uma sobrevida, nem sempre devida.

Clausura e saturação dos compostíveis

A tragédia atravessa o conceito, é sua vizinhança interna e externa. Um personagem suga o sangue dos conceitos, se alimenta numa espécie de comisseração compostível. Os devora, numa indigestão que quer o absurdo, espécie de emburrecimento, de embotamento, de estupidez, de fundo sem fundo. O conceito conecta composições, joga-as para um interior inseparável até a clausura ou saturação. Indigestão, nada se retira desse interior ou se acrescenta sem mudar o conceito. Professora e rizoma se compõem, fazem uma consistência interna aliando suas zonas indiscerníveis e povoam uma vizinhança externa ou exo-consistência, através de pontes que conduzem uma ao outro. Caminhos de vaivém, movimento de absorção, que acolhe e larga, suga e devolve, produzindo nas entranhas a perdição das partes, peles de dois que o coito unifica num único suor.

Uma professora-rizoma é um exercício conceitual e uma exceção; que ora coagula fluxos teóricos interagindo com eles, ora excede as partes que intercepta. Intercessora de um conceito: rizoma, em múltiplos estados possíveis de composições, é menos real do que possível! Paradoxos da escrita que só podem dar vida a um personagem na clausura de um texto. Mas a palavra não é o conceito e o conceito extravasa seus limites no ato mesmo de fazer-se vivido. Um conceito, no caso, rizoma possui na sua

vizinhança a plurivocidade que evoca o vicinal e o emergente da própria consistência; evoca o trágico!

Uma pele encarnada e sublimada na seleção do gosto, do que envolve o desejo. Aposta da carne que sangra trançando nos seus feixes mínimos um ritual de simplíssima procura. “Pensar suscita a indiferença em geral” (1992, p. 58); se Deleuze sabe disso, como evita o evanescimento de tudo? Como desembaralhar algo do claro e do escuro, da experimentação tateante e dos meios pouco confiáveis, pouco racionais, pouco razoáveis, que fazem parte do plano de imanência onde o corte é ação do conceito. Talho, passos trágicos marcam os pés do lobo no deserto. Dança que permite a ordem do sonho e os processos patológicos, as experiências esotéricas, a embriaguês e o excesso.

O conceito-rizoma sobrevoa sua falta de limite, numa velocidade infinita e furiosa, desfazendo-se dos contornos precedentes propostos na tradição, encarna em cortes abertos, em recortes múltiplos. Fendas, buracos, esgoto, acaso, vaso e vulva, torneira sem borracha, inundação, encontros de riachos. Ordenadas intensivas no fluxo de contornos variáveis.

O que se diz do conceito se diz da filosofia: “O conceito é o que impede que o pensamento seja uma simples opinião, um conselho, uma discussão, uma tagarelice. Todo conceito é forçosamente um paradoxo” (DELEUZE, 1992, p. 171). Algo nele comporta as dimensões do afecto e do percepto, mas nada antes do conceito, senão devires e potências que vão da arte à filosofia. Logo, ele não é menos ético do que estético, desde logo, trágico, e não lógico. Ritual de transbordamento, trazer Spinoza e Nietzsche para sustentar uma perspectiva ética, implicando-os no que está fora dela, corpo estóico, corpo exótico, corpo-sem-órgãos, corpo-estético! E uma peculiar simpatia pela não-filosofia. Arruda na orelha! Baianas giram, lambidas pela água do mar, entoam cantigas num coro único, como se suas vozes misturadas protegessem da dissolução úmida do movimento das ondas. Nada quer parar e o acontecimento, que já não é o mar, as vozes, os corpos, mas a decomposição de cada um numa outra coisa, nem os eleva nem os melhora quando permite que sua invisibilidade os torne uma unidade visível. Toda unidade de perto destoa e em Deleuze a ética já é uma estética e, na mesma beberagem, exegese e excertos,

Hume, Kant, Leibniz, Bergson entram na dança com os não-filósofos Kafka, Sade, Blanchot, Artaud e outros.

Delírios platônicos, porém anti-metafísicos. Sempre uma procura pela vida no conceito ou um conceito que procura a vida, matéria movente do percepto, causa incausada do afeto, que implica ambos numa infalibilidade tateante. Um corpo por criar não- humano, um corpo-oculto, fantástico, fluídico, que desencadeia a explosão da identidade em pedaços, no traçado do flechado de um rizoma; corpo-embriagado no torpor deste esfacelamento. Forma que já não é matéria pura, potência pura, idéia pura; contorno de um conceito diluído, no fluxo dos atravessamentos que o afetam; animal-desejante que se percebe nos entre-corpos, por meio dos quais adquire sua própria velocidade, geografia, espacialidade e unidade múltipla. Corpo que se compromete quando quer deixar para lá, extensão; corpo que lembra, quando é imperativo esquecer, duração. O querer e o gosto, selecionando os dados jogados. O copo de couro cala na mesa, implica em decifração de destino onde o que se conhece, desde o possível, desconhece o invisível.

Daí por que se traça o mapa e se tem linhas nas mãos e uma bola de cristal e uma vista tênue indireta e um gnomo no bolso e um chapéu de palha e um incenso aceso e uma tração animal que deixa desenhos do pé na terra onde a lama no meio dos dedos faz o registro cósmico. As forças do cosmos tocam as mãos e Nietzsche sabe disso, quando assopra palavras e brinca de mago, de vidente.

Uma professora-rizoma e uma tela de palavras, de imagens, de textos e de teorias, tudo falando desde um tempo que é múltiplo; ainda, que a máquina conectada na sala redefine o lugar das visitas, sem dizer de modo explícito das novas conveniências e convivências. Variedades que propõem e possibilitam outras conexões entre- possíveis. Tudo o que se diz de uma consciência, desde os vazios inconscientes implicados nela, pode contribuir em dizer do conceito dela, daquilo que o atravessa como uma idéia? Consciência e conceito estão numa correlação recíproca, só que, desde Leibniz, relação virtual e não real. E o virtual é sempre o possível, sendo que o possível não chega a ser real. Quem habita o conceito como consciência, quem o povoa? O personagem conceitual entre meios e

paisagens que são seu espaço- tempo anda em busca de um clarão. Quer libertar o que lhe passa, mas o conceito comporta um atravessamento, em que uma “compreensão filosófica, não é insuficiente nem provisória, é uma das duas metades, uma das duas asas” (DELEUZE, 1992b, p. 175); a outra, que o equilibra implica uma não-filosofia.

Delirante individualizar-se

Propor o fora pode ser tão complicado quanto afirmar que as relações imbuídas no conceito são exteriores a seus termos. É preciso o exercício de um empirismo superior que dê conta de algumas insuficiências, que descortinam o mundo da exterioridade, e que, ao mesmo tempo, permita um ultrapassamento onde o tecido conjuntivo que sustenta conceito o faça, enquanto ruptura com o verbo ser. Só por essa ou nessa permissão fica, atraído e possibilitado, o extrato rizomático. As multiplicidades, para Deleuze, são possíveis e isso favorece a professora-rizoma. Por outro lado, como acionar um exercício empírico, dito superior, no qual se utilizam forças subversivas, quando as próprias forças envolvidas na singularidade de uma experiência, nada mais são que partículas? Como fazer de uma ação-fluida, um permitir, um descobrir, um descortinar o múltiplo, como múltiplos-fluxos? Exercício empírico que destoa da tradição, ainda que se constitua pela exploração de algumas de suas partes.

Como a unidade individual ou pré-individual se dispersa e reúne no acontecimento, singularidades pré-individuais, que expressam o campo empírico-transcendental, onde essas se redistribuem, na sua virtualidade, ou no modo do acontecimento, para poder tecer o problemático? Individualizar-se não seria anelar pessoa a pessoa e, também, a natureza alheada, inamistosa e subjugada, num retorno que concilia e celebra na festa o filho perdido, diria Nietzsche? Quem era o filho perdido? O uno-primordial, o eterno padecente que, no anelo da aparência, sustenta uma contradição plena que permite um não existente como um ininterrupto vir-a-ser no tempo; movimento que produz em outros termos, o espaço e a causalidade como realidade empírica. Não!

Também, individuar não era “conhecer a si mesmo”, recorrer ao Oráculo de Delfos como queria Sócrates. Muito menos era pensar e depois existir. Já se falou dos limites de Descartes, na segunda metamorfose, quando se trabalhava com os postulados. Não se trata de desamor, nem de desafeto por aquilo que se mostra ou faz, nesses tempos funcionalistas, mas individuar-se não podia ser aquilo que forma alguém por fora.

Capa, cobertura, invólucro que forma a arte do inteligível, como criticava Nietzsche, onde “tudo deve ser consciente para ser bom” (1992, p. 83). Andar por aí, com um cartão pendurado, pesar por vários cartões no bolso; o tempo todo, identificação por número; pasta, livros, celular, tudo amarrado, coisa prévia e dada, desde o externo; presas de um maquinador que embute qualificações prévias, pré-datadas. Entretanto, funciona se mantiver de tudo o controle. Teatro capitalista! “Que força demoníaca é essa que se atreve a derramar na poeira a beberagem mágica?” (NIETZSCHE, 1992, p. 85). Individuar-se tinha que ser outra coisa e isso incomoda uma professora-rizoma.

Não era estar na sala de aula, na biblioteca ou fora dela, enfiada nos livros em casa, no mundo, na praça. Individuar não é se esconder, se camuflar, se libertar por reza ou princípios. Individuar como “in-devir”, estado de devir, algo que quer passagem, alguma coisa em alguém que se deixa mudar, movimentar, acontecer, metamorfoses de modo imperceptível. Um Apolo, devoto da aparência, se extirpava do sujeito de uma professora-rizoma, rompendo com a rede metafísica; o contraditório, ligado à paternidade de todas as coisas no Uno-primordial, extrai-se como um dente cai quando deixa de ter função.

Uma unidade caída, decaída como um céu que engendra e sustenta coisas nas quais alguém já não se reconhece. Algo se esvaía, fugia pelo buraco do assoalho onde, na sua passagem, entre sombras e contornos, não havia mais pertença. Por fim, individuar-se era um correr de si escorregando na própria tendência de estar em si como um estado evadido, perdido, esgotado, leviano e leve, de tal modo que todas as direções, e não apenas uma única, eram suas. Múltipla, que possa eleger um Deus, lugar, ideal, filósofo e possa trocar, trair, esquecer, repensar e amar ou eleger de novo aquele mesmo; e, quem sabe, ao mesmo tempo,

um outro, sendo-lhe fiel, apenas, enquanto dura, enquanto vale, aquele envolvimento, como força afirmativa.

Dado jogado na mesa de vidro, o acaso já não é um desconhecido. Portanto, por detrás de todo um mundo do tormento, onde uma visão ora redentora, ora contemplativa, dada na reminiscência, suspende na eternidade um espaço intenso que se estende na medida de um outro, esvazia a parte, em função do todo. Impessoal, sim! Um ato puro se fazendo desde as entranhas da criação, nunca o mesmo. Nunca ser pessoa, conceito abençoado por Santo Agostinho, como o dado de um significado único, também, ligado ao pai único, mantido numa individuação comprometida, explorada por aquele que deixa um outro se individuar, desde que em dívida com ele. Sem redes, de um velho pescador que conta, na multiplicidade, os peixes presos. Quem não foi detido, o monstro, o perdido, o desviado, o non sense, o inocente, o sem-culpas, o sem-dúvidas é, também, o leve que anda só e dança!

Individuar buscando os rastros de quem não caiu na rede. “Compondo e juntando em um, o que é fragmento e enigma e medonho acaso” (NIETZSCHE, 1995, p. 93). Andar nas trilhas de um que se perdeu, o decifrador de enigmas. Como um que atraído pelas teorias, mas não as faz necessárias, no entanto, encontro é necessário. Há sempre uma costura nova que torna possível ativar o problemático nelas, sem tornar o imbróglio remanescente. Em alguns casos, quando se retoma o que não devia, insistências das falsas aparências, que insistem em dissimular-se o vivido na compreensão da teoria, é preciso levar o martelo à pedra, na qual dorme uma imagem, que é preciso decompor. As ferramentas dos autores são suas teorias. Quem ousa pedi-las de empréstimo? O que deforma, o que reforma, o que cria? Individuar nos anéis da criação seria dissolver-se, dissimular-se nela, metamorfosear-se o tempo todo entre as teorias e o vivido que compartilham a interpretação?

Silêncio dos luminosos

Kant, capturado de modo singular, anda ou passeia na digressão deleuziana. Deleuze fez uma visita invasora a Kant, antes de convencê-lo a sentar no banco de trás do carro, o obriga, agora, a passar por lugares desconhecidos. São tempos de seqüestros, subornos, são tempos de desvio. Aquela era outra manhã, apenas mais uma, mas saiu toda errada. No meio da noite, uma vontade enorme de escrever. Duas, três, quatro horas, roubadas no escuro. O silêncio como amigo, feito cúmplice das palavras, das idéias e dos conceitos, a se descrever, com eles escrevendo. Coisas que só um vazio habitado sabe contar. Pausa e calmaria. Avançava o encontro e desencontro de perspectivas; fazia-se o recorte, o corte, as cartografias, a luz da lua. Quem desperta um corpo-estilhaçado, um corpo-conceito, um corpo-multiplicidade, um corpo- multiplicado pelo rizoma? Ou um simples copo d'água, esperando desde a véspera ser ativado por uma sede antecipada? Ou uma necessidade biológica que quer se aliviar de líquidos? Ou uma necessidade lógica, uma idéia, uma consciência? Quem sempre desperta é o desejo.

Envolver-se com uma teoria produz desejos que movem o corpo na direção do inexplicável. Meia manhã nasceu, depois daquela noite acesa. Ninguém saberá dos pactos, frutos de uma emergência unilateral que se acelerou nas veias; a multiplicidade de efeitos e de afetos a alcançar círculos mais amplos sobre livros; uma brincadeira de claro e de escuro, que nunca fez falta para decifrar uma consciência apenas para liberar a dança do silêncio dos luminosos. Um corpo escreve diluído nos livros e idéias, um corpo concreto, um corpo-conceito de sonoridades e de palavras não pronunciadas, sentidas; um corpo-sem-órgãos, um corpo-rizoma. Apanhar nos livros frases que se quer dizer como nomes possíveis para um acontecimento, operar uma espécie de variedade intuitiva, que envolve a modulação da presença do personagem com um entre-conceitos. Manhãs-rizomas.

Fluxos de devires de horas que passam como se habitassem um tempo que não se faz nelas. As horas pontuam o tempo num recorte onde esse não perde sua dinâmica. Na vibração que seqüestra idéias, e compõe, como um canto mudo, a discursividade que se opera única e múltipla. O discurso é dobra, que devém de obra entre obra, operação de abrir de livros, entre-livros, entre-espacos. Na sua ressonância o não- filosófico oferta-se

não como uma anti-teoria, não como uma antítese, mas como o entre-uma-filosofia-e-uma-vida, perceptos e afectos, para além do relógio.

Dos perceptos e dos afectos, o conceito rizoma cria seus anéis, sem retirar do meio deles, do entre-eles, uma relação de oposição. O entre-perceptos-e-afectos, um território novo, onde não se encontram diferenças de natureza para formar uma outra coisa, mas diferença pura, sem retorno, do experimento à experiência. O novo se desloca, numa afluência de elementos, agita e se dirige ao nunca antes na imanência de uma vida. Muitos pedaços reunidos nessa feitura que quer deixar de fora a totalidade, engenho de um rizoma. Sem dia e sem noite, entre manhãs. Anda sempre por um fio, com a sensação de não estar atualizando nada. Trágica mestra, fálica, irônica, risível, que não quer superar-se numa experiência dilacerada, num tempo suspenso e como uma composição histórica, uma crítica redentora, virar salvacionista.

Sem superação, sem síntese, nenhum desfecho prévio. Comovida e sem dó no exercício de sua paixão. Nietzscheana e deleziana sem camiseta, sem boné, sem carimbo ou monograma; sutil, sem mônada, sem monastério, sem motivo, sem função. Motora, respirando entre frestas abertas, planando sobre uma seleção de teorias que aproximam forças e potências em que assina uma filosofia-fluxo.

Miragem sonora que se faz de alguém e ameaça a frágil unidade de uma consciência, ao dizer que o múltiplo, "tratado como substantivo, multiplicidade, que não tem mais nenhuma relação com o sujeito e o objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo" (DELEUZE, 1995a, p. 16). Mas, sendo a multiplicidade um princípio do rizoma, o texto investe naquilo que nele mesmo emana, o sentido, fazendo desse, o recorte do que persegue enquanto problema ou solução; e, no desenho do mapa que traça, eleva para além de si, essa intenção.

Transbordamento intensivo

Cheiro de tragédia, o começo da manhã é, tão logo, seu fim; tragédia de um conceito, tragédia do conceito, que anda no ritmo da vida. Só o ritmo permite passar de um momento ao outro; mas o ritmo, também, já faz de si uma ação ritmada, excesso e atravessamento. O contínuo e descontínuo que ele condiciona como diferença faz possível algo entre dois. O sucesso da tragédia depende do ritmo, mas a interrupção anti-rítmica também apresenta o ritmo. Suspensão onde as coisas consecutivas tornaram-se interconectadas, tempo físico que não volta, num destino a cumprir. Cesura, impossibilidade de se reconhecer no eu, no ego, suas funções; espécie de não-poder, com que todos têm de aprender a lidar. Uma singularidade se dá num campo intensivo, onde acontece o encontro de uma intensidade do ser sensível que não encontra o objeto, mas, apenas, o objeto do encontro. Puro devir que suspende qualquer síntese anterior, quando qualifica o transbordamento intensivo, dilacerando o ser do sensível.

O outro pedaço da manhã onde foi parar? Nunca essa manhã irá se completar, numa falta total de anterioridade, explicitada na contingência empírica com a terra. Mas, o que é isso? Sempre uma harmonia, sopro de coros, cordas vibram no conceito. E já não é Wagner quem produz a orquestração! Não existe algo como produto de uma vontade de poder, que remeta a uma representação tal, como pretendiam Schopenhauer e Kant, nas suas descrições sobre o belo. "O expectador sem espetáculo" (NIETZSCHE, 1992, p. 53) faz do conceito algo absurdo onde o singular e o múltiplo são apenas dobra de uma outra dobra indo na direção do infinito. Diluído, numa estética antes que numa filosofia, que propõe o múltiplo como ruptura a- significante.

Nem tudo o que se diz sobre o belo o envolve numa beleza pretendida. Lá fora muita arma, munição; nos muros, pichação e grafite. Nas frestas dos tijolos, suspiros de tinta um sobre outro, disparate de cores, murais; arte usada no jorro das interpretações. Algo que atrita, abalado no tremor do conluio das cores. Uma aflição seapura nelas. Coisas que brotam num caminho sem direção. Um indivíduo passa apressado de pasta e gravata, tentando pegar o ônibus que o levará para o centro, ponto de conexão da cidade, ponto que o conecta com o quê?

Passeios do indivisível

O indivisível passa, como se não pertencesse a lugar nenhum. Sendo o indivisível um abstrato, como pode construir uma síntese sem que nela coincida, ao mesmo tempo, a percepção, o afeto, o plano? Onde foram parar os inflexos variantes que se curvam aos detalhes afluentes de uma nova manhã? Joelhos que não se curvam sob uma descrição metafísica que propõe o cotidiano como o desde sempre. Narizes vazios de sentido não tragam as manhãs. Coroas de espinhos rondam as cabeças ainda sem teto. Um destino acumulado por uma unidade que perdeu o laço de causas físicas entre si. O indivisível em estado de causa no destino do indivíduo, efeitos incorporais e muita submissão. É possível afirmar o destino e negar a necessidade?

Para os estóicos, sim! “As causas corporais são inseparáveis de uma forma de interioridade, mas os efeitos incorporais, de uma forma de exterioridade” (DELEUZE, 1974, p. 175). Singular e múltipla, sem forma, sem fórmula, na diversidade do tempo, uma professora-rizoma pode fazer-se acontecimento, como o exercício de um devir? Por um lado, os acontecimentos-efeitos possuem uma relação de causalidade com as causas físicas que os produziu, por outro lado, eles, tendo entre si uma relação que não é de necessidade, têm uma quase-causa ideal; isto é, uma relação que sustenta mais que uma causa, sua expressão. Mas acontecimentos não podendo se valer das mesmas regras de que se valem os conceitos podem, ainda assim, habitar um mesmo plano!

Geo-sacadas e noturnos

Cagueira, cegueira, passa o colírio, troca o tênis, chave de casa que ficou no carro, volta que não é retorno, é esquecimento, reunião sem presença. Sobe o preço da gasolina e o vulto de novo na sacada, apenas uma sombra. Chave do carro que ficou na casa; abre porta, fecha porta, pega pasta. Espiada na janela: vai chover! Outra vez, não! Sem sombrinha. O

retrovisor do carro deixa a rua andando noutra direção, num fio turvo escurecido, desaparece o indivíduo; seu espaço, retangular, mirado na matemática geografia da cidade. Todos indivíduos e vizinhos e uma professora-rizoma possui vizinhança em toda parte, mas nem tudo que se avizinha adere. Nem tudo o que passa pela pele a tingem, a registra ou a afeta.

Tudo o mais se faz bruma e circula em fumaças, em névoa no devir dos véus. Participações de massa ou de grupo sempre pertencem de modo interno e externo a alguém. Embora não seja o caso de distinguir o seu interior e exterior, são modos relativos e cambiantes, intervertíveis; mas o tipo de multiplicidade que coexiste, penetra e muda de lugar como máquinas, maquinismos, motores e elementos; tudo o que, em um dado momento, intervém para formar um agenciamento.

Tudo o que se diz sobre as coisas nunca consegue apresentá-las como são ou foram, devir das sacadas! Sacadas demais foram construídas, um universo de espaço vazio, parte de tudo o que se compra e vende, incorporada às moradas, perfil e ilusão. Sóbrias, sozinhas, escadas abarrotadas de vento, por onde sobem e descem assovios como lamentos; todas esperam. De muitas delas não se arredará o pó dos assentos das cadeiras. Nos parapeitos que limitam os corpos, não haverá nenhum toque, nas próximas semanas, nenhum seio a roçar, nenhum dorso. Vazias as sacadas, sumiço dos observadores.

Todos ocupados demais, sem disposição para mirar a paisagem. Todos no fluxo de muitas imagens. Um foco excessivo torna uma gota de água um ponto branco, descolando uma espécie alucinação ótica. O orvalho molha a madeira e o ferro, já ressequidos. Numa hora, àquela hora, a luz da lua parece acionar o poder de, na umidade deslizante, reter o mórbido desgaste, acumulado por uma vida vazia, vadia, acomodada. Um corpo na miragem, um vulto suspenso. Sombra ao longe, fio negro que lembra a passagem de estação. Alguém é único por que, de modo particular e privado, desfruta desses espaços vazios e quadrados? Alguém, e não um perfil, uma forma, uma idéia, uma sombra?

O sol se põe rápido. E, aquele que era um observador, logo se torna um quadrado escuro que, aos poucos, desaparece na aparição do luar. Nostalgia, a máquina é ligada, as cores mudando na vidraça, na parede da sala, tornam visíveis, coisas que formam o interior de uma morada. A luz abre e fecha cores entre sombras que, por vezes, tornam tudo imperceptível; algo respira naquele lugar, ora exposto, ora escondido, ora esquecido, ora engolido; algo geme. Território e terra em que, pouco a pouco, prédios serão apenas retas, quadrados de luz suspensos, pequenos quadros vivos, nos quais, todo detalhe desaparecerá. Mínimos corpos, expressos em suas formas. Fachadas! Janelas de perto se fecham, viram linhas, sem nada expressivo.

Quadrados fechados criam palcos, onde o espetáculo é a realidade, representada na tela e circundada pela certeza de que essa não acaba quando é desligada a máquina. Passeios por onde passam imagens do real. Uma filosofia que quer criar conceitos opera em alguém que tem vizinhos. Vizinhos são imagens invertidas e projetadas, no plano de composição de um conceito e no plano de intercessão de um personagem. Nessa vizinhança, alguns terão pego um vídeo e se convidado para uma espécie de recital com início, meio e fim; uns, prolongando uma espera, numa espécie de resistência seletiva; outros, ligados em canais abertos, canais a cabo, entretidos, como se o escuro fosse algo que é necessário expulsar. A quietude da noite tornada mal-estar.

Os noturnos obscurecem certezas. Barulho e movimento são normas da evolução no excesso que liga todos à grande máquina. Nada pode ficar parado, estático, sem movimento. O silêncio traz o incômodo no qual a luz flutua; solta, pela metade de suas prisões, imagens óticas e sonoras. Luz no olho que complica o percepto numa imagem perseguida por outrem, numa insistência goza daquilo que pede esquecimento. Vizinhos pedem uma anti-memória. Que as Geo-sacadas, se dissolvam!

Apenas, restam efeitos do sol em um dia indeciso. Dia que a noite arrastou para alhures de seus esconderijos. Gemidos de orelha encobertos; esperas perfumadas esquecidas; brilho do cabelo que espia na janela; branco

sorriso dos michês no parque; sisudez do asfalto em que se escancara a lua; focos de luz não mostram tudo que se quer ver desde o olho. Mas nem todo olhar vem da luz e lá, num involuntário registro, onde se guardam as lembranças, brincam imagens perdidas de algum lugar consciente.

Tumba de reciclagem

O que quer uma memória senão espantar o esquecimento que vem do mundo dos mortos? A criação precisa da vida. Duas fêmeas copulando. Duas em uma, se perdendo se encontrando. Uma lambe, outra geme; uma prende, outra grita; uma solta, outra escorre; sem que uma diga à outra do pertencimento que vitima ambas, como condição de serem, no par, o ímpar de um emergente pulsar. Gemem e lambem, duas fontes vertendo poros, buracos e suores se multiplicando, virando outra coisa, terra, pele, boca, deslizando desde fendas, são devires fêmeas rosnando, roçando, derretendo todo o possível no impossível. Respira-se por buracos na pele que tendem fazer disso uma consciência empírica, povoada de imagens de uma memória ativa, o trágico devir fêmea da professora-rizoma pondera, nas linhas que traçam nesse conceito, uma reviravolta de fluxos. Toda mulher é partida ao meio e no meio sangra, no meio goza, no meio concebe, no meio gera a possibilidade de que o fluxo não seja uma antimatéria expelida pelo feminino. O fluxo não é a negação do que não se fez vivo, o fluxo é o vivo incriado.

A fluidez desse incriado habita a memória, lugar onde tudo é absorvido ou defecado. Tumba de reciclagem de um corpo-paisagem, de um corpo-passagem, de um corpo-limiar, corpo-intenso, corpo-extenso-feminino. Corpo em devir-fluxo, em devir-criação, em devir-imagem. Corpo sendo limiar ultrapassado que não coincide, necessariamente, com um segmento de linhas mais visíveis. Uma consciência pode multiplicar-se numa heterogeneidade anônima. Ponto virtual que se prende a uma imagem, quando tudo o mais se multiplica, imagem sobreposta à imagem, imagem gênese de outra imagem, imagem em criação, imaginação. Até que ponto se pode afirmar a materialidade do corpo percebido por

consciência sendo essa um imaterial que se projeta desde aquilo que experimenta?

Voltando aos vizinhos, imagens se criam e todos, impassíveis, flutuam nelas, embora pareça que, de longe, em alguns imóveis, guardem-se seres inanimados. As imagens deformam no corpo a materialidade do vivido. Apartamentos empilhados, prédios enfileirados, frente a frente, linhas e segmentos nos quais linhas segmentarizadas ou molares formam pacotes entre “as espécies de segmentos bem determinados, em todas as espécies de direções, que nos recortam em todos os sentidos” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 145).

Sobra a uma consciência ser um traçado de muitas linhas expostas e obscuras, que formam um plano de consistência. Linhas flexíveis, aquilo que se é enquanto percepto ativo; aquilo que se traça ao modo de pequenas modificações; desvios provocados por quedas e impulsos que, no segmento das linhas molares, formam os fluxos moleculares. Micro-devir que se passa em uma segunda linha, que não tem o mesmo ritmo, não tem a mesma história, da primeira, mas acontece! Tudo trama, tudo passa e, não, necessariamente, tendo alguém por testemunha.

Secreta e imperceptível linha de ruptura

Está frio; considerando que já não é mais estação para essa temperatura, tem-se a sensação de um falso poder sobre o armário, uma roupa, uma capa, umas luvas ou um guarda-sol? Nada que antecipe a filosofia do fantástico merece discussão. Pensando bem, nada merece discussão. Muita comunicação, pouco esclarecimento. O marketing dos jornalistas acaba com as incertezas: pior que observar como tudo é definido, nos curtos espaços de uma tela multicolorida, é ver Kant virar perspectivista. Mas, falava-se de linhas.

Alguém é composto de linhas, mais visíveis ou não, que vão de um segmento a outro. “Uma profissão é um segmento duro, mas o que é que se passa lá embaixo, que conexões, que atrações e repulsões que não coincidem com segmentos, que loucuras secretas”, atravessam alguém que é uma professora e está na instituição e não apenas nela, como potência pública (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 146). Uma terceira espécie e, ainda mais estranha, de linha, se dá entre segmentos e através de limiares; risca-se numa direção não previsível, não preexistente. Essa linha simples e abstrata mais complicada e mais tortuosa que todas, por definição, é a linha de fuga. Linha de gravidade, linha de celeridade, linha de maior declive. Está sempre ali e não está, desde sempre. Um emaranhado de linhas andando em múltiplas direções, vários ritmos e velocidades, em alguém-rizoma.

Linhas propõem de um outro modo o estudo da esquizoanálise, micropolítica, pragmática, diagramatismo, rizomática, cartografia. Como se define uma professora- rizoma entre elas? Como aquilo é linha molar na professora se segmentariza com o rizoma que para além de molecular, é devir ou linha de fuga? Seria ela um corte entre os segmentos, uma ruptura? Uma linha de segmentariedade cortada, um determinado lugar, uma determinada história ou evento que se perde daquilo que previamente determina? Seria uma linha de fissura? Última linha essa que acontece nova, secreta e imperceptível, marcada mais pelo que resiste e pelo que deseja, no medo de se perder nesse impulso!

Fumaça perfumada no infinito

Uma folha caída no chão despedaça-se em partículas. Não será dispensada ou desperdiçada, mas absorvida de outro modo, ainda estará lá. Invenção que toda erva deve virar fumaça, ou cair em saquinhos de chá. Nas ervas estão os cheiros e aromas que todos respiram. Uma não-convidada que passa por debaixo das portas. Fumaças! Fumaças são coloridas, alegres, entram, passam por onde querem sem dizer o porquê. Fazem a dança. Pois que se faça nova dança! Melhoraria o humor de Nietzsche, cuja expectativa do acaso só ressoa no eterno retorno, se os

acordes do infinito estivessem bem afinados. O incenso virando névoa quando há tempo ainda de, no ar, reter seu perfume. Aquela manhã se apresentava assim perfumada.

A janela abria não repartindo nada com o horizonte, apenas com a terra. Outra fêmea vizinha da vida e da criação, gemendo, viva, ardente, dava conta do que é dela, mas não andava só. A terra é um ser povoado de seres e multiplicada por eles, alocada no colar dos planetas a girar. Dançando entre eles, desdenhada pela astronomia, em seu devir fêmea, meio torta e sem batom. Dor germinal, contração de fluxo. Senhora terra, generosa e fértil. Sempre fruto e fome nos desvios imperiais da beleza que a acompanha. Geografia de múltiplos detalhes e partes. História de ciclos e casos, devir amaldiçoado que sabe quem é Ariadne, enigma que não se deixa capturar em nome de círculo vicioso, inventado. Deusa que acolhe, escolhe, sangra e pede mudança de tom. Que se faça uma nova política. Que se faça a "grande política", que se troquem as rodas, as marchas, as parselhas, as duplas para uma nova dança!

Encontro-anão

Vindo mais um dia cheio de trabalho, de gentes, de estudos e correções, escorregões e provas. No retorno para casa no fim do dia, fazer o desvio ou não? Ou abrir a porta da geladeira mal abastecida e sortear o que vai ser extirpado a frio, ou quem sabe um desvio? Quem sabe o que pode ser o desvio? Ato-desvio, potência-qualquer-coisa, antes de seu acontecimento? Ceder ao corpo, à sua fome, a seu cansaço, ceder ao acaso no excesso de tudo junto? É preciso uma vontade a mais, mais que uma fome que atravessa as frestas da pele e uma pupila dilatada enxerga um enorme "M" amarelo que atrai crianças e adultos na sua direção. "M" de mãe, memória, martelo, mercado, "M" de margens, de muitos, de margem, de marginais; gentes brincam e comem, com ritmos organizados se posicionam em filas; fila que come, fila que brinca, fila que ri. Estacionar ao lado, do outro lado da fome e, desligado o motor da calada máquina, colocada e descolada de outra máquina, ficar frente a frente a uma maquinação cínica, que faz ressoar na memória uma crítica ao

capitalismo. O que se poderia querer com isso? Se “não adianta dizer o que se vê; o que se vê não habita jamais o que se diz” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 36). Todos subjazem a seu momento cínico, que é, também, uma individuação, embora de massa.

Um anão espera na fila, atraído ou chamado pelo espírito, que fluidifica um encantamento naquilo que se dá grudado nos entes. Algo hipnotizado, rostos que dissimulam uma máscara fria, informe e plástica. Entrefugaz suavidade, que aporta no tom familiar dos movimentos, uma espécie de consolo de estar em meio àqueles que, disciplinados sob a moldura anteposta e seletiva, aguardam algum bem. Envolto pelo cheiro adocicado dos molhos, pelo ar denso dos azeites aquecidos, ninguém percebe que a noite cai imperceptível na virtualidade daquele instante. Tudo pertence ao movimento da vida. A fila traz o anão e o anão a fila; no desvio, uma professora-rizoma que, cansada e com fome, faz poeira por onde anda. Quer ingerir algo rápido e descansar, nas dobras da alma. A fila colorida, sobre um fundo negro traz o aceitável, o prazeroso, o necessário à ordem das gentes.

O pequeno homem banalizado, nesse comportamento que exercita desde a escola, não só se coloca em fila como se sente parte dela, daquilo que não está ali. Um foco camuflado o prende, quando vê, por todo lado, “dobras minúsculas que não param de se fazer e de se desfazer sobre pedaços da superfície justapostos”; brumas ou névoas que vão se dissipando no movimento das mãos, no surgimento de velocidades diferentes. Limiar onde uma consciência suporta um estado normal.

A fila pede ou convoca o lugar do outro que fica atrás do outro, daquele que espera o fim do tempo, lá do fim da fila. Espécie de gozo que se reveste do que ainda não foi provado, que recobre um simples espaço percorrido. Todos esperam na fila, por algo, que está apenas no fim. Fim da fila, unidade esvaziada que recomeça múltipla. Filas alimentadas, filas com fome, que nunca acabam, reproduzem, como subsistemas, outras filas das quais se retro-alimentam. Fila do vacinado, do pecador, do pagador, do registrado; nas filas, tem sempre uma diferença que se perde, para nunca mais ser encontrada.

O que os corpos realizam não quer dizer do real, “a realidade do corpo é a realização dos fenômenos do corpo” (DELEUZE, 1991a, p. 200). Na fila e como se houvesse um fora que, na fila, a ela pertencesse, algo se remetia, de modo leibniziano, a um querer dizer de outras coisas por demais transcendental, interessado mais pelo acontecimento do que pelo fenômeno. Uma disposição dos corpos, do que se pode expressar deles, como a captura daquilo que é atual na alma, quando os eleva a uma ação interna ou à percepção deles mesmos, os dobra, numa espécie de dois andares, permitindo que se diga do qualquer coisa do acontecimento que os envolve. Mas Leibniz, também, não foge aos pressupostos lógicos de conhecimento e, com isso, acaba apenas substituindo “o condicionamento kantiano por uma dupla operação, de atualização e de realização materiais, animismo e materialismo” (DELEUZE, 1991a, p. 200).

Percebida como um filme que passa a fila, durava de um outro modo. Os corpos enfileirados podiam ser observados como uma coisa só, sendo dobras, dobras sobre dobras, remetiam a dois processos, o micro e o macroscópico. Ainda assim, um anão atravessa uma professora-rizoma, quando esta depara com ele; nada fica bem dobrado. Isso mostra que coisas se aproximam e se assomam, convocam uma à outra, mas não é de pronto que o se assomam, entre elas, seja parte delas. A rota da casa alterada mostrava que havia sucessão e associação nas coisas em que se espera o mesmo acontecimento. A mudança de itinerário, o deslocamento de um espaço em outro, mudava a forma imaginada para aquela hora. Na espera do que comer, se desenrolam algumas idéias que não se aliavam à fome; umas pareciam desnecessárias e, outras, que implicavam em algo que se desdobrava, nunca sendo o contrário daquilo que dobra. Essas últimas inquietavam, porque estar ali também era, de certo modo, não estar.

Nada que o princípio da não-contradição de Aristóteles pudesse resolver. O contrário daquilo que dobra, assim como a lógica do ser e do não-ser, não leva a lugar algum. Seria uma pura perturbação mental ficar nessa de ser e não-ser, ser e nada, ser e devir. O devir preso ao ser é coisa que o contraditório não resolve, apenas antecipa. Quando o antecipa como aquilo que devém de uma síntese, retira do devir todo dado espontâneo

propondo-o num espaço, onde o preconceito pode-se apresentar como algo prévio e simples.

A figura à sua frente passava envolvendo, sem estar em contato direto corpo a corpo. Proximidade, lugar onde um movimento não permitido acontecesse, um involuntário entre dois em fila. Um comportamento disciplinar imbuído num impulso desdobrava o que ia de uma dobra à outra. Dobras infinitamente pequenas se moviam, se afetavam e não paravam de agitar um fundo, sobre o qual se traçava uma grande dobra e, aparecendo às formas, deformava a fila e o anão. O anão em fila não faz, da fila, a fila do anão?

Multiplicidade diluída

Fomes e desejos, fomes atravessadas por desejos, nunca são iguais. Alguém que se percebe numa fila que espera conclui que a percepção mesma não tem objeto. Se perceber é desdobrar e se desdobrar é ação que se dá nas dobras da alma como composição de um mundo, o que existe fora das mônadas que o expressam nunca o representariam do mesmo modo.

Naquela hora, naquele momento, naquela fila. Um desejo intempestivo o levava ali e não apenas uma fome. Tentar recorrer à causalidade para entender os efeitos de uma passagem não válida o acontecimento, não o qualifica em nada. Algo se recorta numa fila e não se entende como impulso, como causa ou efeito, apenas como corte. Hume havia deixado claro que, “a causa não pode ser conhecida; não há uma causa dos princípios, uma origem do seu poder” (DELEUZE, 2002a, p. 15). Então, como se individualizava alguém sendo rizoma? Estar ali, numa multiplicidade, sem ser efeito nem associação de nada. Parece simples propor que o exercício de um conceito implica o múltiplo, mas não o é. Existem multiplicidades de todo modo e em toda parte. Uma fila também é uma multiplicidade, onde não se distinguem, num simples olhar, as políticas implícitas envolvidas. Todos entram em fila, em um momento ou outro. A modernidade propôs se

constituir nesse formato adaptado pelo hábito e indispensável às formações democráticas, onde todos, diluídos num único que os representa, se dispõem a serviço mais do econômico que do social.

O problema é dar uma outra forma à fila, estando nela sem sair dela. Ser nela apenas uma fome, uma matéria, um corpo. Um atravessamento ou devir. Devir carneirinho, diria Nietzsche, a manada domesticada. Fantasias alguma coisa fosse o que fosse. Lembrar de uma ocorrência do passado. Acionar a memória como saída para aquele instante. Uma fantasia é uma idéia particular que possui uma quantidade e uma qualidade determinadas. Estando sob os efeitos de uma fila, pode-se associar várias coisas que pertençam ao espírito daquela situação ou não! O que não se pode sustentar é que algo seja regular na fila, como um princípio causal. Tudo o que é associado na imaginação, por contigüidade, semelhança e causalidade, tende a se mostrar como um princípio que é distinto dela. Logo, a associação afeta a imaginação, sendo "uma qualidade que une as idéias, não uma qualidade das próprias idéias" (DELEUZE, 2002a, p. 14).

O que se passava na cabeça de alguém, em especial da professora-rizoma, na fila, tendo a ver com o seu entorno, leva a que se entenda a multiplicidade como aquilo que representa um espírito ou espécie de tendência, devindo da natureza daquele momento. Tal espírito não poderia ser ativado pela própria natureza, sem se tornar passivo aos seus efeitos. Na fila, naquela fila, algo relacionava a uma unidade variável que não ligava a uma causalidade, "mas somente a variedades e unidades de medida" (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 17). Assim sendo, apenas uma multiplicidade plana, preenchida e ocupada por outras dimensões, em uma fila, ou entre as filas, porta planos de consistências que se movem na diversidade das suas paixões, dos seus devaneios, dos seus desejos e das suas fomes.

Paradoxos do pensar

Muita caixa, papel e pouco pão, embora se pague por tudo. Saudades dos lanches de esquina, das caminhadas depois da aula a pé para casa com amigos. Coisas que estão em outro lugar como o desemprego e a renúncia das estratégias pelo social, produzem um plano de dimensões crescentes e, de acordo com o número de conexões que vão estabelecendo, acabam interferindo nos extra-lugares onde são geradas. Observando-se uma fila as relações que se pode estabelecer são várias e contingentes. Uma relação necessária é algo que um sujeito cria, algo que não está nas coisas, mas na conjunção contemplativa de um que reflete.

O paradoxo do humano, para Hume, diz do costume de alguém tender a afirmar mais do que sabe. Hume é o filósofo dos costumes, e Deleuze diz que, nele, o espírito é ativado e não está ativo, desde um devir sujeito. Fila na qual se incorpora uma cultura à outra. Entrementes, se existisse uma subjetividade, como coisa na fila para ser compartilhada, essa seria algo que ultrapassaria o próprio dado, pois o dado não é mais do que um efeito de uma impressão de reflexão. O mercado é explícito e dispõe, nas suas relações, as condições das suas regras. O discurso pela liberdade nasce impregnado das relações de posse, de terra, de territórios, de gentes. Ainda hoje a materialidade das coisas leva comumente a expressões sobre o espírito e a ilusões perigosas. O espírito de troca se gera no contrato, onde coisas díspares acabam sobrevaloradas numa moeda única: o material imaterializado pela axiomática do mercado gera um dualismo por vezes ambíguo.

Esta ambigüidade, que Deleuze destaca em Hume, dá prioridade a uma psicologia dos afetos, ao invés de uma psicologia do espírito. A psicologia do espírito diz de uma psicologia das idéias, dos elementos simples ou dos mínima, indivisíveis; já a psicologia da natureza ou dos afetos, dirá das tendências das ciências práticas: como a moral, a política, a história, a antropologia (DELEUZE, 2001, p. 18). Sublima-se um espírito na fila.

Este se apresenta como um mínimo indivisível, onde afetos se fazem de máximas múltiplas. Como distinguir as várias potencialidades que co-habitam um espaço de gentes enfileiradas? Na há um espírito na fila, nem espíritos em fila, nem o mercado é um gerador exclusivo de idéias e de

regras. Mesmo que o espírito devesse da materialidade da natureza, não dá para dizer que há uma natureza humana disposta numa fila.

Essa descoberta leva Hume a dizer que a natureza materializada é uma coleção de átomos, na qual os princípios funcionam formando o objeto de uma ciência objetiva. Disposta ora na ordem do econômico, ora na ordem dos costumes, se destaca em Hume uma tendência empírica no conceito. Essa empiria envolve-se com os princípios do rizoma, que perambulam pelas páginas do livro 1 dos Mil platôs. Saindo desse entretexto e de volta à fila, muitos diferentes se achegam pela obviedade ou não da fome. Vários motivos reúnem as gentes em um lugar ou há um devir camuflado nos desvios de casa?

Nada é seu oposto

Restaurantes cheios não implicam o fim das fomes; fomes apressadas, preguiçosas, desejantes. O fato é que não se pode exprimir nenhuma prática, sob a forma de uma idéia, sem que essa deixe de ser, imediatamente, contraditória. Um momento esfomeado não é substituído por outro, sem fome, através de uma idéia. Bulimia, anorexia, apetite, inapetência, desejo, fome, tudo na bolsa de valores! O mercado é uma palavra-valise. Decerto que há uma incompatibilidade de uma idéia geral ou abstrata com a natureza, que não permite haver conexão real entre ela e os objetos, nos quais é aplicada. Quando se usa a abstração para se chegar a um entendimento, pode-se contradizer tudo o que se conclui com ele; logo, um passo que volta sobre o passo dado acaba em redundância. Nada é natural, nem antinatureza, num foco imobilizador. Nada é o que parece, nem seu oposto.

Há diferenças de natureza em grupos que se reúnem por um suposto objetivo? Diferenças de grau e não de extensão, como dizia Bergson. Mas antes Hume apontava que, se a natureza existe, é para atingir algum fim, por meio da cultura, reduzida a uma ou várias tendências que se satisfazem. Isso ocorre através das instituições que implicitamente as

representam. Ora, os fins e os meios que em Hume atravessam o conceito de natureza, serão, mais tarde, o grau e a tendência, em Bergson. Os fins aprimorados se diferenciam como os graus e as tendências se atravessam e compartilham até mesmo opostos. Será a natureza um resíduo, uma duração que a história não explica, quando fins políticos tornados econômicos se mostram como bens públicos? O anão e uma professora-rizoma dividem o mesmo espaço, mas não dividem o mesmo tempo. Embora exista algo em comum que os reúna na busca de uma satisfação, é de diferentes maneiras que exercitam sua tendência; são ambos diferentes movimentos.

A bolsa cai no chão e o anão a alcança, fazendo dessa ação um motivo para reflexão e conversa. "Tudo que é reto mente", dizia o anão. "Toda verdade é tortuosa; o próprio tempo é círculo" (NIETZSCHE, 2002, p. 120). Era o que o cara dizia, tentando imaginar as coisas que possivelmente se passavam na cabeça de alguém que portava livros de filosofia na fila. Todo rosto é um signo e, se pensando bem, nem todo signo dificulta o deciframento. Difícil fugir daquela situação que a envolvia numa espécie de sobrecarga, ponto não esperado naquele vivido. Um vivido não se reduz a um instante, ainda que baste um instante para que se afirme um devir. Tudo em movimento e o devir não saindo de um estado inicial, é um sem-propósito, um sem-suposto.

Se fosse possível, como num filme, algumas vezes voltar a fita e desfazer-se de um acontecimento. Mas, como? Coisas acontecem! Bons e maus encontros, também! O tempo sendo infinito brinca com as forças que compõem o mundo. Mas, essas forças são finitas, não uma variação contínua de estados novos onde há um retorno do mesmo. As coisas retornam em função do desejo e desaparecem pelo abandono do afecto. O acaso traz um novo instante. O anão mobiliza a fila e a ativa, puxando assunto: "O que você faz aqui?", "O que está lendo?", "Que livros são esses?". Pronunciada a palavra maldita, a palavra-valise, saída da sua boca marca o fim de uma espécie de individuação. Filosofia!

As pessoas sempre se aproximam de quem estuda ou lê filosofia com a intenção de discutir. Naquele momento nada merecia ser dito. Algo

faltava entre as sobras e os restos melados, os farelos melecados e os papéis amassados. Evasão da palavra não dita ou dos termos que tentavam impedir o dito. Intenção de fugir daquela espécie de redundância que se insere nos papinhos filosóficos. Deleuze já dera seu recado: discutir, não! Coisas demais dialéticas, triste hábito, excessivo! Mas o moço avançava nos seus comentários. Já uma que se dizia professora-rizoma mantinha, mudos, seus conceitos. Os queria bem compartilhados, nas trilhas de uma matilha, dos muitos que andam sós.

A idéia não era de se apoderar dos conceitos, como se houvesse uma interpretação correta, a sua, e única, que possibilitasse a adequação entre a filosofia e a vida. Não era nada disso! A possibilidade dos conceitos filosóficos operarem no vivido implica que um sentido do múltiplo seja interceptado, numa outra relação com a unidade. Coisas que se fazem necessárias quando se pretende ultrapassar a experiência em relação às condições que a envolvem. Nada de procurar respostas internas ou externas para as coisas que acontecem, apenas tentar entender como pode funcionar uma intuição, ao tentar, de um modo nem tão evadido nem tão extraviado, camuflar sua participação na engrenagem.

O tom da fala, a voz do anão, tudo dizia de um modo característico de se entender a filosofia. Não que toda ação seja condicionada nas práticas e nos modos de fazer uma filosofia que vem cartada na tradição. Mas a filosofia de que o senso comum se apropriou deriva da adaptação dos intérpretes, da reflexão de alguns professores e professoras; os primeiros, no mais das vezes, extra-batinados. Pobre filosofia, tanto tempo escondida nos seminários, tempos de ditadura, onde uma serpente, escondida na garganta de seus leitores, não permitia seus fluxos. Nem toda filosofia confessada, porém, manteve-se confinada. Nem toda linha de fuga permaneceu no curso de seu fluxo. Algumas linhas fugidas tornaram-se fugidias, doando à filosofia, algo místico, superior. Uma lógica de um entendimento único que se camufla numa relação senhor - escravo e faz desse e outros dualismos algo necessário e usurpando da deusa razão, fecunda nos homens, o próprio deus.

Mas, enfim, lá está um anão. Alguém que não percebe a diferença de um discurso que procura, no seu decurso, não ser em nada místico, metafísico, abstrato ou reflexivo. Algo que se quer afirmativo e que usa muito mais o sim do que o não. As palavras contornam a superfície, dizem dela, dos seus invisíveis. Várias vozes se misturavam na abstração dos perfis, mostrando que o abstrato varia a cada segundo. Algo passava, revelando que não há conexão entre os estados de abstração. E, como disse Nietzsche, “meus próprios pensamentos e a sua oculta intenção me causavam medo” (2002, p. 120).

Enfim, estava ali, em frente ao anão que pedia manifestação, mas não parecia prestar a atenção na articulação das palavras, na forma como essas compunham ou diziam de uma linha de estudo. Nem de longe percebia a diferença entre a filosofia e uma filosofia da diferença. Do que perguntava já ia, ele mesmo, dando respostas. Achava-se do tipo que via na lógica a resposta para tudo. Era um típico professor de filosofia que levantava o problema do qual já apresentava a solução. O mundo mostrava-se um enigma decifrado no disfarce daquela lógica cristã, capitalista, que envolvia uma filosofia niilista. Os falsos problemas de Bergson saltavam da sua boca como uma imagem plástica, enfeitados por declarações concupiscentes que davam um tom ou ritmo especial às frases. Nada de perspectivismo, mas normas gerais e generalizantes, silogismos, e só. Transvaloração e tresvaloração eram coisas de um tempo por vir.

Estranhamento

É estranho alguém que se estranhe ao possuir um estranhamento? Uma foge disso, dizendo não! Ela mesma quer dirigir sua cena. Embora perceba que basta um deslize para que tudo soe falso quando se trata da filosofia. É difícil desencarnar da obviedade. Permitir aos poros respirar e falar. Um estado fluido do corpo, diluindo-se naquilo que percebe. De diversos modos se citam os filósofos, mas o que se compreende com eles, com os conceitos que assinam, envolve a diferença. O registro está no corpo. Por que será que, em geral, os professores de filosofia possuem uma fala mansa

e se colocam, em primeiro lugar, como conselheiros, quando discutem temas com os alunos? Parece que, sobre os temas abordados, têm um desfecho pronto. Entendem que as coisas se resolvessem porque é possível resumi-las, numa imagem pressuposta ao tema.

Um tema é uma imagem invertida da representação, recolhida de uma realidade possível, no qual os conceitos filosóficos apresentam-se ora deformados, ora reduzidos à perfumaria redundante. A obviedade dessa redundância está calcada na abstração, sendo ela o elemento indispensável às pré-conclusões filosóficas. Em segundo lugar, os professores de filosofia portam-se como defensores de uma verdade que, entenda-se, é sustentada por uma idéia de tempo, onde a filosofia leva vantagem, porque, se tudo começa com ela, então, já há numa antecipação desse conhecimento, uma remissão que retorna à base sem alterá-la. Porém, se esquecem de relevar que há, nessa base, uma tendência, e apenas isso. Tendência que subjugou o movimento ao tempo, relegando-o à invenção que re-descobre o espaço que recorta. Nesse lugar mínimo, sob as coordenadas de um motor imóvel, os conceitos filosóficos podem adquirir sua sobrevida.

Fugir aos decalques da tradição coloca o pensar crivando o território da terra, onde o filósofo é desde sempre um estrangeiro, mas a “filosofia é grega” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 116). Mas vêm-se decalques por toda parte remetendo a uma estrutura, a uma árvore, a uma raiz. O professor de filosofia e o anão sentem-se os benfeitores, quando traduzem uma compreensão filosófica como uma unidade, sem perceber, traçam uma sobre-codificação que “opera no seio de uma dimensão vazia suplementar aquela do sistema considerado” (DELEUZE; GUATTARI, 1995a, p. 17).

Uma professora-rizoma exercita a multiplicidade como uma forma de não se sobre-codificar. Portanto, busca não operar numa dimensão tal, onde exista uma multiplicidade de números ligados por linhas que colaboram com o discurso da lógica dos opostos. Defendendo um plano de consistência como uma multiplicidade de dimensões crescentes que se abre a outras conexões, trama algo que, embora sendo um plano, não

possui ponto de partida. Trama um Fora como o Fora de todas as multiplicidades; superfície que possui como possível todo tipo de conexões.

O anão representava, na fila, o discurso clássico, cujos elos tinham-se perdido. Bem mostrava seu afeto inventariando, no rol de suas teorias, o nexos que propunha. Demonstração e crença, ficção! Conversa-cansaço, conversa-paralisa, conversa que leva a pactos com uma imagem que um anão suporta, para não desafiar o abstrato quando esse está automatizado pelo negativo, circulando numa espécie de autorização prévia. O não, substantivado pelo anão, atravessa um movimento de corte, de morte; atravessa o movimento do forte, daquilo que quer limitar. Contra uma tradição que se autoriza a considerar-se matriz da verdade necessária, um contra- golpe é desandar a falar coisas, de forma automática, defendendo um contrário pelo outro. Quadrado lógico! Contrários e contraditórios todos, algum, nenhum, tudo o que não sai do mesmo lugar. Devia recorrer a isso?

Tal como os coelhinhos de Júlio Cortázar, as coisas ditas se multiplicavam, saindo de uma boca, sem nenhum sentido. Resistência. Vômito de palavras, palavras faladas através delas mesmas, como se saídas de outro lugar. Será que era isso que Nietzsche chamava de pontes móveis? Na verdade, são pontes giratórias que não vão a lugar algum. Coisas que fazem alguém se sentir coisa falante, a boneca Emília, do Monteiro Lobato. Engole a pílula da fala e abusa! Esquece os códigos, a estrutura! Numa espécie de descontrole entre ser e pensar, onde não há uma extensão entre opostos, paralelos, nada se cria ou avança.

Coxeando palavras

Palavras como reação, escudo, muro, oblíquas, quadradas, arredondadas, palavras, não! Nos problemas inexistentes, há uma confusão entre o muito mais e o muito menos ou no que se pode concluir com eles. Essa regra complementar, que Deleuze (1999) retira de Bergson, pode ser aplicada aos falsos problemas que tentam reconciliar no verdadeiro e no falso,

verdade e criação, no mesmo nível. Há conversas sem sentido, porque o problema que está sendo tratado nelas já está resolvido, antes que elas comecem. A saída nunca é dizer da falta de entendimento, naquilo vem expresso em uma fala redundante. Até porque a invenção, dando a coisa algo que não é dela, pode apenas vir a complicar a situação disfônica dessa fala. O entendimento não é o discurso, mas está nele como uma de suas condições.

Coxear palavras, andando para frente e para trás com elas. Fala afásica, cacofônica, disfônica. Pode tecer uma linha de fuga, também, pode vir a tornar-se uma multiplicidade que achata as outras multiplicidades, quando essas se envolvem num de plano de consistência ou numa exterioridade necessária. Corre-se o risco, precursor de um pior momento, de uma conversa chata nunca acabar. Concordar sobre a razão de outro, sem dar ao cara uma suposta inteligência, é impossível! O sujeito dizia: "toda Idéia afirmada pode ser negada", que diz, mais, que tudo é "Idéia e na Idéia"; que a criação da natureza não pode significar o sobrevir de alguma coisa diferente da própria Idéia e separado da Idéia; que "o absoluto é o conceito"- forma do pensamento subjetivo, privado de conteúdo- o conceito é o Eu penso que se autocria e, autocriando-se, cria todas as determinações. Resumindo, o indivíduo, o anão, era um defensor da superioridade da razão.

Decomposição do absoluto

Encontro ou desencontro? Como alguém que precisa nominar o eu, eu, eu quinhentas vezes pode achar que tudo é possível? Um sujeito se coloca feliz em fila. Tem todo o tempo, o infinito está do seu lado e imóvel, produzindo uma consciência moral que tudo aprova e desaprova. Pior que os hegelianos são os pós-hegelianos, alguém que espera poder fazer a dialética de Hegel evoluir, já sendo ela mesma a condição do conceito e da sua evolução. Essa alucinação mostra o esquecimento da simplicidade e da praticidade da experiência em Hume, coisa que nem Hegel nem seus seguidores detiveram-se em aproveitar. O filósofo dos costumes afirmava que as coisas não são aquilo que se percebe, as coisas são o que são! O

dado é a idéia tal como ela é dada no espírito, o que quer dizer que nada a ultrapassa, nem o espírito que é idêntico a ela.

Isso porque, se o ultrapassamento existisse, até ele seria algo dado. Se a idéia depende do dado, de que ele a ative, então esse empirismo superior mostra que o absoluto é apenas uma imagem do pensamento, que se sustenta numa unidade vazia. Alguém precisa sentir para conhecer, ser aguçado, ser ativado, ser atravessado por afetos, por perceptos e por conceitos. Ninguém conhece só por conceito. Ninguém foi encontrado sendo uma experiência afirmativa do absoluto. Embora seus subprotudos estejam por toda parte na competição entre os pares, no olhar do abandonado, na exclusão do aniquilado por sua força imóvel, na arrogância do niilista que condena e esmaga a diferença. Na duplicidade da negação alguém se faz deus e nada lhe escapa ou sobrevive, vivendo fora dessa lógica e dessa moral alienante.

Saindo da percepção, e para além dela, o ultrapassamento é aquilo que se faz como um dado dela. Mas o anão era um ente, condição e invólucro do inafetado. Tanto fazia dizer para esse tipo idealista que a subjetividade empírica pode até vir a constituir um espírito sob o efeito dos princípios que o afetam, mas, ainda assim, esse não teria as qualidades próprias de um sujeito prévio; ou dizer que, quando alguém é sujeitado, defende um sujeito como um foco claro que oculta o limite e a direção daquilo que percebe, pois alguém que objeta o dado pode ser objetado por ele, coisa que o cara não quer entender! E daí? Tem tantos seres coisificados pelo que é dado no dado. Jogo de Hume! Outra vez.

Nada é suficiente ou basta para dissuadir um tipo autoconvencido de suas grandes certezas. Triste devir de professora-rizoma falar quando devia calar. Não se pode chamar Deleuze para um embate como o salvacionista, logo ele, que tem horror a discussões filosóficas. O homem calculado via, na sua experiência de cima a baixo, a extensão sem exclusão da natureza do absoluto, via na história o juízo do tempo. No trono de sua figura era o círculo andante, num perfil aparecia remanescido do modelo que insistia em preparar.

Tipos excludentes, hierarquizantes, niilistas. Por um lado, vê-se alquebrada toda uma estatolatria antes objetivada por uma estrutura que, agora, mostra-se rachada em partes que não irão se juntar; por outro lado, ainda reina uma espera ideal, nos rastros subjetivados em alguns que querem o retorno de uma espécie de povo-guia, aqueles que no poder tentaram ou tentarão interpretar o Espírito do absoluto, colocando sua horizontalidade em prática.

Quem era o anão? Advento de uma família de moral cristã, não-leitores da Bíblia, mas intérpretes. Viam na Bíblia não um livro de discurso cultural, mas a condição da verdade na palavra. Um pensamento metafísico e cristão cansa, faz ocorrer bocejos em quem não tem sono algum. Reflexos do absoluto que envolve as más consciências. Traduzindo forças opostas, "quem não só compreende a palavra dionisíaco, mas se compreende nela [...], fareja-se a decomposição" (NIETZSCHE, 1995, p. 63).

Náusea, sensação de estar frente a uma serpente negra e pesada, que não percebe suas próprias contradições. São gentes que deixam os seminários, mas não se desfazem da serpente e do cálculo que antecede o bote que armam. Aquilo que afirma (se existe? Claro que não! É abstração pura) e se faz perante uma contradição que nega a idéia da coisa, por um lado, quando afirma que a identidade dela se dá separada entre caráter e natureza, numa impressão de reflexão; e, por outro lado, quando afirma dela a afecção e aceita dessa mesma a negação como critério ou ultrapassamento, apreendendo, na própria relação negativa, aquilo que a ultrapassa. Podia-se dizer que não havia qualquer conexão no que o homem defendia.

O problema do dialético é sua credibilidade em uma lógica que sustenta a razão por antecedentes morais, numa superação ideal e paradoxal entre opostos do tipo senhor e escravo. A garantia da superioridade mínima do homem está pressuposta no aniquilamento da força escrava. Mas o senhor, o doutor, o professor, também não era escravo desse absoluto? Um dialético não entende que, quando o espírito encontra uma positividade que lhe vem de fora, de uma ou de toda impressão dada, essa se reproduz em uma idéia que a representa. Quem precisa de absoluto? Quem

substituiu a autoridade de Deus pela autoridade do homem, não foi a razão? O anão representava a razão! O espírito de gravidade que transparece naquele que, em vez de dizer “meu bem, meu mal”, diz “bem para todos e mal para todos”.

Os velhos sacerdotes aparecem transfigurados nos professores de filosofia que ainda defendem a coação, a lei, a necessidade, a conseqüência, a finalidade, a vontade, o bem e o mal. Personificando um espírito negativo que atravessa a filosofia, desde “a perspectiva de bem e da verdade introduzida por Sócrates e Platão na filosofia e pelo cristianismo na religião”, (MACHADO, 2001, p. 122); são a serpente cuja cabeça precisa ser mordida, arrancada, extirpada.

É preciso afrontar o saber trágico e o saber racional tal como o faz o Zarathustra de Nietzsche. Quando o bem e a verdade se subentendem, numa perspectiva que garante a moralidade na idéia de que tem de haver algo em comum a todos os seres, viram simplificação, decalque. Desfolhando Hume, repartindo, despedaçando, se diz que a impressão de reflexão se dá pela necessidade que o espírito possui de formar uma idéia de um objeto e outro, uma vez que é afetada por eles. Essas impressões de reflexão nada mais são do que efeitos dos princípios. A subjetividade sendo produto das afecções qualifica o espírito como sujeito, apenas isso. Mas olhando do outro lado do espelho, o reduz alguém a objeto ou impressão de reflexão.

Quanto mais uma professora-rizoma buscava sua singularidade, mais se distanciava do anão e de pessoas reduzidas a sujeito, portadores de um “eu penso”, sustentado por uma lógica dogmática. Toda aquela compreensão da verdade alinhada por um discurso reformulado numa perspectiva crítica, cientificista e cristã, devia ser esquecida. Obviedades demais! Havia muito tempo passado, desde que Hume disse da razão como uma espécie de sentimento! Era preciso extrair de si o rugido do leão e apartar-se de tudo o que era murcho!

Excertos da Criação

Riscos de uma intérprete

Madame de Bovary esperou em vão no alpendre, ninguém veio buscá-la! Maupassant esganou o Horla, que mexia nas suas coisas enquanto ele dormia. Thoureau deu descarga no vaso, mas a água não levou sua desobediência civil. Tereza brigou com Deus esquecendo que este estava morto!

Um autor fala de algo que lhe falta ou excede, no desvio de uma instância de transbordamento. Uma dobra ou muitas dobras. Pequenos pedaços que propõem um texto, dispendo uma tela, nas partes descontínuas que não predeterminam nenhuma conexão. Pílulas de acaso dão energia a uma escrita. Vividos de uma outra intercessão brincam com os conceitos e atravessam um esboço como espaço conjugado. A intuição não é a definição do mais forte que vem do alto; não é hierárquica, mas o tempero da metamorfose, antes que sua dissolução possa ser provada ou provocada.

Fruição que deveras e desespera entre! Todo pacto afectivo pretende se desfazer do óbvio, quando, na adesão ao coito, no seu jorro extasiante, toda antecipação é morta! Redobrando as doses de ar, faz-se uma frase, suga-se da imanência sua potência, numa respiração que se quer afirmativa e sem véspera renovada. As narinas não tragam fumaças do passado, nem a boca suga ou assopra o que não está vivo.

Escrever é um ato de purificação, de fruição e de tom, de procura da palavra certa, do contexto que a cerca; é sempre dobrar a matéria movente perceptível sobre seus invisíveis. Perseguir um ritmo entre frases que conjuguem a idéia com uma percepção prescinde de um sentido único, sem desistir do tom. Fazer da escrita um rizoma buscando a sonoridade das tocas, como o fez autor da Metamorfose e, neste incerto arriscar, uma composição disfônica! “Não é isso ainda. Certamente não é a música organizada, a forma musical. Não é uma composição, semioticamente formada, que interessa a Kafka, mas uma pura matéria sonora” (DELEUZE, 1975, p. 10). Um som puro intenso que emana das suas

tocas, dos seus esconderijos. Cenas de um refúgio que se mostra porque forma um plano, ambiente que pode ser uma armadilha ou o lugar onde alguém quer ficar reterritorializando sua desterritorialização. Um intérprete habita o texto num entre-espreita que recupera coisas e retorna a elas, numa espécie de devir-criança. Descrição de termos propostos nas condições de um território que quer seu e no qual a potência das palavras tudo fortalece ou mostra fragilidade. Alguém se esconde e se mostra no que escreve. Uma tinta borra o papel e a coisa já não é a reflexão de um autor; ainda que dê uma cobertura ou invólucro, uma tonalidade dele quando esse colabora com a reflexão dos personagens. As palavras dizem dos signos, das idéias e dos conceitos; capturando forças, faz com estes uma experimentação.

Apenas uma idéia e um que a possui, onde o possuído começa o processo de um desvio letal que o arrasa, que o arrasta, que o devora. A criação não se faz senão do criar, sendo ela ato puro. O impensado, esse abismo do pensamento, esse não-pensado do pensamento, é ação pura do pensar numa potência pensada do pensamento. A criação é um sem tempo passando entre um antes, durante, depois, na multiplicidade do pensamento. O pensar engole o caçador de signos no modo em que ele se confunde com o propósito de sua caça.

Um conceito força uma comunicação de tal modo que estende linhas onde uma personagem se envolve, assumindo uma espécie de envolvimento nas intersecções que descreve. Ele vira personagem e uma personagem um conceito, por múltiplas vias que se comunicam. Uma intérprete da filosofia que se arrisca a escrever e fica suspensa, perdida, expulsa naquilo que articula ou cria. Um texto, uma vez traçado, vira monstro, um Frankenstein; um disforme que, expedido numa seta, busca, numa direção não mais circular, as suas formas de sublimação.

Quem vai assinar um percurso sem fim? Onde um traço é assinatura da metáfora, de um encontro, que reúne a filosofia à literatura? Quem vai dar conta desse conluio, onde, lá pelas tantas, a filosofia passa a trabalhar com os perceptos e com a literatura? Quando a literatura cria seus personagens não pode operar neles intersecções, de modo que os

personagens literários possam maquinar conceitos filosóficos? Os conceitos filosóficos não ficam mais bem freqüentados quando se envolvem com os perceptos? Seriam desvios de curso, os casos em que duas resistências naturais das coisas se avizinham, mas não totalmente se misturam? Vizinhos que podem juntos fazerem coisas embora arrisquem uma mudança de domicílio? Quem vai interpretar a criação quando já não há o criador, mas apenas as criaturas demasiado humanas, com seus hábitos e ficções? Hábitos são contemplações de um que partilha consigo o heroísmo da própria batalha; ficção é o que se chama realidade.

Exercícios nômades

Um filósofo velho de hálito impuro comisera o vivido na palavra. Uma gota de saliva pinga em seus sapatos. Um cabide no canto do quarto escuro junta coisas demarcando um território. Ele se agacha e procura o anel. Descansando sobre a figura de um triângulo, um cinto com porta-óculos, uma camisa amassada, um chapéu roto. Uma cadeira junto ao cabide do quarto esboça um quadrado invadido por uma seta; nesse desenho um espectro mira a cama, fazendo, dela, um leito eterno. Quatro pernas, assento e encosto, três quadrados que formam uma cadeira. Ela é um dado com encosto, um quadrado de descanso, atravessado por uma seta, no quadrado do quarto, compondo uma perspectiva de imobilidade momentânea. Alguém se demora um pouco, observando a coisa que criara, num efeito ótico. Esse encontra o anel e o guarda no bolso. Onde estariam as coisas que se escondem na ilusão do olhar?

Sob determinadas perspectivas nada se oculta! Melhor não lembrar de um Salvador atravessado por duas linhas retas, feito em cruz! Nada a recordar que traga na sua figura uma sombra, que demarca um povo feito seta, que risca o chão. Algo desenhado na superfície, lambendo a terra, saindo de uma invisibilidade luzente, onde há coisas demais camufladas. Não se disse tudo dessa história ou já se disse demais? Tanta intromissão! As coisas bíblicas já foram traduzidas pelos matemáticos, pela ciência, tudo corrobora, através da clareza lógica, para definir um vulto. Coisas que as gentes adoram. Que mágico fantástico poder tem a razão!

No movimento da matéria, tudo vai se compondo em diferentes significações. Um território atravessado por alguém, potência pública que se dissimula num rosto de expressões imóveis. Numa fala de boca fechada, fica mudo o registro. No assombro de um passeio, com pés ligeiros, um outro, demarca o chão. Cada um é uma singularidade. Cada corpo um conjunto que se desfaz no todo junto, perdendo os órgãos na direção do sentido. Uma professora volta de uma aula, um lugar sem partida e sem chegada e emudece na sensação de seus excessos de fala. A fala assopra e destoa, ressoa sem, por vezes, se comportar uma potência de aproximar, reunir, transformar ou criar novas vizinhanças para a filosofia!

Louco à solta

Tudo que é matéria tem gosma, saliva, porra, borra, cheiro, sal, melecas, ceras, cenas e imagens! Alguém não pode prescindir delas para traçar os movimentos, onde avança um não-pensado no pensamento fazendo o plano. Exercício mutável, voluntarioso, nômade e perigoso. É de estranhar que não exista no reino animal nenhum louco. Enquanto que, entre os humanos animais racionais, a loucura insiste! Quem seria o louco numa sala de aula?

Um que se excita num canto, numa fresta, numa fagulha, antes que todos possam vê-lo, apoderado pelo demônio do salto, em vias de se perder no por vir. Um forasteiro que não é dali, de uma sala cheia de alunos e todo aquele vazio impenetrável! Alguém que podia estar nesse meio e brincar de esconde e esconde. Mas esse estranho por ali, num lugar que não se percebe nenhum movimento de desterritorialização, nada mudanças, nada trocas permitidas. A cada qual o que é de cada qual e a todos o bem igualmente distribuído. Mas ele andava por ali e tinha muitas faces, enquanto os alunos tinham uma só. Várias cadeiras nos seus quadrados com acento, freqüentadas por seres educados que as mantinham alinhadas, pisando o mesmo solo ou piso quadrado, por onde adentrava o Fora bestial. O louco era tão solto, que se dizia deus e dono da verdade!

Fazia malabarismos com giz, engolia fogo e soltava palavras de ordem quentes. Especialista em transpor limites, ria dos que estavam sentados em fila, penava-se da sua falta de movimento daqueles que estarecidos não o enfrentavam, nem tramavam com qualquer brincadeira ou besteira. Entristecido, notava, na opacidade dos olhares, o limite imposto como liberdade. Apenas as regras e as possibilidades de circular no mercado os entretinha. Pensou em ir embora. Pequenos homens, niilistas, com grandes rancores, dispostos a vencer uma batalha que não é deles. A tomam para si e fazem dela um ideal, possuindo um olhar vago, apresentam as mãos trançadas, os pés justos que não dançam; adornados por uma bandeira que possui a moeda, a pá e foice, dizem-se satisfeitos com a evolução. Nas suas idéias foscas, apagadas, às vezes, borradas, vislumbra-se ao longe um retrato do futuro. Que bizarro! Parecia uma cópia ou colagem de algo reconhecido ou já visto.

Amarrem o monstro! Destruam a fera! Ele não pode ser mostrado! Esse ser violento não pode andar solto na instituição! O violento pensa e isso pode machucar alguém, pois o que ele chama pensar, parece que o descontrola. Não tente controlá-lo! Ele não precisa de controle! Cuidado com o tipo; o tal vai saltar! Não o segure! Não o tente! Não o oprima! Deixem-no respirar, esse que tem duas asas! Ele vai voar. O pensamento é sempre a loucura do louco escapando ao controle que lhe mata. Decurso, um fluxo escorre no plano; libertado, o pensar, não se inspira pelas ilusões do transcendente. Seu vôo é um preciso sobrevôo, evasão da própria filosofia diluição do seu plano infinito.

Escapando dos clichês

Uma compreensão filosófica quer ser lançada atravessando as barreiras do mau humor. Quer demarcar sua força de modo nobre, tendo o cuidado de não se envolver com aqueles que acham que "a vida é uma carga pesada". Como dizia Nietzsche, "a única coisa pesada, contudo, para o homem carregar é o próprio homem!". E se um "carrega nos ombros demasiadas coisas estranhas. Como o camelo deixa-se carregar em excesso" (2002, 148); também uma professora-rizoma sofre do que inventa.

Uma aula compõe um território ou territórios de ressonâncias entre o que porta a filosofia e o que comportam os alunos. Esse esboço pede corte, tarefa de reduplicação de uma força que vinda do querer, nem sempre é efeito de captura. Quem sabe uma aula- teatro, um ensaio, um recital, uma orquestração de idéias, uma interpretação que entoe os conceitos. Aula de loucos a dançar em homenagem a leveza, à beleza das imagens ainda não apreendidas, num acontecimento totalmente novo.

Pura afectação de alguém que não quer sucumbir ao quadro quando passa pela instituição. Nunca sai como entra nela, levando pressupostos demasiado pesados para casa. Lá, se livra deles; volta a estudar e o estudo faz retornar as aulas como imagens moventes, sonoras, sencientes. Imagens que traçam novos planos, que nem sempre se atualizam nessas sessões. “Era preciso que entrasse em relação ainda com outras forças, para escapar ao mundo dos clichês. Era preciso que se abrisse em revelações poderosas e diretas, as da imagem-tempo, da imagem-legível, da imagem- pensamento” (DELEUZE, 2005, p. 35). Uma filosofia-fluxo não quer fazer escola, não quer especificar os limites possíveis de suas intervenções.

Uma imagem libertada dos vínculos sensórios motor deixa de ser imagem-ação, imagem-função com todo o seu aparato institucional, “para se tornar imagem ótica, sonora (e táctil) pura” (DELEUZE, 2005, p. 34). Movimento que faz perambular autores, suas criações, seus estudos, demarcando a uma imagem do pensamento o que não foi ainda pensado, entoadado, mas ainda precisa ser trabalhado, compondo perspectivas. Todo pensamento é uma ficção e pode mudar de função, sem deixar de ser o que pensa este ou aquele filósofo. Uma orquestração de idéias e, também, um tom esquecido ou uma parte que destoa, fazem um ritmo novo e não um embalo retomado.

Todo o funcionamento maquímico onde uma aula pode ser tela, palco, rua, terra, cumeeira, esquina, um mirante, uma sacada, um solo que abre fluxos, envolvendo os não-filósofos e sua afetação pelos conceitos filosóficos! Aula por pura imagem- afecção, que tem por signo de composição o ícone do que pode lhe dar qualidade ou potência. São

modos diversos em que se estuda uma filosofia e, nem sempre, se desenvolve com isso, um poder comunicar afecto-estudo. Como encontrar o elo ou os anéis onde uma aula trepide, sob a emanção de uma experiência vital, abissal, virtual, e nisso fazer dos conceitos filosóficos o Fora que alcance o improvável do possível? Não sendo o caso de procurar os círculos, mas o de desencontrar os meios e, não existindo as causas, apenas os efeitos, remeter a alguma finalidade como uma imagem-movimento no simples esforço disso. Então, que se jogue o dado e se façam aulas de duplo acaso! O exercício que deseja o todo nunca é o mesmo que excita a parte. Todo o resto é traço de expressão dos signos, negociações dos sentidos!

Teria uma professora-rizoma atribuída a si própria a difícil tarefa de falar aos homens, assim como o fez Zaratustra? Sofre ela de uma espécie de desvio do que busca? Desvios são espaços que se abrem como alternativas num roteiro que perde a certeza de onde quer chegar? Será isso um estado de deriva, no caminho que não é reto e se avalia, exercendo sobre o que deseja afectar? Uma professora-rizoma e Zaratustra, dois trágicos que querem transformar aqueles para os quais falam sucumbidos na deformação dessa ação, tornam-se passivos de uma força que os ativa quando resolvem avaliar velhos valores ou aniquilá-los de vez. Aprendem que criar valores novos é sofrer os riscos de tal ação; que criar conceitos é abordar afectos, perceber as gentes, os valores, as coisas, as imagens, as idéias, os vazios.

Os afectos e os valores dão uma tonalidade ao que está nas coisas, fazendo com que o invisível delas vibre. Entre as coisas, e de brusco nelas, uma imagem-percepção, uma imagem-relação, uma imagem-afecção cria imagem-movimento. Bloco ou conjunto de imagem onde opera um outro, sensório-motor, através dos opsignos e dos sonsignos. Forças não percebidas circulam nessa visibilidade, criando desde as bordas uma zona de vizinhança e de captura, onde os indivíduos entram em contato com uma variação que os transforma. Tragédia afectar e ser afetado, arte barroca que coloca o conceito operando como um enigma que está entre e nas coisas. Fugindo ao mundo dos clichês, um intérprete que quer operar com conceitos filosóficos dissolvido neles, diluído nas coisas, sem

nada compreender, no seu estado livre e selvagem, qual antecipação oferta à variação de que deriva a metamorfose.

Todas as artes devem compor a abertura de um que quer transformar e ser transformando pela filosofia? Como alguém, mudado por essa força ativa, pode fugir do retorno da passividade dela, depois de concluído seu intento? Um pode se apressar e querer reter o caminho do retorno, sem perceber que só retorna aquilo que é fruto do seu desejo. Deve-se aprender a esperar e a se esperar, “a manter-se de pé, a andar, a correr, a saltar, a subir e a dançar”; bons exercícios para o que quer ser nômade (NIETZSCHE, 2002, p. 149).

O gozo do pensar

São movimentos terríveis, os que atravessam o conceito. Movimentos que não conseguem reter sujeitos larvares deformados, em novas formas. Nos acoplamentos do pensar o pensamento se faz na fruição e no gozo, sem a distração dos compromissos racionais secundários. O afeto é um devir não-humano, do homem. Um inventor de afetos incomuns faz arte e, nesse livre desejo, agarra o pensamento e escancara suas pernas. Nesse teatro de acoplamento, as pernas se estiram até tornarem-se asas. Aquele que o corta, espia desde a altura das negras cavernas, na espessura dos grossos lábios, o fundamento onde quer se afundar! Fundo sem fim nos entornos de uma superfície, onde um desaparece sugado pelos canais subterrâneos, retornando depois, vertiginoso, das tocas escuras onde criação e criatura são maquinadas.

As setas de um plano e suas linhas retas, fios da espada, da faca, da lâmina, que percorrem pontos regulares e pontos singulares, numa abertura conectável de um instante neutro, que geme. Frestas, lacunas de significação e de expressão por onde um grunhido mostra uma vibração fluida. Pensar o pensamento e crivá-lo numa espécie corte e inflexão exhibe um ponto sensível numa sobreposição de vários pontos singulares constituindo algo que escorrega, age e reage, rola como pele sobre pele.

Feito um felino deslizar molhado que arrepiava, um corpo se perde em outro corpo, anunciando um devir. Corpos-perdidos, desprendido-entre-corpos, sobre-corpos-sob-corpos, acéfalos, sem-orgãos, arrebatados do real, na ficção de uma voz trêmula, num incorporal, num inexprimível, num extra-ser, numa quase-causa, pedaços de alto-baixo ou de um raso-fundo, criaturas incriadas a rosnar de estúpido estado animal que os testemunha como advento do caos. Mundo imundo, virado do avesso da margem, mostrado descarado e sem definição, violentado na poesia que se ajoelha à vida, quando mostra sua vicissitude marginal!

O pensar não consegue fugir da sedução e do caos do pensamento que, numa brincadeira animal, traça o plano de modo selvagem, delira esse acocorado no abismo das heterogeneidades múltiplas. Minimizando as fagulhas de uma força caótica, não quer enlouquecer! Ri disso, o sádico. Maravilhado com o infinito, o teme, enquanto este o sublima numa vertigem múltipla. Faz-se de muita pressão e não sabe de que ponto vem isso ou aquilo que o esmaga, que o coloca plantado nesse estado abismal, fecundando o solo. Aterrado como um ovo num calor anal de bicho, reage e espera, o sitiado. Resolvido a morrer de uma situação para que outra nasça, o pensamento num ato puro corta-se extenuante num Fiat reluzente, resistência não resistindo à criação, abusando de ser efeito sem causa!

O criador devora o pensamento como a fêmea devora o feto para não morrer de fome. Desvirtua o cérebro quando fode com ele gerando seu filho monstro, o acéfalo, o amnésico, o afásico. Pensar é criar, rasgos, cortes, violências. A estupidez move o pensar, traçando acoplamentos selvagens, bárbaros, sanguinários e sem denominá-lo de pronto nesse estado animal. Nessa defloração, um plano se comprime ao solo, pousa onde fica o catarro, o guspe, a saliva, o suor, os excertos do corpo.

Pequenos pedaços que se desencontram do todo e o destoam numa ação incerta que conecta desconexões. Diluindo no corpo do pensador, o pensamento usurpa desse como coisa. Faz do corpo um estado de fuga, um desconhecido, um estigma, uma besta que se virtualiza enquanto algo nele ficciona. E tudo já não passam de cenas! Nelas um corpo e um copo

podem, aproximar diferenças numa perspectivas; trás do corpo frente ao copo; por trás de um copo corpo acoplado; de frente do corpo-copo, algo se anula!

Zaratustra desce o morro

Dobras e sobreposições tramam coisas enquanto pessoas esgotam frustrações sem conluio, dissimulando-se no cenário do real. Manias de realidade, de certeza, de clareza são possessões que amarram o fluxo, o demoram, o devoram e um devir animal não passa entre um bando tão organizado, senão como rebanho. Zaratustra desce do morro e está tudo escuro, se faz noite em seu coração. Já duvida da fertilidade dos encontros que possa ter com as gentes, prefere a companhia de seus bichos. Esses o cuidam, o fortalecem e o acompanham mesmo quando não há dança, nem rituais lunares.

Uma turma de gentes na instituição e seus projetos. Matérias lacunares, sempre próximas a fluxos de sangue sob uma pele, que não conseguem detonar a irrupção criadora. Não basta explodir um detalhe, extravasar uma superfície, enlouquecer de tudo com novas formas enquanto insiste uma contenção disciplinar dos corpos que já os fez seguros em demasia daquilo importa. Talvez apenas o que dá lucro, lhes importe. Trocam o que é vivo por moeda corrente!

Uma luminosa idéia, e não uma lúcida idéia, não anda vagando por aí para ser capturada. Os loucos sabem disso. Loucos odeiam a ventania. Ela esparrama o que pretendiam juntar na memória. Dia de sol, o louco aquieta-se! Usa a imaginação com vagar, vai agrupando idéias, novos dados. Mas é primavera e, se é dia de sol, é dia de vento. Tudo o que ele tinha juntado logo se esparrama outra vez. Os dados se perdem uns dos outros e nada conecta um raciocínio. Triste, o louco se sente confuso, sem tempo, com tudo fora do lugar. Perde sua simulação e resistência e, sentindo-se atrapalhado, distrai-se por toda parte. Que dados o louco queria juntar na memória? Seriam simples imagens? A calma de um lindo dia de sol? Uma cena que pudesse recordar quando o vento chegasse e

ele se sentisse perdido? Nessa paz aquietar-se na doçura desse mistério, “sentimento que o torturado experimenta ao retornar para a cela após a tortura, sem ter revelado o segredo” (NIETZSCHE, 2004, p. 164). Ouve-se um sussuro e uma voz que diz: “Volta calma, me traz a tua imagem!”.

Frestas, buracos, esgotos, tocas, onde o bom das coisas se esconde? Embaixo de um queixo, de um braço, de um abraço, dos pedaços perdidos de papel, idéias são vagas abertas, mas sem ocupação. Nos espaços intervalares instituídos para o saber, um humano extremado-humano prepara e adapta os espíritos. São ainda os iluministas e seus centros rachados. Embora se saiba que os que têm medo não têm segredo, os fracos ainda se encontram escondidos com a vida por temê-la. Esses seviciadores não curam os desejos dela; realizando apenas os seus, adoecem disso. Zaratustra teme pelos homens, pois a vida, deflorada pelo temor, produz filhos monstruosos. Os homens, herdeiros de um desejo eternamente incompleto, inacabado, fascista, capitalista, que os consome, pensam desfrutar daquilo que desfruta deles. Algo os devora quando adaptam seus desejos a outros meios que o precedem. A vida é indispensável à criação. A vida é força que, tanto se impõe no desejo, quanto massacra os que não sabem desejá-la.

Cadê Tereza?

Diga que a filosofia aspira à vida e escute isso! Diga o que não vem exclusivamente dela? Um devir feminino anda à procura de encontrar alguma abertura por onde possa descobrir novos segredos. Mas o barulho das folhas sempre deteve Tereza. Onde ela andava? No campo, caminhando entre arbustos e relvas. Ali observava tudo e aprendia o que fazer. Técnicas da experiência provindas do desejo ensinavam a filósofa. Sentou-se; a posição não era boa. Deita-se ou se estende melhor para que possa apagar o fogo que a devorava, recorrendo ao seu pequeno exercício habitual. Tereza (ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII, 2000) filósofa, uma personagem, que blefa sobre os conceitos filosóficos, nos seus prelúdios amorosos, mostrando que, embora conceitos desde sempre renasçam, e

como monstros, de seus pedaços, fazem disso a permissão de novas composições, nem sempre filosóficas.

Traços, onde uma personagem literária pode se confundir com as professoras de filosofia que usam essa disciplina no estado mínimo do que dizem amar. Tereza fazia masturbação carnal e temia o diabo, a gravidez e a reputação; as professoras fazem masturbação mental e temem a devoração dos conceitos copulando com eles sem plano; o transbordamento dos perceptos desviando deles, o que chamam criação; a diluição das trocas, nas tocas do afeto, risco de uma possível exposição do ponto frágil de sua filosofia. Enfim, são essas que só sabem amar numa posição salvadora.

Tramam a filosofia desde um ponto único e fazem-na gemer por isso; sem nunca chegar a uma vibração que as compense. Calculam um modo improvável, sua existência, quando excluem dela tudo aquilo sob o qual insiste e sob o qual subsiste; suprimem do conceito de filosofia, o conluio com florescimento da vida. Carente a filosofia acadêmica, ainda anda procurando o conceito, o luminoso, que copula com a vida e que, numa terra incógnita, cria monstros! E ele, nem se sabe desperdiçado. Não anda à procura de um estado de afrontamento daquilo que o resiste, embora permita, em toda sua extensão e limite, que algo não se deixe calar. Mas, o que pode dizer, por si só, um conceito? O que pode esse luminoso aclarar? Tudo o que se testemunhe a favor da vida, pois é por ela que ele, conseqüentemente, testemunha a própria existência.

Criaturas e monstros

Como alguém pode funcionar no mundo, onde viver é executar no máximo uma função? Alguém que não importa saber quem é, maquina o quê? Alguém pode ser uma professora de filosofia a serviço do estado; um anão a serviço do absoluto; um camelo sofrendo as dores do mundo; um leão querendo impor um cooperativismo; uma professora-rizoma envolvida pela diferença; uma criança querendo brincar e brincar é apenas isso!

Bastaria enfileirar tudo e pegar uma escada onde os olhos pudessem ver ao longe. Isso sem quebrar as tábuas antigas e as antigas regras e lições? Fazer uma miragem nova sem jogar fora as escritas inacabadas, pela metade; as meias-páginas que se preenchem de uma espécie de impotência, onde um se aprisiona quando quer se afirmar potente e possível criador?

Deleuze disse à Parnet que era difícil alguém ter uma idéia. Que eram raros os que tinham uma imaginação criadora. Então, qualquer cara, se achando razoável, pergunta: para quem ensinar filosofia, quero trabalhar? Preciso de trabalho! E trabalhar faz os professores e professoras não questionarem se estão estimulando a simples repetição de idéias e, o pior, promovendo possíveis más interpretações, como o caso do anti-semitismo de Nietzsche, da filosofia? Os criadores e educadores, semeadores do futuro, podem criar novas tábuas sem correr o risco de se empobrecer? Difamando uma atualidade onde “tudo quanto tem preço, tem pouco valor” (NIETZSCHE, 2002, p. 155)?

Os professores que rançam de velhas cantigas precisam ser amordaçados, a vida não é uma ilusão. Não é queimar-se sem se chegar a aquecer. Piedade dos filósofos que querem falar sobre o humano, educar o humano! Aquele que procura o que é criar, precisa se desfazer de velhas tarefas. Crucifiquem ou crucifique-se quem escreve valores novos em tábuas novas! Quer-se outra coisa, uma experiência ainda não vivida, onde os bons são o princípio do fim.

Uma professora prepara uma aula, lembra da semana que passou. O diálogo mudo, as cadeiras quase vazias, sua consciência pressionada pela necessidade de resultados, impondo uma incapacidade de improvisar qualquer coisa. Uma preguiça, uma náusea, empurra o trabalho para uma outra hora. Depois, retoma suas imagens, onde as classes aparecem como “uma multiplicidade de circuitos, cada um percorrendo uma zona de lembrança, voltando a um estado cada vez mais profundo, mais inexorável da situação presente” (DELEUZE, 2005a, p. 63), flash-back!

Por que uma imagem-lembrança de uma aula volta como se pedisse explicação? Causalidade ou linearidade nas coisas que deveriam ser ultrapassadas no destino de uma aula? Como sair do lodoso território iluminista que se agarra às teorias e, as envolvendo, subverte seu criador e suas idéias, a coisa heróica de exemplar raciocínio? Opondo-se a isso, uma professora-rizoma deveria expor os conceitos mantendo neles um inexplicável segredo? Deve ela aspirar à apresentação de teorias mantendo a fragmentação de qualquer linearidade? Mostrar idéias através de constantes bifurcações, fazendo de cada uma delas uma ruptura da causalidade? No esmero de sua vontade mais secreta, preparar forçosamente uma saída, mesmo se ocorrer de o arco ansioso de sua flecha apontar as estrelas, ao invés de remeter-se ao solo?

Toca das vertigens

“Tudo vai, tudo volta; a roda da vida gira sem cessar. Tudo morre; tudo volta a florescer; correm eternamente as estações da vida” (NIETZSCHE, 2002, p. 167). Um monstro adentra a garganta. Pesa uma procura que se investe em busca de uma função no mundo? Criar precisa ter função? Contradições se propiciam nas ações ordinárias. Tudo o que vem ordenado predispõe a contradição. Alguém já não se vê entre isto ou aquilo ou na medida de uma composição esperada. Revista-se no abandono do próprio exercício de procura. Saciar-se da vida não requer o uso do método ou da regra. Um instinto se instituindo tenta salvar-se no risco e no desafio do inexplorado. Algo que ainda não veio e não sai do vazio, nem sucumbe à falta. A falta, sendo produto do desejo, tornaria uma reflexão sobre os afetos um desatino. Destino!

Tudo o que se assume como efeito sem causa, paga, no reverso, a insuficiência de um sentido prévio. As anomalias “de um como a vida funciona para um alguém?” implicam a percepção. A percepção em si mesma não é um problema. O problema é quando ela envolve elementos transcendentais e cria, ao invés de imagens possíveis do real remetidas desde um campo de imanência, uma imagem que se desvia dessa possibilidade. Com isso, estabelece para o real um retorno de uma outra

direção além da terra e dos homens. São setas que se duplicam, se opõem e, sob a condição da contradição, asseguram às idéias e aos conceitos a qualidade de postular verdades. Mas quem quer a verdade ou o poder do verdadeiro? Não uma professora-rizoma de filosofia! Talvez, alguns padres e políticos, por aí!

O chão do parque na primavera, apenas uma trilha amarela; milhares de florzinhas numa só cor, tornando, as passadas, um passeio amarelo. Desfolhadas, esmigalhadas, exalando um perfume de ipê, sendo parte dele, eram as decomposições de uma beleza que cheirava amarelo. As significâncias das partes nunca denotam a revelação total de um sentido para o todo. Na parte, uma possibilidade de partilhar as coisas mostra que a singularidade não remete ao todo. Quando algo ou alguém se desmonta, faça bom proveito de seus pedaços!

Focos independentes do todo deixam de se atrelar um ao outro, coisas que não mais remetem à subordinação do conjunto. Nada precisa ser composto por inteiro para ser belo. Sinfonias, poesias, obras inacabadas mantendo a abertura do inaudito, são mais fortes do que uma interrupção ou um não-feito. Que se mate a culpa do não estar completo! Os incompletos falam e, por vezes, falam mais. Saindo de um não-todo, do que está desde sempre em aberto, falam de tudo ou de coisa qualquer.

Antes, durante e depois, um fluxo ou uma professora-rizoma conjuga partes dos filósofos, da filosofia, de um estudo, de uma escrita, de um trabalho, de uma vida. Trabalho que faz da filosofia, de suas partes e de seus conceitos, ferramentas úteis e indispensáveis para criar deformações. Traço no retraço de pedaços partidos de um todo, que não remetem ao centro, nem se sabe se enquanto pedaços são algo que se afastou ou veio ao encontro. Sair do centro de um conceito pode ser a emancipação de uma idéia. E Kant não teria chegado à noção de sublime se não fosse assim. Mas as idéias não totalizam os conceitos sendo partes deles, assim como os perceptos não totalizam uma imagem, sendo partes dela.

Imagens e conceitos, matérias moventes da criação, abrindo caminho entre as idéias e os conceitos são a plasticidade do que pode ser criado. O

tom e o dom que operam nos invisíveis e nos visíveis vindo de onde? Uns e outros, sendo meias metades e criaturas da criação, são levados ao esconderijo, afastando-se dos círculos dos círculos. Fogem das instituições do conhecimento por entender que a sabedoria que vem desde um tempo imemorial, precisa respirar à distância dos espaços de clausura. Os pedaços da filosofia, dos conceitos, das idéias, dos personagens, da literatura, dos perceptos e dos afetos são por vir do que pode ser reunido numa exclusividade filosófica. E isso não é problema. Problema seria saber, de antemão, o que eles reunidos poderiam formar! Não há nada de errado com as coisas que não querem se reunir, se misturar, embora evoquem um território comum. Demarcam algo junto desmarcando o que antes cabia a cada um. Quem vai assinar algo que vem de partes múltiplas, singulares e dispostas em um ou vários planos? Uma Filosofia-rizoma!

Juntos, a quatro mãos, Deleuze e Guattari escreveram uma obra significativa. Nessa ação, não só extravasaram o território da filosofia, como mostraram a possibilidade de outros encontros entre a filosofia, a arte, a ciência, a vida. Facilitaram os conluios entre os diferentes campos da criação e mostraram, que justamente os personagens de uma obra literária podem ser bons pensadores e, não só podem, como o são. A filosofia pode conjugar suas partes com a literatura, no traçado de linhas de conceitos intermitentes, da mesma forma que faz com perceptos. O problema dos perceptos é criar visões, causando percepções através de seus personagens. Já o filósofo cria conceitos. Mas essa tarefa é árdua, não é simples. Criar conceitos não é criar qualquer coisa. Sob que aspecto o conceito se faz personagem quando é ativado por ele? O que comporta a intercessão do personagem no conceito? Um intervalo ou um entre- ser-e-pensar se dissolve numa encarnação e permite ao personagem incorporar o conceito. Tal diluição permite à tragédia habitar o conceito no palco da imanência. Trágico, o personagem, atualiza a Phisys e o Nôus, na dimensão caos-cosmos do plano.

Forças nem tanto implícitas

Leituras excedidas de uma estudante; filosofia esgotada de uma intercessora; literatura evadida de uma intérprete; arte esfacelada de uma escritora anômala. Estar no mundo em meio a tantas coisas, admitindo que viver não tem um sentido predefinido, um como acontece que explique a vida. Ainda assim, deve-se preparar uma aula de filosofia, ofertar os conceitos que vêm dela! Para colher o quê? Não se deve esperar de não-filósofos um interesse e uma compreensão filosófica, pois não cabe aos de Fora da filosofia, se envolver com aquilo que, exclusivamente, se dirige a ela. De dentro dela e não de Fora, pode-se demandar que haja uma intervenção, e não, propriamente, conceitual, vinda dos que não são filósofos. Sem que estes criem conceitos, uma filosofia pode funcionar invadindo campos, excitando novos movimentos do pensar.

Está na moda especular em torno da filosofia. Isso deixa quem não é filósofo, no mínimo, curioso. Alguém pesquisa sobre seu trabalho e, pensando com Hume, diz que nada é parecido com o que é, nem é, ao menos, seu oposto. Uma aula de filosofia para não filósofos tem alguma função? Por que se perguntar pela função de algo que já está instituído? Tem que haver mesmo aulas de filosofia? E, se aulas de filosofia não servem para criar conceitos, serviriam para quê? Alguém se pergunta o que quer uma aula de filosofia que não exerce sua função, não cria conceitos? Uma aula de filosofia é seta jogada mirando o alvo; mas, sem saber se, ao final, esse alvo foi atingido, uma professora-rizoma pode evadir-se! Sabe ao menos que jogou sua seta e ela estará lá, talvez intocada!

Tudo o que não afirma o desejo não retorna na idéia de que tudo revém. E o que revém pode ser um pensamento negro e pesado, um pensamento niilista que enjôa e oprime. Uma professora-rizoma torna-se trágica, quer escapar de ter, na sua filosofia, um discurso que a reúna numa postura moralizante, evidenciando o futuro do homem e da humanidade. Promete-se nunca, jamais, propor uma aula ou encontro com esse tom preso à garganta. Nada de uma moral que “se funda em valores transcendentais ou superiores à vida, como o bem ou o dever ser” (MACHADO, 2001, p. 133); nada de uma ética que avalia condutas, tendo por referência leis da natureza, normas de vida ou modos de existência. Essas devem ser extirpadas!

As coisas da imanência de uma vida dizem respeito à sua força, à sua intensidade, à sua potência, e, acrescentando-se, à sua singularidade. Essas devem ser valoradas, vivendo-as, a cada instante, como se essa existência fosse retornar eternamente. Nada do que é bom retorna por si só. Porém, com tanto discurso proselitista por aí, é bom deixar claro que esse “nada” não está sendo entendido como uma abstração?

Um caso de nada, inventado, abstraído do vácuo, sem grau definido, com uma natureza parecida com coisa nenhuma, movimento sem função para os ponteiros de um relógio. Um nada que não circula numa conexão direta com seu oposto, mas é um estado de disjunção pura do tudo junto. Este nada que pode remeter ao plano de imanência às suas frestas e a seus buracos. Figurando como aquilo que não é, simplesmente, decalcado das estruturas transcendentais, como diria Kant, dos atos empíricos de uma consciência ora lógica ora psicológica. À luz de um empirismo radical, o nada é uma estética e, como tal, pode ser ouvido, sentido, tocado, assimilado.

Algo vazio não pode dar conta de uma existência real, mas se inscreve numa existência possível. Nietzsche também alerta sobre o niilismo ou vontade de nada. Mas um nada empírico seria um nada contra uma doutrina metafísica? Uma experiência de nada antes ou prévio traz a possibilidade da passagem de um estado a outro. O que está vazio, em estado nada, na sua contrapartida, está plenamente disponível a ser preenchido, é vaga; um nada não vazio, um nada estado abismal. O que ainda não veio nos algures que afirmam o eterno retorno ou o “como alguém se torna o que é?”

Um nada em estado de devir é um *aliquid*, coisa qualquer, não-nomeada, um larvar, um desconexo. Algo que se mostra incompatível com uma imagem totalizadora que sublima as pessoas, suas diferenças. Quando se dirige a elas como um conhecimento que reflete o que é bom para todos, nada comunica sobre a opressão dessa comunhão. Falando de nada assim como o tudo são conceitos inventados que funcionam dizendo de certas relações, às vezes, paradoxais e contraditórias. Não existe uma abstração pura antes do pensamento, o tremor do invisível suspende

qualquer imagem pressupondo, na criação, uma visibilidade por vir, algo que se deixa absorver pela vida.

Novas maquinagens

Salas cheias de gentes e vazias de um sentido? Nenhuma fúria, tudo acomodado, ninguém inquieto com o “como tornou-se o que é?”, como se um estado claro e finalista se fizesse na direção do “ser-enquanto-ser” ou do “ser-o-que-se-é-para-ser” e ponto! Seres em devir estão e não estão numa perspectiva para além do bem e do mal, sendo coisas diferentes de um lixo acumulado nas perguntas que já são respostas?

Pode haver bons e maus devires, como existem bons e maus encontros, mas eles não estão propostos para qualificar as coisas que escapam a relações pressupostas. Não há uma finalidade operante retornando à velhos álibis, recompensando os bons, numa bondade que enche o mundo de coisas inúteis. Uma educação libertadora propõe um eu passivo que se ativa, quando sustenta nas suas normas uma forma pura do tempo, vazio, imóvel, imutável. Nesse modelo, onde nada se deixa fluir diferente de um dever-ser, as armadilhas da moral, das quais Kant não escapou, ficam implícitas numa instrução que esconde os devires. Torna-os uma impossibilidade, de disposição ou de comportamento, para que seja visível nos corpos, só aquilo que o contempla.

Daí a ambivalência de uma sociedade em querer a cabeça do culpado do que está em funcionamento. Como se houvesse um único maquinista por detrás da grande máquina. Sem fruição num movimento imóvel do tempo, as causas retardam os efeitos de novas maquinagens. Os “eus” são pessoas que impõem tarefas muito grandes a si mesmas. Gente que, quando se desfaz da capacidade de colher, no mercado, o melhor da sua atividade, torna-se passivo à própria corrupção. Repartir as culpas assimiladas no acúmulo das muitas consciências seria trabalho de desventura e risco desnecessário.

Todos estão envolvidos; bem para todos, mal para todos, bobagens! Embora tantos façam caso de ser uma parte da engrenagem, e não busquem qualquer entendimento que justifique essa adesão; tantos outros, estão instruídos pela falta nas informações instituídas de uma vontade de nada. Niilismo de uma cultura que, distante da vida, não consegue intuir senão um conhecimento-arborescência e, sob sua sombra, nada gera. Muitos discursos perseguindo, de dobra em dobra, seu contrário, se dirigindo para uma solução que disso possa sobrevir. Retomam, no caso, o mesmo ponto de partida que os gerou, como se algo avançasse. Esse tipo de desdobramento infame, porém, nada diz em prol do novo.

Tudo isso colaborando para que as instituições continuem a girar sobre si mesmas, sendo sujeito e objeto do que prometem fazer evoluir, sem sair da rodinha dos falsos problemas. Contribuições cooperativistas e conversas fascistas rondam os espaços horas-aula do saber. Fios entrelaçados cosendo conversas. Tecendo redes de captura, essas tramas preparam uma alienação movediça. Pequenas disputas que separam os que não andam sós e os reúne ao Mesmo.

Grupos se armam para competir com teorias e práticas. Pensam residir no aprender uma condição implícita que suplanta, no diploma de uma bela carreira, algo hierarquicamente dado numa seleção qualitativa. Aprendem sobre o que já está apreendido, no risco de não se tornarem espertos, a tempo de saberem mais sobre o que devem saber. O conhecimento é sempre um dever, sobre o alcance daquilo que se ignora. Estudar não é coisa para si, mas para a profissão, para o mercado.

Estudar pondo no desejo a motivação do estudo é coisa sem função? Mas melhora muito quem se arrisca a essa metamorfose. O estudo é mutação e movimento inquietante que produz, no jogo de dados, como retorno, a metamorfose de um que estuda. Mas, se os dados nunca caem do mesmo jeito, o absolutamente novo vem no pedido para que se faça repetição, onde o que se atualiza é movimento do desejo. O querer seleciona os dados, pede a repetição que nunca é do nada ou do seu oposto, mas a repetição da repetição e “desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno” (DELEUZE, 1998, p. 158). A transformação daquele

que se afeta pelo eterno retorno, enquanto, num estudo, produz-se sob a condição de deficiência, sem deixar que a vara salte para o infinito e sem fazer retornar, nessa ação, nem a condição nem o agente do salto. Essa possibilidade de ambos renegarem uma força centrífuga constitui a autonomia do produto.

A independência da criação é algo que escapa ao estudo e faz a obra de dobra em dobra. Algo bem mais digno do que se condenar, numa perspectiva utilitarista, a um mercado que goze, um por um, os riscos de suas conquistas. Não se pode mais viver no círculo ingênuo, que tem como conteúdo o “presente que passa e como figura, o passado da reminiscência” (DELEUZE, 1988, p. 158). Anda-se a viver por um deus que, num momento, abençoa e coloca à disposição bens de consumo que serão alcançados se há submissão às suas regras. Em outro momento, esses mesmo deus devora e exila da sua engrenagem aqueles que, condicionados a devedores, também, seguindo suas regras, não conseguem usufruir delas. Esses últimos, por pagarem mal as promessas desse deus, estão condenados ao abandono. Em ambos os casos, faz-se crescer a máquina da divina providência, tanto pela adesão como pela falta.

Tudo é uma questão de números visíveis que esmagam a leveza, a beleza, a sonoridade das pessoas e as impossibilita de tramar com seus invisíveis. Obscurecidos pelas promessas não alcançadas, já não se consegue sentir a musicalidade de suas dobras; dançar o passo a passo das idéias de mãos dadas com o infinito; construir castelos de ventos que assoprem o corpo numa sintonia incompleta, metamorfoses inacabadas.

Escondidas, as inquietações da vida são as vidraças quebradas, as cadeiras vazias da sala, os muros pichados, os sem-teto, as sem-tetas, os sem-pintos os sem-funções, os sem- charme, os sem-perfume. Tudo o que é diferente do Mesmo é reduzido à deformação. Nesses encaixes novos, algo não permite o completamento. Nada entre isto ou aquilo, isto é isto, aquilo é aquilo. O moralismo separa, divide e já não convence com suas elaborações que corroboram para o entristecimento de uma discussão que não avança. Parece que ninguém percebe, nas posturas dessas

idéias, nas parselhas encadeadas de uma repetição, algo que é assim porque se fez hábito.

Quando se entende o tempo como presente vivo, numa fundação passiva da qual depende o passado e o futuro, se tem a primeira síntese dele. De outra parte, quando se entende que as idéias não se esclarecem por si mesmas, não possuem luz própria e, mesmo assim, se deixa que um acenda e apague a mesma idéia, mudando apenas o colorido dela ou variando a performance, se contribui para que tudo fique como está. Essa falta de movimento não remexe ou revolve um raso fundo ou um fundamento. Torna imóvel o dado como dado, deixa pesar o ônus que atinge a todos. A vida é singular, não há uma memória que constitua o tempo como passado puro, nem existe algo que faça “com que o presente passe e dele advenha um outro” presente (DELEUZE, 1988. p. 160). Quando se entende o tempo como por vir, o presente e o passado passam a ser apenas dimensões do futuro, onde o presente é o agente.

Reféns do processo

Contribuições individuais no gás da máquina, fazendo fumaça. Racionalistas demais continuam invadindo o curso do conhecimento; empiristas, demasiado metódicos, falando da experiência como experimento. Os modernos, no avesso e na frente, no interno e no externo, no alto e no baixo; sem nenhuma paixão, pelo que não seja ou direito ou esquerdo, ou interno e ou externo; desprovidos de qualquer envolvimento com aquilo que não conseguem definir, senão de modo dual.

Que sensatez! Foram eles que criaram a discussão por paralelismo, o certo e o errado, a verdade e a mentira, o centro e a margem; e, pretendendo exercitar a liberdade, dispuseram uma sociedade de controle. Nenhuma instituição foge de ser moderna e de ser, ao mesmo tempo, controle. Mudaram-se as formas de nominá-los, multiplicaram-se os meios nos quais esse poder transcende: contudo, ele ainda se exerce nas fábricas, nos bancos, nos hospitais, nas escolas e universidades, fazendo seus os reféns que prometia emancipar.

Criaturas antes capturadas, hoje são órfãos do processo, do esquema, da avaliação institucional, da avaliação processual, da crítica do modelo de formato optativo, das camuflagens que colocam opções prévias entre o bem e o mal. O panóptico variou seus instrumentos, mas continua lá o tempo do todo. Tudo se calcula em uma moeda para todos, os valores, os amores, os prêmios e os castigos. Os conceitos são re-visitados no fórceps de uma digressão utilitarista e, no seio de um exercício progressista, se mantém a velha ordem, com nova fachada em mesmo endereço. Mudar de vizinhança não significa mudar de conteúdo. Alguns conceitos, acostumados a uma tonalidade luzente, caem no vazio formatado pelo pó da estante, e ficam lá numa espécie de proteção; sem o uso de direito, são relegados ao esquecimento. Sorte deles, desse abandono. Pois muitos são tão mal visitados, que aparecem pior quando renascidos. Tragédia de um conceito ver-se como uma superfície de encaixe. Muitos ainda não entendem que o conceito só existe em um plano que é seu entorno de dissolução.

Alguns fazem do plano de imanência uma totalidade ou condição de superfície mal lembrada, mal usada, mal envolvida, mal esquecida, nos roubos indevidos que reviram velhos loucos, em seus túmulos. Uma axiomática, sobrevinda nos desvios da troca, pede que tudo se disponha na base que modula toda medida. Nos rostos de um auditório lotado, não se desprende uma esperança, senão parcelas que esperam uma razão em evolução. Pares díspares disputando o solo do saber, numa política que pasteuriza, como necessárias, as práticas de uma aprendizagem que reapropria velhas condições limítrofes.

Mas seria o caso da repetição trazer o passado e o atualizar? “O presente, o passado e o futuro se revelam como repetição, através das três sínteses, mas de modo muito diferente. O presente é o repetidor, o passado é a repetição, mas o futuro é o repetido” (DELEUZE, 1988, p. 161). As repetições do hábito e da memória devem servir como estágios; e devem, também, ser deixadas pelo caminho. Deve-se lutar contra o hábito, contra uma mnemósia, recusando o conteúdo de uma repetição que se deixa transvasar. Ninguém quer uma filosofia da repetição que, passando por todos os seus estágios, se condena a repetir a própria repetição.

Conluio de um êxtase místico

O ensino antecipa o percepto, joga os conceitos e as teorias numa crueza que causa a perda do afeto e de afetação pelo que se faz. Na primeira síntese da repetição, Deleuze (1988) diz que ela, no hábito, tem-se explicado pelo desejo de repetir um prazer já obtido. Um professor estuda, re-lê algo que lhe causou um efeito prazeroso. Depois o cara repete em aula um conceito, com a certeza de que esse vai funcionar com o aluno, pois, do mesmo modo se deu com ele. A idéia de prazer age na voz do professor como um princípio, subsumindo, nela, sua lembrança, seu projeto. A repetição fica subordinada por um princípio de prazer obtido ou a ser obtido. Mas sob que condições o dado empírico se liga às condições de uma intenção, dada na argumentação do mestre, onde a síntese de ligação não pode ser explicada senão por ela?

O tal operário discursa sua paixão, recobrando a reprodução. Lá numa sala de aula onde o ensino quer adaptar, o nômade reage. Pede margem, novos fluxos e outros atravessamentos. Na cena do professor, a excitação retirada do verdadeiro objeto da repetição é levada a uma síntese passiva, a uma potência da qual deriva o princípio do prazer e suas aplicações passadas e futuras. Uma imagem demandando aquilo que o prazer repete no hábito, como se este estivesse “para-além” dele mesmo como princípio. Isso faz o mestre trabalhar numa espécie de estética transcendental. Porém, essa estética se dá num duplo movimento e em duas direções bem diferentes: “de um lado, uma síntese passiva se estabelece sobre a fundação de sínteses passivas” (DELEUZE, 1988, p. 168) e um eu passivo se integra, de modo local, a uma integração global do eu ativo; de um outro, um eu se ativa, unificando outros eus passivos, componentes e complementares.

Uma professora-aprendiz quer ser conceito e, no conceito, encontrar as linhas de percepções nas quais emaranha o conluio do desejo e do afeto. Sem interceptá-los desde um ponto único, deseja fazer ressoar o intento de eternizar o instante vivido. Opta por não desfazer-se de um instinto como coisa animada e animal que revigoraria numa reunião de gentes o êxtase místico das marés. Quer que suas falas sejam como ondas que vêm e vão,

devindo de um movimento expandido de sua sonoridade; não quer agredir, com uma inundação ou separar na proximidade da superfície, o que deseja por seu meio úmido. Tudo é fluxo e todo fluxo quer se multiplicar. Uma professora-rizoma em um meio úmido, deslizante, pantanoso, se espraiando em mais de uma direção como riacho raso, esgoto profundo, veias bombeando, poros dilatados e melados de suor, sobre um solo barrento, arenoso, movediço. Espaços evadidos propiciam as metamorfoses, operando, nos conjuntos, um convite à dissolução. Dissonâncias na alternância de um todo chamado a redistribuir suas partes em singularidades.

Dissoluções singulares

Mas seria tarefa do pensamento nômade estabelecer o território neutro, um fundo sem fundo para o pensar? Produzir uma superfície múltipla, folhada, esburacada e sem centro? Uma política minoritária e, não majoritária, que possibilite ações que não venham de linhas planas, concretas, molares, mas, sim, de linhas estriadas e de corte ou de fuga? Que linguagem pode provocar um afeto textual, ao invés de um discurso pronto? Uma linguagem afetada afásica, que gagueja, emudece, engasga, no tom que a emociona? Que memória pode conduzir ao esquecimento, fugindo à volta de um vivido como o eterno de uma carga-camelo? Bagagens despejadas no deserto, abandonadas em um oásis de água limpa, possibilitariam marcar um território de retorno à fonte sempre em busca do evadido? Com que necessidade uma nômade retorna a gênese, matando a seda na saliva ou aliviando o acúmulo de suas andanças? Que teorias podem compor uma aula magistral onde as interrupções são passos que tentam se acertar, no movimento conjunto, à procura do ritmo? Qual consciência pode levar ao embotamento do bem e do mal, sem que a culpa seja o álibi da falta e, nem o erro seja inconveniência de uma dobra que não prega bem? Como espantar os fantasmas da percepção deixando que a vida possa ser experimentada como os pedaços do ainda não degustado ou provado por um corpo sem órgãos? Como desfazer-se das imagens que suplantam um cérebro-máquina e desviam, sob esse efeito, um afecto, pelo incompreendido numa associação de idéias? Como convidar a vida a adentrar os espaços

disciplinares, molares, moleculares e fazer estriar o plano, compondo sonoridades exclusivas que só incluem a pureza de um mistério? Como percorrer o percurso do eterno, sendo sumariamente um efeito afetado pelo novo, pelo verde, pelo inacabado, pelo corte, pela urgência, pela queda, pelo salto, pela demência de uma inexperiência infinita e profana? Por onde começar a dança dos coxos? Rasgando as telas do real e do virtual, das imagens já feitas, das composições surdas, tudo isso de modo a convocar, na imaginação, uma desobediência dos signos? Todos os espaços onde há vida são espaços de um aprendiz da palavra, da intérprete da narrativa, do criador de conceito e da criação da filosofia, da arte, da poesia, da ciência? Quando um afecto percebe e se enrosca na mesma carne do conceito e delira disso, um devir acontece? Quando um personagem se percebe conceito e se dissolve nele, em que consiste isso? Criação monstruosa?

As metamorfoses

As metamorfoses ditas por Deleuze como movimentos complexos que resultam em uma indiscernibilidade de pontos remarcáveis de duas séries vizinhas, e uma professora- rizoma, um estudante, um intérprete se avizinham num processo criativo tentando, por vários textos, operar uma literatura filosófica ou seria uma filosofia literária?

Tudo o que se aproxima pode agenciar virtualidades, até mesmo em séries divergentes. Num primeiro momento, metamorfosear-se vem a ser aquilo que se apresenta à volta, pontuando ou criando as linhas e as figuras da diferenciação (SASSO; VILLANI, 2003, p. 247). E esse mundo, que se apresenta à volta, se deixa penetrar nas coisas sobre as quais atualiza linhas. Linhas essas que se distinguem de um instante sucessivo ao outro, de todo um ponto de diferença ou de um todo, de um outro modo; qualquer, regular, sobre o qual a virtualidade de tudo é, ao mesmo tempo, e, por sua vez, um outro ponto, dobra e plano, num mesmo tempo aion. O único tempo dos corpos e estado das coisas é o presente. A superfície é o lugar do acontecimento das coisas incorporais. Os simulacros sobem dos subterrâneos e os antigos paradoxos reaparecem, com uma nova

juventude em transmutação (DELEUZE, 1974, p. 8/9). Alguém dança fazendo silenciar a falsa inocência, libertado da consciência de um “eu”, afirma, na vontade de um eterno retorno, a independência moral e a recusa a valores dicotômicos. Esse faz da metamorfose do que é, retornando nos passos de uma linha que já não é reta, a leveza de quem se livrou do peso das coisas.

É preciso cantar para que a leveza volte. Deleuze diz que canta quando está em casa. Canta para si mesmo, quando está saindo de casa. Cantar é, então, um problema de território, de entrar e de sair de um lugar a outro. Cantar é desterritorializar-se. Ritornellos e ritmo dos movimentos! Todos têm um território para poder sair dele e retornar a ele. Um espaçozinho demarcado como algo que se encontra na música, sob a música; prodigioso algo esse que não coloca um tom, como um atrás do outro. Composições são altos rasos e profundos, onde ritornellos de territórios se dissolvem em um ritornello mais profundo, imenso cosmos ressoante dissonante anelo com o infinito.

O músico faz música, um trabalho de criação que não é do filósofo. No entanto, o pensador escuta e usa a música como elemento afirmativo, como potência, no seu ato de criação. Cantarola o bruto, tornando pensáveis forças não pensáveis. É preciso uma natureza bestial, brutal, para que haja uma comunhão de ritornellos comuns, com um grande ritornello. São precisas as entoações fortes, como o rugido do leão. Zaratustra necessita de seus bichos, de seus animais no poder de um canto mais forte. Através deles, seus “ditirambos”, entoa o eterno retorno, sem reduzi-lo à cantilena.

O que quer uma cantiga que se repete? Buscar algo visual por meio da música, algo cósmico? A música com a filosofia, o que quer? Fazê-la subvertida, deformada, sendo a filosofia algo onde as causas já não são senão efeitos da superfície, apoderá-la de um estilo dissonante e infinito. Torná-la um som, um incorporal ou alguma coisa que se opõe a um extra-ser, compondo com entidades não existentes, troços sob seus efeitos. Traquinagens que se manifestam e, sem dizer a que vieram, mostram um segredo com a vida. Um estilo, sonoro, não visual, um acontecimento

sendo infinitamente divisível e sempre entre dois, um “tra-la-la”, ao mesmo tempo, demasiado e insuficiente; o ainda já e o não agora; o que acaba, eternamente, de passar, o que vai passar, mas nunca se sabe como passa. Ritmo, e não imagem visual, virtual que remete exclusivamente à filosofia. Nada mais do que efeitos onde o conceito-rizoma e uma professora se avizinham, se envolvem e se afastam, sempre em estado de outra coisa, devires ressonantes e metamórficos.

Inumano nas bordas: um caso de n-1

Encontros e acontecimentos “são como os cristais, não se transformam e não crescem senão pelas bordas” (DELEUZE, 1974, p. 10). Mas tudo que se queria era uma superfície que pudesse variar de margem, de tom, de cor, de corpo, de forma; uma deformação das coisas onde operasse uma espécie de sobre-limite daquilo que elas podem. Uma potência a mais que Nietzsche sabia necessária quando fez Zaratustra ir embora, em busca de sua voz de leão. O filósofo precisava dar conta de seu super-homem, da sua vontade de potência e, em meio aos homens, se enfraquecia. Tal como a professora-rizoma que, no contato com os alunos, na lembrança das aulas, sentia-se paralisada de seu poder criativo.

As palavras de Zaratustra os homens não entendiam. Seu discurso se dirigia aos homens, mas eles não o escutavam, não o entendiam. Os alunos que ouvem uma professora-rizoma, mas não sabem exatamente do que fala e o que quer com o que diz. Embora, alguns conectem com essa fala, uma espécie de empatia, outros se comportam como se entendessem, desse discurso, algo que os distanciam. Uns colhem apenas parcelas e, nessa coleta aos pedaços, nada seguram de modo interessante. E, antes que uma aula propriamente aconteça, já está desinvestida ou destituída, de uma escuta que permita a potência do encontro de sonoridades vizinhas.

Um preconceito muito comum com o desconhecido retorna, não se apaga. Estranhos se aproximam, simpáticos vão embora e, depois, voltam com um falso olhar que procura o que deliberadamente foi perdido. O “tra-la-la” da professora-rizoma é no pé do ouvido com seus autores; traça

numa aula o exercício de uma política que não é imaginária nem simbólica. Quando maquina os conceitos que tecem uma experimentação, sem interpretação nem significância prévia, exerce somente protocolos da experiência onde uma dada aula, nunca é o dado de uma aula.

Alguém que quer criar diz com o Kafka que Deleuze interpreta: “não quero a opinião dos homens, procuro apenas propagar conhecimentos, contento-me em relatar; mesmo com os senhores, Eminentíssimos Membros da Academia, contentei-me em relatar” (1977, p. 13). A professora-rizoma, sendo uma personagem, aproxima uma prática de uma escrita. Não faz da personagem uma professora escritora, mas uma professora política, uma professora máquina, uma professora experimental. É, por sua vez tudo isso e um inumano, que corre para seus esconderijos, frestas possíveis, em busca blocos de ar. Fuga! Encontrar-se só, na solidão da companhia de seus autores.

Leituras entocadas que levam a lugares possíveis e aos completamente impossíveis, aos compossíveis díspares de uma idéia, a um mundo fabulado que não se encontra nas conversas entre seus pares. Mas, o que não se mistura ao menos se avizinha. Misterioso caso da diferença que permite uma singularidade, onde o uno e o todo são um caso de $n-1$. Nas bordas se escuta o que andam dizendo na instituição. Conversas projetam o mapa geográfico, histórico e político dos acontecimentos que a rondam. Sabe da disposição das partes por onde andam as idéias dos burocratas do saber. Um desejo sempre recobre o fluxo de todos esses estados e posições, que compõem a máquina.

Uma indiferença entre o fora e o dentro que não impede a descoberta de uma terceira dimensão, espécie de adjacência, marcada por suspensões e interrupções que, no espaço onde se apresenta uma aula, uma fala, um discurso, uma máquina-do-saber, move, uma máquina-estado. Essa última exerce seu poder rachado, ameaçado, guia, nesses seus fragmentos, a primeira que ainda disputa desse todo esfacelado o melhor pedaço. Lugar da montagem de peças, engrenagens e segmentos de uma política que, como o Fora da instituição, não é um afastado dela, nem permite um

dentro de um outro modo, nas bordas dessa aproximação ou nas suas relações de controle.

Movimentos, idéias e conceitos em ação e o personagem intenso diluído, estendido, ignorado, esfacelado, libertado, um incorporal. Personagem na vida, intercessor no livro, intérprete nômade em sala de aula. Compondo diferenças sem juntar na criação um todo, pois nunca o que se escreve é o mesmo que a escrita pode revelar. Uma inspiração brota no estudo dos conceitos. Algo ocorre e faz pensar. O tempo passa e pede, nessa urgência, um movimento. Palavras saem da boca de Zaratustra em busca de um encontro. A professora-rizoma não desiste de seu ofício de preparar aulas. Momentos são imaginados, cena por cena, passos que possam compor um tom.

Na instituição e fora dela, nas bordas, nos transbordamentos, nos derivas escapam um estudo, um pensamento que se faz numa espécie de concha acústica ou toca de inspiração. Criar é qualquer coisa de muito solitária (DELEUZE, 2003a, p. 293). O pensamento como um ar preso dentro de um canudo, antes que o líquido chupado o invada. Uma fresta, um canto, uma ponta de mesa, um pé do banco, um fundo vazio de copo, um bico da caneta, uma esfera em movimento traçando a palavra. Uma mão empurra a idéia. Nessa demora perde o pensamento, que não se sabe nunca mais onde foi parar. No teto, as pás do ventilador numa quietude sorrateira. Estranho momento que passa e, de pronto, não estão na mesma posição. Como isso é possível? Estando a janela fechada e nenhum vento atravessando o quarto?

Cai um bloco de papel de cima da cama, aulas de Vincennes que falam de Kant esparramam-se sobre a Ética de Spinoza. Nem todo encontro de vizinhança torna-se uma relação possível de par e par. As idéias nas coisas, nos corpos, reunindo e separando, os fragmentos que antecedem uma escrita. Um atrapalhado entre papéis e livros, perdido neles, vivendo o encontro, que nunca é de frente, de peito, de cabeça, é nas bordas. Os objetos se movimentam. Marcam seu território e se desterritorializam deixando alguém tonto, querendo reterritorializá-los num espaço, num quarto, numa mesa, sempre um recorte que quer paralisar. Fixar no

material um tempo, de modo que ele dure na sua aparência e em um lugar, tarefa pretensiosa. Deixar que a deselegância dos movimentos incertos que escondem as coisas aconteça espontaneamente, para parecer mais charmoso. Ninguém pode culpar as coisas de serem o que são.

Instantes de um por vir

Não interessa perceber as coisas como formas, mas capturar aquilo que elas doam, entendendo essa doação como intercessão do gosto, de um que está entre elas! Uma escrita é doação onde interessa fazer o lugar falar. O dizer das coisas é algo que se dobra nelas, dando-lhe uma espécie de valor ou sentimento. As dobras são as forças de um criador? Há os que não percebem nas coisas a capacidade de produzir um discurso que, mesmo afônico, mostra o folhado delas, numa tela de entidades, reunidas, agrupadas, doadas num estado entre. Uns querem capturar a coisa, sujeitá-la, dispô-la como objeto, como um não vivente, um morto sem alma, que deve ser amordaçado. Figuras de um pomar que secou. Uma imagem, uma tela, uma fala, um discurso, uma digressão, uma aula, tudo o que um pensamento prepara quer doar sentido. O material está preparando alguém, material é a mobilidade do discurso. Esse tem que estar sendo afetado, entre as coisas, entre os textos, que quer falar sobre eles. Quando ocorrem os desencontros, por que ocorrem? Por que um dito, um texto não é entendido? Os abismos andam na vida das coisas que permanecem soltas, sem composição.

Viagens sóbrias, acanhadas, crentes, indo sôfregas numa direção que não encontra novas paragens onde o viajante possa descansar, se alimentar e se realimentar de forças novas, forças vivas. Por que alguns viajantes insistem que conhecer é retornar ao mesmo lugar? Trajetória sem risco. Tráfegos de um vai e vem circulando no mesmo ponto. Especulações, apenas, sobre um já dito, sentido, percebido, sobreposições que cargam um camelo, não permitem seus saltos no deserto.

Zaratustra perambula, encontra várias vezes com o anão, mas este não traduz o que ele diz. O anão está noutra percepção, sua miragem está imbuída de outros conceitos, que não se comunicam com o filósofo. Entre as mesmas coisas, o pequeno homem delinea os conceitos numa disposição que aguilhoa, suprime, mata a percepção; como concepção conceitual sobrecarrega, uma prévia relação com elas. Para o anão inexistem o instante do novo e o presente, é uma determinação do passado e o futuro; um dependente das forças ocultas de um antes que se fará por ir. Tudo retorna predeterminado no tempo, como um programa que tem, desde o começo, a perspectiva do fim.

Mas o filósofo do super-homem pensa o tempo como uma linha reta indo em frente, onde as coisas comportam uma repetição apenas como complementaridade. O que elas compõem ou como completam um instante novo, depende de um que as quer assim. Para Zaratustra, o filósofo é um criador, um artista e não um homem de cultura, homem culto que conhece tudo, que sabe falar sobre tudo. Zaratustra tem seus parceiros, a filosofia de Deleuze e a escrita de uma professora-rizoma que deseja compreender o conhecimento, como algo que vai ao encontro da vida; deseja fazer da filosofia uma seta que atravessa elos onde os anéis de ressonâncias, não possuindo nenhum estoque reserva sobre o que soam, entoem o infinito. Elos são alguém entre as coisas; anéis são as percepções de um se percebendo nelas; sonoridades são os instantes se fazendo sempre novos. As instâncias do por vir pertencem àqueles que gostam das coisas, da vida, das gentes: por isso, esses pedem o retorno do que é afirmativo.

Vontade de um que está entre coisas e percebe que a meia noite é, também, o meio dia. Que a dor pode ser, também, um prazer; a maldição uma bênção; a noite um sol; a sabedoria uma loucura. Estar entre as coisas, uma resistência indo de encontro a uma cultura, algo que pode aniquilar ou amar um que está vivo.

Ficções e personagens

O homem já é alguém sem Deus, sem ídolos, um que não possui mais esperanças terrenas futuras, um que pode entregar tudo. Morto, seu desejo, sufoca-o de tudo, em tudo, menos de vida. Como alegrar-se e considerar que nada tem valor na vida ou que “nada tem valor, a não ser o grau de potência” (MACHADO, 2001p. 131).

Todos são diferenças, Zaratustra e a professora-rizoma, Zaratustra e os homens, Deleuze e seus intérpretes, uma professora e seu público, nunca possuem a mesma atitude, comportamento, perspectiva, nunca são iguais os modos de cada um. Cada um dobra a força da vida, gerando, nessa dobra, sua singularidade. Os acontecimentos se fazem de singularidades onde as gentes encontram e desencontram coisas, nunca do mesmo jeito.

Algo devém como uma força, uma potência que está nas coisas, entre as pessoas e as coisas, sem pressupor de antemão o que pode ser isso. Diferenças, mudanças em movimento, metamorfoses, o que são? Perspectivas transformistas onde cada entidade, ainda não existente, procura um estado de coisas infinito, para cada qualidade das coisas e dos corpos. O sentido em seu movimento e o que um sujeito predica dele. Ações e paixões, alegrias e tormentos, todos nada mais são que “aliquid”! Um estranho, incorporal, que se anela à coisa numa consistência que lhe atribuiu e exprime algo noematicamente, numa eterna variedade que se faz no sobrevôo em que planam os corpos. Os invisíveis são existentes que não existem do mesmo modo, na mesma distância para uns e outros. Estão nas histórias, nos conceitos, nas idéias e nos corpos, por aí, na superfície. Onde uma geografia demonstra que a terra é fértil, apenas sob uma tênue camada.

O homem-deus de Baudelaire gritou: “tornei-me um deus”. Foi um grito selvagem, que se arrojou no seu peito como uma energia, com “um tal poder de projeção, que se as vontades e as crenças de um homem ébrio tivessem uma virtude eficaz, esse grito reviraria anjos” (2001, p. 77). Seriam abstratas as coisas que o ópio comunicava às faculdades mentais desse autor? Não se sabe se eram efeitos alimentados pelo vinho, mas uma força oculta paralisava Maupassant (1997). Seu personagem acordou no meio da noite e, cheio de angústia, quis beber a água outra vez, a mesma que colocara no quarto de véspera, mas a jarra estava vazia. O invisível

brincava por ali e ele o chamou de Horla. Dorian Gray, personagem de Wilde (2002), pensou que, matando o retrato que o pintor lhe fizera, matava tudo o que ela significava. Mataria aquela vida-espírito monstruosa e ficaria livre. Esfaqueando o quadro, matando sua beleza, fez-se um morto. Matou a coisa e a coisa o matou. O pobre morreu do que não podia mais contemplar. Retrato de um personagem que dá visibilidade a um fantasma estético e a um percepto na escrita.

Os personagens são uma força que se descola de seus autores. Numa obra literária, um que percebe vai doando uma nova percepção para o leitor, que só chega a ele passando por um personagem, em si mesmo. O personagem é o invisível existente que coloca em funcionamento a fertilidade daquele que o cria. Toda criatividade abre-se às possibilidades do infinito e do acaso. A filosofia faz metamorfoses com a literatura. Partes se comunicam umas com as outras. Metamorfoses são transformações ou derivações de um acontecimento provocadas pela proximidade de uma teoria, com um modo especial de trabalhar conceitos. Intersecções entre o conceito e o vivido, colocados a funcionar e, com isso, fazer outras coisas. Coisas que interpretem a vida, seus movimentos, visíveis, invisíveis, prováveis, improváveis.

Fingidas, as coisas estão na superfície, soltas no mundo, no Fora. Mas num não no fora incluído no discurso solipsista e disciplinar que não permite a dobra. Os falsos adoradores não comem Madeleine nem leram Proust, nunca entenderam Kafka, desprezam Nietzsche, fogem de Blanchot, odeiam Artaud, repelem Sade e ignoram tantos outros que não cabe nomear. E daí, se os leões estão enjaulados, brincando num circo, ao invés de exercerem suas potência de fera? Também sofrem os mansinhos quando pensam que a obediência é a salvação.

Falsa professora que brinca com o fogo e se molha na cama. Expele em horas escuras o que no claro ficou camuflado. Intromissão, mexer com conceitos e com a filosofia, tentando parecer de outras cores e, numa personagem que já não a sua, tenta dar investidas. Contudo, algo se transforma mesmo retendo algumas aparências paradoxais, onde a forma do tempo só existe para revelar o informal. “A extrema formalidade só existe para um informal excessivo, [...] o fundamento foi ultrapassado em

direção a um sem-fundo, a-fundamento universal que gira em si mesmo e só faz retornar o por-vir" (1988, p. 159).

O pensar é ativo e coloca um passivo dessa ação, na ação do próprio pensar. O pensamento é algo forçado pela vida e que quer emergir do sufocamento. Então o pensador, o filósofo, o criador, se geram numa espécie de necessidade. Deleuze assegura que um criador não trabalha por prazer (2003b, p. 300). É pressão deliciosa e malvada que exige um minucioso trabalho, coisa que se avizinha de um e o seduz, irrompendo nele uma paixão o domina, ou o devora. O criador é um dominado pela criação?

Não, não é isso! É a coisa do afeto que vai produzindo uma espécie de novela, onde várias maneiras de sentir e todo um "pathos" vão propondo uma coisa muito diferente que um sentido de opressão e domínio. A alegria e a tristeza participam ou constituem o pensamento como tal. Fazem parte do processo no qual se envolvem criador e criatura. Ambos se modificam nesse processo. Criador e criatura, modificados pelo conceito, pelo percepto, pelo afeto, pela literatura, pela filosofia, num dado momento do processo encontram e desencontram suas partes, modificam todos fazendo novo. Momento metamórfico, onde pontos de uma série mantêm vizinhança com pontos de uma outra série e, esses, se devêm indiscerníveis. No encontro das partes vizinhas, algo desencontra, individualização, ou fundo que remonta à superfície e não, simplesmente, a dissolve.

Cabeça na baixela

Chico Buarque cantarola "ando com minha cabeça já numa baixela e ninguém se importa com a minha aflição", e com isso, especula sobre o trágico no conceito, uma elegia, uma queixa, sobre o modo como um conceito se oferece ao presente, sem ser um programa, um projeto, apenas alhures numa indiferença geral, que suscita o pensar. Perigo de que a cabeça se perca da baixela e trace planos pouco confiáveis, pouco racionais e razoáveis. Que, na queda, o crânio rache. Risco de a

criação se perder no infinito que traz o problema da consistência onde um plano precisa de curvaturas variáveis, que retornam a si mesmas, numa troca incessante; risco de que essas não cessem de liberar outras, que a conservem. Perigo de tudo subverter. Por onde rolou a cabeça do filósofo que operou um vasto seqüestro da sabedoria, a serviço de uma imanência pura, substituindo uma genealogia por uma geologia?

A criação filosófica trabalha com três instâncias: conceitos, afectos e perceptos, mas como ela começa? O plano é um solo sem que isso o represente, como um simples campo de fenômenos. O problema da imanência não é abstrato nem teórico, daí a imanência nele ser uma situação de emergência e perigo. Ela funciona, no plano, como um piscar-alerta ligado, colorindo tudo com uma luminosidade, clara e escura, tudo sombreando com sua matiz. Sendo a imanência imanente a si mesma, ela dilui cabeça e baixela e tudo o mais que possa ser imanente ao metafórico nos signos. A bandeja, o crânio e o imanente fluindo neles sem ser oferecimento de nada.

Ninguém se importa com uma aflição que copula com um eu. Qualquer compaixão seria o oferecimento que re-introduziria o transcendente e uma subjetividade transcendental. A cabeça decepada ficará na baixela, podendo representar a ruptura da transcendência no interior do imanente ou tentará remeter a ele, reintroduzindo-o ou fabricando-o. Logo, a imanência é algo que se move no infinito e a transcendência, algo que prepara o infinito. A primeira não leva à outra coisa senão a si mesma ou ao acontecimento. Portanto, que fique a cabeça na baixela!

Sem fim sem começo

Não há por onde começar, o fundo é sem fundo, o escrever é um assunto inacabado, devir sempre em curso. “Os personagens literários estão perfeitamente individualizados, e não são imprecisos nem gerais; porém todos seus recortes individuais os elevam a uma visão que os arrasta a um indefinido como um devir demasiado poderoso para eles” (DELEUZE, 1996, p. 13/14). A literatura precisa da fábula, e fabular não consiste em projetar um si mesmo, mas buscar visões que se elevem dos devires e das

potências. A filosofia, na sua vizinhança com a literatura, cria para o pensamento asas que sobrevoam o ilimitado. As visões e fantasias de um pensador podem operar, no interstício de conceitos derivados do literário e do filosófico, um processo que deforma e defronta a arte e a ficção.

Por que permitir somente à arte o poder de deformar para criar, quando Nietzsche já vaticinou que o mundo é uma ilusão? Bergson fez da intuição um método; mostrou que a matéria e o movimento estavam em tudo, que o tempo é o que dura de uma percepção. E, Deleuze possibilitou que o plano de imanência fosse a forma de atualização do infinito, o crivo no caos onde o conceito faz a dança, sob a orquestração de um personagem. É o personagem que atualiza o retorno do conceito no seu traço trágico; é ele que aspira à intersecção com a vida. O que circunscreve o tempo do conceito, que constrói um espaço de atuação para o virtual e para o divergente que povoam o plano.

O personagem é o que exercita no texto o afecto, o percepto, o conceito. Ele é o texto, o pensado do pensamento, o não-pensado e o pensar do pensamento. Sendo o pensamento uma possibilidade que pode emocionar e transformar sentimentos e esperanças; a vida, incorrigível e eterna; a vontade e o querer do homem podem fazer-se uma força afirmativa sobre a verdade das coisas. Sendo a dor um aprazer, a maldição uma bênção, a noite um sol, o sábio um louco. Estando todas as coisas encadeadas e entrelaçadas pelos afectos, pelos conceitos e pelos perceptos de um; tudo se faz vindo do desejo deste como o encontro e o desencontro, o amor e o ódio, o medo e a vingança. Algo afirma uma professora-rizoma nas leituras que ela faz de Deleuze, Nietzsche, Bergson e outros autores; algo deseja, na personagem, suas metamorfoses. Como Zaratustra, ela é alguém que desiste de ensinar. Torna-se leve uma professora que, independente da relação com os alunos e com a instituição, pode afirmar desde sempre o retorno de uma filosofia envolvida com a vida, com o poder de eternidade.

Pede que o pensamento seja o retorno da inconstância das metamorfoses, capazes de transformar tudo em vontade-de-pensamento; um pensar novo, capaz de fazer retornar o bem de si mesmo, de tudo e todos que, sendo efeito de uma ilusão, resistem. Que se inspirem os novos filósofos e que eles sejam também artistas.

Inacabado Por Vir

Manhãs de março. As águas do rio paradas e os dias passando. Pouco vento, um sol tímido, naquela hora, lambia a superfície, parecia acalmá-la. Pelas bordas tudo limpo, um perfil claro alinhava a diferença entre duas zonas, a água e a grama, que se avizinham formando uma imagem de inquieto abandono. Poucos rastros desfiguravam aquela paisagem, dando ao caminho uma espécie de controle dos seus modos de uso, trazendo ao expectador uma espécie de confiança sobre o que capturava. Uma manhã é sempre um claro que sucede um escuro, onde um noturno se esconde, sem nenhum direto remetimento de um estado ao outro; o que amanhece é dia, desde uma diurnidade que atravessa a alguém.

Nisso se percorre uma manhã, um caminho se repete como um entre-espaço, aberto a representações. Refazendo a trilha alguém busca, numa paisagem, uma espécie de cumplicidade. Quando passa pelos mesmos lugares, procura confirmar um encontro, como algo que não é dali, daquele momento, embora se deparando com o novo, o acolhe como algo já dado, numa miragem que quer fazer durar.

Os bons encontros pedem o reencontro, que algo volte e alimente, de boa companhia as forças mutantes que compõem uma vida. Uma imagem sempre espera que outra imagem a complemente. Pequenos pedaços sobrepostos permitindo uma composição singular, adentrando as esperas, onde a eternidade mostra-se como força que vem da vida. O eterno, então, seria isso, uma deriva embaralhada nos movimentos e fluxos da vida. Infinitamente, o eterno encontra a repetição e faz dela uma outra coisa, uma outra paisagem que identifica o mesmo com aquilo que acontece uma vez só, na multiplicidade das coisas que retornam.

Queria uma professora de filosofia falar da sua experiência como algo novo, encontro que fosse repetição, onde vários outros professores e professoras se identificassem. Mas falar do que acontece pela lógica do encontro implica dizer de algo dissimulado numa diferença que, colocada entre o diferente e aquilo que ele mostra, é coisa que não reporta ao mesmo, como adequação. Por isso, nada é igual ao modo que o inventa, nenhuma experiência pode dizer de si senão como experimentação. O fluxo do devir atravessa o encontro, como força que força o acontecimento e assegura à multiplicidade a possibilidade da diferença. Toda experiência é singular e isso não impede que haja uma pesquisa sobre o que em cada caso ela difere; uma captura que organize, numa narrativa, esses modos de ocorrência buscando, num registro, o sentido do que acontece. Alguém que trabalha com a filosofia fica imerso nos seus labirintos teóricos e numa espécie de diluição invisível, faz-se personagem, uma imagem incorporada, reconhecida no proposto meio filosófico.

Uma professora de filosofia pôde representar uma imagem, uma figura, uma personagem, onde várias se representavam em uma e uma era representada em outras, embora a prática de cada uma tornasse todas insubstituíveis como singularidades. Uma em umas reporta à potência de um Uno-Todo, ou à parte que nunca reparte o meio comum do qual deriva; não compartilha um pedaço onde alguém se assimila ou se iguala, embora existam os perfis assemelhados. Uma experiência tornar-se experimental, estado de abertura em uma escrita. Movimento que envolve a superfície de onde deriva uma professora que incorpora uma seleção do que vem do filosófico e traça, nesse retraço, uma elegia ou sua própria composição.

Essa escritura se apropriou de algo que recolheu de uma vivência de professora, mas não pretendeu se dirigir de modo exclusivo a isso. Essa escrita foi em primeiro lugar uma força proveniente do encontro ou dos desencontros que forçam seus traços; em segundo, escrever-teceu algo do tipo aprender-a-desaprender de si, porque a escrita deixa vazar um fluxo que passa a ser nela acontecimento, faz disso um entre-lugar, algo que desapropriou a escritora, desnaturalizou o que a acontecia, numa dimensão de um tempo intemporal, que se capacitou uma duração. O caligráfico desterritorializou aquilo que o escrito escreveu, reterritorializando

apenas traços, nos quais uma autora derivou de seus personagens, numa narrativa posta em andamento.

A narrativa, vindo a trabalhar com a criação, quis, nessa tese-ensaio, manifestar como ocorreu o encontro entre uma professora de filosofia e um autor que elegeu como foco. Envolveu, no seu contexto, filosofia e criação, sobrepôs idéias e conceitos filosóficos, numa via literária, artística. Pretendendo ser a proposição de um sentido novo, manifestado no limite de uma experiência e de uma prática desencantadas, gerou, numa sôfrega transformação, o encontro de uma filosofia com a filosofia da diferença. As leituras de Deleuze e Nietzsche incomodaram uma professora. Mas, lembrando os escritos de Baudelaire sobre o ópio, o sentido não pode ser uma adequação extra às coisas. Nada que sobrevenha ao que acontece, de modo externo ao acontecimento, poderia dizer da experiência ou apropriá-la. Uma professora não entrou em metamorfose apenas porque leu esses autores, uma mestra entra em estado de transformação, quando algo já vazara naquilo que ela fazia. Deficiência ou falta no limite esperado num excesso de coisas, não houve mais uma identidade que habilitasse o comumente feito, espécie de não-complemento extensivo que acabou por não sustentar, aquilo que recortava como filosofia, permitindo o vazamento pró-filósofico.

O que escorreu desde uma prática e a desviou e a desencontrou do modo em que era produzida permitiu o encontro. Nesse movimento expandido, uma filosofia passou a ser uma pré-filosofia ou uma pró-filosofia, compartilhando com os autores da diferença o filosófico como deserto movente ou extra-campo onde podem espriarem-se conceitos. O filósofo cria conceitos, coisa que não coube a uma professora. "A filosofia nunca esteve reservada aos professores de filosofia" (DELEUZE, 1992, p. 39). Ocorre que "os conceitos têm vários aspectos possíveis" (p. 38) e podem ser usados para determinar as circunstâncias do que acontece.

Algo romanesco procedeu ao conceito e o que ele disse o disse porque foi encarnado por alguém. Nietzsche percebeu isto, que a apropriação lógica dos conceitos excluía as apropriações trágicas e os devaneios interpretativos. Percebeu que a lógica era a manhã do conceito, seu

momento claro, oposto ao que sucumbia à noite, seu outro lado escuro, incerto, o que não pode ser de pronto capturado nele, o invisível que está já não-estando visível naquilo que o incorpora. Quando uma professora avizinhou-se dos conceitos da diferença os encarnou porque algo entre eles fez-se affectus/ affectante e, dado o meio filosófico, permitiu referir tal encarnação a uma experiência, mostrando um claro que substitui ou subsume, no escuro, o referenciado; um claro que mostrava e escondia, deixando entrever, nesse jogo de claro-escuro, algo que dizia do real apenas como parte ou perspectiva de algo feito virado escrito.

Na ordem dos pressupostos de uma filosofia tradicional, o que se diria da experiência de uma professora é aquilo que faria dela, simplesmente, operária da filosofia. Alguém, que exercendo a função de dar aulas, a realiza sem grandes pretensões. Uma professora produtora de discursos humanistas fala sobre aquilo que todo mundo que estudou filosofia já sabe, mas talvez nem todos saibam o que é ser uma professora de filosofia e poder fazer dessa disciplina um território de risco. Isso porque, quando alguém se arrisca numa fuga a esse território restrito, dado no contexto da interpretação das teorias filosóficas, sofre a possibilidade de se exilar do seu meio de origem.

Essa mestra deu aulas e não na praça, no mercado, no pátio; ministrou seus preparos teóricos numa sala de aula dentro, dos quadros de uma instituição. O fato de ela realizar uma função que todo mundo já prevê como funcione não excluiu a possibilidade que algo lhe acontecesse. Bicho cósmico que é, expondo-se ao mundo, aos seus alunos, aos encontros e aos desencontros, sentiu-se virada do avesso. E desse outro lado do lado exposto não se deparou com outra coisa, ou estado, que já não fosse advento da superfície.

Como uma lagartixa rastejante, muito passou entre os territórios institucionais, onde uma ação filosófica demandava a procura de suas asas. Mas as asas não estão dentro de alguém que as procura, mas no Fora ou na superfície em que podem ser produzidas. Uma armadura queria rachar, desestabilizar todo um sistema arquitetado nesse conjunto, fugir ao

decalcado ou ao preexistente, escapar a uma técnica do como fazer e instituir e tornar-se querer criando seu órgão de vôo.

O conceito sobrevoou o vivido. Fez pensar a experiência e alguém escrever sobre aquilo que atravessando como mundo possível, erige o desconhecido no acontecimento. Mas nisso se mostrou que é próprio da experiência se dirigir, em primeiro lugar, àquilo que experimenta como novo. Então, uma escrita que queria falar da experiência acabou discorrendo, num fluxo, sobre o sistema ou conjunto de conceitos, abrindo-os ou propondo-os como abertura. Incide, nesse viés, que todo sistema aberto pode correr o risco ou precipitar-se em multiplicar-se; e foi nessa miragem que se possibilitou o escoamento dessa trama.

Mas um texto fruto dos fluxos, do encontro de uma prática com uma teoria do acontecimento, saído dos limites daquilo que o rondava, nada poderia dizer do que se passa, senão atualizando-se como passagem. E abortado nesse efeito, decorrente de uma mutação de uma professora em outra, ao mesmo tempo alheio como coisa que não é desde si a origem do movimento ou modelo próprio dessa experiência, o escrito tornou-se potência extravasadora, naquilo que era esgotamento, predispondo-se como o encontro. Algo se deu à virar escrita e, em algum sentido, deu-se a tornar-se produto-produzido nessa narrativa, não discorrendo, nesse dado, um modelo da mudança. O que esteve passando na escrita, porém, poderia ser tomado na ordem de um perspectivismo, que disse do que acontece apenas como variação do contexto advindo.

O perspectivista sabe que inventa um mundo. Na perspectiva de uma filosofia da diferença, uma experiência criou uma professora-rizoma, no corte de um fluxo que, vindo de um encontro, retomou e desencontrou segmentos recortados como linhas. Filósofos, suas idéias e seus conceitos, não se relacionam numa equivalência sobreposta àqueles que os interpretam e estudam. A professora, já apontada como bicho cósmico, apresentou-se como um meio onde atua a sobre-elevação de uma ordem que inventa a partir do que submete, sua personagem. Embora seja permitido que a palavra diga do acontecimento, o dito sobre algo nunca chega repetir o que acontece tal como acontece. A escrita ilusiona

quando quer aludir sobre o real num fluxo que é dela e, embora intercedida por quem escreve, é estética que se impôs ao que acontecia e acontece.

Uma escrita-rizoma quis, nos rastros-traços de uma professora, criar. Algo sem começo, sem o março, sem os clichês do calendário. Quando alguém escreveu sobre esse mês, traçou nisso uma marcidade, um movimento que construiu uma imagem advinda de um sentido não é decalcado da folhinha. O texto traça, em março, o como esse mês acontece a alguém. Quando uma professora se dirigiu a falar da filosofia envolvida no encontro com a linha da diferença, passou a descrever a metamorfose da metamorfose, tentando dizer da diferença, como ela lhe havia acontecido. No movimento de uma escrita-fluxo, a metamorfose foi processo e devir de quem escreve, dizendo da autora, como uma passagem do múltiplo, na singularidade da sua diferença. Ficou implicado por aí que escrever sobre a diferença pensando-a, embarcando no seu pensamento, era buscar nessa força o inaudito, o que ainda não foi pensado, era ir de encontro a um devir metamorfótico, estado eterno do por vir.

Reportando-se ao que acontece, a diferença não está na eternidade múltipla da experiência, mas passa entre aquilo que se opera como singular e entre aquilo que é por vir na variação do inaudito. Essa alteração mutante vinda de uma filosofia fez dela ponto de intercessão com o se passava a alguém, a uma experiência, a uma vida, a um mundo, a uma teoria, a uma professora, a uma idéia de conhecimento produto e produção de um pensamento em busca da diferença. Fluiu de alguém que se permitiu personagem e deixando-se levar por esse fluxo, encontrando e perdendo o sentido daquilo que queria capturar, pode revelar o que acontece num estado de rizoma!

Tudo passou a ser rizoma, o personagem, o texto, a filosofia deleuziana. Mas como estancar um fluxo sem impor, no corte, o esgotamento da possibilidade que o levou a extravasar-se? Como fazer do corte algo que o esgote enquanto possível, renunciando a toda finalidade, preferência, finalidade ou significação (HENZ, 2005). Sob qual ordem deixar que o fluxo

seja ainda movimento, suficientemente desinteressado e inescrupuloso, movimento de disjunções inclusivas, sem prévia necessidade, nas combinações que organiza?

Uma professora-lagartixa rastejante na sala de aula, uma experiência imanente, onde um empirismo transcendental faz-se caosmos, numa ação humana demasiado humana, no andamento que de uma filosofia sofreu daquilo que inventou. No seu texto, fez soar uma filosofia, ressoar, atravessando espaços nos quais predominava uma deriva dos fluxos inventivos, onde a instituição sobrecargou o transcendente como ordem sobreposta e, nesse quadro, produziu, em uma professora, a exaustão dos limites. Transpô-los não foi contingente, nem necessário para quem já estudava, trabalhava e escrevia com o pensamento da diferença, pois esse considera o limite um inexistente para o pensar que é algo que não transcende senão opera na superfície, no plano imanente.

A diferença dá ao pensamento o impensado e ninguém ensina ou aprende a pensar. O pensar é algo que pode acontecer a alguém que trabalha, estuda e escreve tentando fazer trama com aquilo que é força no pensamento? Em uma perspectiva que desmonta toda uma tradição, o pensar é sempre um exercício inacabado, complexo, por vir, que atravessa alguém disposto ao novo, dando ao que pode ser criado a exterioridade de um incompletamento.

Então, como pôde uma professora de filosofia que vive entre as coisas e o pensamento, criar, compondo e decompondo, elos de significação, com a filosofia em que projeta sua inquietação? A potência se deu pelo gosto, pelo afecto, na integridade daquilo que não podia deixar de afirmar. Nietzsche dizia que não há filosofias, mas filósofos. Isso mostrava que uma imagem do pensamento não é algo que se postulou ao acaso, pois não se alcança uma filosofia sem conflitos, sem sofrer de algo que não é falta ou não preenchimento, mas vontade que, vinda do afecto, quer tornar-se poder de afectar.

Alguém mestre estudou, encarnou uma irrupção, sucumbindo ao desejo, à sua potência transgressora, esforçou-se em não desvanecer na contra-efetuação dessa violência, sem abandonar esse movimento do qual sentia-se parte singular. Sendo uma postura seduzida pela ordem do novo, espera esclarecidas as imagens que pretende afirmar, desfazendo-se de outras que são a couraça da reflexão. Essa professora de filosofia metaforizou o que é viver e pensar o mundo. Inventou-se na busca de definir o que acontecia entre suas aulas, estudo, escrita. Fez de sua vontade uma força afirmativa que pedia oportunidades e possibilidades novas de vida e de interpretações para uma filosofia que gerada na tradição, não dava retorno ela de modo potente. A professora de filosofia tornou-se numa escrita-fluxo, o trágico e o cômico numa professora-rizoma. E, na tessitura dessas entre-linhas, no acontecimento delas, propôs como exercício, o desaprender os pontos de conexão em que a se filosofia mostrava impune ao fascínio da vontade de viver. Uma professora-rizoma deseja propiciar uma Filosofia-rizoma, outra que não é oposta àquela, mas contra-efetuação de uma produção-projeção doadora de sentido.

O desejo une o ser vivo à potência de vida, mas a paixão não substitui seu objeto, quando quebra toda uma forma e abandona o que integra um indivíduo, seu âmago, proporcionando-lhe êxtase e embriagues, em algo que passa a fazer-se nele fundamental. Feito de alguém que elege um que o devora e o descarta, numa violência sem função. Nada foi superado, apenas transmutado de uma ordem para outra, numa espécie de devir metamórfico, que elevou à máxima potência aquela potência mínima de onde advinha. Uma professora, lagarta filosófica, almejando torna-se ser de asas, sobrevoando conceitos deleuzianos e restituindo-se, neles, no primado da vida, o fazer-se rizoma, um fluxo entre fluxos.

Quis essa escrita-experimento, no seu primeiro momento, ser no exercício do desejo uma mutante-mutação, na sonoridade das palavras. Libertar-se de, na linguagem, aprisionar-se ao sistema de signos; almejou, no estudo de seus autores, uma total fluidez inventiva; pretendeu traduzir uma interpretação, e, simultaneamente, livrar-se de, na representação, antropomorfizar um mundo como seu. Um texto-rizoma se apeteceu de um não nada-prévio, de um-sem-pressuposto, onde as noções que vieram dos conceitos filosóficos não estão, nele, a impor uma filosofia ou uma escola

como algo que passa a uma professora e, numa colagem, ou sobreposição da teoria sobre a experiência, a faz produto do produto, quando recorre a criar valores e modelos novos, derrubando os velhos.

Feito no rastro da figura de um desejo em fuga, o processo de uma metamorfose cobiçou fazer o querer de uma professora escorrer afirmativo e transbordante, transmutando-a em professora-rizoma, quando sua escrita empenhou-se, povoada que esteve dos conceitos da diferença, em desfazer-se da representação. Propôs compor cenas onde falassem seus autores, imagens nas quais a filosofia, brincando com uma vida, inscrevia sua nova ação buscando, nisso, envolvimento com a força ativa, emergente e senciante da diferença que separa o vivido plástico do vivido cósmico afirmativo.

Todo este texto fez-se de um contexto-escritora, uma que se envolveu, sugada pelas andanças do seu querer criar e, nisso, perdeu o fio do tempo; escondida na toca de seus estudos, perde a fome, o sono, mas não perdeu, nessa consumação, a visibilidade que tornou o impossível possível no esgotamento de certas forças.

Um intérprete aparece e desaparece, mostrando e escondendo algo do seu desejo no texto, sem confundir, pelo que diz de costume, o vivido com o conceito. O vivido é parte do conceito, uma linha entre outras que o compõem um plano no qual o devir se mostra, numa percepção multiplicada de devires extras. Uma mestra atravessou todo o texto e, no seu estado mestre, de doação e de abertura ao conhecimento, fez-se ainda estudante e intérprete. Sob o fluxo da diferença, trepidou a agrura de um devir no estado de passagem de outros devires. Multiplicada por escoamentos teóricos, uma professora-rizoma almejou afirmar sua potência singular e, ao modo de uma oferta, dizer do modo como alguém se torna o que é, possível resistência múltipla, feita da multiplicidade como algo singular.

Nunca vários iguais representados em uma professora-fluxo, sempre muitas diferenças no combate dos encaixes e dos desencaixes, de uma doação

maquinal que não encontra receptor direto e brinca com o destino de não possuir uma turma e sim um bando; não possui uma filosofia-escola, mas uma filosofia-acontecimento, filosofia- superfície, filosofia-margem, filosofia-borda, Filosofia-rizoma. Devolvendo o que a envolveu numa filosofia-arte, fez excertos da criação, conexões que se aventuraram entre os conceitos, nunca doando, de modo suficiente, o como os recebeu, numa total inquietação e estado de fluxo. Conceitos emergentes, sencientes, conceitos- signos nos quais se deu a deriva de um pensamento-movimento que aspirou a ser exercido na busca de uma lógica do sentido.

Os excertos da criação tentaram falar por devires. Mas, como todo devir é um extratemporal, apenas excederam a possibilidade, na impossibilidade dessa captura. Logo, o devir mestre de uma professora-rizoma envolveu-a numa experiência que funcionou como enlace do desenlace, de algo que a atravessou, cortando e recortando multiplicidades dissimuladas, no estranho-caos-caso de uma sala de aula. Os afectos de alguém se destacaram quando essa que desembaraça uma pré-filosofia; interpretaram, ordenaram e justificaram um entre-lugar para o exercício de uma filosofia da diferença. Mas uma professora não ficou distinguida do universo em que atua quando pretendeu criar um corpo-afecto-afectado e, nessa variação, percebeu-se perpétua construção-desconstrução, conformada às marés de seu desejo; ou no tipo de uma ordem de correspondência, entre o antes e o depois de uma professora de filosofia, que cedeu lugar a uma lógica dos acontecimentos; ou ao antes-durante de uma professora-rizoma.

No entanto, antes de executar alguns excertos criativos, foi preciso dizer “Como a professora-rizoma se torna o que ela é”; alguém que, com sua Filosofia-rizoma, aspira a criação de uma geografia do desejo traçando o mapa dos terrenos e dos modos de produção do sentido. Para tanto precisou, antes, das figuras do estudante e do intérprete como momentos concomitantes dessa produção. Esses, sendo momentos da sua linha de fuga, são sua espécie de máquina de guerra, os que devoram os modos de criação institucionais, quando impõem, com Deleuze, a derrubada dos postulados que sustentam uma imagem da filosofia que pré-condiciona o pensar.

Foi no desejo de alguém que se teceu em meio filosófico e, de tal modo, transformou-a em uma professora-rizoma, apeteendo a fazer da filosofia um exercício novo, em que o pensamento identifique-se com a criação. Nessa condição, estudou e interpretou autores da diferença, escreveu com eles, entre-eles, elegendo Deleuze como traço intensivo, sustentando algo que, vindo dele, é pretensão ou desejo de libertar o pensamento filosófico dos seus grilhões.

Almejou essa tese-ensaio desfazer-se de uma imagem onde pensar se reduz a refletir, a contemplar; na qual, o estudo limita-se a retomar o já-dito, o já-sabido e a interpretação não passa de uma leitura ao pé da letra, do autor ou da escola eleita, que não permite nenhuma invenção ou variação ao que se interpreta. Nesse propósito, a autora achou indispensável extravasar o meio, no qual a discussão filosófica faz-se a arborescência, produzida por velhas raízes que não liberam o pensamento, para tramar com o novo, com o erro, com a besteira, com a leveza, com as incertezas de uma vida.

Envolvida por Deleuze, essa escrita tramou, nas entrelinhas de um fluxo mutante, o corte das raízes fundas que sustentam o pensamento, em uma imagem dogmática, pelas das figuras do estudante e do intérprete. O estudo é plano e, também, pedido de atenção, carinho, tratamento que mima o conceito, envolvimento que predispõe a costura do tear. No coração do processo de mudança, na atração das forças vizinhas, encarregou-se o estudante de destruir as figuras do senso comum e do bem senso que vinculam a uma *cogitatio natura universalis* a boa vontade do pensador e a boa natureza do pensamento; de desfazer-se, de uma concórdia *facultatum* ou de um ideal, que coloca o senso comum como uma coisa bem repartida; de acabar com o modelo da *recognitio* que induz a que todas as faculdades exercerem-se sobre um mesmo objeto e postularem o erro, como aquilo que fica mal repartido entre elas; de romper com o elemento da representação que subordina a diferença às dimensões do Mesmo, do Semelhante, do Análogo e do Oposto.

Já a interpretação, sendo outro momento da metamorfose, não é dobra do mesmo, mas mesmidade, dor que se mancha do sangue do outro; fez

outro recorte, permitindo evasão do seu fluxo e, no contra-fluxo ou na coexistência de planos, produziu a continuidade de uma destruição absolvedora. Intensificando movimentos em direção a um pensamento nômade, sem filiação, sem raízes, o intérprete procurou desfazer-se da compreensão de que o erro é o que pode acontecer de mal ao pensamento, como produto de mecanismos externos; mostrou a redundância da função de uma lógica, que imbuída na proposição, faz da designação algo que se toma por verdade, neutralizando o sentido numa duplicação ou reduplicação indefinida que não avança; apontou a inoperância dos problemas materialmente decalcados sobre proposições que previamente os definem; e, por fim, revelou que o saber se subordina ao aprender e a cultura, ao método.

As três figuras, a da professora de filosofia, a do estudante e a do intérprete foram momentos da professora-rizoma, re-encadeamentos por zona de indistinção, inseparáveis sobre uma superfície e volume absolutos, que se envolveram e copularam com o desejo de derrubar uma imagem dogmática do pensamento para afirmar a singularidade de uma filosofia que deseja a diferença. Nessa espécie de intrapesquisa que excede o campo filosófico, rasga até o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que atravessa através da fenda", traçando o vôo da borboleta ou o sobrevôo de um conceito. Foram três momentos de um exercício onde o rizoma aspirou a ser personagem, filosofia e texto, substituindo um método ou processo. Na façanha de um pensamento, numa destreza que mobiliza a diferença, fez-se a metamorfose e, nesse fluxo, ou entre-fluxo mutante, o corte que recortou o caos onde nada permanecia estável.

Numa Filosofia-rizoma que deseja a diferença, tem-se como solo imanente um folhado esburacado, onde são capturados e, ao mesmo tempo, perdidos, os movimentos do pensar. Tudo nesse meio é diferença e mudança o tempo todo, mas, concomitante a isso, um exercício de pensamento e uma ação metamórfica foram de uma trama com conceitos deleuzianos. A escrita, quando tomou Deleuze, envolveu-se com Guattari, Spinoza, Nietzsche, outros. Fios tênues traçados, tramando o pensamento na busca do sentido onde "a arte luta contra o caos, mas para torná-lo sensível, mesmo através do personagem mais encantador, a

paisagem mais encantada" (WATTEAU apud DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 263). Limiar onde o pensamento como evasão do desejo é algo que corre solto e, nesse seu devir, é o instrumento de uma luta mais profunda contra a opinião, pois é da opinião que vem a desgraça dos homens.

Como esgotar um caóide ou realidades produzidas em um plano que recorta o caos, fazendo do pensamento um caosmos, do conhecimento filosófico não uma forma, ou uma força, ou uma função, mas uma dobra que traça coordenadas variáveis e sob um plano de conhecimento ou de referência enviar por toda parte observadores parciais, os impossíveis na possibilidade da captura? Ora, criar e pensar são forças que se multiplicam em si mesmas onde algo acontece. Era preciso mostrar que é possível fazer outra coisa com a filosofia e os conceitos que vêm dela.

Deu-se por necessário apontar que é possível sair do cogito, de uma lógica que institui um pensamento calcado de modo prévio ao verdadeiro. É possível instituir uma pesquisa e um estudo que fuja do real, como centro da reflexão, em busca do atual, algo vai de encontro a uma lógica da sensação que institui a criação artística não como centro do processo, mas como poder do imprevisível, pois pensar é deixar-se embarcar no pensamento. Com isso, ao invés de a pesquisa filosófica fundar-se nos paradigmas arborizados, deveria compreender os intermediários, os hiatos e os vazios, dando lugar a figuras rizomáticas, sistemas acentrados, redes de autômatos finitos, estados caóides.

Alguém escreveu sobre o pensamento, e não sobre qualquer pensamento. O pensamento criador foge ao dogma, à doxa, deixando-se seduzir pelo labirinto dos sentidos onde o caos se esconde, sob a ação dos hábitos ou dos modelos de reconhecimento. Todo processo criador implica bifurcações onde nada morre sem deixar-se renovar. Um pensamento senciente, ao invés do consciente. Que sofre buscando fazer da dor um exercício de renovação e corte singular. Fazendo balanço do conjunto dos pequenos mortos que povoam o texto, a morte incessante de uma filosofia foi atualizando outra dela como potencial, produto de outras ligações determináveis que tanto puderam vir da percepção de uma experiência,

como de um livre efeito, variando a possibilidade criadora de um entre-sensações-e-conceitos- filosóficos.

Vindo da filosofia, esse plano de imanência se sobrepôs ao plano de composição da arte, conjugando a forma do conceito à força da sensação. Nisso fez-se mudança e, entre o inaudito e o transformador, o elemento mutante que se apresentou como o eventual, algo que devorou a professora de filosofia e criou a professora-rizoma, forças que, vindas de um estudo, remeteram o estudante em busca do sentido daquilo que estuda; ventos onde a interpretação, na compreensão inaudita do intérprete, tramou uma escrita; dobrando um outro plano imanente-composível comportou a diferença de uma intérprete que se afirmou singular e múltipla, no seu devir ou estado de metamorfose. De dobra em dobra dispôs um conceito e uma personagem conceitual como entre sensações e figuras estéticas, sobrevôos que funcionam ao modo de uma mirada parcial num excerto criativo.

Assim, uma interferência entre planos criou uma variedade entre o uno e o múltiplo, fazendo da professora-rizoma alguém que pode criar tanto o conceito de uma sensação, como a sensação de um conceito; criar tanto virtuais, como sensações puras. A regra é que quem interfere deve proceder com seus próprios meios. Neste sentido, uma personagem desliza desde seu plano, fazendo desse um movimento vagaroso, sutil de um plano misto. “O plano da filosofia é pré-filosófico considerado nele mesmo, independente dos conceitos que vêm povoá-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1974), embora uma não filosofia encontre-se lá, onde o plano traçado enfrenta o caos. A filosofia precisa de uma não-filosofia que invente coisas com ela, outros traçados que a compreendam em um não-filosofico, numa zona indiscernível, metamorfótica, que compartilha com ela a criação.

Momentos variantes brincam no texto e algo, às vezes, se esconde para mostrar o que é intuição, potência, movimento, força, transcendência que sai de si e retorna, gerando no próprio traço diagramático um afecto/afectado ao modo de desenho. Conceitos implicados entre perceptos se distribuíram nessa escrita, nas linhas de um vivido, feitas

escrita-rizoma, sendo escrita-devir. Sendo o devir algo antimemória e toda criação uma linha abstrata, deve, quem escreve, de desincumbir-se da representação do mundo, permitindo ao conhecimento filosófico a possibilidade de ser um intermezzo, corpo-sem-órgãos, antimatéria entre as linhas abstratas e uma superfície, na qual realiza-se uma experiência (DELEUZE; GUATTARI, 1997 p. 97).

Uma Filosofia-rizoma é multiplicidade que se antecipa, no sentido transformista da criação, a um nomadismo como método, algo que toma o conhecimento filosófico por tramas e atravessamentos, que vêm tanto dos territórios que pertencem à filosofia, como daqueles que nunca se arriscaram a criar o novo com aquilo que vem ela. Esse texto investe, na obra de Deleuze, em distinguir uma filosofia-criação, gerativa de fluxos através dos quais o uso dos conceitos da filosofia habilitem uma pedagogia do conceito a extravasar-se, ativando um pensamento-rizoma contraposto ao tradicional arborescente.

Historicamente a filosofia teve por mérito, tirar os conceitos de uma ordem do discurso, quando, num momento pré-filosófico, povoavam a narrativa trágica, colocando-os na ordem de uma teoria do conhecimento. Esse novo re-enquadramento, talvez necessário em outros tempos, acabou afastando, porém os conceitos da ordem da vida. Deste modo, quando uma sociedade quis estabelecer a liberdade através do conhecimento, interpretou que uma espécie de saber acumulado devia, de igual modo, ser estendido a todos como instrumento para operar em prol da emancipação. Nesta direção, tanto as escolas como as instituições modelares de ensino, passaram a operar com a idéia, de que algo natural e reto podia ser ensinado por elas, o conhecimento do verdadeiro podia ser aprendido, e, assim, estabelecido o pensamento que livraria do erro e da besteira. Naturalizaram que pensar é algo que todo mundo já sabe como funciona, bastando para isso fazer uso da lógica do “eu penso” para dizer do que realmente acontece.

Mas toda a experiência deriva de algo novo, que nunca se sabe de antemão como vai acontecer. A previsão acaba com uma lógica do acontecimento, desnaturalizando-a quando esta se condiciona a um

saber prévio. Desejou uma professora fazer outra coisa com a filosofia. Expressando o desejo num texto-fluxo, pedido que venha de um meio-filosófico, o vislumbra povoado de saberes nômade que consigam expressar devires, em que o conhecimento filosófico e a aprendizagem dessa disciplina, sejam uma abertura ao por vir de múltiplos fluxos, vindo esses ou não da filosofia. No exercício de bons fluxos, pede-se que se permitam criar composições, nas quais uma filosofia afirmativa, criativa, artística e arteira, que salte para terrenos alheios, possa povoá-los do novo. Almeja uma filosofia que não quer discutir mas fugir, fugir ao que não lhe importa afirmar, saltar, traçando, na vara do salto, um plano- rizoma, onde uma eterna mutação senciente faça-se mestre e, para esta, não uma vez mas mil vezes, pedir que volte a potência e o poder de afirmar o pensamento como algo novo, como o por vir da metamorfose!

Referências Bibliográficas

AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nieztche e a dissolução da moral*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2000.

ABBAGNANO, Nicola. *História da filosofia*. v. 1. Lisboa: Editorial Presença, 1985. ADORNO, W. Theodor. *Notas da literatura I*. Traduzido por Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

ALLIEZ, Eric. *A Assinatura do mundo*, Traduzido por Maria Helena Rouanet e Bluma Villar. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Deleuze uma filosofia virtual*. Traduzido por Heloísa B. S. Rocha. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. (org.). *Gilles Deleuze uma vida filosófica*. Traduzido por Ana Lúcia de Oliveira. São Paulo: Editora 34, 2000.

ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII. *Tereza Filósofa*. Traduzido por Carlota Gomes. Porto Alegre: L&PM, 2000.

ARTAUD, Antonin. *Linguagem e vida*. Traduzido por J. Guinsburg, Sílvia Fernandes, Regina Correa Rocha e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 1970.

_____. *Escritos de Antonin Artuad*. Traduzido por Cláudio Willer. Porto Alegre: L&PM, 1986

_____. *O teatro e seu duplo*. Traduzido por Teixeira Coelho. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AZEREDO, Vânia Dutra de. *Nietzsche e a dissolução da moral*. São Paulo; Discurso editorial; Ijuí: Unijuí, 2000.

BAUDELAIRE, Charles. *Paraísos artificiais*. Traduzido por Alexandre Ribondi, Vera Nóbrega e Lúcia Nagib. Porto Alegre: L&PM, 2001.

BENCHIMOL, Márcio. *Apolo e Dionísio*. Arte, filosofia e crítica da cultura no primeiro Nietzsche. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Traduzido por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. *A conversa infinita* - a palavra plural (palavra de escrita). Tradução: Aurélio Guerra Neto. São Paulo: Escuta, 2001.

_____. *O livro por vir*. Traduzido por Maria Regina Louro. Portugal: [s.ed.], [s.d.].

BERGSON, Henri. *Evolução criadora*. Traduzido por Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições 70, 1941.

_____. *A intuição filosófica*. Traduzido por Maria do Céu Patrão Neves. Lisboa: Colibri, 1970.

_____. *Memoria y vida*. Traduzido por Mauro Armiño. Barcelona: Altaya, 1998.

_____. *Matéria e memória* - ensaio sobre a relação do corpo como espírito. 2.ed. Traduzido por Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Traduzido por João da Silva Gama. Lisboa: Edições 70, [s.d.].

BORNHEIN, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1999.

BRUNO, Mario. *Lacan & Deleuze* – O trágico em duas faces do além do princípio do prazer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

CADERNOS de Subjetividade/ Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. *O reencantamento do concreto*. v. 1, n. 1, São Paulo: Hucitec/Educ, 2002.

CAYGILL, Howard. *Dicionário de Kant*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CORAZZA, Sandra. *Para uma filosofia do inferno na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

_____; TADEU, Tomaz. *Composições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

_____. *Uma vida de professora*. Ijuí: Unijuí, 2005.

CUNHA, Cláudia Madruga. A professora-rizoma: TPM (Tensão Pré-Menstrual) e magia na sala de aula. *Educação e Realidade*, v. 27, n. 2. jul-dez, 2002.

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche*. Traduzido por Alberto Campos. Lisboa: Edições 70, 1965.

_____. *Lógica do sentido*. Traduzido por Luiz Roberto Salinas, Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. *Apresentação de Sacher-Masoch – O frio e o cruel*. Traduzido por Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Taurus, 1983.

_____. *Nietzsche y la filosofía*. Traduzido por Carmen Artal. Barcelona: Anagrama, 1986.

_____. *Diferença e Repetição*. Traduzido por Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *A dobra – Leibniz e o barroco*. 2.ed. Traduzido por Luiz B. L. Orlandi. Campinas: São Paulo: Papirus, 1991.

_____. *Conversações*. Traduzido por Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____. *Crítica e clínica*. Traduzido por Thomas Kauf. Barcelona: Anagrama, 1996.

_____. *Kafka – por uma literatura menor*. Traduzido por Júlio Catanõn Guimarães. Rio

_____. *Nietzsche et la philosophie*. 3.ed. Paris: Quadrige, 1999a.

_____. *Bergsonismo*. Traduzido por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999b.

_____. *A filosofia crítica de Kant*. Traduzido por Germiniano Franco. Lisboa: Edições 70, 2000.

_____. *Empirismo e Subjetividade*. Traduzido: Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. *Empirismo y subjetividad*. Traduzido por Hugo Acevedo. Barcelona: Gedisa Editorial, 2002a.

_____. *Espinosa - Filosofia Prática*. Traduzido por Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002b.

_____. *Proust e os signos*. 2.ed. Traduzido por Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003a.

_____. *Deux régimes de fous*. Textes et entretiens. Paris: Minuit, 2003b.

_____. *Imagem e tempo - cinema 2*. Traduzido por Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. *Espinoza e os signos*. Traduzido por Abílio Ferreira. Porto: Rés, [s.d.].

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Traduzido por Bento Prado Júnior e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

_____; _____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. Traduzido por Aurélio Guerra e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995a.

_____; _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. Traduzido por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Claudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995b.

_____; _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. Traduzido por Aurélio Guerra Neto Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Claudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora. 34, 1996.

_____; _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Traduzido por Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997a.

_____; _____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Traduzido por Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 1997b.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. Traduzido por Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DESCARTES, René. *Discurso do Método; Meditações; Objeções e Respostas; As Paixões; Cartas*. 3.ed. Traduzido por J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

DUMOULIÉ, Camille. *O desejo*. Traduzido por Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2005.

FOGEL, Gilvan. *Conhecer é criar - um ensaio a partir de F. Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2003.

GOMES, Paola Basso Mena Barreto. *Arte e Geo-educação - perspectivas virtuais*. Porto Alegre: FAGED/UFRGS, 2004. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós- Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004.

GUATTARI, Felix. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Traduzido por Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

HARDT, Michael. *Gilles Deleuze – um aprendizado em filosofia*. Traduzido por Sueli Cavendish. São Paulo: Editora 34, 1996.

HÉBER-SUFFRIN, Pierre. O “Zaratustra” de Nietzsche. Traduzido por Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

HEGEL, G.W.F. *Ciência de la lógica*. Tomo I e II. Tradução: Rodolfo Mondolfo. Buenos Aires; Solar Hachete, 1962.

_____. *Fenomenologia do espírito II*. Tradução: Paulo Menezes. Petrópolis: Vozes, 1992.

HENZ, Alexandre de Oliveira. *Estéticas do esgotamento – extratos para uma política em Becket e Deleuze*. São Paulo: PUC/SP, 2005. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, Universidade Católica de São Paulo, 2005.

HUME, David. *Investigacion sobre los principios de la moral*. Tradução: M. Fontes Benot. Buenos Aires: Biblioteca de iniciación filosófica Aguilar, 1968.

_____. *Tratado de la naturaleza humana*. Parte I e II . 2. ed. Tradução: Felix Duque. Madrid: Editora Nacional, 1981.

_____. *Investigação sobre o entendimento humano*. Tradução: Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

KAFKA, Franz. *A Metamorfose - seguida de o veredicto*. Traduzido por Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2001.

KANT, Emanuel. *Textos seletos*. Tradução; Raimundo Vier; Floriano de Souza; Manuel Carneiro Leão. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. *Crítica da razão prática*. Traduzido por Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana – danças, piruetas e mascaradas*. Traduzido por Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

_____. *Estudar*. Traduzido por Tomaz Tadeu e Sandra Corazza. Belo Horizonte: Autêntica 2003.

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Traduzido por Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Os Pensadores).

LEVY, Tatiana Salem. *A experiência do Fora – Blachont, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

MACHADO, Roberto. *Zaratustra – tragédia nietszschiana*. 3.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. *Nietzsche – a polêmica sobre o nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

MAUPASSANT, Guy. *Contos fantásticos - O Horla e outras histórias*. Traduzido por José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1997.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche - das forças cósmicas aos valores humanos*. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MARQUES, Antônio. *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Unijuí, 2003.

MENDONÇA, A. F. Nietzsche e o riso: por uma “gaya scienza”. *Pensamento Nômade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Vontade de Potência*. Traduzido por Mario D. Ferreira Santos. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Edição da Livraria do Globo, 1945.

_____. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Traduzido por J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Ecce Homo – como alguém se torna o que é*. 2.ed. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Genealogia da moral - uma polêmica*. Traduzido por Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Assim falava Zaratustra*. Traduzido por Eduardo Nunes Fonseca. Curitiba: Hemus, 2002.

_____. *Escritos sobre a educação*. Traduzido por Noéli Correia de Melo Sobrinho. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PLATÃO. *O banquete, Fédon, Sofista, Político*. 5.ed. Traduzido por José Cavalcanti de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Os Pensadores).

PINTO, Manuel da Costa. *Albert Camus - um elogio do ensaio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

REALI, Giovanni; ANTISERI, Dario. *História da filosofia*. v. 1. São Paulo: Paulinas, 1990. ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. *Os abismos da suspeita – Nietzsche e o Perspectivismo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SASSO, Robert; VILLANI, Arnaud. *Les Cahiers de noesis n.3 : le vocabulaire de Gilles Deleuze*. Paris: Librairie philosophique J. Vrin, 2003.

SCHÜLER, Donaldo. *Heráclito e seu (dis) curso*. Porto Alegre: L&PM, 2001.

SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze o pensador nômade*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: EDUSP, 2004.

SPINOZA. *Ética*. Traduzido por Livio Xavier. [s. l.]: Edições de Ouro, [s.d.].

SZONDI, Peter. *Ensaio sobre o trágico*. Traduzido por Pedro Süssekind. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TADEU, Tomaz; CORAZZA, Sandra; ZORDAN, Paola. *Linhas de escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WILDE, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Traduzido por José Eduardo Ribeiro Moretzsohn. Porto Alegre: L&PM, 2002.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Traduzido por André Telles. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004a.

_____. *Una filosofía del acontecimiento*. Buenos aires: Amorrortu, 2004b.